



Instituto Politécnico de Tomar

Escola Superior de Tecnologia

Joana Inês Pereira Lourenço Piedade Carmo

Conservação Preventiva do acervo do Palácio Nacional da Pena

Relatório de Estágio

Orientado por:

Doutor Luís Filipe da Silva Soares – Parques de Sintra – Monte da Lua, S.A.
Mestre Fernando dos Santos Antunes – Instituto Politécnico de Tomar

Relatório de Estágio apresentado ao
Instituto Politécnico de Tomar
para cumprimento dos requisitos
necessários à obtenção do grau de
Mestre em Conservação e Restauro

Este exemplar tem correções efetuadas após a prova pública de discussão

RESUMO

O presente relatório de estágio descreve o desenvolvimento dos trabalhos realizados no âmbito do Mestrado em Conservação e Restauro da Escola Superior de Tecnologia de Tomar, do Instituto Politécnico de Tomar, com duas fases distintas, registando-se todas as tarefas realizadas considerando os objetivos estabelecidos, apresentando as particularidades e os desafios encontrados. Também são abordados alguns assuntos de carácter teórico, como enquadramento a essas mesmas tarefas.

A primeira fase, decorreu no Palácio Nacional da Pena, tutelado pela empresa Parques de Sintra – Monte da Lua, S.A., em Sintra, compreendida entre 01 de outubro de 2018 e 19 de abril de 2019.

Nesse contexto, realizou-se o enquadramento histórico da Vila de Sintra, da empresa e do Palácio Nacional da Pena, e, também, do Chalet da Condessa d'Edla e do Palácio de Monserrate, tendo em conta que foram realizadas algumas tarefas nestes dois espaços, embora estas relatadas de forma mais resumida.

É descrita a realização da marcação de números de inventário, que estavam em falta, nas cadeiras presentes em espaço expositivo e nos objetos de cerâmica e vidro, em reserva. Seguindo-se o levantamento do estado de conservação dos objetos que, tendo em consideração a agenda de trabalhos, foi apenas realizado quanto aos objetos da categoria de mobiliário de dois espaços expositivos, o Quarto do Camarista e a Casa de Banho do rei D. Carlos I. No âmbito das medidas e ações de preservação do acervo, apresentam-se algumas preocupações gerais sobre a poluição atmosférica, mas, principalmente, a monitorização da humidade relativa e da temperatura, tendo em conta as especificidades do microclima da Serra de Sintra. Esta monitorização foi realizada através do registo das medições efetuadas por 10 termohigrógrafos, colocados estrategicamente em vários espaços. Tendo sido introduzidas alterações nas localizações dos aparelhos, houve a possibilidade de realizar uma análise comparativa dessas medidas na reserva documental, em duas zonas distintas, e, ainda, no Quarto do rei D. Carlos I, antes e depois de uma intervenção de reabilitação dos diferentes vãos. Complementa-se este ponto com a melhoria das condições de reserva, com o objetivo de reorganizar a reserva

do Torreão e o planeamento de 10 embalagens para conter diferentes objetos. Por fim, a higienização dos espaços do acervo e dos objetos, realizada com a equipa de limpeza.

A segunda fase, compreendida entre 29 de abril e 01 de julho de 2019, no laboratório de conservação e restauro de madeiras, no Instituto Politécnico de Tomar, regista a intervenção realizada sobre o Estojo para Ordens Honoríficas do rei D. Luís I. Este estojo está incorporado no acervo do Palácio Nacional da Pena por transferência em 1956, da Casa-Forte do Palácio das Necessidades. Sendo uma peça, possivelmente, única, apresenta-se de forma sucinta a caracterização histórico-artística, iconográfica-iconológica e material e técnica, com o objetivo de criar bases fundadoras para um estudo histórico aprofundado sobre este objeto. Depois de apresentada a descrição do levantamento do estado de conservação, identificam-se alguns danos particulares nos elementos metálicos, nas ligações construtivas das gavetas e no papel de revestimento. Posto isto, definiu-se e implementou-se uma metodologia de intervenção, considerando os princípios éticos da área de conservação e restauro, permitindo uma intervenção adequada e cuidada, com o objetivo fulcral de devolver estabilidade material e estética.

Palavras-chave: Bens culturais, Conservação, Mobiliário, Restauro, Preservação.

ABSTRACT

This internship report describes the development of the work carried out under the Master in Conservation and Restoration of the Escola Superior de Tecnologia de Tomar, do Instituto Politécnico de Tomar, with two distinct phases, recording all the tasks performed considering the established objectives, presenting the particularities and challenges encountered. Some theoretical issues are also addressed, such as framing these same tasks.

The first phase took place at the Palácio Nacional da Pena, under the supervision of Parques de Sintra - Monte da Lua, S.A., in Sintra.

Thus, the historical framework of the village of Sintra, the company and the Palácio Nacional da Pena, as well as the Chalet da Condessa d'Edla and the Palácio de Monserrate, was realized, considering that some tasks were performed in these two spaces, although these were reported more briefly.

The marking of missing inventory numbers on chairs in exhibition space and on ceramic and glass objects in reserve is described. Following the survey of the state of conservation of the objects that, taking into consideration the agenda of the work, was only carried out regarding the objects of furniture typology of two exhibition spaces, the Quarto do Camarista and Casa de Banho do rei D. Carlos I. Within the measures and actions of preservation of the collection, some general concerns are presented about the atmospheric pollution, but, mainly, the relative humidity and temperature monitoring, considering the specificities of the Sintra mountain microclimate. This monitoring is performed by recording the measurements made by 10 thermohygrographers, strategically placed in various spaces. As changes were made in the locations of the devices, it was possible to carry out a comparative analysis of these measures in the documentary reserve, in two distinct areas, and in King Carlos I's Room, before and after a rehabilitation intervention of the different spans. This point is complemented by the improvement of the reserve conditions, with the aim of reorganizing the Torreão reserve and the planning of 10 packages to contain different objects. Finally, the cleaning of the collection spaces and objects, was carried out with the cleaning team.

The second phase, which took place between April 29 and July 1, 2019, in the wood preservation and restoration laboratory at the Instituto Politécnico de Tomar, records the

intervention made on the King Luís I. It is incorporated into the collection of the Palácio Nacional da Pena by transfer in 1956 from the Casa-Forte do Palácio das Necessidades. Being a possibly unique piece, the historical-artistic, iconographic-iconological and material and technical characterization is succinctly presented, with the purpose of creating founding bases for an in-depth historical study of this object. After the description of the condition survey has been presented, some damage to the metal elements, the drawer constructive connections and the lining paper is identified. That said, an intervention methodology was defined and implemented, considering the ethical principles of the conservation and restoration area, allowing an adequate and careful intervention, with the main objective of returning material and aesthetic stability.

Keywords: Cultural Objects, Conservation, Furniture, Restoration, Preservation.

AGRADECIMENTOS

Agradeço,

Em primeiro lugar, aos meus pais, pelo amor, motivação e dedicação ao longo de todo o meu percurso académico. Ao meu irmão e a toda a família pelo apoio incondicional, realçando a ajuda do meu pai e da Cláudia na revisão gramatical deste relatório.

Aos meus orientadores:

Doutor Luís Soares, pela dedicação, pela partilha constante de conhecimentos, pautado pela dedicação à profissão, e, acima de tudo, pela confiança depositada, acreditando todos os dias nas minhas capacidades de trabalho, rigor e empenho;

E, Mestre Fernando Antunes, pela partilha de conhecimentos e dedicação ao longo destes cinco anos curriculares.

Ao Doutor António Nunes Pereira, diretor do Palácio Nacional da Pena, pelas particulares palavras que me deram força e determinação para enfrentar um desafio novo e diferente. Acima de tudo, por aceitar este estágio curricular.

À Sara Gonçalves, à Bárbara Rodrigues e à Sofia Amado, pelo grande apoio, companheirismo, força e amizade, durante todo o percurso de estágio.

Ao Hugo Xavier e à Mariana Schedel, pelo conhecimento e apoio que me prestaram todos os dias.

À Cristina Pais, pelas palavras sinceras, e oportunas, que me deram um conhecimento muito particular.

À Joana Amaral pela partilha dos conhecimentos direcionados à abordagem das reservas.

Ao Sr. Joaquim Diogo, pela partilha de conhecimentos e auxílio prestado em diversas tarefas.

A toda a equipa, e colegas, do Palácio Nacional da Pena.

A todos os meus professores, dos diferentes percursos académicos.

Ao professor Fernando Larcher, ao Sr. Manuel Ribeiro Rodrigues e ao Sr. Paulo Jorge Estrela, pelo fornecimento de contactos que permitiram o conhecimento sobre falerística.

A todos os *Lindos*, pela amizade de anos, pela força, carinho e partilha de momentos únicos e sinceros que me levaram até este momento.

A todos os meus amigos de curso, com especial dedicação à Patrícia Choças, à Joana Rodrigues, à Tânia Bento, à Bruna Silva, ao Pedro Rosmaninho e ao Rafael Sousa.

Por fim, a todos os meus amigos pela amizade e apoio, e, neste momento em especial, à Tânia Estrela e ao Nuno Silva, à Leonor Basto, ao João Afonso e ao Rodrigo Gonçalves, pela paciência e carinho que tiveram para comigo nestes últimos meses.

Um percurso mais sincero, confiante e determinado, seria impossível.

A todos, um grande bem-haja.

Índice

Introdução	1
1. Enquadramento Histórico	3
1.1 A Vila de Sintra	3
1.2 A Parques de Sintra – Monte da Lua	5
1.2.1 O Palácio Nacional da Pena.....	7
1.2.2 O Chalet da Condessa d’Edla	11
1.2.3 O Palácio de Monserrate.....	13
2. O Acervo do Palácio Nacional da Pena – Percorso Expositivo e Reservas	15
2.1 Inventário, identificação e marcação	15
2.2 Levantamento do estado de conservação dos objetos.....	25
2.3 Medidas e ações de preservação do acervo.....	30
2.3.1 Monitorização e controlo ambiental dos espaços expositivos e de reserva... 31	
2.3.2 Melhoria de condições de reservas	42
2.3.3 Higienização dos espaços do acervo e dos objetos	54
3. Conservação e Restauro do Estojo para Ordens Honoríficas, do rei D. Luís I	73
3.1 Identificação e descrição do objeto.....	73
3.2 Caraterização histórico-artística.....	75
3.3 Caraterização iconográfica-iconológica	76
3.4 Caraterização material e técnica	79
3.5 Caraterização do estado de conservação.....	83
3.5.1 Intervenções anteriores	83
3.5.2 Danos	84
3.6 Metodologia de intervenção.....	87
3.6.1 Enquadramento e justificação.....	87

3.6.1.1 Suporte de madeira	88
3.6.1.2 Papel decorativo de revestimento	90
3.6.2 Tratamento da estrutura	90
3.6.3 Tratamento da superfície	95
Considerações finais	98
Referências Bibliográficas.....	102
Apêndices	109
Apêndice 1 – Plantas dos pisos com espaços legendados.	109
Apêndice 2 – Localização das cadeiras para marcação de número de inventário	111
Apêndice 3 – Caixas com o número de inventário por marcar	112
Apêndice 4 – Levantamento do estado de conservação	115
4.1 – Quarto do Camarista.....	115
4.2 – Casa de Banho do rei D. Carlos I	139
Apêndice 5 – Trabalhos extras realizados	151
Apêndice 6 – Localização dos termohigrógrafos	153
Apêndice 7 – Proposta de gráficos por compartimento para as medições anuais de HR e T.....	155
Apêndice 8 – Reorganização da Reserva do Torreão: antes e depois	170
Apêndice 9 – Lista de fragmentos identificados	173
Apêndice 10 – Plantas com o percurso do visitante durante as ações de limpeza	186
Apêndice 11 – Dimensões do estojo e gavetas.....	189
Apêndice 12 – Entalhe do segundo colar presente no estojo	192
Apêndice 13 – Cotejo entre os estojos do rei consorte D. Fernando II e do rei D. Luís I	194
Apêndice 14 – Mapeamentos de danos e patologias	196
Anexos	200

Anexo 1 – Ficha de estado de conservação (<i>condition report</i>)	200
Anexo 2 – Gráficos mensais das medições de HR e T da reserva documental na zona 14 e na zona 8.....	236
Anexo 3 – Ficha de inventário.....	238
Anexo 4 – Exames e análises	241

Índice de figuras

Figura 1: “Sintra tirado naturall da parte de leste sueste” – Desenho de Duarte d’Armas, 1507. © CMS.....	4
Figura 2: Gráfico de estatística de visitantes. Fonte: PSML.	6
Figura 3: Organograma da organização interna da empresa. Fonte: PSML.....	6
Figura 4: Vista aérea do Palácio Nacional da Pena. ©PSML Wilson Pereira.....	7
Figura 5: D. Fernando II. c.1840. Fonte: PSML.....	8
Figura 6: D. Maria II. 1852. Fonte: PSML.....	8
Figura 7: Chalet da Condessa d'Edla. 1889. Fonte: PSML.	11
Figura 8: D. Fernando II e a Condessa d'Edla. Fonte: PSML.	11
Figura 9: Testes de aplicação da camada de proteção, marcação do número de inventário e segunda camada de proteção.	16
Figura 10: Marcação do número de inventário, em local errado.....	18
Figura 11: Remoção do número de inventário.	18
Figura 12: Remoção realizada com cotonete imbuído em acetona.	18
Figura 13: Marcação do número de inventário nas cadeiras presentes na Sala do Chá.	18
Figura 14: Marcação do número de inventário nas cadeiras presentes no Gabinete da rainha D. Amélia.	18
Figura 15: Marcação do número de inventário pouco visível, numa das cadeiras na Sala do Chá.....	19
Figura 16: Marcação do número de inventário desvanecida e em local errado, numa das cadeiras presentes no Quarto do Camarista.	19
Figura 17: Marcação do número de inventário com número incompleto, numa das cadeiras da Sala do Telefone.	19
Figura 18: Marcação do número de inventário e local errado (PNP881/4), numa das cadeiras da Sala de Entrada).	19
Figura 19: Etiqueta com o número de inventário PNP29/1, que não corresponde ao objeto, PNP29/3.....	21
Figura 20: Marcação do número de inventário do objeto PNP29/3.	21
Figura 21: Folha da ficha de inventário no programa Matriz, correspondente ao objeto PNP29/3.....	21

Figura 22: Registo fotográfico da base de um prato antes da marcação do número de inventário (PNP70).	22
Figura 23: Pormenor da base do prato PNP70 e respetiva marcação do número de inventário.	22
Figura 24: Registo fotográfico da base de uma travessa, PNP3612, antes da marcação do número de inventário.	22
Figura 25: Pormenor da base da travessa PNP3612 e respetiva marcação do número de inventário.	22
Figura 26: Registo fotográfico do pormenor da fissura presente no prato PNP244.	27
Figura 27: Registo fotográfico do pormenor dos gatos presentes no prato PNP228.	27
Figura 28: Registo fotográfico da inscrição a negro, "nº1409", número correspondente ao inventário do rei consorte D. Fernando II.	29
Figura 29: Figura de exemplo do documento Word relativo aos resumos mensais de cada espaço. Este exemplo apresenta o resumo mensal do Exterior, entre junho de 2016 e fevereiro de 2019.	36
Figura 30: Figura de exemplo do documento Word, que engloba todos os espaços, relativo aos registos mensais de HR e T. Neste exemplo, apresenta-se o registo relativo ao Exterior do mês de janeiro de 2019. acompanhado do respetivo gráfico.	36
Figura 31: Frisos decorativos (à esquerda) do pé da cadeira presente no Gabinete da Rainha D. Amélia (à direita).	44
Figura 32: Colagem, com adesivo PVA, <i>in situ</i> dos frisos decorativos do pé da cadeira.	44
Figura 33: Colagem, com adesivo PVA, de um elemento lateral da sanefa presente na Sala de Jantar.	45
Figura 34: Fragmento das costas do canapé presente no Gabinete do Rei D. Carlos I.	45
Figura 35: Localização do restauro do fragmento das costas do canapé presente no Gabinete do Rei D. Carlos I.	45
Figura 36: Fragmentos pertencentes ao mobiliário do Salão Nobre.	46
Figura 37: Pormenor de duas localizações do restauro dos fragmentos no mobiliário do Salão Nobre.	46
Figura 38: Tabuleiro número 5 antes da organização.	46
Figura 39: Tabuleiro número 5 depois da organização.	46
Figura 40: Tabuleiro número 64 antes da organização.	46

Figura 41: Tabuleiro número 64 depois da organização.	46
Figura 42: Esboços gráficos com as medidas de possíveis embalagens.....	50
Figura 43: Exemplo de um cálculo realizado para o corte da placa de polipropileno.....	51
Figura 44: Corte da placa de polipropileno com auxílio da régua metálica e x-ato.	52
Figura 45: Realização do vinco para a dobra das laterais, com auxílio da régua e dobradeira metálicas.	52
Figura 46: Realização das dobras das laterais da caixa.	52
Figura 47: Realização do furo nas laterais, com auxílio da dobradeira e martelo.....	52
Figura 48: Colocação do botão de pressão de latão niquelado no furo anteriormente realizado.....	52
Figura 49: Fixação do botão de pressão com auxílio do martelo.	52
Figura 50: Recorte do negativo do corpo do violino e voluta.	53
Figura 51: Recorte do negativo das cravelhas.	53
Figura 52: Corte de uma linha paralela ao corte do negativo do objeto.	53
Figura 53: Colocação de Tyvek® pressionado com o positivo do corte, de modo a preencher o negativo, e inserido no corte paralelo.	53
Figura 54: O procedimento foi igual para pequenas peças que estavam separadas do objeto	54
Figura 55: Resultado da embalagem.	54
Figura 56: Gabinete do Rei D. Carlos I, antes da higienização do espaço.	56
Figura 57: Gabinete do Rei D. Carlos I, durante a higienização do espaço.	56
Figura 58: Quarto do Rei D. Carlos I.	56
Figura 59: Procedimento de limpeza dos têxteis do cadeirão presente neste espaço.	56
Figura 60: Procedimento de limpeza dos têxteis do cadeirão presente neste espaço.	57
Figura 61: Efeito visível da remoção da sujidade presente nos têxteis.	57
Figura 62: Disposição dos objetos antes.....	57
Figura 63: Disposição dos objetos depois.	57
Figura 64: Mesa de apoio para os objetos presentes no armário copeiro do espaço da Copa.	58
Figura 65: Remoção das sujidades superficiais.	58
Figura 66: Sujidades depositadas no têxtil do armário copeiro.	58
Figura 67: Disposição dos copos do lado esquerdo do armário copeiro.	59

Figura 68: Disposição dos copos do lado direito do armário copeiro.	59
Figura 69: Sujidades depositadas nas prateleiras do armário copeiro (à esquerda) e respetiva limpeza (à esquerda).	59
Figura 70: Remoção das gavetas.	60
Figura 71: Sujidades visíveis na estrutura do interior do armário copeiro.	60
Figura 72: Presença excessiva de serrim, indicando a presença de ação de insetos xilófagos	60
Figura 73: Aplicação de imunizador Cuprinol®.	60
Figura 74: Localização de uma das sanefas da Sala de Jantar.....	61
Figura 75: Limpeza dos têxteis da Sala de Jantar.....	61
Figura 76: Sujidades depositadas por debaixo do aparador.	61
Figura 77: Sujidade depositada nas costas do aparador.	61
Figura 78: Remoção dos objetos (cima) e da toalha (baixo).	62
Figura 79: Colocação de uma nova toalha.....	62
Figura 80: Limpeza do chão da Sala do Chá.	63
Figura 81: Limpeza dos objetos presentes na Sala do Chá.	63
Figura 82: Limpeza dos têxteis da sanefa presente na Sala do Chá.	63
Figura 83: Limpeza da toalha de mesa.	64
Figura 84: Movimentação do mobiliário.	64
Figura 85: Sujidades presentes no chão, atrás e em baixo do mobiliário.....	65
Figura 86: Limpeza dos elementos decorativos em estuque na parede, antes (à esquerda) e depois (à direita).	65
Figura 87: Limpeza dos objetos.	66
Figura 88: Pormenor de limpeza, antes (à direita) e depois (à esquerda).....	66
Figura 89: Limpeza do Quarto do Veador, pormenor 1.	67
Figura 90: Limpeza do Quarto do Veador, pormenor 2.	67
Figura 91: Quarto da Dama de Companhia, pormenor 1.	67
Figura 92: Quarto da Dama de Companhia, pormenor 2.	67
Figura 93: Limpeza do Quarto da rainha D. Amélia.	68
Figura 94: Limpeza do Quarto de Vestir da rainha D. Amélia.	68
Figura 95: Limpeza dos têxteis decorativos da cama dossel.	68
Figura 96: Limpeza dos têxteis decorativos das janelas.....	68

Figura 97: Limpeza, antes e depois, da área superior do dossel.....	69
Figura 98: Levantamento do soalho na área inferior à cama.....	69
Figura 99: Limpeza da Sala do Telefone. Pormenor da limpeza do armário.	70
Figura 100: Limpeza da Sala Verde. Pormenor de limpeza de um dos bustos em estuque. 70	
Figura 101: Limpeza do armário livreiro da Primeira Sala de Passagem.	71
Figura 102: Colocação dos objetos do armário livreiro no espaço do Atelier da Condessa d'Edla.	71
Figura 103: Mobiliário presente na Sala de Entrada.	71
Figura 104: Limpeza do espaço da Sala de Entrada.....	71
Figura 105: Colocação dos objetos da Sala de Entrada na Sala de Fumo.	72
Figura 106: Fotografia de perspetiva do estojo. ©Rita Stoffel.....	73
Figura 107: Vista interior da primeira gaveta.....	75
Figura 108: Vista interior da segunda gaveta (construtivamente igual à terceira e quarta gaveta).	75
Figura 109: Elemento metálico decorativo, embutido, presente em ambas as laterais.	77
Figura 110: Monograma do rei D. Luís I, presente no topo do estojo.	77
Figura 111: Elemento decorativo do estojo do rei D. Luís I.	78
Figura 112: Ornamentos decorativos de estilo hindu. ©“Hindoo nº 1”. Em <i>Grammar of Ornament</i> , p.180.	78
Figura 113: Elemento decorativo do estojo do rei consorte D. Fernando II.	78
Figura 114: Ornamentos decorativos do estilo mourisco. ©“Moresque nº 1”. Em <i>Grammar of Ornament</i> , p.138.....	78
Figura 115: Pormenor dos elementos decorativos das arestas, onde são visíveis áreas circulares.....	80
Figura 116: Entrepanos horizontais que definem o espaço onde as gavetas correm.....	80
Figura 117: Pormenor do encaixe macho fêmea, de formato de cauda de andorinha, da gaveta.....	80
Figura 118: Exemplo do encaixe macho fêmea, de formato de cauda de andorinha. ©Marc Williams.	80
Figura 119: Exemplo do encaixe macho fêmea, de formato de cauda de andorinha. ©Wolfram Graubner.....	81
Figura 120: Pormenor do recorte triangular para o encaixe das travessas.	81

Figura 121: Travessa com o número "20".	81
Figura 122: Divisória com o número "20".	81
Figura 123: Travessa com o número "21".	82
Figura 124: Divisória com o número "21".	82
Figura 125: Numeração das gavetas.	82
Figura 126: Pormenor de um possível restauro antigo, junto ao puxador, frente.	83
Figura 127: Mancha de resíduo depositado não identificado.	84
Figura 128: Marcas e desgastes por abrasões.	84
Figura 129: Destacamentos e dobra dos frisos decorativos da porta. Fotografia de luz rasante. ©Rita Stoffel.	84
Figura 130: Destacamento e fratura de um dos frisos decorativos da última gaveta.	84
Figura 131: Destacamento entre a estrutura da gaveta e o fundo.	85
Figura 132: Pormenor do destacamento do friso posterior do fundo.	85
Figura 133: Lacuna e respetivo fragmento, presente na primeira gaveta.	85
Figura 134: Lacuna do puxador da primeira gaveta.	85
Figura 135: Papel com mancha causada pela oxidação do puxador da gaveta.	86
Figura 136: Lacuna e manchas no revestimento de papel causadas pela oxidação do puxador da gaveta.	86
Figura 137: Lacuna quase total do papel de revestimento da primeira gaveta.	86
Figura 138: Destacamento e rasgões do papel de revestimento da quarta gaveta.	86
Figura 139: Na divisória à esquerda é visível a presença de um elemento revestido a papel que está em falta na divisória da direita.	87
Figura 140: Pormenor da lacuna e a falta de um elemento em madeira.	87
Figura 141: Remoção mecânica do papel da terceira gaveta, com auxílio de uma espátula plana.	91
Figura 142: Remoção do papel da primeira gaveta por via húmida, utilizando o vapor de água.	91
Figura 143: Aplicação de água tépida por injeção.	91
Figura 144: Força vertical exercida sobre o fundo da gaveta.	91
Figura 145: Remoção dos pregos oxidados no fundo (à esquerda) e na estrutura da gaveta (à direita).	92
Figura 146: Preenchimentos das lacunas criadas pela remoção dos pregos.	92

Figura 147: Mancha causada pelo contacto da madeira com o prego oxidado (à esquerda), e, pós remoção com ácido oxálico (à direita).....	93
Figura 148: Elemento metálico oxidado.....	94
Figura 149: Presença de fungos na madeira, por trás do puxador da porta.	94
Figura 150: tratamento de erradicação/imunização utilizando Cuprinol®, com aplicação a trincha.	94
Figura 151: Inscrição na área inferior da tábua do fundo da caixa, onde será possível ler " <i>III^{ma} Ex^{ma} S^{ra} D Maria Luisa</i> ".....	94
Figura 152: Remoção de pó e sujidade superficial com trincha de cerdas macias.....	95
Figura 153: Remoção de pó e sujidade acumulada com <i>smoke sponge</i>	95
Figura 154: Teste de solubilidade de uma amostra de papel do revestimento.	96
Figura 155: Teste de pH da água, antes (1º) e depois (2º) da lavagem.	96
Figura 156: Consolidação de rasgões. Antes (à esquerda), e depois (à direita).	97
Figura 157: Consolidação de lacunas, pelo verso, como base estrutural ao preenchimento.	97
Figura 158: Preenchimento de lacunas.....	97
Figura 159: Piso 1 com os espaços legendados. Planta ©PSML, sem escala.	109
Figura 160: Piso 2 com os espaços legendados. Planta ©PSML, sem escala.	109
Figura 161: Piso 4 com os espaços legendados. Planta ©PSML, sem escala.	110
Figura 162: Piso térreo com os espaços legendados. Planta ©PSML, sem escala.....	110
Figura 163: Piso 1 com a localização das cadeiras. Planta ©PSML, sem escala.	111
Figura 164: Piso 2 com a localização das cadeiras. Planta ©PSML, sem escala.....	111
Figura 165: Alteração da disposição do espaço expositivo. Antes (à esquerda) e depois (à direita).....	151
Figura 166: Cama presente no quarto, para desmontagem e saída para intervenção de conservação e restauro.....	151
Figura 167: Montagem da cama para permanência no Chalet.	151
Figura 168: Colocação do vime verticalmente.	152
Figura 169: Colocação do vime horizontalmente.....	152
Figura 170: Colocação do vime em ambas as diagonais.	152
Figura 171: Finalização da intervenção.....	152
Figura 172: Localização dos termohigrógrafos no piso 1. Planta ©PSML, sem escala....	153

Figura 173: Localização dos termohigrógrafos no piso 2. Planta ©PSML, sem escala....	153
Figura 174: Localização dos termohigrógrafos no piso 4. Planta ©PSML, sem escala....	154
Figura 175: Localização dos termohigrógrafos no piso térreo. Planta ©PSML, sem escala.	154
Figura 184: Proposta de gráfico para as medições anuais da HR e T, no Exterior, em 2016.	155
Figura 185: Proposta de gráfico para as medições anuais da HR e T, no Exterior, em 2017.	155
Figura 186: Proposta de gráfico para as medições anuais da HR e T, no Exterior, em 2018.	156
Figura 187: Proposta de gráfico para as medições anuais da HR e T, na Sacristia, em 2018.	156
Figura 188: Proposta de gráfico para as medições anuais da HR e T, no Gabinete da Rainha D. Amélia, em 2016.....	157
Figura 189: Proposta de gráfico para as medições anuais da HR e T, no Gabinete da Rainha D. Amélia, em 2017.....	157
Figura 190: Proposta de gráfico para as medições anuais da HR e T, no Gabinete da Rainha D. Amélia, em 2018.....	158
Figura 191: Proposta de gráfico para as medições anuais da HR e T, na Reserva de Gessos e Estuques, em 2016.....	158
Figura 192: Proposta de gráfico para as medições anuais da HR e T, na Reserva de Gessos e Estuques, em 2017.....	159
Figura 193: Proposta de gráfico para as medições anuais da HR e T, na Reserva de Gessos e Estuques, em 2018.....	159
Figura 194: Proposta de gráfico para as medições anuais da HR e T, na Reserva de Cerâmica e Vidro, em 2015.....	160
Figura 195: Proposta de gráfico para as medições anuais da HR e T, na Reserva de Cerâmica e Vidro, em 2016.....	160
Figura 196: Proposta de gráfico para as medições anuais da HR e T, na Reserva de Cerâmica e Vidro, em 2017.....	161
Figura 197: Proposta de gráfico para as medições anuais da HR e T, na Reserva de Cerâmica e Vidro, em 2018.....	161

Figura 198: Proposta de gráfico para as medições anuais da HR e T, no Salão Nobre, em 2016.	162
Figura 199: Proposta de gráfico para as medições anuais da HR e T, no Salão Nobre, em 2017.	162
Figura 200: Proposta de gráfico para as medições anuais da HR e T, no Salão Nobre, em 2018.	163
Figura 201: Proposta de gráfico para as medições anuais da HR e T, na Reserva de Metais, em 2015.	163
Figura 202: Proposta de gráfico para as medições anuais da HR e T, na Reserva de Metais, em 2016.	164
Figura 203: Proposta de gráfico para as medições anuais da HR e T, na Reserva de Metais, em 2017.	164
Figura 204: Proposta de gráfico para as medições anuais da HR e T, na Reserva de Metais, em 2018.	165
Figura 205: Proposta de gráfico para as medições anuais da HR e T, na Reserva do Torreão, em 2015.	165
Figura 206: Proposta de gráfico para as medições anuais da HR e T, na Reserva do Torreão, em 2016.	166
Figura 207: Proposta de gráfico para as medições anuais da HR e T, na Reserva do Torreão, em 2017.	166
Figura 208: Proposta de gráfico para as medições anuais da HR e T, na Reserva do Torreão, em 2018.	167
Figura 209: Proposta de gráfico para as medições anuais da HR e T, na Reserva Documental (8), em 2018.	167
Figura 210: Proposta de gráfico para as medições anuais da HR e T, no Quarto do Rei D. Carlos I, em 2015.	168
Figura 211: Proposta de gráfico para as medições anuais da HR e T, no Quarto do Rei D. Carlos I, em 2016.	168
Figura 212: Proposta de gráfico para as medições anuais da HR e T, no Quarto do Rei D. Carlos I, em 2017.	169
Figura 213: Percurso de visita normal no piso 1. Planta ©PSML, sem escala.	186

Figura 214: Percurso de visita durante as ações de limpeza do quarto do camarista. Planta ©PSML, sem escala.	186
Figura 215: Percurso de visita durante as ações de limpeza da Copa. Planta ©PSML, sem escala.	186
Figura 216: Percurso de visita durante as ações de limpeza da Sala de Jantar. Planta ©PSML, sem escala.	186
Figura 217: Percurso de visita durante as ações de limpeza do Gabinete do Rei D. Carlos I. Planta ©PSML, sem escala.	186
Figura 218: Percurso de visita durante as ações de limpeza do Quarto, WC e Casa de Banho do Rei D. Carlos I. Planta ©PSML, sem escala.	186
Figura 219: Percurso de visita normal no piso 2. Planta ©PSML, sem escala.	187
Figura 220: Percurso de visita durante as ações de limpeza Sala do Chá. Planta ©PSML, sem escala.	187
Figura 221: Percurso de visita durante as ações de limpeza do Gabinete da Rainha D. Amélia. Planta ©PSML, sem escala.	187
Figura 222: Percurso de visita durante as ações de limpeza do Quarto do Veador e o Quarto da Dama de Companhia. Planta ©PSML, sem escala.	187
Figura 223: Percurso de visita durante as ações de limpeza da Sala do Telefone, da Sala Árabe e da Sala Verde. Planta ©PSML, sem escala.	187
Figura 224: Percurso de visita durante as ações de limpeza do Quarto e do Quarto de Vestir da Rainha D. Amélia. Planta ©PSML, sem escala.	187
Figura 225: Percurso de visita normal no piso 2, continuação. Planta ©PSML, sem escala.	188
Figura 226: Percurso de visita durante as ações de limpeza do Átrio da Sacristia. Planta ©PSML, sem escala.	188
Figura 227: Percurso de visita durante as ações de limpeza da Primeira Sala de Passagem e do Atelier da Condessa d'Edla. Planta ©PSML, sem escala.	188
Figura 228: Percurso de visita durante as ações de limpeza da Segunda Sala de Passagem. Planta ©PSML, sem escala.	188
Figura 229: Percurso durante as ações de limpeza da Sala de Fumo e da Sala de Entrada. Planta ©PSML, sem escala.	188
Figura 230: Dimensões gerais do estojo, em centímetros. Desenho técnico sem escala. .	189

Figura 231: Dimensões gerais do estojo aberto, em centímetros. Desenho técnico sem escala.	190
Figura 232: Dimensões gerais da primeira gaveta, em centímetros. Desenho técnico sem escala.	190
Figura 233: Dimensões gerais das segunda, terceira e quarta gavetas, em centímetros. Desenho técnico sem escala.	191
Figura 234: Dimensões gerais da última gaveta, em centímetros. Desenho técnico sem escala.	191
Figura 235: Entalhe dos negativos dos colares das ordens honoríficas.....	192
Figura 236: Colar da Ordem da Santíssima Anunciada, no Museu de Tallinn, das ordens da cavalaria, Estónia.....	192
Figura 237: Pormenor do entalhe do negativo da medalha do colar.	193
Figura 238: Pormenor da medalha do colar.	193
Figura 239: Par de estojos do rei consorte D. Fernando II. Palácio de Vila Viçosa.	194
Figura 240: Estojo do rei D. Luís I. Palácio Nacional da Pena.	194
Figura 241: Vista lateral direita.	194
Figura 242: Vista lateral direita.	194
Figura 243: Pormenor do encaixe de travessa.	194
Figura 244: Pormenor do encaixe da travessa.	194
Figura 245: Pormenor do puxador.....	195
Figura 246: Pormenor do puxador.....	195
Figura 247: Vista superior, onde se encontra o monograma de D. Fernando II.....	195
Figura 248: Vista superior, onde se encontra o monograma de D.	195
Figura 249: Pormenor do preenchimento de um possível encaixe de travessa.	195
Figura 250: Pormenor do preenchimento de um possível encaixe de travessa.	195
Figura 258: Mapeamento dos danos presentes o estojo.	196
Figura 259: Mapeamento dos danos presentes na primeira gaveta.	197
Figura 260: Mapeamento dos danos presentes na segunda gaveta.....	197
Figura 261: Mapeamento dos danos presentes na terceira gaveta.....	198
Figura 262: Mapeamento dos danos presentes na quarta gaveta.....	198
Figura 263: Mapeamento dos danos presentes na quinta gaveta.....	199

Figura 176: Gráfico com as medições referentes à reserva documental, no mês de dezembro de 2015.	236
Figura 177: Gráfico com as medições referentes à reserva documental, no mês de dezembro de 2016.	236
Figura 178: Gráfico com as medições referentes à reserva documental, no mês de dezembro de 2017.	236
Figura 179: Gráfico com as medições referentes à reserva documental, no mês de dezembro de 2018.	236
Figura 180: Gráfico com as medições referentes à reserva documental, no mês de agosto de 2015.	237
Figura 181: Gráfico com as medições referentes à reserva documental, no mês de agosto de 2016.	237
Figura 182: Gráfico com as medições referentes à reserva documental, no mês de agosto de 2017.	237
Figura 183: Gráfico com as medições referentes à reserva documental, no mês de agosto de 2018.	237
Figura 251: Espectro de EDXRF relativo ao elemento metálico decorativo frontal.	241
Figura 252: Espectro de EDXRF relativo ao elemento metálico decorativo lateral.	242
Figura 253: Resultados da análise da amostra A (adesivo dos frisos) - predominância de cola animal - adesivo de natureza proteica.	243
Figura 254: Resultados da análise da amostra C (adesivo do papel de revestimento) - predominância de cola animal - adesivo de natureza proteica.	244
Figura 255: Resultados da análise da amostra B (adesivo dos encaixes de madeira) - predominância de cola animal - adesivo de natureza proteica.	245
Figura 256: Fotografia com luz ultravioleta da frente do estojo.	246
Figura 257: Fotografia com luz ultravioleta das costas do estojo.	246

Índice de tabelas

Tabela 1: Número de caixas com objetos com número de inventário por marcar, a negro (49 caixas), e, a vermelho e sublinhado (58 caixas), o número das caixas identificadas posteriormente.	23
Tabela 2: Alteração da localização dos termohigrógrafos entre abril de 2015 e o presente.	35
Tabela 3: Análise comparativa das leituras dos 10 espaços, entre 2015 e 2018, onde se encontram os termohigrógrafos, incluindo ainda o espaço de RD (14) para comparação com a atual RD (8), considerando a orientação geográfica/piso, intervalo de HR e T médias... 37	37
Tabela 4: Análise comparativa entre o espaço da reserva documental na zona 14 (3.º piso) e na zona 8 (1.º piso), dos valores referentes a dezembro.....	38
Tabela 5: Análise comparativa entre o espaço da reserva documental na zona 14 (3.º piso) e na zona 8 (1.º piso), dos valores referentes a agosto.	39
Tabela 6: Análise comparativa das medidas efetuadas no Quarto do Rei D. Carlos I (antes e depois de intervenção).	41
Tabela 7: Tabela com fotografias da reorganização da reserva do Torreão. Na coluna à esquerda, o antes, e, na coluna à direita, o depois.	170
Tabela 8: Lista de fragmentos identificados.....	173

Lista de abreviaturas e siglas

ARRE – Associação das Residências Reais Europeias

C.C.I. – Canadian Conservation Institute

C.M.C – Câmara Municipal de Sintra

DGEMN – Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais

DTPC – Direção Técnica – Património Construído

DTPN - Direção Técnica – Património Natural

E.C.C.O – European Confederation of Conservator-Restorer's Organization

EEA – European Economic Area

EPRPS – Escola Profissional de Recuperação do Património de Sintra

HR – Humidade Relativa

I.P. – Instituto Público

ICOM-CC – International Council of Museums – Committee for Conservation

ICON – The Institute of Conservation

IIC – The International Institute for Conservation of Historic and Artistic Works

IPM – Instituto Português de Museus

IPPAR – Instituto Português do Património Arquitetónico

IPT – Instituto Politécnico de Tomar

°C – Graus Celsius

PNP – Palácio Nacional da Pena

PSML – Parques de Sintra – Monte da Lua

RCV – Reserva de Cerâmica e Vidro

RD – Reserva Documental

RE – Reserva de Estuques

RG – Reserva de Gessos

RGE – Reserva de Gessos e Estuques

RM – Reserva de Metais

RT – Reserva do Torreão

S.A. – Sociedade Anónima

T – Temperatura

UNESCO – *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*

Lista de símbolos

® - Marca Registada

© - Direitos de Autor

™ - *Trade Mark*

Introdução

O presente relatório de estágio, realizado no âmbito do Mestrado em Conservação e Restauro da Escola Superior de Tecnologia de Tomar, do Instituto Politécnico de Tomar (IPT), descreve os procedimentos práticos e teóricos decorridos durante o estágio curricular, dividido em duas fases. A primeira fase decorreu no Palácio Nacional da Pena (PNP), tutelado pela empresa Parques de Sintra – Monte da Lua, S.A., em Sintra (PSML), de 01 de outubro de 2018 a 19 de abril de 2019, e, a segunda fase, no laboratório de conservação e restauro de madeiras, do IPT, de 29 de abril a 01 de julho de 2019.

Este relatório apresenta-se dividido em três capítulos, os dois primeiros relativos à primeira fase do estágio e o último à segunda fase.

O primeiro capítulo engloba o enquadramento histórico da Vila de Sintra, da PSML e do Palácio Nacional da Pena, e, ainda, do Chalet da Condessa d'Edla (Parque da Pena) e do Palácio de Monserrate (Parque de Monserrate), considerando que o responsável pela conservação preventiva do PNP é, também, responsável pela preservação do acervo desses dois locais.

O segundo capítulo é referente às tarefas realizadas no PNP, tendo em conta o programa de trabalhos definido, e tendo como objetivo fundamental a compreensão, teórica e prática, do papel da conservação preventiva numa instituição museológica, neste caso, palácio/museu, sabendo que *“a conservação preventiva reduz os riscos e diminui a deterioração das coleções pelo que deve minimizar-se a necessidade de intervenções adicionais (...)”* (SILVA, et al., 2014 p. 66). Assim, o programa de trabalhos definido permitirá a aquisição de uma compreensão técnica do inventário, que inclui o conhecimento do programa de gestão de coleções Matriz, com a possível atualização de alguns dados das fichas de inventário dos objetos que tal necessitem, e a marcação de números de inventários em objetos, tanto em percurso expositivo como em reservas. Alguns dos grandes desafios do PNP são a realização e manutenção das atividades de limpeza de objetos, instalações e monitorização de condições ambientais (temperatura e humidade relativa) nos percursos expositivos e nas reservas, e, também, a reorganização das reservas para condicionar melhor os objetos. Além destas tarefas, que poderão ter ou não consequências diretas para os objetos é, também, essencial a realização do levantamento do estado de conservação, assim como o manuseamento e movimentação dos diversos objetos do acervo. Deste modo, foi também

parte integrante deste estágio o acompanhamento das ações de limpeza, em conjunto com a equipa responsável e com a equipa de limpeza, em especial, nas limpezas anuais, nas quais se realiza a higienização de todos os espaços expositivos e de reservas.

Paralelamente a todas estas tarefas, outras, e do mesmo tipo, foram efetuadas, também, no Chalet da Condessa d'Edla e no Palácio de Monserrate, sendo estas referenciadas no apêndice 5.

A segunda fase, de modo a integrar neste estágio uma componente prática de conservação e restauro, foi continuada no laboratório de conservação e restauro de madeiras, do IPT, para a intervenção num objeto do acervo do PNP.

No terceiro capítulo, o objeto escolhido, e em concordância com a equipa do PNP, foi o Estojo para as Ordens Honoríficas do rei D. Luís I, datado entre 1861 e 1889, data do reinado do monarca, tendo em consideração o monograma do rei, presente na área superior do estojo. Embora esta fase seja apenas dedicada à conservação e restauro do estojo, considerou-se pertinente fazer uma análise, ainda que mais sintética, sobre a caracterização histórico-artística, técnica e material, assim como a iconografia-iconologia, apresentados com o intuito de fornecer informações base que permitam um estudo futuro, mais aprofundado. O Estojo apresenta um estado de conservação debilitado, em especial a estrutura física das gavetas e o seu revestimento decorativo de papel. O objetivo será devolver a estabilidade estrutural das gavetas, do papel de revestimento e a limpeza dos elementos metálicos decorativos. Para isso, serão efetuados os métodos de exame e análise que se prevejam adequados à intervenção.

1. Enquadramento Histórico

1.1 A Vila de Sintra

Falar de Sintra é falar da sua vila, da sua serra, do seu romantismo, da sua beleza única, já cantada por Luís Vaz de Camões (c. 1524-1580) n’*Os Lusíadas*.

*“Já a vista, pouco a pouco, se desterra
Daqueles pátrios montes, que ficavam;
Ficava o caro Tejo e a fresca serra
De Sintra, e nela os olhos se alongavam. (...)”*

(canto V, 3ª estrofe) p.175

A Vila de Sintra, pertencente ao distrito de Lisboa, foi desde cedo habitada. Apresenta vestígios arqueológicos bem conservados, e estudados (SIMÕES, 1995), que constataam a vivência em vários períodos onde “*os mais ancestrais testemunhos de ocupação humana – enquanto habitat e espaço sacralizado – remontam, todavia, a épocas pré-históricas, das quais se destacam o sítio do Neolítico Antigo do Castelo dos Mouros, onde foram recolhidos abundantes artefactos (...)*.” (CAETANO, 2006 p. 11). A ocupação no decorrer dos séculos pode ser comprovada nas escavações realizadas em vários sítios do concelho, que permitiram o estudo e a datação de períodos como o final da Idade do Bronze, com “*um importante e vasto povoado localizado sob o Castelo dos Mouros.*” (RIBEIRO, 1998 p. 24), a Idade do Ferro, e, “*(...) encontram-se, pois, testemunhos que atestam a ocupação romana e tardo-romana do sítio, com cronologia balizada entre o século II a.C. e o século VI (...)*.” (CAETANO, 2006 p. 12), passando pelo domínio muçulmano, surgindo, neste período, os primeiros textos sobre a Vila de Sintra.

Durante a Reconquista, iniciada no século XI, a vila e o castelo foram assolados pelo exército cristão, “*Mas é só após a conquista de Lisboa, em Outubro de 1147, por D. Afonso Henriques auxiliado pelos cruzados, que Sintra (...) é definitivamente integrada no espaço cristão (...)*” (RIBEIRO, 1998 p. 26). Mais tarde “*terá, no interior da cerca amuralhada, fundado a paroquial devotada a São Pedro de Canaferrim (...) em 1154 (...) [e] em 1157 o monarca doou à Ordem do Templo, através de Gualdim Pais (...) que sintomaticamente nos revelam os tempos conturbados que sucederam à tomada de Sinta, época em que também a*

população era constituída (...) por gentes das mais diversificadas proveniências (...).” (CAETANO, 2006 p. 13).

A Vila de Sintra foi, durante vários séculos, lugar de eleição da Coroa realçando, em especial, a presença de D. Manuel I (1469-1521), que na transição para o século XVI enriquece a vila e toda a sua área envolvente (figura 1). Consequência, talvez, do vasto enriquecimento gerado pela época dos Descobrimentos, com especial atenção às renovações do Paço da Vila, que foram sendo realizadas pelos seus herdeiros, e, destacando a construção do Mosteiro de Nossa Senhora da Pena, em 1511, doado à Ordem de São Jerónimo, construção importantíssima para as fundações do Palácio Nacional da Pena, que hoje vemos. Na capela deste mosteiro é inserido, entre 1529 e 1532, o retábulo em mármore esculpido por Nicolau de Chanterenne (c. 1470-1551). Após o período da Restauração da Independência, com a presença real em Mafra e em Queluz, os períodos de ocupação régia na Vila de Sintra são apenas pontuais. É com a chegada do rei consorte, D. Fernando II (1816-1885), que a magia da Vila de Sintra se reergue juntamente com o espírito romântico, e, com eles, a construção do Palácio Nacional da Pena. Assim, desde a segunda metade do século XIX e *“no princípio do século XX, foi Sintra um reconhecido lugar de veraneio ou de residências de aristocratas e de milionários.”* (RIBEIRO, 1998 p. 31).



Figura 1: “Sintra tirado naturall da parte de leste sueste” – Desenho de Duarte d’Armas, 1507. © CMS

1.2 A Parques de Sintra – Monte da Lua

Tendo como principal objetivo reunir as instituições com responsabilidade na salvaguarda e valorização da Paisagem Cultural de Sintra, a Parques de Sintra-Monte da Lua, S.A. (PSML) é uma empresa criada em 2000, através do Decreto-Lei n.º 215/2000, de 2 de setembro, após a classificação da Paisagem de Sintra como Património Mundial da Humanidade, em 1995, pela *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* (UNESCO). Trata-se de uma sociedade anónima de capitais exclusivamente públicos, que não recebe verbas do Orçamento do Estado, tendo apenas receitas próprias, através das bilheteiras, lojas, cafetarias e aluguer de espaços para eventos. Esta característica traz alguma singularidade a esta empresa porque é uma empresa pública, mas, no entanto, tem uma gestão de formato privado. Atualmente, e desde 2012, os acionistas são o Estado, representado pela Direção Geral do Tesouro e Finanças (35%), o Instituto da Conservação da Natureza e Florestas, I.P. (35%), o Turismo de Portugal, I.P. (15%) e a Câmara Municipal de Sintra (15%).¹

Os locais sob a tutela da PSML são diversos e não se localizam exclusivamente em Sintra, como é o caso do Palácio Nacional de Queluz, em Queluz, e do Picadeiro Henrique Calado, onde funciona a Escola Portuguesa de Arte Equestre, na Calçada da Ajuda, em Belém. Em Sintra, podemos encontrar o Palácio Nacional da Pena, o Chalet da Condessa d'Edla, este dentro do Parque da Pena, o Castelo dos Mouros, o Parque e Palácio de Monserrate, onde está associada uma quinta pedagógica, a Quintinha de Monserrate, que tem uma gestão própria, o Convento dos Capuchos, o Palácio Nacional de Sintra e a Vila Sasseti. Nos anos de 2017 e 2018, a PSML recebeu, mais dois locais sob a sua tutela, respetivamente, o Santuário da Peninha e as Estruturas Edificadas do Cabo da Roca, com previsão de futuras intervenções.

Segundo os dados disponíveis na própria página de internet, a PSML tem registado uma evolução positiva quanto ao número de visitantes (figura 2), não só devido às novas aquisições, mas também, devido ao aumento de turistas em Portugal nos últimos anos e à divulgação de Sintra como local turístico.

¹ PARQUES DE SINTRA – MONTE DA LUA, S.A. **Sobre nós** [Em linha].

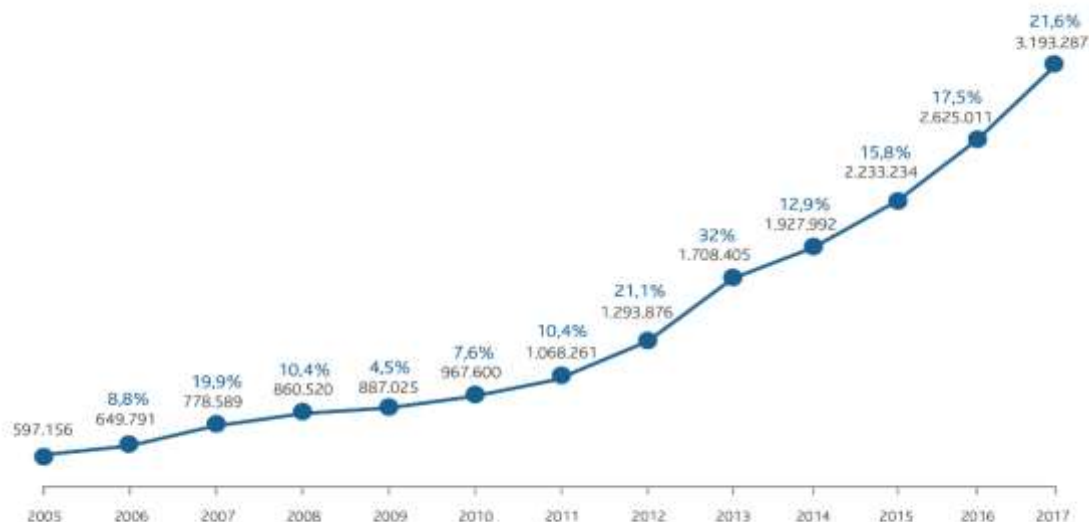


Figura 2: Gráfico de estatística de visitantes. Fonte: PSML.

O organograma infra representa a forma como a PSML está organizada, refletindo, ainda, a sua cadeia de gestão e responsabilidade (figura 3).

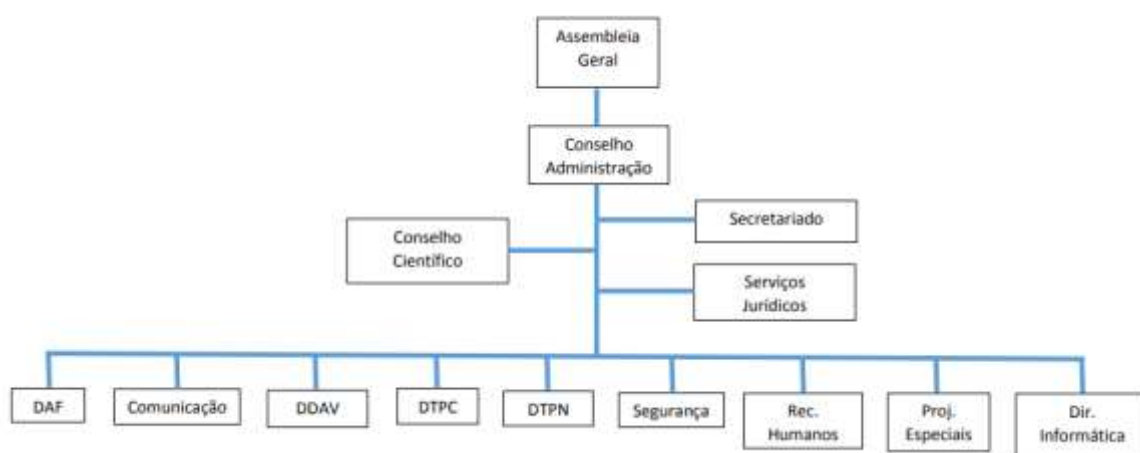


Figura 3: Organograma da organização interna da empresa. Fonte: PSML

Considerando o local onde realizei o estágio destaco duas áreas orgânicas, a DTPC (Direção Técnica – Património Construído), com competências para o edificado, onde se encontram dois conservadores-restauradores, e, a DTPN (Direção Técnica – Património Natural), para a área do património natural. Pelas suas características e dimensões, paralelamente, foram criados quatro departamentos que promovem autonomia aos três principais palácios, Palácio Nacional da Pena, Palácio Nacional de Queluz e Palácio Nacional de Sintra, e à Escola Portuguesa de Arte Equestre.

1.2.1 O Palácio Nacional da Pena

No local onde atualmente está situado o Palácio Nacional da Pena, existia desde o século XII uma ermida dedicada a Nossa Senhora da Penha², sendo este o primeiro vestígio da sua construção. Nesse mesmo local D. Manuel I mandou construir um mosteiro que doou à Ordem de S. Jerónimo, “*este albergou uma pequena comunidade, inicialmente de 18 monges, mas podendo chegar aos 22 religiosos, de acordo com o cadeiral do século XVII na igreja.*” (PEREIRA, et al., 2016 p. 11). Este mosteiro, erguido sobre formação rochosa, de planta quadrada, encontrava-se já devoluto aquando da extinção das Ordens Religiosas em 1834, sendo que tinha ficado parcialmente destruído pelo terramoto de 1755.

Situado no topo da Serra de Sintra, o PNP (figura 4), popularmente designado de Palácio da Pena, tem no seu percurso habitacional períodos distintos, designadamente, o período do rei consorte D. Fernando II com a rainha D. Maria II (1819-1853), entre 1839 e 1853, ano da morte da rainha; de D. Fernando II já viúvo, até à década de 1860; posteriormente, com Elise Hensler, após a morte de D. Fernando II, em 1855; o período do rei D. Carlos I (1869-1908) e da rainha D. Amélia (1865-1951), entre 1890 e 1908; e, por fim, o período do rei D. Manuel II (1889-1932), até 1910 (SCHEDEL, 2019 p. 18).



Figura 4: Vista aérea do Palácio Nacional da Pena. ©PSML | Wilson Pereira.

² Penha = penhasco.

O duque Fernando de Saxe-Coburgo e Gotha, D. Fernando II (figura 5) após casamento, em 1836, com a rainha de Portugal D. Maria II (figura 6), era sobrinho do rei Leopoldo I da Bélgica (1790-1865) e primo direito do príncipe Alberto (1819-1861) e da rainha Vitória (1819-1901) do Reino Unido. Dotado de uma cultura sem igual devido à sua educação, dominava várias línguas e era amante das artes, com grande ligação, em particular, ao desenho e à música, sendo apelidado de Rei-Artista pelo escritor António Feliciano de Castilho (1800-1875). Apoiava vários artistas, entre eles o ceramista Venceslau Cifka (1811-1884) e o pintor Columbano Bordalo Pinheiro (1857-1929), ainda que episodicamente (PEREIRA, et al., 2016 p. 13).



Figura 5: D. Fernando II. c.1840. Fonte: PSML



Figura 6: D. Maria II. 1852. Fonte: PSML

D. Fernando II, que procurou criar a sua ligação à nacionalidade portuguesa através da defesa do nosso património cultural (como colecionador, protetor, restaurador e mecenas) (LOPES, 2016 p. 12), mais do que no seu desenvolvimento político, comprou o antigo mosteiro, com intuito de casa de veraneio. A renovação e construção terá, certamente, sido inspirada pela época dos Descobrimentos, época de grandes vitórias para a nação, conhecimento que o próprio já teria, tendo em conta “as obras literárias sobre o período manuelino, publicadas na época inicial de D. Fernando II” (SCHEDEL, 2019 p. 68). Aqui, a mistura intencional de arquiteturas antigas reinventadas (neomanuelino, neo-mourisco, neogótico e neo-indiano), foi uma encomenda de um projeto inventivo e erudito, com tendências arquitetónicas da Europa Central, de onde era oriundo (Viena de Áustria) e as diversas influências que Portugal teve de outros povos que marcavam a nossa história.

Destaca-se, também, nas artes decorativas dos interiores, e exterior, a materialização dessas culturas, investindo nas manufaturas tradicionais portuguesas.

A obra foi dirigida, a convite do rei, que esteve sempre presente, pelo Barão Wilhelm Ludwig von Eschwege (1777-1855), engenheiro de minas e mineralogista. O palácio acastelado da Pena, pela sua alusão aos castelos medievais, teve três tipos de reformulações, em diferentes anos. O primeiro entre 1839 e 1853, data da morte de D. Maria II, o segundo, durante a sua viuvez, até 1860, e, um terceiro período, após o casamento, em segundas núpcias, com Elise Fredericke Hensler (1836-1929), Condessa d'Edla³. Estas reformulações são visíveis na sua estrutura arquitetónica, em especial no Salão Nobre (SCHEDEL, 2019).

No mosteiro, o chamado Palácio Velho, os antigos quartos dos monges foram reformulados para áreas mais amplas, indicadas ao repouso, com vastas decorações em estuque⁴ e abóbadas criadas em madeira, e o claustro foi fechado para o exterior, evitando o clima frio e austero de Sintra, permitindo uma intimidade e conforto para acolher dignamente a rainha de Portugal. Com uma mentalidade livre, muito gerado pelo movimento sentido na Europa Central daquela época, o Romantismo tem um grande peso na construção do chamado Palácio Novo, onde se situa o Salão Nobre, supra referenciado.

Na transformação dos exteriores, para unificar a estética e a arquitetura, encontramos uma mistura de iconografia, como por exemplo, na fachada norte, a janela neomanuelina com alusão à janela do Convento de Cristo, em Tomar, com cruz de cristo, mas rodeada com azulejos do século XIX a imitar o hispano-árabe, coberta com três cúpulas à maneira árabe, coroadas por crescentes lunares, dando interação às duas culturas.

A reabilitação e construção do palácio demorou cerca de 10 anos e, ao mesmo tempo, ocorre a plantação do parque, com espécies arbóreas e flores exóticas (GOMES, 1960), desconhecidas a Portugal, transformando totalmente a paisagem da Vila de Sintra.

Após a morte do rei D. Fernando II, este deixa, em testamento, à mulher, a Condessa d'Edla, todo o património disponível por lei, em especial o Parque e o Palácio da Pena e o

³ Nobilitada pelo primo de D. Fernando II, o duque reinante de Saxe-Coburgo e Gotha Ernesto II, com o casamento em 1869.

⁴ Visível, por exemplo, no que hoje é designado de Quarto da Rainha D. Amélia (antigo quarto do rei D. Fernando II), que apresenta uma terceira campanha de decoração de estuques geométricos, de Domingos Meira, com contrastes de cor e folha de ouro.

Chalet, originando grandes polémicas e desgasto por parte da Família Real. Em virtude dessas polémicas, será o rei D. Luís I quem irá dar início ao processo de negociação da compra da Pena, tendo sido o rei D. Carlos I a terminá-lo, concluindo a sua aquisição, mas com a condição da Condessa d'Edla manter o usufruto do Chalet e da área do jardim envolvente.

O Palácio da Pena só volta a ser habitado pela Família Real com o rei D. Carlos I e a sua mulher, D. Amélia, assim como os seus filhos, o príncipe real D. Luís Filipe e o infante D. Manuel, futuro rei D. Manuel II. Ao contrário da vida doméstica de D. Fernando II, cujo espaço de repouso era partilhado com a esposa, na época de D. Carlos I os aposentos para a rainha e para o rei eram em espaços diferentes. Apesar de não ter havido obras de alteração do edificado, estamos perante o casal reinante e, por isso, tanto os cuidados como as necessidades diárias eram diferentes, entre eles, a adaptação dos *water closets* e dos quartos para as damas de companhia e para o oficial-mor da Casa Real.

Com o Regicídio, em 1 de fevereiro de 1908, onde são assassinados o rei D. Carlos I e o príncipe real D. Luís Filipe, sobe ao trono D. Manuel II, sendo ele, e, a sua mãe D. Amélia, os últimos da Família Real a pernoitar no PNP.

Após a Implantação da República Portuguesa, em 1910 (GONÇALVES, 2018), o palácio perdeu as suas características de habitação e, em 1911, a tutela⁵ abriu alguns dos seus espaços à visita com algumas preocupações museológicas, tendo havido uma alteração contínua na denominação dos espaços expositivos, até ao presente (apêndice 1, p.109).

“Sintra é de facto um sítio magnífico, que não se deixa comparar facilmente com outras regiões. Minha querida Pena é, conforme o meu critério, a coroa da região sintrense. Ainda ontem passámos lá uma das tardes mais maravilhosas que se podem imaginar e regressámos a casa ao luar. Não existe algo mais belo do que uma das calmas tardes locais, porque a luz é quase sempre serenamente bela e todas as coisas se mostram numa nitidez muito especial” D. Fernando II (PEREIRA, et al., 2016 p. 71).

⁵ Ministério das Finanças, através da Superintendência Geral dos Paços Reais até junho de 1912 e da Direção Geral da Fazenda Pública entre junho de 1912 e 1976.

1.2.2 O Chalet da Condessa d'Edla

Inserido no Parque da Pena, o Chalet da Condessa d'Edla (figura 7) foi mandado contruir a partir de 1864 por D. Fernando II e pela sua segunda mulher (figura 8), Elise Hensler, a Condessa d'Edla, como local de férias e de passeio, e não como residência fixa. A sua construção à maneira alpina, muito em voga na Europa, foi idealizada pela própria Condessa, descendente de famílias suíças, ficando inserida num *“cenário romântico que inclui o jardim envolvente com os seus saminhos serpenteantes e espécies exóticas (...) [e uma decoração feita] através da simulação de revestimentos a tábuas de madeira (pintado em estuque) e a utilização da cortiça em molduras de portas e janelas, assim como nas cornijas e guardas de varanda.”* (PEREIRA, et al., 2016 pp. 69, 70).



Figura 7: Chalet da Condessa d'Edla. 1889. Fonte: PSML.



Figura 8: D. Fernando II e a Condessa d'Edla. Fonte: PSML.

Após a morte de D. Fernando II, como referido no ponto 1.2.1, a Condessa d'Edla fica com usufruto do chalet, até à Implantação da República, em 1910, data que foi integrado no movimento de nacionalização dos bens da coroa. O Palácio Nacional da Pena fica sob a tutela do Ministério das Finanças, até 1980, ano em que transitou para o Instituto Português do Património Cultural, criado através do Decreto-Lei n.º 59/80, de 3 de abril. Pequenos edifícios, como o chalet, ficam a cargo das Matas Nacionais, dependentes, na época, do Ministério da Agricultura, até 1994, quando passam para o Ministério do Ambiente. Ainda antes, em 1993, o seu estatuto jurídico declarava-se Imóvel de Interesse Público, ao abrigo do Decreto-Lei n.º 45/93, de 30 de novembro. Durante, e após esse período, o chalet esteve aberto, vazio e sem segurança, com acesso livre ao mesmo.

Este abandono a que foi vetado o chalet, é uma das principais causas do incêndio de 1999, sendo este um momento decisivo na alteração da perspectiva do Estado sobre o estado de conservação de pequenos edifícios.

A criação da Parques de Sintra, em 2000, permitiu numa primeira fase, a recuperação dos parques naturais e edifícios do Estado, na zona de Sintra, e, através de um trabalho de investigação, estudo e recolha de fotografias, e também de um estudo anteriormente realizado pelo professor do Instituto Superior Técnico de Lisboa, António Lamas, posterior Presidente do Conselho de Administração da PSML, para o curso de recuperação do património, permitiu que se criasse uma base sólida de reconstrução/reabilitação do Chalet da Condessa d'Edla. Esta recuperação foi feita em duas fases. A primeira entre 2007 e 2011 e a segunda entre 2013 e 2015. A primeira fase teve apoio de fundos do governo da Noruega para questões culturais, EEA Grants, e consistiu essencialmente na limpeza das ruínas, proteção dos salvados, ou seja, tudo o que seria possível salvar como, por exemplo, parte da pintura mural para que depois pudesse ser aplicada, e, reconstrução das estruturas, paredes, pavimento. Com o levantamento que se tinha realizado anteriormente, foi possível reconstruir ao pormenor. A segunda fase envolveu a finalização dos elementos decorativos, criando réplicas de todos esses elementos salvados.

Após 2015, foi necessário prosseguir para a criação de uma estratégia museológica do chalet, que passou pela divulgação adequada ao visitante do espaço e a recriação dos espaços, de preferência sempre com objetos da época, dando alusão à utilização à época do rei e da condessa. Desse modo, o contacto com os descendentes da Condessa d'Edla, que tinha tido uma filha, anteriormente ao seu casamento com o rei, foi necessário de modo a proceder à aquisição por cedência e/ou empréstimo de objetos relacionados com a Condessa d'Edla e com D. Fernando II.

1.2.3 O Palácio de Monserrate

Próximo do centro histórico de Sintra localiza-se o Palácio e o Parque de Monserrate. O palácio apresenta uma construção exemplar da arquitetura eclética do século XIX, onde é ainda visível, no seu interior, uma decoração exótica com motivos vegetalistas.

Nesta zona de Sintra, já no século XVI, existia uma capela dedicada a Nossa Senhora de Monserrate, cujo proprietário era o Hospital Real de Todos os Santos, fundado no reinado de D. Manuel I. Esta propriedade fora, durante os séculos XVII e XVIII, alvo de vários aforamentos, subarrendamentos e aquisições por parte da família Mello e Castro. Após o terramoto de Lisboa em 1755, as casas desta propriedade ficam inabitáveis e, em 1789, Gerard De Visme (1726-1797)⁶, arrenda e constrói um palácio ao estilo neogótico nas ruínas da antiga capela, o primeiro palácio de Monserrate. William Beckford (1760-1844) arrenda a propriedade, e, para além de obras no palácio, também introduziu melhoramentos nos jardins. Apesar de todos esses melhoramentos, a propriedade é deixada ao abandono.

Em 1863, o milionário inglês Francis Cook (1817-1901)⁷, a que o rei D. Luís I outorgou o título de Visconde de Monserrate, compra a quinta de Monserrate, cuja propriedade D. Fernando II também tentou comprar. Promove a renovação do palácio e jardins, com intuito de ser uma casa de férias, projetado pelo arquiteto James Thomas Knowles (1806-1884). Fica na posse desta família até 1946, quando é vendida na sua totalidade pelo bisneto, a Saúl Saragga, dada a crise financeira que a família enfrentava desde 1929. Em 1949 é vendida ao Estado português, entregue ao Ministério da Agricultura, sucedendo o mesmo que no Chalet da Condessa d'Edla. O parque fica tutelado por uma entidade e o edifício por outra. Em 1978, o palácio é declarado Imóvel de Interesse Público ao abrigo do Decreto-Lei n.º 95/78, de 12 de setembro. Em 1992 passa para o Instituto Português do Património Arquitetónico (IPPAR), e em 1994 o parque passa para o Ministério do Ambiente.

Durante este tempo, devido ao mau estado de conservação do palácio, infiltrações, buracos nas paredes e tetos, etc, este nunca esteve aberto ao público. Com a criação da PSML

⁶ “Rico comerciante inglês, de origem francesa, radicado em Lisboa. Detinha o monopólio da importação de pau-Brasil no tempo do Marquês de Pombal.” Disponível em: <https://www.parquesdesintra.pt/pontos-de-atracacao/proprietarios-e-construtores-de-monserrate/>

⁷ Empresário da grande companhia industrial inglesa de setor têxtil, Cook, Son & Co, presenteado com um gosto requintado pela arte, possui uma grande coleção de obras de arte que inclui na sua residência de Monserrate.

em 2000, quer o parque, quer o edifício, ficam sob a mesma tutela. Mais uma vez, a PSML concorre aos fundos da Noruega permitindo-lhe a reabilitação deste espaço.

O palácio apresenta uma arquitetura de inspiração inglesa, oriental, neo-indiana, refletindo os gostos pessoais da família Cook. Esta família era uma das mais ricas da Inglaterra à época, e torna-se uma grande colecionadora de obras de arte. Embora tenham as suas principais obras em Inglaterra, ainda assim conseguem decorar o palácio com um grande espólio. Já sob tutela da PSML, dá-se início à primeira fase desta intervenção. Existiam alguns estudos e levantamentos feitos pela Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN) e pelo próprio IPPAR que serviram de base para os estudos, mas, não eram suficientes pois eram levantamentos básicos de alçados e plantas. Por esse motivo foi feito de novo o processo de levantamento e as próprias estruturas tiveram de ser revistas, juntamente com a reconstrução de algumas zonas do palácio, devido a quedas de árvores de grande porte, e, certas infraestruturas, como canalizações de água e esgotos e sistemas elétricos. Foram salvos alguns elementos decorativos para recolocação e futuras réplicas desses originais, à semelhança do processo realizado na intervenção no chalet.

O grande elemento decorativo presente neste espaço é o estuque. E, para as suas reconstituições e cópias, foi celebrado um protocolo com a Escola Profissional de Recuperação do Património de Sintra (EPRPS)⁸. Também durante esta fase, houve trabalhos de recuperação na área do parque envolvente.

Pelas características construtivas do próprio edifício, têm de ser realizadas avaliações periódicas da cobertura. Também foram realizadas investigações sobre o interior ao tempo da utilização do edifício, o mobiliário, os têxteis, tendo sido escritos vários artigos e comunicações. Foi, ainda, publicado um livro, e, toda esta investigação, deu origem à identificação de alguns objetos da coleção Cook, que estavam dispersos pela venda em leilão. Na sequência dessa identificação, reuniu-se o máximo possível deste acervo para realizar uma exposição, e um catálogo, chamada “Monsserrate Revisitado – A coleção Cook em Portugal” (NETO, 2017), que coincidiu com os 200 anos do nascimento do próprio.

⁸ Com o apoio de Marta Frade, enquanto professora da área de Estuques da EPRPS.

2. O Acervo do Palácio Nacional da Pena – Percurso Expositivo e Reservas

2.1 Inventário, identificação e marcação

O inventário é uma ferramenta essencial para o processo da gestão de coleções, no sentido em que permite, em certa medida, fornecer dados atualizados de cada objeto. A criação de uma ficha de inventário é a primeira ação de conservação preventiva, porque sem ter a listagem feita sobre as informações recolhidas, não será possível tomar conta dos objetos.

Desde muito cedo que o conceito de inventário é um assunto a ter em consideração, não só nos museus, como em instituições e empresas, em geral.

Atualmente, nos termos do n.º 2, do artigo 16º, da Lei n.º 47/2004, de 19 de agosto, que aprova a Lei Quadro dos Museus Portugueses, *“O inventário museológico visa a identificação e individualização de cada bem cultural e integra a respectiva documentação de acordo com as normas técnicas mais adequadas à sua natureza e características.”*. Encontramos uma outra definição na coleção, anteriormente publicada pelo Instituto Português de Museus (IPM) sob o título “Normas de Inventário”, com o primeiro caderno intitulado as “Normas Gerais – Artes Plásticas e Artes Decorativas”. Neste caderno, os seus autores entendem o inventário como *“a relação mais ou menos exhaustiva de todos os objectos que constituem o acervo próprio da instituição, independentemente do seu modo de incorporação, e que são passíveis de registo no Livro de Inventário Geral do museu. [e] Considerando que o Inventário tem por objetivo primeiro a identificação individualizada de cada umas das peças dentro das coleções que constituem o acervo museológico (...)”*, sendo que é atribuído um número de inventário a cada objeto.

No trabalho de inventário desenvolvido no âmbito do mestrado e objeto deste relatório para efeitos de marcação dos números de inventário, foi feita uma leitura prévia das *Normas para a marcação de números de inventário em bens culturais móveis* e, posteriormente, das normas gerais de inventário, do IPM. O primeiro documento, *“reeditado no âmbito da segunda edição da acção de formação da Rede Portuguesa de Museus (2010) “4.Reservas – Aspectos prácticos de gestão e manutenção” (...)”*, fornece informações gerais sobre a marcação do número de inventário, não só sobre a localização da marcação em cada tipo de

objeto, mas também dos materiais a serem empregues. Refere, ainda, que cada instituição deverá abordar este assunto nas respetivas normas internas, realçando a importância da coerência de critérios, para que se garanta a uniformidade do trabalho realizado por todos os técnicos envolvidos. Posto isto, a marcação deve ser apenas realizada em objetos que pertençam, em caráter definitivo, à instituição responsável e nunca em objetos de empréstimos. Deve ser escolhido um local direto, simples e visível, sem nunca ocultar qualquer tipo de decoração ou marca distintiva do objeto, por exemplo, e que permita a sua visualização sem manuseamento excessivo do mesmo.

Assim, para efeitos de marcação, foram utilizados produtos de caráter reversivo, que deverão ser sempre aplicados considerando tanto os materiais dos objetos, como a sua possível reação com os mesmos. Tendo em conta as leituras realizadas, foi utilizada uma solução de resina acrílica, Paraloid B72, com acetona a uma percentagem de 20/80, visto ter um comportamento físico e químico conhecido e estável, tendo, ainda, sido realizados testes de aplicação em diferentes materiais (figura 9), não só para perceber as reações, mas também, os tempos de espera da secagem e dimensão das letras e números a serem escritos. O material de escrita escolhido foi ECOLINE® de cor preta, e, marcador POSCA de cor branca.



Figura 9: Testes de aplicação da camada de proteção, marcação do número de inventário e segunda camada de proteção.

O número de inventário que está associado ao Palácio Nacional da Pena obedece a um critério alfanumérico, iniciando-se sempre com as siglas PNP, que corresponde ao nome do mesmo, seguido pelo número atribuído a cada peça. Se existirem mais objetos no conjunto, esse número é seguido de uma barra diagonal (/), seguido de um número sequencial. Esta é a forma de marcação adotada pela instituição, ainda que, em campanhas anteriores, tenham sido marcados de maneiras diferentes, como por exemplo, *P.N.P*, *PnP*, *PNP/*. Apesar disso, e até ao fim da tarefa de marcação, estas foram assumidas e mantidas, não havendo remoção e nova marcação.

Após apreciação das fases deste procedimento, realizou-se uma campanha de marcação de número de inventário direcionada à tipologia de cadeiras, presentes nos espaços expositivos, com o principal objetivo de retirar as etiquetas mais recentes que nelas existiam (sendo que as mais antigas permaneceram) com o respetivo número de inventário e, depois de verificar a presença, ou não, do número de inventário, procedeu-se à respetiva marcação.

Em resultado desta campanha, por todo o espaço expositivo foram analisadas 98 cadeiras (apêndice 2, p. 111).

A primeira fase desta tarefa foi localizar o número nas cadeiras presentes na Sala de Jantar. Nestas, o número estava inscrito na perna posterior direita, na parte exterior, à exceção de três. Por esse motivo, seria necessário uniformizar a marcação. Ao preparar as cadeiras para a marcação, apercebemo-nos que já estavam todas marcadas na parte interior da perna posterior esquerda. Foi então necessário voltar a verificar todas as cadeiras da Sala de Jantar, nas quais se identificou a existência de marcação na área interior da perna posterior esquerda. Como esta localização foi considerada a mais correta, removeram-se as marcações externas (figuras 10 e 11), com acetona (figura 12), e mantiveram-se as originais.



Figura 10: Marcação do número de inventário, em local errado.



Figura 11: Remoção do número de inventário.



Figura 12: Remoção realizada com cotonete imbuído em acetona.

No método de trabalho, e de modo a proteger as cadeiras do contacto directo com o chão, utilizou-se Cell-Aire®, placas de espuma de polietileno, protegendo as pernas/pés e um saco como proteção das costas (figuras 13 e 14).



Figura 13: Marcação do número de inventário nas cadeiras presentes na Sala do Chá.



Figura 14: Marcação do número de inventário nas cadeiras presentes no Gabinete da rainha D. Amélia.

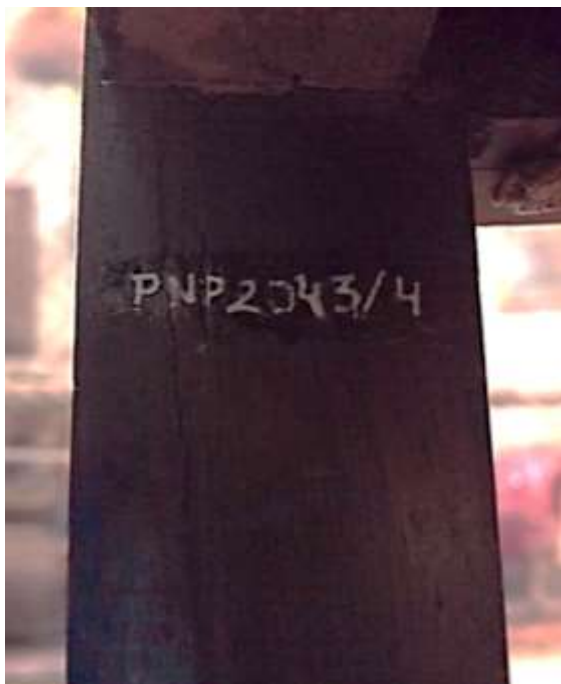


Figura 15: Marcação do número de inventário pouco visível, numa das cadeiras na Sala do Chá.



Figura 16: Marcação do número de inventário desvanecida e em local errado, numa das cadeiras presentes no Quarto do Camarista.



Figura 17: Marcação do número de inventário com número incompleto, numa das cadeiras da Sala do Telefone.



Figura 18: Marcação do número de inventário e local errado (PNP881/4), numa das cadeiras da Sala de Entrada).

Do total das 98 cadeiras foram marcadas 54, sendo que nestas se incluem cadeiras cuja marcação não era visível/legível (figura 15), estavam desvanecidas (figura 16), tinham número incompleto (figura 17), errado ou até mesmo marcado em local errado (figura 18).

Este tipo de processo impõe coerência na marcação dos números de inventário, facilitando, posteriormente, a sua localização, caso haja necessidade de identificar esse mesmo número. Ou seja, na eventualidade de se procurar pelo número, a sua identificação é imediata, pois a sua localização é sempre a mesma (neste caso específico das cadeiras).

Paralelamente a esta campanha, foi realizada uma outra na Reserva de Cerâmica e Vidro (RCV), de modo a concluir o trabalho que tem vindo a ser desenvolvido por parte da responsável pelas reservas da PSML, Joana Amaral⁹. Aqui, e tal como na campanha da marcação das cadeiras, o objetivo era remover as etiquetas, neste caso as azuis, que identificam a falta de inscrição do número de inventário¹⁰. Ao todo, contabilizaram-se 44 caixas em cujos objetos seria necessário inscrever o número de inventário, sendo que outras 21 também estariam sinalizadas, mas que continham objetos cujos números de inventário não estão atribuídos. Dentro do primeiro grupo, 19 caixas continham objetos individuais, que foram marcados sem qualquer dificuldade acrescida e, os restantes, por terem vários, tiveram de ser verificados individualmente de modo a perceber quantos já estariam marcados e quais os que seria necessário marcar ou substituir (apêndice 3, p. 112). Este tipo de campanha permitiu verificar que alguns objetos estavam com o número de inventário trocado, não correspondendo com o número presente na etiqueta ou no programa Matriz (figuras 19-21), sendo este último o que deve ser seguido. Neste caso, foi necessário contactar a responsável pela RCV de modo a haver alteração das etiquetas cujo número de inventário não estava correto. Estas são as etiquetas identificativas do objeto, apresentando as iniciais das reservas onde estas se encontram, uma fotografia do objeto, ou conjunto, e, o número de inventário.

⁹ Através do programa “Cuidar de Coleções” do curso de Conservação e Restauro da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade Nova de Lisboa, onde os estagiários procederam ao trabalho efetivo de marcação do número de inventário, e, pela Joana Madureira (Conservação Preventiva do PNP entre 2014 e 2016).

¹⁰ Nas reservas, existe um sistema de etiquetas de cores que identificam o estado em questão. As etiquetas azuis identificam a falta de marcação do número de inventário no objeto, ou, os objetos que não foram inventariados, as etiquetas vermelhas, que identificam objetos fragmentados ou partidos, as etiquetas verdes que, e, ainda, etiquetas amarelas que são referentes ao número de inventário anteriores à PSML.



Figura 19: Etiqueta com o número de inventário PNP29/1, que não corresponde ao objeto, PNP29/3.



Figura 20: Marcação do número de inventário do objeto PNP29/3.

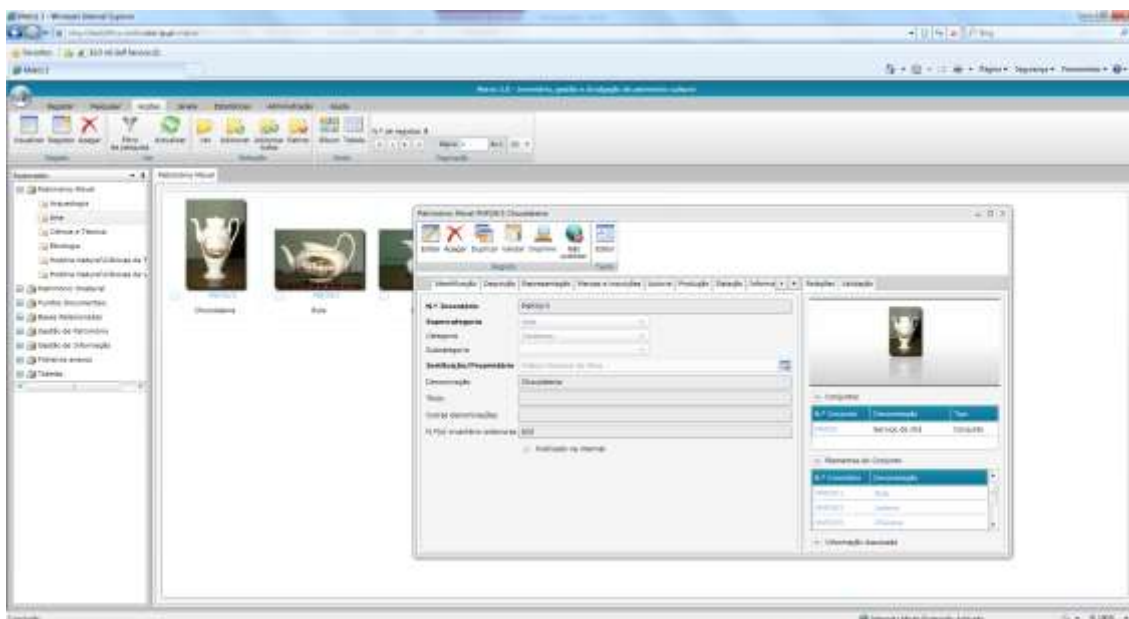


Figura 21: Folha da ficha de inventário no programa Matriz, correspondente ao objeto PNP29/3.

Assim, tal como na marcação realizada nas cadeiras e tendo em conta a tipologia do objeto, a marcação foi feita num local específico, de modo a não ser visível, mas, ao mesmo tempo, de acesso fácil e direto. Por exemplo, em pratos, travessas, jarros, bules, entre outros, a marcação foi realizada na base (figura 22-25), nas tampas, foram inscritas na zona interior, evitando o futuro desvanecimento por contacto com o topo do corpo do objeto.



Figura 22: Registro fotográfico da base de um prato antes da marcação do número de inventário (PNP70).



Figura 23: Pormenor da base do prato PNP70 e respetiva marcação do número de inventário.



Figura 24: Registro fotográfico da base de uma travessa, PNP3612, antes da marcação do número de inventário.



Figura 25: Pormenor da base da travessa PNP3612 e respetiva marcação do número de inventário.

No decorrer deste procedimento foi detetado que em determinadas caixas sem a etiqueta azul, afinal os objetos não estavam marcados. Possivelmente, esta falta de etiqueta azul é consequência de uma campanha não finalizada, sendo que, neste momento, não há como verificar esta informação. Assim, foi necessário realizar uma campanha para

verificação de todas as caixas presentes nesta reserva, de modo a identificá-las por forma a dar continuidade à marcação. Foram identificadas mais 58 caixas, contabilizando, assim, 102 caixas com objetos com número por marcar. Esta diferença de número de caixas, está presente na tabela 1¹¹, sendo que aquelas 58 estão identificadas a vermelho e sublinhadas.

Tabela 1: Número de caixas com objetos com número de inventário por marcar, a negro (49 caixas), e, a vermelho e sublinhado (58 caixas), o número das caixas identificadas posteriormente.

Prateleiras	A	B	C	D	E	F
1	015	011 <u>212</u>	<u>022</u>	140		
2		136 078 137 <u>127</u> 138	094 035 019	038 009 159 <u>204</u> 062 <u>222</u>	307	
3						
4					<u>382</u>	<u>379</u>
5	<u>283</u> <u>328</u> <u>383</u> <u>363</u>		308 309		291	<u>316</u>
6	279 278			290		
7				<u>221</u>	310	
8			<u>217</u>	206		
9				135 <u>116</u> 160 <u>055</u>		
10	<u>225</u> <u>097</u> <u>088</u> <u>086</u> <u>107</u>	129 <u>175</u> 070 <u>438</u> 090	132 147 228 <u>180</u>	442 <u>234</u> <u>219</u>		
11	<u>040</u>	233 <u>095</u>	196 <u>197</u> 240 <u>218</u> <u>439</u>	133 <u>117</u> 168 <u>435</u>	069 167	
12	<u>144</u> <u>101</u>	<u>110</u> <u>020</u>	<u>084</u> <u>216</u>	<u>022</u> <u>081</u> <u>047</u> <u>141</u>		
13		158	044 <u>205</u>	443 440 441 <u>096</u>		
14	013 <u>209</u> 157 <u>012</u> <u>149</u>	156	<u>247</u>	<u>437</u> <u>131</u> <u>334</u> <u>072</u> <u>385</u>		
15	<u>232</u> <u>185</u>	064 <u>068</u> <u>115</u>		<u>176</u>		

¹¹ Nota: esta tabela foi feita no início e no decorrer do estágio, podendo, à data, a localização das caixas nas prateleiras não corresponder com a tabela oficial da responsável pelas reservas.

Para concluir este tópico, ao longo do estágio no PNP, outros objetos foram marcados, por diversos motivos. Entre eles, novas aquisições, saídas para exposições, ou, entradas em reservas, erro de escrita ou troca do número de inventário.

Esta tarefa de marcação de número de inventário decorreu durante todo o período da primeira fase deste estágio.

A complexidade deste procedimento decorreu, não só do volume de trabalho e das técnicas a utilizar, mas também devido ao grande fluxo de visitantes, uma vez que implicava andar pelo circuito de visitas, tanto na circulação no sentido normal, como no sentido contrário, para poder chegar a todos os objetos. Este percurso pode ser observado e compreendido, não só no apêndice 1, que contempla a legenda dos espaços, como no apêndice 2.

Um dos grandes desafios colocados foi o de conseguir compatibilizar o bem-estar do visitante com o cumprimento da calendarização do trabalho de marcação do número de inventário. Este equilíbrio foi uma aprendizagem que se foi sedimentando à medida que o trabalho se ia realizando, tendo no final ficado claro que a prioridade terá sempre de ser o trabalho realizado, pois apesar deste espaço ser um local de visita é, primeiro que tudo, um local de trabalho e de preservação de uma história contada pelo espaço e pelos objetos que nele estão presentes.

2.2 Levantamento do estado de conservação dos objetos

Outra das tarefas propostas para desenvolvimento nesta primeira fase de estágio foi a de realizar um levantamento do estado de conservação do espólio do acervo do PNP.

Para este efeito, considerando o tempo disponível e a riqueza e volume deste acervo, selecionaram-se dois espaços para intervenção: o Quarto do Camarista e a Casa de Banho do Rei D. Carlos I.

Nestes espaços que, embora de área pequena, um com cerca de 17m² e outro 9m², têm uma grande riqueza de objetos foi ainda tomada a decisão de direcionar este levantamento aos objetos de mobiliário, de forma a permitir que a análise fosse mais aprofundada, rigorosa e especializada.

Um dos deveres de um conservador-restaurador é a elaboração destes levantamentos apoiados, sempre que possível, em exames e, eventualmente, em análises, que devem ser incluídos como uma das fases do plano estratégico que apresente, sobre o acervo do qual é responsável. Este trabalho permitir-lhe-á elaborar planos de conservação preventiva e tratamentos de conservação e restauro, acompanhados da documentação de todas os levantamentos e intervenções que realize.

Esta abordagem por parte do conservador-restaurador “*consiste na identificação, na determinação da composição e na avaliação da condição do património cultural; a identificação, a natureza e a extensão das alterações; a avaliação das causas da deterioração e a determinação do tipo e extensão do tratamento necessário. Incluindo o estudo da informação relevante existente.*” E.C.C.O – Diretrizes Profissionais (I) – Profissão.

Este levantamento foi direcionado para a categoria de mobiliário com o objetivo final de manter o interesse e conhecimento, um pouco mais aprofundado, pela área. Para este efeito, recorreu-se às orientações técnicas presentes na coleção de Normas de Inventário, quer as normas gerais, quer as normas para o mobiliário. Na definição constante nas mesmas, “*a avaliação do estado de conservação de uma peça tem a ver com a integridade dos materiais que a constituem, ou seja, com o processo degenerativo a que todos os materiais estão sujeitos.*” (PINHO, et al., 2000 p. 54). A criação destas normas veio permitir que este trabalho se desenvolvesse tendo na sua base uma linguagem técnica comum, coerente, igual

para todos os que usam o programa Matriz, sendo ainda uma coleção de boas práticas e orientações técnicas relevantes. Para além das normas gerais e das normas para o mobiliário, foram também lançados diferentes volumes dedicados a diferentes tipologias de objetos que existem nos acervos museológicos.

No entanto, no desenvolvimento do mesmo e na aplicação destas normas deparei-me com algumas dificuldades decorrentes do que me pareceu ser alguma limitação das mesmas quanto às opções de adjetivações disponibilizadas, tornando a avaliação de um objeto, para quem esteja em início de atividade, muito complexa. Em concreto, a dificuldade de perceber se um objeto que está estruturalmente estável (em bom estado), mas que, no entanto, tem uma grande área de destacamento ou falta de motivos decorativos, ou, outro que, por exemplo sendo cadeira de braços, não tenha um braço e precise de intervenção, não perdendo a sua estabilidade, torna o seu estado de conservação regular, ou deficiente?

Questões como esta foram levantadas logo no início deste trabalho, na introdução ao levantamento do estado de conservação feito verbalmente na RT com o responsável onde foi explicada a necessidade de ver o acervo como um todo integrado, não objeto a objeto, tentando compará-los de uma forma global e considerando aquela que seria a sua utilização original, histórica, integrada no conjunto. Há que ter, ainda, em atenção todos os fatores possíveis para a deterioração do objeto, intrínsecos e extrínsecos, a quantidade e dimensões das lacunas e fissuras, identificando ao máximo as suas localizações, se há indicativos de restauros antigos ou não, se existe ação xilófaga ativa, podendo ser prejudicial para os outros objetos. Com um olhar atento, crítico e detalhado, a descrição do estado de conservação deve ser coerente, simples e direta, mas completa, de forma a permitir futuras leituras por outros profissionais.

Assim, diferenciar entre objetos o seu estado de conservação mostrou-se mais complexo do que esperado. No entanto, com ajuda e indicações essenciais, no sentido de utilizar descrições precisas, localizando-as de forma clara e ilustrando-as com imagens, foi possível realizar este trabalho, sendo que em acréscimo foi realizado, também uma ficha de estado de conservação para cada um dos nove pratos da autoria de D. Fernando II, D. Maria Pia e D. Carlos I de Bragança, que saíram para exposição¹². Esta ação foi realizada como

¹² Empréstimo para exposição temporária *A Família Real e a Fábrica de Loiça de Sacavém*, na Fundação D. Luís I, no Centro Cultural de Cascais. De 14 de dezembro de 2018 a 24 de fevereiro de 2019.

exercício prático de conhecimento sobre o levantamento do estado de conservação, tendo em conta as considerações e descrições dos danos e defeitos de fabrico mais correntes das normas de inventário para cerâmica, revelando-se a importância que este tipo de análise tem para a salvaguarda dos objetos que saem para exposição. Todas as fichas já estavam previamente preenchidas pelos responsáveis (anexo 1, p. 200), sabendo que estes devem “(...) *proceder ao exame rigoroso da peça e elaborar um relatório com informação circunstanciada acerca do seu estado de conservação, tendo em conta que a peça se destina a uma exposição no exterior.*” (INSTITUTO, 2004 p. 27).

Este levantamento foi feito de forma independente e, posteriormente, analisado em conjunto retificando os danos. Estes objetos foram todos identificados como tendo um estado de conservação “muito bom” ou “bom”. Caso se verificasse que o estado era inferior a esses dois parâmetros, a sua saída não seria permitida, por motivos de preservação. Todos eles, apresentam defeitos de fabrico, nomeadamente estalados e marcas de material de enforna e outros, picado pontual. De uma forma geral, apresentam desgaste por abrasão e erosão, esbeaçadelas e manchas parciais de sujidade. No entanto, identifica-se um segundo grupo que são dois pratos que apresentam mais danos, como fissuras (figura 26), gatos (figura 27) e repintes de restauros anteriores.



Figura 26: Registo fotográfico do pormenor da fissura presente no prato PNP244.



Figura 27: Registo fotográfico do pormenor dos gatos presentes no prato PNP228.

De um ponto de vista inicial, o primeiro grupo deveria ser considerado “bom”¹³ e o segundo grupo “regular”¹⁴, no entanto, nenhum deles necessita de uma intervenção de conservação e restauro que seja urgente. Naturalmente que as alterações se diferenciam entre elas, sendo umas mais relevantes do que outras, e, por isso, não poderiam ser todas consideradas com um estado de conservação “bom”. Assim, optou-se por considerar o primeiro grupo como “muito bom”¹⁵ e o segundo como “bom”.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, para todos os objetos de mobiliário dos dois espaços expositivos, foram preenchidas 17 fichas de estado de conservação, 11 do Quarto do Camarista (apêndice 4.1, p. 115) e 6 para a Casa de Banho do Rei D. Carlos I (apêndice 4.2, p. 139). Dada a grande dimensão de alguns, nomeadamente as cómodas, o armário-roupieiro, a cama, a secretária e o armário-lavatório, a área posterior central não foi completamente inspecionada.

Para além do registo subjacente a esta tarefa de levantamento do estado de conservação, procurei também, preencher os restantes parâmetros da ficha para que, posteriormente, os dados pudessem ser inseridos e retificados na base de dados do programa Matriz. Uma das principais dificuldades associadas aos bens culturais móveis, que têm a madeira como material dominante, é a sua identificação, logo, a maioria destes campos não está preenchido. Também alguns campos sobre as dimensões e marcas e inscrições estavam em falta e foram preenchidos, assim como o acrescento de alguns pormenores sobre a descrição. Todas as alterações destes parâmetros, juntamente com o número de inventário, foram referidas à responsável de museologia, que se encontra a realizar uma atualização sistemática destes, e de outros pontos, no programa Matriz. O campo sobre marcas e inscrições teve principal importância num dos objetos, a secretária. Como esta tarefa obriga a um olhar e a uma vistoria atenta, foi possível identificar uma inscrição a negro, com um número de inventário “nº1409”, na parte inferior da gaveta do lado esquerdo (figura 28).

¹³ “Bom – Peça sem problemas de conservação (materiais estabilizados) mas que pode apresentar alguma (s) lacuna (s) e/ou falha (s).” (PINHO, 2000 p.55).

¹⁴ “Regular – Peça que apresenta lacuna (s) e/ou falha (s) e que necessita de intervenções de conservação e/ou restauro.” Op.cit.

¹⁵ “Muito Bom – Peça em perfeito estado de conservação.” Op.cit.



Figura 28: Registo fotográfico da inscrição a negro, "nº1409", número correspondente ao inventário do rei consorte D. Fernando II.

Esta marcação é importante porque, de acordo com as narrativas referentes ao viver quotidiano do palácio e sobre D. Fernando II, sabia-se que este tinha uma lista de inventário pessoal onde todos os seus objetos eram identificados com esta numeração a negro e respetiva descrição física. Essa lista encontra-se à guarda dos conservadores tendo, assim, sido possível identificar mais um dos objetos à época de D. Fernando II.

De um modo geral, e à exceção de uma mesa no Quarto do Camarista (apêndice 4.1, p. 115), cujo estado de conservação é “deficiente”¹⁶, ficando assim sinalizada para o próximo conjunto a sair para intervenção de restauro, os objetos encontram-se em bom estado de conservação, consequência de uma constante higienização dos espaços e dos próprios objetos, sempre com especial atenção às alterações do ambiente, que os podem colocar em risco. Assim, a importância das ações de conservação e restauro, quer por conservadores-restauradores, externos à casa, quer pelo pessoal responsável, no PNP, é um fator importante e constante no dia-a-dia na manutenção de um bom, ou muito bom, estado de conservação.

¹⁶ “Deficiente – Peça que é urgente intervir.” Op. Cit.

2.3 Medidas e ações de preservação do acervo

O conceito de preservação engloba todas as medidas e ações indiretas, e, salvo raras exceções, diretas, que se destinem à salvaguarda do património cultural, tais como prevenir, evitar, parar ou minimizar o impacto dos fatores e agentes de deterioração. É uma prática considerada antiga e tradicional, onde tudo aquilo que era feito tinha o propósito de salvaguardar, cuidar dos objetos que tinham valor para quem os tinha, tomavam conta daquilo que mais gostavam (CAPLE, 2012 p. 10). Estas ações podem ser diretas, no entanto, atuando sobre os fatores e condições envolventes, essas ações são na sua maioria indiretas, englobando várias responsabilidades, por diferentes intervenientes, havendo ainda a necessidade da criação de um plano de conservação preventiva, monitorizando os valores das condições ambientais, incluindo a luz, a monitorização de controlo integrado de infestações (podendo, assim, incluir pestes e pragas), fogo, água, entre outros. No fundo, “*os objetivos da conservação preventiva consistem na erradicação ou diminuição das causas de deterioração e na descoberta precoce das ameaças, com finalidade de evitar o recurso a uma intervenção curativa.*” (ALARCÃO, 2007).

As informações sobre estas medidas são vastas, e, de entre as que temos acesso, não terão qualquer valor caso não tenhamos em consideração as suas especificidades. Não se pode confiar totalmente numa estrutura específica, nem se pode seguir à letra o que os estudos nos indicam, porque tudo tem de ser adaptado. Tem de haver uma leitura crítica e, depois, uma adaptação à realidade. É necessário “*estabelecer o contexto, identificar, analisar, avaliar e, por fim, tratar (as causas)*” (MICHALSKI, 2016 p. 21); (tradução de autora).

A realidade museológica tem vindo a sofrer alterações e evoluções ao longo das últimas décadas, consoante as suas necessidades diárias. Também o número de estudos realizados sobre esta matéria, com especial atenção aos estudos lançados pelo *Institute of Conservation* (ICON), pelo *Canadian Conservation Institute* (CCI), pelo *Internacional Council of Museums – Committee for Conservation* (ICOM-CC), têm vindo a crescer, tendo como uma das disciplinas principais o tema da conservação preventiva e da formação/consciencialização nesta área. O conhecimento geral e aprofundado dos fatores de deterioração proporciona informação essencial para a matéria da preservação dos bens culturais móveis e imóveis. Devido ao seu conhecimento mais profundo sobre estas questões

técnicas deverá haver um maior investimento na afetação dos profissionais da conservação e restauro à museologia. Aqui, a interdisciplinaridade está presente quando se englobam todos os profissionais, que também devem ter uma percentagem deste conhecimento para o dia-a-dia, de maneira a saberem como atuar perante o acervo que lhes está confiado e na sua área de especialidade. Saber, por exemplo, como lidar com situações em caso de emergência ou, até mesmo, utilizar o seu conhecimento sobre a fortuna história e estética de um objeto, de modo a poder, juntamente com o conservador-restaurador, criar uma lista de objetos que devem ser retirados em primeira instância em caso de evacuação total.

Assim, quanto a este ponto, interessa-nos, em concreto, o conhecimento e implementação de medidas e ações de preservação do acervo, neste caso específico, do PNP. Segue-se, nos próximos pontos, a descrição dos trabalhos práticos realizados em conjunto com os colegas das diferentes áreas profissionais, durante a primeira fase de estágio, não esquecendo, também, trabalhos extras não englobados nos objetivos iniciais (apêndice 5, p. 151). No trabalho diário de preservação de um acervo, por vezes, nem sempre as medidas adotadas serão as mais indicadas em contexto teórico, mas, perante a situação real de atuação imediata, serão as mais próximas do ideal, sendo que o fator experiência poderá ser valorizado. Sobre este particular assunto, em 2016, Jane Henderson e Robert Waller levam ao expoente máximo a sua avaliação crítica sobre a matéria das estratégias de decisões na preservação. Usando a psicologia como base, as decisões que são deliberadas e as que são inconscientes ganham força nas resoluções que são tomadas diariamente, concluindo com a questão e respetiva resposta “Qual é a maneira mais apropriada para tomar decisões? Não há uma resposta simples. (...) o objetivo principal é ser-se capaz de aplicar as estratégias no seu contexto máximo para alcançar os melhores resultados” (HENDERSON, WALLER, 2016 pp.321, 322); (tradução de autora).

2.3.1 Monitorização e controlo ambiental dos espaços expositivos e de reserva

Contemporâneos, Garry Thomson (THOMSON, 1896) e Philip Ward (WARD, 1986), em 1986, referem que a única resposta ao controlo da humidade relativa é o ar condicionado. Ambos os autores relatam o avanço que houve no desenvolvimento desta matéria entre os anos 30 e 40 do século XX, sendo que, em 1950, a profissão do conservador-restaurador terá emergido com a fundação do *Internacional Institute for the Conservation of Museum Objects*

(IIC). No entanto, no último quartel do século XX, virar do século XXI, a percepção sobre o controlo ambiental foi sendo alterada, e, cada vez mais, o assunto é desenvolvido com mais fatores do que só a humidade relativa (HR) e a temperatura (T) do interior de cada espaço. Por exemplo, em 2012, Chris Caple reúne uma série de informações, de vários autores, em “*Preventive conservation in museums*”, focando os diferentes agentes e a sua monitorização e controlo.

Para além da poluição atmosférica, que cada vez é mais alarmante, tanto no exterior como no interior (cada vez maior, devido aos visitantes que trazem consigo a poeira da rua), a humidade relativa é o fator de risco com maior percentagem de influência dentro do PNP. O estudo e compreensão da HR e da T, é realizado há já várias décadas e os resultados e interpretações tendem sempre a ser os mesmos. Autores como Garry Thomson, Barbara Appelbaum e membros do *The Nacional Trust*, apontam a HR como sendo mais importante do que a T como fator de deterioração. A humidade relativa é uma medida da quantidade de humidade no ar em relação à quantidade que o ar é capaz de conter, expresso em percentagem (APPELBAUM, 1991 p. 25), entre 0 e 100%, isto é, designa a relação entre a quantidade de vapor de água que existe na atmosfera, a uma determinada temperatura e pressão, e a quantidade a partir do qual o ar ficaria saturado a essa mesma temperatura e pressão.

Neste caso específico do PNP, não é utilizado o conceito vulgarmente designado de controlo ambiental pois este depende disso mesmo, controlar o ambiente e, estando o palácio inserido numa casa histórica, cuja reabilitação se estende a intervenções pontuais e estritamente necessárias, algumas sob coordenação da DTPC, esse controlo não é conseguível, ou seja, é apenas feita a monitorização. O edifício sendo a primeira defesa do acervo que alberga, é também uma limitação à definição das ações de controlo ambiental a implementar, devido às suas características específicas. Iremos entender melhor esta afirmação no desenvolvimento deste ponto.

Nos estudos iniciais realizados nesta área, destaca-se o controlo do ambiente como sendo essencial para a estabilidade dos bens culturais, mas tendo sempre em conta o conforto do visitante. Esta perspetiva tem vindo a ser enriquecida através da análise dos vários tipos de materiais que compõem os objetos. Um dos pioneiros deste assunto foi Garry Thomson (THOMSON, 1986) cujo estudo tem sido seguido e defendido por vários autores nas décadas

seguintes. A implementação deste tipo de conceito tem sido realizada por vários museus e outros tipos de casas destinados a albergar um determinado acervo. Na verdade, a maioria destes museus tende a receber grandes obras de reabilitação, ou são até mesmo construídos de raiz, tendo em conta todos os dados necessários.

Numa visão mais abrangente, as condições ambientais não dependem apenas de uma só variável, dependem do clima, que é uma variável fundamental, ou numa área muito específica (como é o caso de Sintra), do seu microclima, devido à sua posição geográfica, dependem também do edifício, tendo em conta todos os materiais de construção, revestimento e, por fim, dos visitantes.

Encontramos, assim, nesta vila, devido à sua posição geográfica e à sua orografia, uma situação de microclima. Devido a este microclima, em Sintra, os estudos destas matérias assumem uma relevância cada vez maior, não só para o conhecimento geral das condições que este microclima proporciona, mas também, para ter em conta as alterações climáticas. A Câmara Municipal de Sintra, num protocolo estabelecido em 2004 com o Centro de Estudos de Arquitetura Paisagista, elaborou um Plano Verde do Concelho de Sintra, que teve em 2008 uma 2.^a fase. Nesse mesmo ano, tendo como base as estações meteorológicas, encontramos um estudo de Sónia Domingos sobre a microclimatologia do Município de Sintra com uma dissertação bastante explicativa. Ambos refletem a especificidade deste microclima. O clima de Sintra é um clima mediterrânico com influência atlântica (CÂMARA, 2008 p. 6) (DOMINGOS, 2008 p. 3), e por isso bem conhecido por apresentar um microclima especial, derivado de ser uma região montanhosa, costeira, urbana e com manchas florestais envolventes. Nesses estudos podemos perceber que a Serra de Sintra, local circundante do Palácio Nacional da Pena, (em particular), proporciona um microclima potenciado pelo efeito *Foehn*, que é um fenómeno meteorológico de escala local. Neste caso concreto, em Sintra, o ar frio e húmido proveniente do barlavento (ventos dominantes), é obrigado a subir, devido à Serra, criando condições climatéricas propícias à formação de nuvens e de chuva, por causa da descida da temperatura com a altitude e, consequentemente, a uma menor capacidade do ar em conter vapor de água. Quando o ar volta a descer do lado sotavento da Serra, verifica-se um aumento da temperatura, tornando-se o ar quente e seco.

“Esta influência é mais marcada na vertente Norte, onde a orografia gera o efeito de Fohen, determinante de uma humidade elevada, devida à condensação do ar marítimo, gerada pelo arrefecimento adiabático das massas de ar transportadas pela nortada.” (CÂMARA, 2008 p. 6)

Refere Barbara Appelbaum que antes de qualquer planeamento de controlo ambiental, é essencial haver leituras de várias partes do edifício, em todas as estações do ano (APPELBAUM, 1991 p. 30). Neste caso prático pode observar-se que os aparelhos estão em várias localizações e colocados estrategicamente (apêndice 6, p. 153), de modo a poder obter medições dos parâmetros de temperatura, humidade relativa e ponto de orvalho, tanto de salas fechadas, como de reservas (que têm especial importância) e de zonas de passagem no circuito expositivo.

No Palácio Nacional da Pena existem 10 termohigrógrafos, 5 colocados nas reservas e 5 ao longo do circuito expositivo. Os primeiros estão nas reservas de Cerâmica e Vidro, Metais, Documental, Gesso e Estuques e do Torreão. Os restantes, encontram-se no Quarto do Rei D. Carlos I, Gabinete da Rainha D. Amélia, Salão Nobre, Sacristia e Exterior. No Exterior localiza-se na varanda junto aos gabinetes pois, devido às condições ambientais “instáveis” (grande chuvas e ventos constantes que não são apropriados ao aparelho), não é possível que se encontre noutro local.

Estas localizações foram sofrendo algumas alterações ao longo do tempo.

Os registos que existem começam em abril de 2015, e, até fevereiro de 2016, os espaços mantiveram-se, mas, a partir dessa data, foram sendo feitas algumas alterações nas localizações dos aparelhos, conforme se pode verificar na tabela 2 com a localização dos 10 termohigrógrafos.

Em junho de 2018, a RD ainda se encontrava no piso superior, comumente designado 14, juntos à RGE, mas, dada à elevada humidade presente para este tipo de material, no mês seguinte readaptou-se uma das salas na zona junto aos gabinetes. Esta realocação será explicada mais à frente.

Tabela 2: Alteração da localização dos termohigrógrafos entre abril de 2015 e o presente.

abril/2015 - fev/2016	jan-fev/2016	mar/2016	abr/16
2.ª Sala de Passagem	2.ª Sala de Passagem	2.ª Sala de Passagem	-
Capela	Capela	Capela	Capela
Quarto do Rei D. Carlos I	Quarto do Rei D. Carlos I	Gabinete da Rainha D. Amélia	Gabinete da Rainha D. Amélia
Quarto do Rei D. Manuel II	Reserva de Gesso (14) (RG)	RG (14)	RG (14)
Reserva Cerâmica e Vidro (RCV)	RCV	RCV	RCV
Reserva de Escultura (RE)	RE	RE	RE
Reserva de Metais (RM)	RM	RM	RM
Reserva do Torreão (RT)	RT	RT	RT
Reserva Documental (14) (RD)	RD (14)	RD (14)	RD (14)
Sala de Jantar	Sala de Jantar	Sala de Jantar	-
mai/2016	jun-out/2016	nov/2016 - dez/2017	jan/18
-	Exterior	Exterior	Exterior
-	Átrio Sacristia	Átrio Sacristia	Sacristia
-	Gabinete da Rainha D. Amélia	Gabinete da Rainha D. Amélia	Gabinete da Rainha D. Amélia
Reserva Gesso e Estuques (14) (RGE)	RGE (14)	RGE (14)	RGE (14)
RCV	RCV	RCV	RCV
RE	RE	Salão Nobre	Salão Nobre
RM	RM	RM	RM
RT	RT	RT	RT
-	RD (14)	RD (14)	RD (8)
-	Quarto do Camarista	Quarto do Camarista	Quarto do Rei D. Carlos I

Nesta tabela é possível verificar que há 4 aparelhos que se mantêm nos mesmos espaços, os espaços de reserva (RCV, RM, RT e RD). Os outros 6 foram sendo recolocados, certamente por serem locais mais importantes àquela data para uma leitura que abrangesse o maior número de espaços/zonas possíveis, realçando aqui o regresso ao Quarto do Rei D. Carlos I e a colocação de um aparelho no Exterior, este último provavelmente por se ter considerado que as variações de HR e T estão diretamente relacionadas com o exterior. Esta análise comparativa será aprofundada posteriormente no presente trabalho.

A monitorização dos espaços é feita mensalmente por um aparelho, o termohigrógrafo, que regista a temperatura, a humidade relativa e o ponto de orvalho, a cada trinta minutos, todos os dias. No final de cada mês os aparelhos são recolhidos, a informação é transferida

para o computador através do programa, *EasyLog USB*, devidamente formatado consoante as necessidades definidas pela instituição, que produz uma tabela em Excel, um gráfico em PDF e o ficheiro do próprio programa. Todas essas informações são registadas, organizadas e arquivadas, sendo que, através da folha do Excel, é possível calcular a temperatura e humidade relativa média, máxima e mínima dos meses de todos os anos, passando esses dados para tabelas em documento Word (figura 29). Também com estes dados, e, juntamente com o gráfico, é feito um registo mensal por cada espaço, identificando a diferença entre as máximas e as mínimas (figura 30).



Figura 29: Figura de exemplo do documento Word relativo aos resumos mensais de cada espaço. Este exemplo apresenta o resumo mensal do Exterior, entre junho de 2016 e fevereiro de 2019.

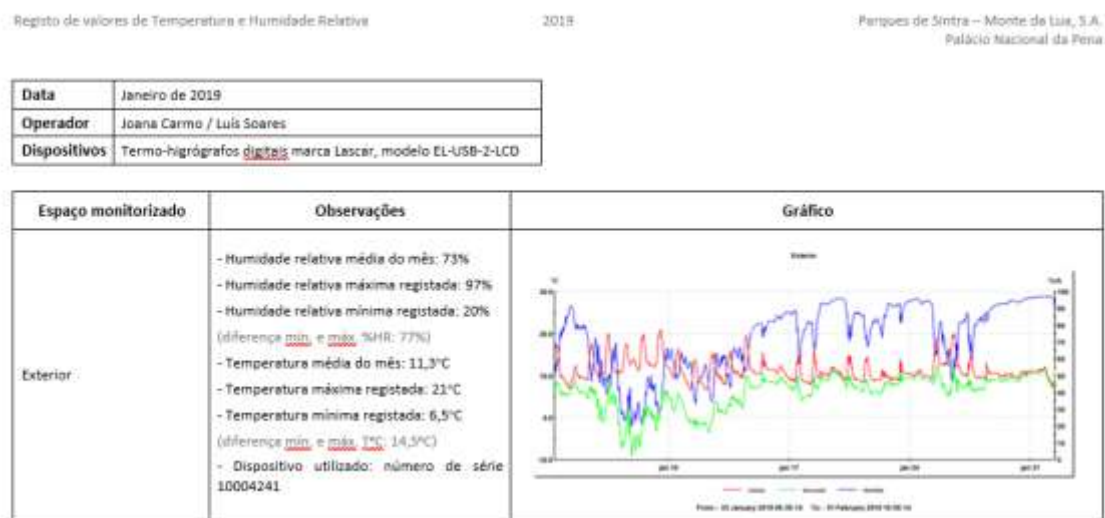


Figura 30: Figura de exemplo do documento Word, que engloba todos os espaços, relativo aos registos mensais de HR e T. Neste exemplo, apresenta-se o registo relativo ao Exterior do mês de janeiro de 2019, acompanhado do respetivo gráfico.

Estes resumos têm sido anotados pelos técnicos responsáveis, Joana Madureira, desde abril de 2015, e Luís Soares, a partir de janeiro de 2017.

Com todos estes dados é possível tentar fazer uma análise crítica e comparativa das leituras destes 10 espaços, realçando que cada espaço tem anos de início diferentes, e, todos os espaços anteriores a 2018, que já não fazem parte desta monitorização, não constam nesta análise, à exceção da RD quando se situava na zona 14. Ainda assim, na tabela 3, podemos resumir os resultados dessa análise, entre os anos de 2015 e 2018, considerando a orientação geográfica das salas, constatando que a zona Norte do palácio apanha menos, ou quase nenhuma, radiação solar direta, uma vez que o Sol nasce a Este e se põe a Oeste. Este fator pode refletir-se nos valores das variações de HR. No Exterior, o valor médio mais baixo foi de 54% e o valor médio mais alto foi de 88,5%, e, comparando todos os outros valores, deparamo-nos com valores semelhantes no Gabinete da Rainha D. Amélia, com a média mínima de 57% e a média máxima de 82,5% e no Salão Nobre, com a média mínima de 59% e a média máxima de 81%. A interpretação destes valores estará diretamente relacionada com as suas orientações geográficas, ambas a Sul e com o facto das portas para o exterior, em ambos os espaços, serem abertas nos períodos de verão.

Tabela 3: Análise comparativa das leituras dos 10 espaços, entre 2015 e 2018, onde se encontram os termohigrógrafos, incluindo ainda o espaço de RD (14) para comparação com a atual RD (8), considerando a orientação geográfica/piso, intervalo de HR e T médias.

Espaços	Orientação / piso	Intervalo de humidade relativa média (variações)	Percentagem de registos de HT com maior frequência em intervalos de 10%	Intervalo da temperatura média (°C)
Exterior	Sul / 1	54 a 88,5%	70 a 79% = 42%	10 a 23
Sacristia	Interior / 2	65 a 83%	70 a 79% = 50%	12 a 23
Gabinete da Rainha D. Amélia	Sul / 2	57 a 82,5%	70 a 79% = 49%	12 a 25
RGE (14)	Interior / 3	63 a 90%	80 a 89% = 53%	10,5 a 24
RCV	Norte / 1	71,6 a 87%	80 a 89% = 70%	9,5 a 21
Salão Nobre	Sul / 2	59 a 81 %	70 a 79% = 64%	11,5 a 23
RM	Oeste / térreo	76,8 a 98%	>90% = 83%	10 a 22
RT	Sul / 4	60 a 89%	70 a 79% = 52%	10 a 24
RD (14)	Interior / 3	59 a 92%	80 a 89% = 50%	11 a 24
RD (8)	Sul / 1	64,5 a 85,5 %	70 a 79% = 75%	12,6 a 22,5
Quarto do Rei D. Carlos I	Norte / 1	67,4 a 84 %	80 a 89% = 50%	10 a 21,5

As temperaturas no exterior são diferentes das temperaturas no interior, e, mesmo tratando-se de um edifício histórico, por muitas falhas ou lacunas/fissuras que a sua estrutura possa ter, verifica-se um aumento da temperatura mínima do exterior para o interior. No Exterior nos meses entre novembro e março, os valores mínimos variam entre 3°C a 9°C, e, nos espaços interiores esses valores oscilam entre os 9°C e 13°C. Por outro lado, entre os meses de maio a outubro, o Exterior apresenta valores máximos entre 26°C e 36°C, registando uma descida significativa dos valores máximos para os espaços interiores, entre 18°C a 28°C. Ainda assim, o Gabinete da Rainha D. Amélia apresenta valores superiores aos outros, entre 29°C a 31°C. Nesta análise, e sabendo todas as ocorrências diárias neste espaço, calcula-se que estará diretamente relacionado com a sua orientação a Sul, que significa incidência direta de luz solar durante a maior parte do dia, e com a janela/porta que liga diretamente ao terraço exterior, que se mantém aberta nos meses de verão, como já mencionado anteriormente.

De todas as análises realizadas aos resumos mensais, destaca-se a importância de uma análise mais profunda da reserva documental, de forma a entender-se as razões subjacentes à decisão da sua mudança de espaço.

Tabela 4: Análise comparativa entre o espaço da reserva documental na zona 14 (3.º piso) e na zona 8 (1.º piso), dos valores referentes a dezembro.

Ano	Localização da RD	HR média	HR máxima	HR mínima	T média	T máxima	T mínima
2015	3.º piso	85%	97%	62%	14°C	18°C	12°C
			Diferença = 35%			Diferença = 6°C	
2016	3.º piso	84%	94%	69%	13°C	15°C	10°C
			Diferença = 25%			Diferença = 5°C	
2017	3.º piso	80%	95,5%	45%	12°C	14°C	11°C
			Diferença = 50,5%			Diferença = 3°C	
2018	1.º piso	77,2%	84%	61%	13,6°C	14,5°C	13°C
			Diferença = 23%			Diferença =1,5°C	
Nota: durante o mês de dezembro, no Exterior registavam-se os seguintes dados:							
HR média: 2015 – n/a; 2016 – 82%; 2017 – 79%; 2018 – 80,5%							
T média: 2015 – n/a; 2016 – 12°C; 2017 – 12°C; 2018 – 12,6°C							

Tabela 5: Análise comparativa entre o espaço da reserva documental na zona 14 (3.º piso) e na zona 8 (1.º piso), dos valores referentes a agosto.

Ano	Localização da RD	HR média	HR máxima	HR mínima	T média	T máxima	T mínima
2015	3.º piso	74%	86%	37%	22°C	24°C	20°C
			Diferença = 49%			Diferença = 4°C	
2016	3.º piso	67%	81%	35%	24°C	27°C	22°C
			Diferença = 46%			Diferença = 5°C	
2017	3.º piso	69%	85%	48%	22°C	27°C	19°C
			Diferença = 37%			Diferença = 8°C	
2018	1.º piso	75%	84,5%	61%	21,5°C	23,5°C	18,5°C
			Diferença = 23%			Diferença =5°C	
Nota – durante o mês de agosto, no Exterior registavam-se os seguintes dados:							
HR média: 2015 – n/a; 2016 – 63%; 2017 – 70%; 2018 – 63%							
T média: 2015 – n/a; 2016 – 23°C; 2017 – 21°C; 2018 – 23°C							

Nas tabelas anteriores temos os dados dos meses de dezembro (tabela 4) e de agosto (tabela 5) dos anos de 2015 a 2017, quando ainda se situava na zona do 14, 3.º piso, e do ano de 2018, já na zona do 8, no 1.º piso. Em nota, apresentamos a HR e a T do Exterior nesses mesmos meses, à exceção do ano de 2015, quando ainda não havia registos

Ao analisar estes valores, podemos concluir que existem descidas tanto na HR como na T do 3.º piso para o 1.º piso. No período de inverno, a HR média desce cerca de 10% de um espaço para o outro, e, ainda que a T média se mantenha idêntica, verifica-se que a amplitude térmica também é mais reduzida. No período de verão, a HR também tem uma menor amplitude, ou seja, ainda que não haja grande diferença nos valores médios, notou-se uma grande redução da diferença entre os valores máximos e mínimos. Estes registos são também visíveis nos gráficos mensais destes meses, dos vários anos (anexo 2, p. 236). A mudança de zona desta reserva, para um espaço que, não podendo ser controlado, apresenta um ambiente mais adequado ao seu acervo com temperaturas mais constantes, significando um espaço mais protegido, representa uma medida de prevenção bem planeada. Como já havíamos referido, os valores de HR e de T registados no interior estão sempre relacionados com os do exterior. Estas análises comparativas são essenciais para que se tenha uma visão

global do edifício, e das suas condições, permitindo que se aplique uma monitorização ambiental adequada às circunstâncias. Neste caso em especial, conseguimos perceber que a mudança da sala é justificada atendendo à diferença de valores entre aqueles dois espaços, realçando que os valores do Exterior são sempre idênticos, e, ainda, justificando que a alteração dos valores na RD (8) não é só por mero acaso, ou seja, se não tivéssemos os valores do Exterior, poderia ser refutado que os valores desceram porque no exterior também, e, assim, tendo os valores do exterior, esse já não poderá ser o caso. Em suma, neste caso específico, os valores do exterior mantêm-se e os do interior descem. Ainda que as temperaturas não se alterem muito na RD (14) e na RD (8), aqui podemos perceber que as condições ambientais exteriores e as características construtivas do edifício não alteram muito a temperatura interior quando comparado com o exterior, não conseguindo proteger os espaços interiores das influências das condições climatéricas envolventes.

Um outro exemplo analisado foi o espaço expositivo do Quarto do Rei D. Carlos I, situado no 1.º piso. Não pela mudança de espaço, que não existiu, mas para aproveitar o facto de ter havido uma intervenção de restauro nestes aposentos, no período em que não ocorreram medições. As primeiras medições realizadas no Quarto do Rei D. Carlos I foram entre abril de 2015 e fevereiro de 2016, e o segundo período de medições iniciou-se em janeiro de 2018. No entanto, para estabelecer uma relação coerente, utilizaram-se as medições feitas entre abril de 2018 e fevereiro de 2019. Com esta análise houve uma tentativa para perceber quais as implicações, negativas ou positivas, que as intervenções de restauro tiveram nas condições térmicas do espaço em causa que seriam naturalmente observadas nas medições. A preocupação e especial interesse por esta análise tem que ver com o facto de, após as intervenções que incluíram o arranjo de janelas e portas, o ar ter deixado de circular (corrente de ar) como antes o fazia, e, ter gerado um ambiente propício à criação de condensação no Gabinete do Rei D. Carlos I nos dias de inverno mais severo. No entanto, conforme podemos verificar na tabela 6, não houve alterações consideráveis.

Tabela 6: Análise comparativa das medidas efetuadas no Quarto do Rei D. Carlos I (antes e depois de intervenção).

Ano	HR média	HR máxima (média)	HR mínima (média)	T média	T máxima	T mínima
2015/16	76,7%	89,5%	52,9%	17,3°C	21,2°C	14,9°C
		Diferença = 36,6%			Diferença = 6,3°C	
2018/19	78,8%	91,5%	55,9%	16°C	19,7°C	13,7°C
		Diferença = 35,6%			Diferença = 6°C	

É verdade que o período em questão é bastante reduzido, dificultando por isso qualquer leitura conclusiva, compreende-se que certamente as intervenções terão contribuído para uma melhoria das condições ambientais (que poderão ainda não ser evidentes). Sem dúvida que será necessário um maior número de meses de monitorização, para, posteriormente, voltar a fazer-se uma outra análise comparativa. Mas, por não haver leituras do Exterior no ano de 2015 e início de 2016, que permitam uma verdadeira comparação (as medições no Exterior apenas tiveram início em junho de 2016), poderá tornar a análise deste espaço pouco eficaz.

Tendo refletido sobre a circunstância deste espaço ser agora confrontado com este fenómeno de condensação, que parece ser derivado destes espaços estarem mais protegidos/fechados, lanço a sugestão da oportunidade de colocação de um termohigrógrafo no Gabinete do Rei D. Carlos I, por forma a aproveitar estas leituras para tentar compreender melhor este fenómeno, e, devido ainda à reflexão em curso sobre a hipótese de se fechar o claustro com janelas, como era ao tempo da Família Real, poder ser usado como caso-estudo. A eventual concretização destas alterações (fecho do claustro) traz consigo as mesmas preocupações de condensação e de um microclima para o interior do palácio. Não só pelo clima em si, mas, também pela presença constante de visitantes que poderá favorecer ainda mais este fenómeno, pondo em risco, não só o acervo, mas a estrutura do palácio, motivos decorativos exteriores e interiores.

Em acréscimo às leituras destes dados, foi lançado o desafio de criar um gráfico para cada espaço (apêndice 7, p. 155). Para além de ser um resumo geral das medições de todos

os dados recolhidos, de todos dos resumos da HR e da T dos espaços, torna-se mais apelativa a análise de um gráfico simplificado.

Em suma, estas breves análises sustentam a ideia de que os valores muitas vezes utilizados pelos museus devem ter a HR igual a 50% +/-5% e a T entre 18-25°C, no PNP, em particular, nem sempre é o correto, e, mais uma vez, que cada caso é um caso e deve ser analisado em todos os seus fatores e parâmetros. No entanto, o objetivo/responsabilidade geral a todos os museus é que as condições ambientais não sejam alteradas se não houver qualquer tipo de dano ou deterioração no objeto. É o que acontece no PNP. Juntamente com uma monitorização eficaz e constante da HR e da T dentro do edifício, a preservação do acervo é, dentro de todos os limites diários, bem resolvida. Ainda que os valores no PNP ultrapassem os tais valores padrão, a colocação de equipamentos de controlo de ambiente não é um assunto que esteja a ser abordado neste momento. Num espaço como este, onde as portas e janelas não apresentam caixilhos em boas condições, havendo entrada de ar do exterior e, estando o piso 1 e 2 abertos para o claustro, assim como as portas de entrada e saída, que estão sempre abertas, o controlo ambiental não pode ser feito da mesma maneira que se faz noutros museus. A utilização destes equipamentos iria colocar em risco todo o acervo pois sabe-se que alterações bruscas na HR e na T são prejudiciais aos objetos, tendo como exemplos práticos a saída de objetos do PNP para intervenções, provocando um agravamento no seu estado de conservação quando chegam ao respetivo atelier. A designação de controlo ambiental não pode ser utilizada aqui, mas sim, monitorização ambiental. Monitorizando apenas as oscilações mensais, e o estado dos objetos, de modo a perceber se existe algum dano ou patologias que no mês anterior não eram visíveis.

“A análise de risco, baseada no conhecimento local e apoiada nas teorias atuais, conclui que, se o edifício não for modificado, o risco representado pelas flutuações na humidade relativa (HR) é muito baixo, mas vários novos riscos poderão ser criados pelos sistemas mecânicos [implementados] considerando as inevitáveis falhas mecânicas.” (MICHALSKI, 2016 p. 13); (tradução de autora).

2.3.2 Melhoria de condições de reservas

No PNP existem cinco reservas, a reserva do torreão, a reserva de cerâmica e vidro, a reserva documental, a reserva de gesso e estuques e a reserva de metais, das quais apenas

quatro se encontram nas plantas em apêndice (apêndice 1, p. 109). A exceção é a reserva de gessos e estuques ao nível do piso 3 (circunstância sinalizada ao responsável). Além destas cinco, há ainda uma outra fora do palácio, a reserva de Santa Eufémia (RSE).

Na tarefa para a melhoria de condições de reserva, o foco do trabalho centrou-se na organização da reserva do Torreão e, posteriormente, no planeamento e desenvolvimento de embalagens de acondicionamento.

Esta reserva, localizada no último piso na zona do palácio mais a oeste, teve uma renovação relativamente recente com a colocação de estantes metálicas considerando a área circular que alberga a maioria do mobiliário, mas também, pinturas, objetos têxteis e alguns objetos de metais. Estas estantes metálicas são *“o suporte/sistema museológico mais empregue para a exposição das obras em reserva”* (GOMES, et al, 2016 p. 40). Neste espaço, que contém ainda um mezanino, existia uma estante com embalagens de acondicionamento para vitrais, mas sendo o peso um fator crucial neste tipo de reservas, depois de uma sondagem realizada pela DTPC, essa estante teve de ser removida para a RSE para aliviar o peso extra. Ainda relativamente à necessidade de aliviar o peso das estantes, retirámos uns cabos de aço que serviam de proteção lateral, visto não existir perigo, até à data, de queda dos objetos ou das embalagens de acondicionamento. Sabendo que existe neste espaço mobiliário que terá de ser removido para a RSE¹⁷, definiu-se como objetivo principal reorganizar ao máximo todos os objetos presentes à data (apêndice 8, p. 170).

É da responsabilidade do conservador do PNP proceder à escolha dos objetos que devem ser recolocados, mas como a agenda de tarefas não foi à data compatível com a restante reorganização, por iniciativa própria, e, com concordância da equipa do PNP, procedi à observação dos tabuleiros que contêm fragmentos de vários objetos, que estão tanto no percurso expositivo, como em reservas. Esta observação foi sendo realizada ao longo de toda a primeira fase, intercalada com as outras tarefas adicionais. Em resultado desta análise, criei uma lista com 234 fragmentos. Esta lista contém a correspondência entre fragmentos presentes nos tabuleiros e o respetivo objeto, que estará, ou em reserva, ou em

¹⁷ Os objetos que estiveram no PNP até 1910 deverão ficar nas reservas existentes no PNP e os objetos que tenham dado entrada no PNP depois desta data, como é o caso de objetos pertencentes a outros palácios, como o Palácio Nacional da Ajuda, o Palácio Nacional de Queluz, Palácio Nacional de Mafra, etc., deverão ficar na reserva de Santa Eufémia. Aqui, aplica-se a exceção de objetos que, pela sua natureza material mais sensível, serão mantidos nas reservas existentes no PNP. No entanto, esta lista são os conservadores, Mariana Schedel e Hugo Xavier, que fazem, e, por questões de agenda, à data não seria possível fazer essa lista.

espaço expositivo, e, também, entre fragmentos que são iguais a uma área específica de um objeto, mas, no entanto, nenhum desses objetos está incompleto. Ou seja, haverá a possibilidade de existir objetos que, estruturalmente, já não estão completos (apêndice 9, p. 173). Esta observação permitiu identificar mais 11 fragmentos que possibilitaram pequenas intervenções de restauro *in situ* (figuras 31-33).

O propósito principal da tarefa de identificação de fragmentos seria diminuir o peso exercido pelos tabuleiros, através da sua redução, trabalho iniciado e desenvolvido por outros estagiários, nos últimos anos. Permitiu também criar um registo para que, através do número de inventário, se possam evitar reconstituições volumétricas em futuras intervenções de conservação e restauro.



Figura 31: Frisos decorativos (à esquerda) do pé da cadeira presente no Gabinete da Rainha D. Amélia (à direita).



Figura 32: Colagem, com adesivo PVA, *in situ* dos frisos decorativos do pé da cadeira.



Figura 33: Colagem, com adesivo PVA, de um elemento lateral da sanefa presente na Sala de Jantar.

No entanto, em alguns objetos, estas intervenções já teriam ocorrido e os fragmentos que foram identificados, foram guardados à parte, como, por exemplo, o canapé presente no Gabinete do Rei D. Carlos I (figuras 34 e 35) e o conjunto de mobiliário do Salão Nobre (figuras 36 e 37), intervencionados em 2017 e 2016, respetivamente.



Figura 34: Fragmento das costas do canapé presente no Gabinete do Rei D. Carlos I.



Figura 35: Localização do restauro do fragmento das costas do canapé presente no Gabinete do Rei D. Carlos I.



Figura 36: Fragmentos pertencentes ao mobiliário do Salão Nobre.



Figura 37: Pormenor de duas localizações do restauro dos fragmentos no mobiliário do Salão Nobre.

Finalmente, para além dos fragmentos que foram retirados e dos tabuleiros que foram ajustados (figuras 38-41), verificou-se uma redução de 66 para 61 tabuleiros, todos documentados por fotografias de 18 de abril de 2019.



Figura 38: Tabuleiro número 5 antes da organização.



Figura 39: Tabuleiro número 5 depois da organização.



Figura 40: Tabuleiro número 64 antes da organização.



Figura 41: Tabuleiro número 64 depois da organização.

Alguns ajustes foram realizados na RSE de modo a obter espaço para a chegada de objetos e conjuntos de objetos que estavam fora em intervenções de restauro.

Relativamente às embalagens de acondicionamento, estas foram realizadas com a responsável pelas reservas da PSML, Joana Amaral, que proporcionou excelente e variada opinião, tanto sobre o seu percurso, como com exemplos na área do planeamento de embalagens.

“Uma embalagem segura deve adaptar-se às características do objeto, incluindo o estado de conservação e a fragilidade. A embalagem deve ser concebida especificamente para cada objecto, ou conjunto de objectos, utilizando materiais de acondicionamento próprios, oferecendo a maior garantia possível contra choques, vibrações, poluentes, agentes biológicos, flutuações de humidade relativa e temperatura (...).” (INSTITUTO, 2007 p. 88).

Os agentes de deterioração são um dos fatores mais preocupantes para os bens culturais e estão sempre presentes, normalmente, atuando de forma sinérgica. No planeamento, deve ter-se o conhecimento destes agentes de risco de modo a que o planeamento seja completo, protegendo da incidência direta de luz, tanto natural como artificial, do possível contacto com a água, ou que, devido ao planeamento de uma embalagem com dimensões exatas do objeto, por forças físicas, possa causar dano, protegendo, também, de possível pestes e pragas. Para além disso, a embalagem poderá trazer uma vantagem ao limitar o risco de dissociação.

A dissociação manifesta-se, por exemplo, quando nós não conseguimos relacionar o objeto com as informações que temos sobre o mesmo, ou quando não conseguimos encontrar o objeto, ou, ainda, se a reserva estiver num caos, mesmo sabendo que o objeto está lá, não é possível localizá-lo. Também pode existir o caso de haver um objeto original e, juntamente com ele, haver cópias, não se sabendo, no entanto, qual deles é o original. Aqui, o trabalho de investigação que o conservador do palácio faz, torna-se uma mais valia, através da comparação de fotografias históricas, criando uma relação objeto-informação. Quando isto não é possível, estamos em dissociação, daí a importância da marcação do número de inventário, abordado no ponto 2.1.

A embalagem é feita considerando dois objetivos principais, o primeiro, para uma melhor gestão de espaço e, o segundo para conseguir bloquear/minimizar a infestação/ação

do maior número de agentes de deterioração possível. A embalagem está, portanto, dentro do programa de preservação e gestão de coleções em reservas. Quando fazemos esta gestão, tem de haver uma lógica, arrumar os objetos em conjuntos, ter em conta o seu estado de conservação pois podem estar partidos ou deformados. De qualquer forma, aquilo que interessa é que não haja já processos de deterioração em curso quando os colocamos dentro das embalagens. Assim, estas precisam de proteger os objetos de futuros processos de deterioração. Por exemplo, pode utilizar-se a embalagem para impedir a perda de partes de um objeto. Um dos exemplos práticos utilizados para a compreensão deste assunto, já antigo e que tem vindo a ser contrariada com a respetiva identificação, foi a separação de molduras das pinturas que, por não ter havido um registo cuidado dessa ação, impediu que se soubessem quais eram os seus pares, originando um problema de dissociação. Através da colocação de uma etiqueta na embalagem, também permite o auxílio da identificação do objeto, ou do seu conjunto, que se encontram nessa embalagem, evitando manuseamento. Aqui são resolvidos problemas de dissociação, de forças físicas. Também é possível realizar ações de monitorização, nunca abandonando a coleção, nem em exposição, nem em reserva. Ou seja, apesar de se saber que as reservas se encontram, ou devem encontrar, em bom estado (ao nível da organização, nos materiais e nas condições), se não houver uma monitorização constante, pode estar a acontecer algum dano ou deterioração e não se dar por isso. A embalagem tem de permitir essa ação de monitorização. Também permite prevenir outras ações, que podem ser boas, ou não, como por exemplo, a limpeza, evitando a deposição de pó direta nos objetos. Num segundo ponto, temos a questão da circulação. A embalagem irá permitir a deslocação de um ponto para outro, com menos riscos, prevenindo, provavelmente, os acidentes. Assim, quando se fala em embalagens, o que interessa é a gestão de espaço e preservação contra agentes de deterioração.

Para a embalagem ser apropriada, é preciso assegurar as características físicas e químicas adequadas aos objetos que contém, com uma boa resistência para suportar o próprio peso, tendo em conta que algumas estão sobrepostas e é aconselhado não ultrapassar as três. Isto tem que ver com os materiais que são utilizados, a sua espessura e o peso do objeto. Ainda assim, estas têm de ser práticas, fáceis de utilizar, não podem ser tão complexas que não se consigam abrir, causando danos futuros. A embalagem tem de ser adequada ao objeto e não o contrário.

Aquando da marcação de número de inventário na RCV, consegui perceber que havia embalagens que foram planificadas de diferentes maneiras. Foi explicado pela responsável que cada caso é um caso e que, como em outros assuntos, existe uma evolução na perceção e no conhecimento do que poderá ser melhor para os objetos, calculando a probabilidade não se entender a forma como a caixa foi criada tentando minimizar a probabilidade de erro ao colocar de novo o objeto. No entanto, por questões de financiamento e gestão de tempo, essas embalagens não são refeitas, aceitando assim a função que ainda têm, podendo haver, no futuro, a necessidade de as rever.

Depois desta fase de levantamento de informação junto da responsável, passou-se para a planificação. Antes de fazer algo, é necessário antever todos os problemas, prever, ou não seria considerado preservação, e pensar em tudo o que poderá correr mal. A procura pela embalagem ideal continuará sempre.

Na planificação, realço também a importância que me foi mencionada da necessidade de uma etiqueta identificativa do(s) objeto(s) no exterior da embalagem, onde, para além de estar presente o número de inventário, também estão as siglas da reserva na qual deve estar, assim como uma fotografia para que, caso seja necessário procurá-los, possa ser feito de uma forma mais direta. Estas são convenções do PNP.

O material utilizado para as embalagens foi o polipropileno, tendo em consideração a sua estabilidade física e química, preço e facilidade na execução, assim como também o microclima que existe em Sintra, o que exclui, desde logo, embalagens de cartão. Considerando o espaço existente para a conceção das embalagens, que se situa no Palácio Nacional de Sintra, a responsável tem ao seu dispor placas de 3 e 5 milímetros e para as espumas de polietileno, 2 e 5 centímetros, tendo em conta as espessuras máximas e mínimas necessárias na maioria dos casos. Estes números irão permitir, quando necessário, que se juntem várias placas para criarem mais suporte de base.

No desenvolvimento do plano de embalagens, tem-se em conta os materiais que se vão usar, os locais de aplicação em relação ao objeto, e os agentes de deterioração, em especial um que foi mencionado pela responsável, a força da gravidade. Ou seja, ter um suporte completo em todas as áreas do objeto, evitando assim deformações e não se pensar apenas em criar o recorte negativo do objeto. Outro ponto crucial é haver sempre um espaço aberto onde se possam colocar as mãos, para retirar o objeto, porque este poderá ser retirado da

embalagem mais do que uma vez, por várias razões, como por exemplo, exposições, fotografias em estúdio, estudos, monitorização. Embora não haja nada que dure para sempre, é necessário prevenir, evitar ou retardar o seu envelhecimento/desgaste. A embalagem deve ser o mais pequena possível, tirando as medidas exatas do objeto. Neste caso excecional, as medidas são tiradas antes de se fazer a embalagem, o que não é um cenário ideal tendo em conta que só existe uma oportunidade para a sua criação antes de se acondicionar o objeto. A observação atenta do objeto é crucial na primeira fase e, para que não existisse espaço para erro, para além das medidas, desenhei graficamente como seria a embalagem, algumas com várias opções (figura 42).

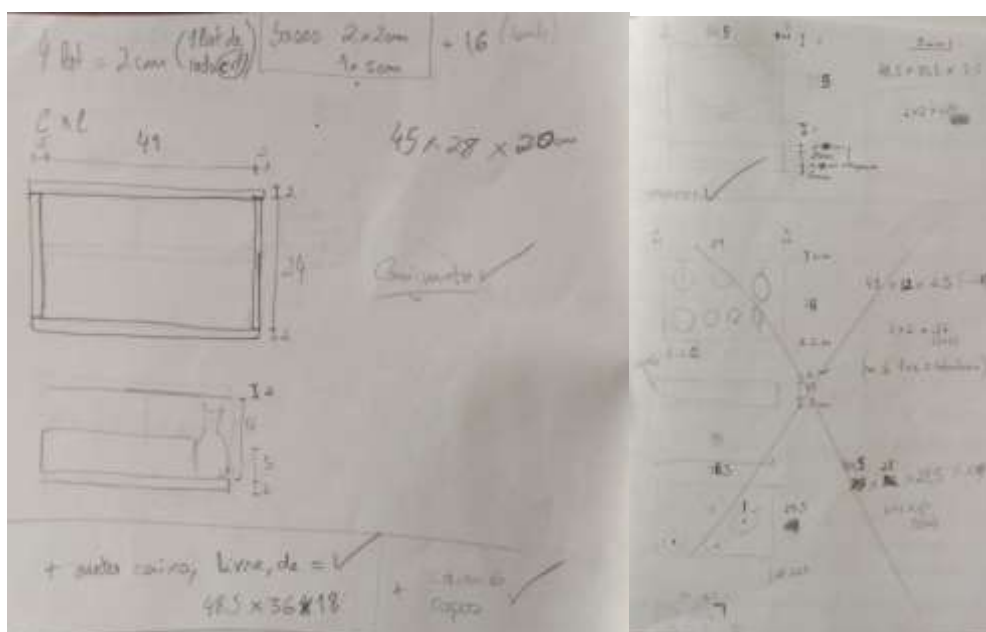


Figura 42: Esboços gráficos com as medidas de possíveis embalagens.

Com o objeto à frente, realizou-se um breve levantamento do seu estado de conservação, como está a sua superfície, onde se pode agarrar ou se existem fraturas. O objetivo seria criar embalagens, uma para um tabuleiro e outra para o seu conjunto de quatro objetos, uma para dois violinos, uma para seis copos, uma para duas jarras, outras quatro para cada prato, e uma outra com dimensões iguais a uma preexistente, dando o total de dez embalagens.

Para o desenvolvimento de cada embalagem recortaram-se duas placas de polipropileno de cinco planos cada, para a caixa e respetiva tampa, e um preenchimento com espuma de polietileno para as quatro laterais, base e topo, que são perceptíveis nos desenhos da figura acima. Tendo as dimensões gerais para a embalagem, é essencial que estas medidas

estejam identificadas com o objeto e a que palácio pertence porque são todas feitas numa só sala, se saiba qual a espessura da placa que será usada, ter em conta as medidas extra para a dobra e, ainda, duplicar a altura. Ou seja, um objeto cujas dimensões, juntamente com os 2 centímetros de espessura das espumas laterais, base e topo, tem de comprimento e largura 32,5 centímetros, cada, e de altura 9 centímetros (valor que deve ser duplicado), ao qual se soma o valor da espessura da placa, devido às dobras dos planos, 1 e 2 centímetros para a largura e o comprimento, respetivamente, terá como medidas finais 52,5 centímetros para o comprimento e 51,5 centímetros para a largura (figura 43).

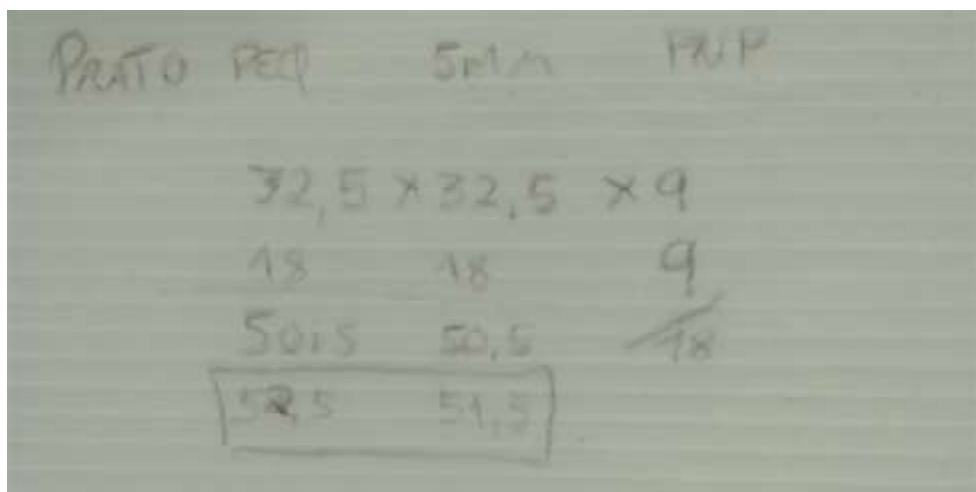


Figura 43: Exemplo de um cálculo realizado para o corte da placa de polipropileno.

Visto este processo ter sido igual para todos os objetos, variando apenas as suas dimensões, descrevemos neste relatório apenas o exemplo da execução da embalagem destinada aos violinos, por ser a mais complexa.

Sendo o polipropileno um material fácil de trabalhar, os cortes das medidas gerais foram feitos com um x-ato, e o vinco para dobra, com uma dobradeira metálica, em ambos auxiliados por uma régua metálica (figuras 44 e 45). De seguida, juntam-se as abas das laterais de maneira a furar ambas com a dobradeira e colocar-se um botão de pressão de latão niquelado de modo a que a força aplicada pelo martelo o fixe (figuras 46-49).



Figura 44: Corte da placa de polipropileno com auxílio da régua metálica e x-ato.



Figura 45: Realização do vinco para a dobra das laterais, com auxílio da régua e dobradeira metálicas.



Figura 46: Realização das dobras das laterais da caixa.



Figura 47: Realização do furo nas laterais, com auxílio da dobradeira e martelo.



Figura 48: Colocação do botão de pressão de latão niquelado no furo anteriormente realizado.



Figura 49: Fixação do botão de pressão com auxílio do martelo.

Na sala de apoio à conservação, no PNP, onde se encontravam os violinos, procedeu-se ao recorte do negativo dos mesmos em espumas de 5 centímetros (figura 50). Tendo em conta a curvatura do braço, foi necessário recortar o negativo do corpo e da voluta, juntamente com as cravelhas (figura 51), e fazer uma inclinação na zona do braço, para que

todos os pontos de contacto estivessem totalmente apoiados. Fez-se um recorte com uma distância de cerca de 1 centímetro em todo o contorno do negativo (figura 52), para a colocação de Tyvek®¹⁸, para que proteja o objeto das áreas do corte pressionando com o positivo para que quando se coloque o objeto, não seja este a criar a pressão (figura 53). Por fim, fez-se o mesmo com as pequenas peças que estavam separadas do objeto (figura 54) de modo a que todo o conjunto ficasse numa só embalagem (figura 55).



Figura 50: Recorte do negativo do corpo do violino e voluta.



Figura 51: Recorte do negativo das cravelhas.



Figura 52: Corte de uma linha paralela ao corte do negativo do objeto.



Figura 53: Colocação de Tyvek® pressionado com o positivo do corte, de modo a preencher o negativo, e inserido no corte paralelo.

¹⁸ Material sintético, de alta densidade e qualidade, com boas propriedades de isolamento e resistência aos rasgões, permite boas condições de acondicionamento.



Figura 54: O procedimento foi igual para pequenas peças que estavam separadas do objeto



Figura 55: Resultado da embalagem.

2.3.3 Higienização dos espaços do acervo e dos objetos

As ações de limpeza são realizadas em várias etapas, as limpezas diárias, as semanais, as mensais e as anuais.

As ações de limpeza semanais e mensais são realizadas pela equipa de limpeza que, tendo adquirido uma formação básica de cuidados especializados a ter com o acervo presente no PNP, trabalham independentes de qualquer supervisionamento físico. Esta equipa, através de um “*plano com uma estrutura bem elaborada (...) [com] prioridades rigorosas de tempo e tarefas.*” (LLOYD, et al., 2011 p. 115), faz um trabalho rotativo, de modo a permitir a limpeza de cada espaço, uma vez por semana, com limpezas superficiais, ou seja, pó e sujidade superficiais em superfícies planas, assim como com a limpeza geral do chão, carpetes, portas e janelas, também com a mesma periodicidade.

As limpezas anuais são realizadas também pela equipa de limpeza, mas, neste caso, com o auxílio e supervisão do conservador responsável pois, devido à sua extensão, cuidados extras e manuseamento de pequenos, feito exclusivamente pelos responsáveis da conservação preventiva, e de grandes objetos, é necessário um acompanhamento especializado. Este é um método de trabalho já implementado pela instituição consoante a disponibilidade e coordenação entre a equipa de limpeza e o responsável pela conservação preventiva. Nos espaços mais pequenos foi frequente a presença de duas pessoas da equipa

de limpeza, além do responsável e da mestrande, pelo que nestes espaços o trabalho foi dividido por quatro pessoas.

É feita aqui uma introdução generalizada dos procedimentos comuns em cada espaço expositivo, para que não se repita informação. Nestes espaços a tarefa passa pela limpeza das janelas, vidros e portas, pela remoção de sujidade, superficial e agregada, e, ainda, pela limpeza de todos os objetos presentes no espaço, incluindo a limpeza/aspiração dos têxteis como estofos, toalhas, tapetes e cortinados, cuja acumulação de sujidade obriga ao uso de um aspirador. Dependendo dos casos, esses têxteis poderão ser substituídos por outros para que se proceda a uma limpeza mais profunda, como é o caso das toalhas de mesa.

Dependendo também dos espaços, o percurso dos visitantes pode ser, ou não, fechado, na totalidade ou parcialmente, sendo que, por totalidade se depreende o fecho do caminho, mas não da visualização por parte do visitante. A maioria tem em exposição objetos que, pelas suas características físicas e materiais, de tamanho reduzido e com texturas peculiares que acumulam poeiras, impede a sua limpeza *in situ*, tendo em conta que é necessário mover o mobiliário. Por isso, a primeira coisa a fazer logo pela manhã, antes de as portas serem abertas ao público, é recolher esses objetos para as salas/espacos de apoio, evitando assim a circulação de visitantes, que colocaria em risco a segurança daqueles. Aqui explicamos resumidamente, com registo fotográfico simplificado, os processos de trabalho que devem ser realçados neste relatório, tendo em conta que é um processo demorado e delicado, estando em apêndice o mapa de circuito dos visitantes para auxílio visual (apêndice 10, p. 186).

A limpeza anual do corrente ano, foi iniciada em janeiro, tendo-se começado pelo piso inferior. O primeiro espaço a ser limpo foi o Quarto do Camarista, onde não estive presente, e demorou meia manhã. Prosseguimos para o Gabinete, o Quarto e a Casa de Banho do Rei D. Carlos I, cuja limpeza demorou, na sua totalidade, dois dias. No Gabinete, os objetos foram removidos e a sala fechada (figuras 56 e 57).



Figura 56: Gabinete do Rei D. Carlos I, antes da higienização do espaço.



Figura 57: Gabinete do Rei D. Carlos I, durante a higienização do espaço.

No Quarto do Rei D. Carlos I (figuras 58 e 59).



Figura 58: Quarto do Rei D. Carlos I.



Figura 59: Procedimento de limpeza dos têxteis do cadeirão presente neste espaço.

Na Casa de Banho do Rei D. Carlos I (figura 60 e 61), onde se aproveitou para se realizar alguns ajustes, nomeadamente a alteração da disposição do mobiliário, a pedido do Diretor (figuras 62 e 63).

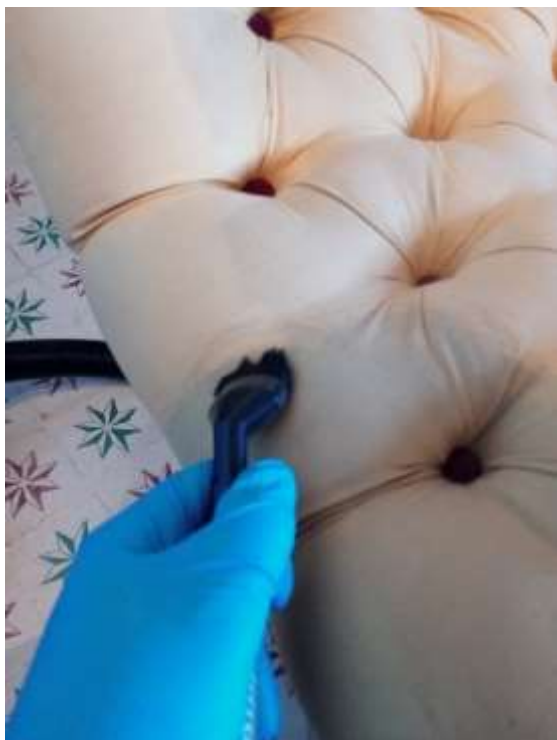


Figura 60: Procedimento de limpeza dos têxteis do cadeirão presente neste espaço.

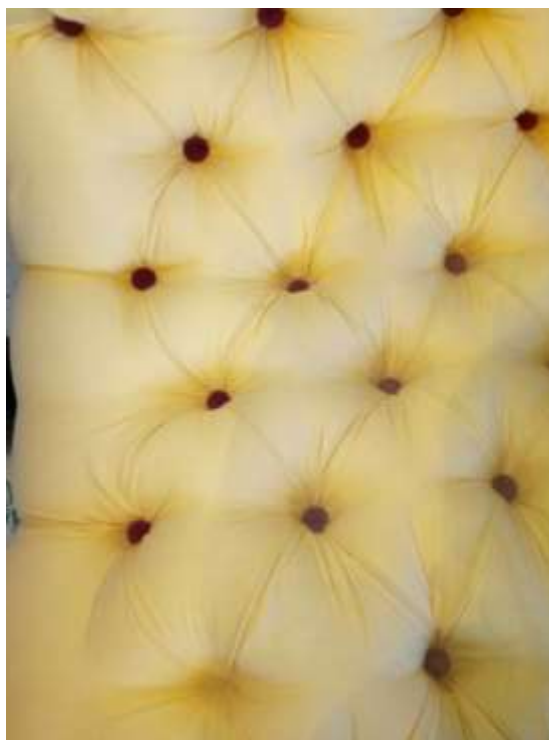


Figura 61: Efeito visível da remoção da sujidade presente nos têxteis.



Figura 62: Disposição dos objetos antes.



Figura 63: Disposição dos objetos depois.

A limpeza do espaço da Copa teve a duração de três dias e esteve fechada à circulação dos visitantes. Aqui, a acumulação de partículas de pó é especialmente maior por ser a primeira sala de entrada dos visitantes, possivelmente uma causa-efeito de ser aqui que começa a carpete, superfície essa que ajuda na deposição de poeira e partículas. Talvez por esse motivo esteja a ser ponderado pelos responsáveis a colocação de um tapete logo na zona de entrada do palácio.

No espaço da Copa existe um armário copeiro com serviços de mesa variado, os quais foram retirados, prateleira por prateleira, para uma mesa de apoio para se remover a sujidade superficial (figuras 64-69). O constante registo fotográfico foi necessário para que a colocação dos objetos tivesse a mesma ordem.



Figura 64: Mesa de apoio para os objetos presentes no armário copeiro do espaço da Copa.



Figura 65: Remoção das sujidades superficiais.



Figura 66: Sujidades depositadas no têxtil do armário copeiro.



Figura 67: Disposição dos copos do lado esquerdo do armário copeiro.



Figura 68: Disposição dos copos do lado direito do armário copeiro.

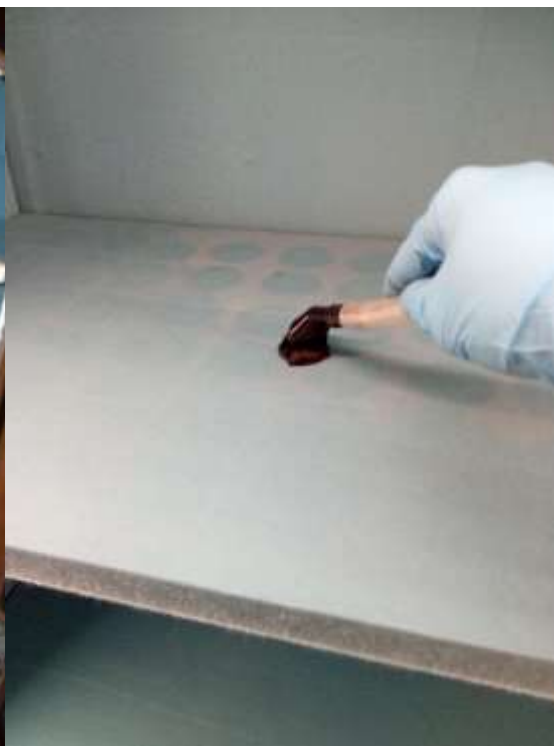


Figura 69: Sujidades depositadas nas prateleiras do armário copeiro (à esquerda) e respetiva limpeza (à esquerda).

Após a limpeza da área superior do armário, procedeu-se à da área inferior, que incluiu gavetas (figuras 70 e 71). Nesta área, ao remover uma das gavetas, foi visível uma quantidade excessiva de serrim (figura 72), o que será um indicador de infestação, da ação de insetos xilófagos. Ainda ativa ou não, foi necessária uma intervenção direta através da aplicação de erradicador/imunizador para madeiras velhas, neste caso, Cuprinol® (figura 73), pelo responsável da manutenção¹⁹.



Figura 70: Remoção das gavetas.



Figura 71: Sujidades visíveis na estrutura do interior do armário copeiro.



Figura 72: Presença excessiva de serrim, indicando a presença de ação de insetos xilófagos



Figura 73: Aplicação de imunizador Cuprinol®.

Seguiu-se para a Sala de Jantar, onde as limpezas demoraram cerca de dia e meio, fechando-se o percurso de visita. A Copa manteve-se fechada aproveitando o espaço de apoio montado. A limpeza começou pela zona da janela, a sanefa e os tecidos envolventes (figuras 74 e 75), e depois aparadores, retirando os objetos para a mesa de apoio para a

¹⁹ O responsável pela manutenção do edifício, que tem um curso de técnico de Museografia e algumas formações em conservação e restauro, a pedido da Conservação Preventiva efetua algumas ações de conservação e restauro, essencialmente em mobiliário, no PNP.

remoção da sujidade superficial e para ser mais seguro os movimentos dos mesmos para a limpeza da sujidade do chão e costas do mobiliário (figuras 76 e 77).



Figura 74: Localização de uma das sanefas da Sala de Jantar.



Figura 75: Limpeza dos têxteis da Sala de Jantar.



Figura 76: Sujidades depositadas por debaixo do aparador.



Figura 77: Sujidade depositada nas costas do aparador.

Repostos os objetos nos aparadores, procedeu-se à limpeza dos trinchantes, cadeiras, tapete e mesa de jantar, com a substituição da toalha (figuras 78 e 79).



Figura 78: Remoção dos objetos (cima) e da toalha (baixo). Figura 79: Colocação de uma nova toalha.

A ação realizada nestes dois espaços permitiu algumas alterações, nomeadamente a substituição do faqueiro, tanto da mesa de jantar como no armário copeiro, pelo faqueiro de D. Fernando II, adquirido e inventariado nos meses anteriores, a substituição do centro de mesa e a redução de lugares, permitindo uma disposição o mais próximo possível à da época da ocupação da Família Real, conforme as referências bibliográficas disponíveis, disposição essa que fez parte de um programa de eventos dedicado às Mesas Reais das cortes europeias, “*Um lugar à Mesa Real*”, englobando questões decorativas e artísticas, formais e de protocolo, pela Associação das Residências Reais Europeias (ARRE) (MONTEIRO, 2018).

A limpeza continuou no piso superior, na Sala de Chá onde, por motivos logísticos, se manteve a circulação normal, pelo que a limpeza foi realizada por áreas de exposição, ou seja, entre baias (figuras 80 e 81).



Figura 80: Limpeza do chão da Sala do Chá.



Figura 81: Limpeza dos objetos presentes na Sala do Chá.

Num espaço que foi relativamente simples de limpar, o mais demorado foi a aspiração dos têxteis (figuras 82 e 83).



Figura 82: Limpeza dos têxteis da sanefa presente na Sala do Chá.



Figura 83: Limpeza da toalha de mesa.

No Gabinete da Rainha D. Amélia, os trabalhos demoraram dois dias e, tal como no espaço anterior, o circuito esteve aberto. O mobiliário foi afastado do sítio original (figura 84) para a limpeza dos cantos, tanto do chão (figura 85), como dos elementos decorativos em estuque na parede (figura 86).



Figura 84: Movimentação do mobiliário.



Figura 85: Sujidades presentes no chão, atrás e em baixo do mobiliário.



Figura 86: Limpeza dos elementos decorativos em estuque na parede, antes (à esquerda) e depois (à direita).

No entanto, todos os pequenos objetos de porcelana tiveram de ser removidos para a sala de conservação para que pudessem ser limpos com mais atenção e cuidado, demorando por isso mais dias. Para não encharcar e manchar os objetos, estes foram limpos com ajuda de cotonetes, embebidos numa mistura de água e álcool etílico, por forma a permitir uma evaporação mais rápida (figuras 87 e 88).



Figura 87: Limpeza dos objetos.



Figura 88: Pormenor de limpeza, antes (à direita) e depois (à esquerda).

No Quarto do Veador (figuras 89 e 90) e no Quarto da Dama de Companhia (figuras 91 e 92), a tarefa demorou três dias e o percurso esteve fechado. A limpeza dos elementos decorativos em estuque, no topo das paredes e no teto, não foi uma tarefa fácil de gerir, tendo

em conta o pé direito. Mesmo com o escadote mais alto de que a instituição dispõe, não foi possível chegar às áreas mais altas. Este tipo de limpeza iria requerer a montagem de um andaime, algo que está, até à data, para além das responsabilidades/possibilidades do responsável pela conservação preventiva. Mesmo assim, com todas estas limitações, fez-se a maior e melhor limpeza possível.



Figura 89: Limpeza do Quarto do Veador, pormenor 1.



Figura 90: Limpeza do Quarto do Veador, pormenor 2.



Figura 91: Quarto da Dama de Companhia, pormenor 1.



Figura 92: Quarto da Dama de Companhia, pormenor 2.

A limpeza do Quarto da Rainha D. Amélia teve a duração de dois dias, com o percurso expositivo fechado até meio do quarto (figura 93), e a do Quarto de Vestir da Rainha D. Amélia, mais um dia (figura 94).



Figura 93: Limpeza do Quarto da rainha D. Amélia.



Figura 94: Limpeza do Quarto de Vestir da rainha D. Amélia.

A particularidade do Quarto da Rainha D. Amélia é a grande quantidade de têxteis presentes para efeitos decorativos. A aspiração realizada por uma só pessoa teve de ser cuidada e, só a decoração da cama (figura 95) e das janelas (figura 96), teve a duração de um dia.



Figura 95: Limpeza dos têxteis decorativos da cama dossel.



Figura 96: Limpeza dos têxteis decorativos das janelas.

A deposição de partículas durante um ano é elevada, havendo áreas com mais do que outras, e este acontecimento é comprovado com a imagem do dossel da cama (figura 97).



Figura 97: Limpeza, antes e depois, da área superior do dossel.

A limpeza deste espaço permitiu também registar fotograficamente o chão, na zona da cama, para a monitorização do soalho (figura 98).



Figura 98: Levantamento do soalho na área inferior à cama.

A limpeza dos restantes espaços foi relativamente rápida, em média um dia por espaço, tendo em conta que a maioria dos objetos é da categoria de mobiliário (figura 99), não havendo a necessidade, nem a possibilidade, de se fechar a passagem dos visitantes. Estando englobado nos últimos tempos desta primeira fase, havia tarefas que teriam de ser concluídas e, por isso, a minha presença aqui foi reduzida, com ajudas meramente pontuais, como foi o caso da remoção de sujidades dos bustos presentes na Sala Verde (figura 100), na Primeira Sala de Passagem onde foi necessário retirar todos os objetos do armário livreiro, adaptado para vitrine, para a sala imediatamente ao lado, o Atelier da Condessa, que está fechado ao percurso (figuras 101 e 102). A passagem dos objetos para outros espaços torna-se complexa quando a passagem de visitantes é constante. Dessa maneira, a ajuda de outro membro da equipa é necessária para o corte do percurso, por um curto período, tendo de encontrar um ponto de equilíbrio entre o trabalho que é necessário realizar e o objetivo que traz o visitante ao PNP. O mesmo aconteceu, posteriormente, na limpeza da Sala de Entrada, onde foi necessário a utilização da sala anterior (figuras 103-105).



Figura 99: Limpeza da Sala do Telefone. Pormenor da limpeza do armário.



Figura 100: Limpeza da Sala Verde. Pormenor de limpeza de um dos bustos em estuque.



Figura 101: Limpeza do armário livreiro da Primeira Sala de Passagem.

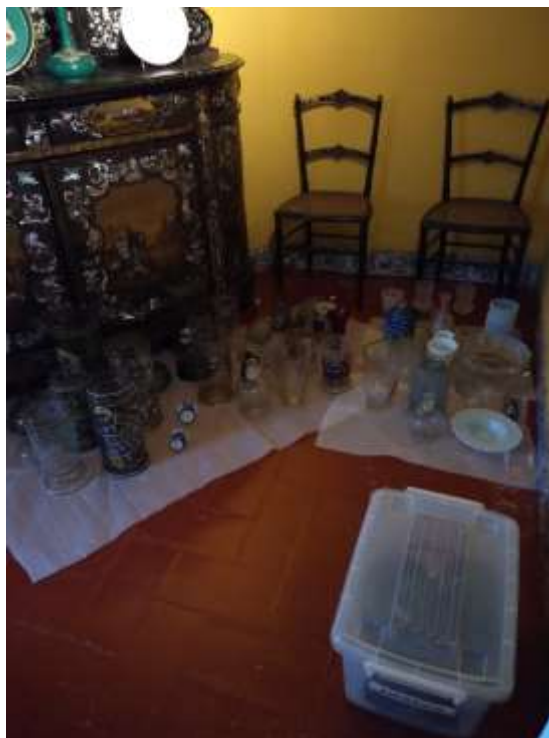


Figura 102: Colocação dos objetos do armário livreiro no espaço do Atelier da Condessa d'Edla.



Figura 103: Mobiliário presente na Sala de Entrada.



Figura 104: Limpeza do espaço da Sala de Entrada.



Figura 105: Colocação dos objetos da Sala de Entrada na Sala de Fumo.

Quanto aos espaços de reserva, o único limpo aquando desta tarefa foi a RCV, onde se limitou à limpeza do chão, janela e porta, ficando o resto sob responsabilidade da Conservação Preventiva do PNP. A Reserva do Torreão foi limpa ao mesmo tempo que era reorganizada e, as restantes, assim como os espaços do Salão Nobre, Sala dos Veados e Cozinha, já não pertenceram ao período desta primeira fase.

3. Conservação e Restauro do Estojo para Ordens Honoríficas, do rei D. Luís I

3.1 Identificação e descrição do objeto

O estojo para ordens honoríficas (figura 106) do rei D. Luís I é objeto de intervenção na segunda fase deste estágio. Este pertence ao acervo do Palácio Nacional da Pena, em Sintra, e é identificado com o número de inventário PNP2136.



Figura 106: Fotografia de perspectiva do estojo. ©Rita Stoffel.

Antes da entrega para intervenção no Laboratório de Conservação e Restauro de Madeiras do IPT, o objeto estava em reserva, na reserva do Torreão do PNP. A ficha de inventário, fornecida pela instituição, apresenta todos os dados essenciais à sua identificação, embora a autoria e oficina sejam desconhecidos, ainda assim, indica que o centro de fabrico será em Portugal. Datado do século XIX, e, sabendo que pertenceu ao rei D. Luís I, tabelase o seu fabrico entre 1861 e 1889 (anexo 3, p. 238).

Foi incorporado no PNP por transferência em 1956, e, segundo a ficha de inventário, é *“Proveniente da Casa-Forte do Palácio das Necessidades, 1956. Consta na “Relação de peças na Casa-Forte do Palácio das Necessidades, destinadas ao Palácio Nacional da Pena:” data de Novembro de 1956: “Estojo de madeira polida, guarnições, argolas, corôa e inicial L. de Metal e 5 gavetas” com o nº 17260 [Arquivo do PNP, Movimentações de Objectos].”*.

Este objeto insere-se na categoria de mobiliário e integra a subcategoria de mobiliário civil, e, tipologicamente, aos móveis de conter que são “*destinados a conter, conservar ou expor objetos (...) [e que] pelas suas variadas gavetas ou prateleiras a guardar de forma organizada um conteúdo específico (...).*” (SOUSA, et al., 2004 p. 52).

De formato paralelepípedo retangular, apresenta dimensões de 30,5 cm de altura por 52,5 cm de largura e 33,7 cm de profundidade, quando fechado (apêndice 11, p. 189). Na sua estrutura, que se pode designar de caixa, integram-se 5 planos independentes, topo, base, duas laterais e costas, que se fixam entre si através de elementos metálicos com forma semicircular.

Na frente, existe uma porta batente, com eixo inferior, abrindo de cima para baixo, ganhando o comprimento de 60,8 cm. É composto por 5 gavetas no seu interior, todas elas com as mesmas dimensões, 5,4 cm de altura, à exceção da última, a contar de cima, que tem menor altura, 4,8 cm, cada uma com frisos metálicos decorativos e dois puxadores.

Como decoração, encontramos elementos metálicos. Na frente, um puxador, fixo à estrutura por quatro pregos e um espelho recortado embutido, na zona superior central. Nas laterais, existe uma aba embutida e fixa por quatro pregos, que terá servido de apoio ao transporte. No topo, o monograma do rei D. Luís I, e, por todos os planos, dois frisos, que contornam o formato retangular, sendo o do lado exterior de maior dimensão ao do interior. Na parte inferior, sendo esta de apoio, não apresenta decoração.

Assume-se a denominação de estojo pois estes “*são geralmente executados a partir da forma do objeto que guardam.*” (SOUSA, et al., 2004 p. 82) e, serviu para guardar objetos relativos às ordens honoríficas, tendo em conta a construção formal da última gaveta que apresenta o entalhe do negativo do colar relativo à Ordem Militar da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito²⁰, assim como o de outro colar (apêndice 12, p. 192).

A primeira gaveta apresenta-se com 3 divisórias e, as restantes, à exceção da última, conforme referido anteriormente, apresentam-se com 4 divisórias e todas, no interior e no exterior no fundo, estão revestidas a papel (figuras 107 e 108).

²⁰ Anteriormente designada Ordem da Torre e Espada, nome extinto em 1834: Presidência da República Portuguesa - História da Ordem Militar da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito.



Figura 107: Vista interior da primeira gaveta.

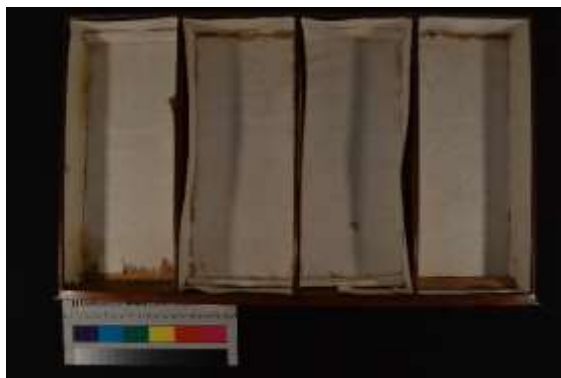


Figura 108: Vista interior da segunda gaveta (construtivamente igual à terceira e quarta gaveta).

Ainda que se trate de uma intervenção de conservação e restauro, é importante obter o máximo de interpretações dos dados que são obtidos através dos exames e análises, que serão realizados para proporcionar uma correta intervenção. Não tendo sido objeto de estudos anteriores, esses dados apresentam-se como uma oportunidade de estudo para o presente, e futuro, tanto sobre a sua caracterização histórico-artística, como material e técnica.

3.2 Caracterização histórico-artística

Este tipo de mobiliário surge da necessidade sentida de guardar objetos de valor e proporcionar um transporte seguro dos mesmos.

Os estojos são objetos de conter com a particularidade de que são definidos pela sua própria finalidade, ou seja, pela forma do objeto de valor que vão guardar, mas que devido à evolução da técnica e do design, neles investidos, e dos materiais utilizados, se tornaram, eles próprios, em objetos de valor. É um tipo de mobiliário que reflete a evolução da técnica e da produção no decorrer dos tempos, e, também, mostra o poder e a posição social de certos indivíduos (LUCIE-SMITH, 1990).

Estando denominado como estojo, a sua definição é paralela à de caixa e de arca, ou seja, são todos os objetos de conter, distinguindo-se o estojo, tal como já referido, pelo facto de estar definido pelo próprio objeto que vai conter. Num breve enquadramento histórico deste tipo de mobiliário, podemos remeter à época bizantina onde “*Existia um grande número de caixas com diferentes propósitos, desde os pequenos estojos de joias à arca de*

grande capacidade (...) tinham uma construção almofada, pintada ou marchetada com madeiras raras (...).” (OATES, 1993 p. 37). Na Idade Média, com o aumento da mobilidade, com viagens mais ou menos longas, havia a necessidade de transportar os mais diversos objetos pessoais. Nesse sentido, a necessidade de ter um mobiliário que sirva de transporte dos objetos pessoais torna-se um fator essencial e determinante para a evolução deste conceito móvel (OATES, 1993 p. 38).

O mobiliário português do século XIX apresenta um estilo eclético, um pouco devido à falta de rigor crítico e à falta de capacidade de caracterizar os estilos empregues (RIO-CARVALHO, 1993 p. 11). Nesta época, com o contato com o revivalismo romântico, reencontram-se os estilos mais antigos, e que foram mais significativos, em Portugal, o manuelino, e dos estilos que reinam por toda a Europa, como o classicismo.

O estojo está datado entre 1861 e 1889, mas, com o conhecimento da existência de dois estojos idênticos, ou quase iguais, foi necessário a realização do cotejo entre ambos (apêndice 13, p. 194), com vista a uma mais apurada definição do seu estilo artístico. Esses dois estojos pertenciam ao rei consorte D. Fernando II, pai do rei D. Luís I, tabelando o estilo destes entre 1836 e 1861 (período da criação dos estojos de D. Fernando II). Na segunda metade do século XIX, o mobiliário não foi, tecnicamente, tão elaborado como na primeira metade (LUCIE-SMITH, 1990), não obstante, o estojo apresenta fortes traços do estilo vitoriano, e, sabendo da existência das relações, tanto familiares como políticas, com a família real inglesa da época, esta seria uma opção viável para a sua caracterização estilística.

3.3 Caracterização iconográfica-iconológica

O estojo apresenta, na sua simplicidade decorativa, motivos vegetalistas nas abas laterais. Estas decorações (figura 109), apresentam linhas curvas e retas, distribuídas de forma simétrica e geométrica, havendo ainda, a aplicação de esgrafitado, com o possível intuito de visualização tridimensional. Na zona superior, é apresentado o monograma do rei D. Luís I (L. coroado) (figura 110).



Figura 109: Elemento metálico decorativo, embutido, presente em ambas as laterais.



Figura 110: Monograma do rei D. Luís I, presente no topo do estojo.

Apesar de não se saber ao certo qual o simbolismo destes elementos decorativos, encontramos semelhanças nos desenhos de José António Mourão, descrevendo este tipo de forma como “*modelos de fivelas à base de volutas e pequenas ornamentações fitomórficas*” (SOUSA, 2011 p. 30). No entanto, em termos visuais, o motivo central apresenta uma forma mais floral, podendo, sem intenção de identificação, olhar para as suas 4 pétalas, indicando um possível trevo, conhecido misticamente por sorte.

As quatro flores presentes nos cantos, não foram à data identificadas. No entanto, a possível semelhança às rosáceas não pode deixar de ser referenciada. Esta linha de pesquisa, juntamente com a memória visual e fotográfica, fez rever a fachada do Palácio das Necessidades onde, no topo, se situa uma estrela de 16 pontas. Por outro lado, temos ainda a possibilidade de uma alusão aos pontos cardeais, sabendo que o rei D. Luís I foi oficial da marinha. Mais acrescentamos, que, após a realização do cotejo com os estojos pertencentes ao rei D. Fernando II (apêndice 13, p. 194), se poderá encontrar no pormenor da decoração das abas do estojo de D. Luís I (figura 111), alusão às decorações hindu (figura 112), sendo que, por sua vez, no estojo de D. Fernando II (figura 113) os motivos apresentados poderão ter inspirações em motivos mouriscos (figura 114). Esta hipótese foi colocada tendo em conta a leitura das descrições sobre a decoração dos interiores do PNP²¹ (SCHEDEL, 2019), onde são visíveis algumas semelhanças de traços, juntamente com alguns desenhos, deixando aqui espaço para uma investigação futura mais aprofundada.

²¹ “(...) na comparação de imagens existe uma grande proximidade entre alguns padrões (...). Entre estes não se contam exclusivamente os modelos classificados como ‘mouriscos’ ou ‘árabes’, mas também (...) ‘Hindus’.”. Schedel p. 105.



Figura 111: Elemento decorativo do estojo do rei
D. Luís I.



Figura 112: Ornamentos decorativos de estilo hindu.
©“Hindoo nº 1”. Em *Grammar of Ornament*, p.180.



Figura 113: Elemento decorativo do estojo do rei
consoite D. Fernando II.

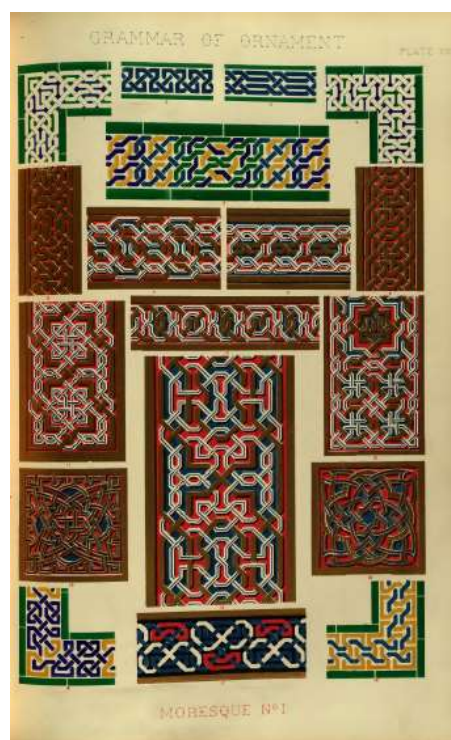


Figura 114: Ornamentos decorativos do estilo
mourisco. ©“Moresque nº 1”. Em *Grammar of
Ornament*, p.138.

3.4 Caraterização material e técnica

A caraterização material e técnica é uma parte fundamental para o estudo do objeto pois permite identificar possíveis ferramentas e métodos técnicos utilizados para a sua construção. Através de uma análise macroscópica, foram identificados apenas três tipos de materiais construtivos e decorativos, madeira, metal e papel, e, diferentes técnicas. Estas técnicas englobam a técnica de assemblagem, como a colagem, a aplicação de pregos e os encaixes, a técnica de embutido, entalhe, cinzelagem e o corte.

A estrutura exterior, ou seja, a caixa e as gavetas foram construídas em madeira de mogno (sendo que nas gavetas se encontra outra madeira não identificada) e, têm como decoração embutidos em metal, mais propriamente liga de latão (anexo 4, p. 141, 142), e papel como revestimento decorativo.

A primeira decoração é visível nos frisos curvos que contornam todas as arestas do estojo e nos frisos retos (embutidos), de menor espessura que os anteriores, que estão presentes nos planos retangulares (topo, laterais, porta e costas), nas duas abas centrais presentes nas laterais e no monograma na área superior, ambos embutidos, fixos por cola proteica (anexo 4, p. 243). Com uma porta de batente frontal, tem no seu interior 5 gavetas, as 4 primeiras forradas a papel com cola proteica (anexo 4, p. 244), sendo que a primeira apresenta uma tonalidade mais amarelada/acastanhada, diferente das outras, e, a quinta forrada a veludo de cor azul.

Relativamente às abas laterais e ao monograma, para além do corte delicado e geométrico, destaca-se a utilização da técnica de cinzelagem.

Sobre a assemblagem da caixa, não foi possível a sua caraterização, pois esta, encontrando-se com os elementos metálicos de decoração e proteção das arestas estáveis, não foi desmontada. Não obstante, coloca-se a seguinte hipótese: sendo perceptível nesses elementos marcas circulares, estas poderão indicar a presença de pregos (figura 115), que auxiliam a ligação entre os planos; a sua forma curva, o nivelamento entre o elemento metálico e a madeira, indica o contacto entre ambos na área interior, indicando uma possível utilização de adesivo como ligação. Na área interior podemos ver entrepanos horizontais, que definem o espaço onde as gavetas correm, tendo sido desbastadas diretamente da madeira, completando uma placa única (figura 116).



Figura 115: Pormenor dos elementos decorativos das arestas, onde são visíveis áreas circulares.

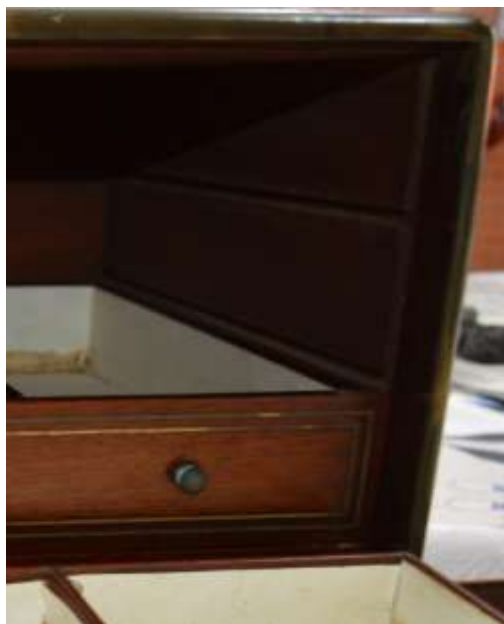


Figura 116: Entrepanos horizontais que definem o espaço onde as gavetas correm.

As gavetas são constituídas por quatro planos, a frente (com perspetiva saliente), dois lençóis e traseira, que se unem por encaixe macho-fêmea de formato de cauda de andorinha (figura 117) e ao fundo por pregos, ambos reforçados pela aplicação de adesivo (anexo 4, p. 245). Este tipo de encaixe é muito comum e é “*usada extensivamente nas ligações entre as extremidades as placas de madeira, umas às outras, como as laterais à parte da frente das gavetas*” (figura 118) (WILLIAMS, 1990 p. 31), criando mais resistência e estabilidade, impedindo que as superfícies dobrem (figura 119) (GRAUBNER, 1992 p. 136). A frente, de espessura superior às restantes laterais, apresenta oito frisos embutidos, que contornam as laterais, e dois puxadores aplicados por rosca.



Figura 117: Pormenor do encaixe macho fêmea, de formato de cauda de andorinha, da gaveta.



Figura 118: Exemplo do encaixe macho fêmea, de formato de cauda de andorinha. ©Marc Williams.

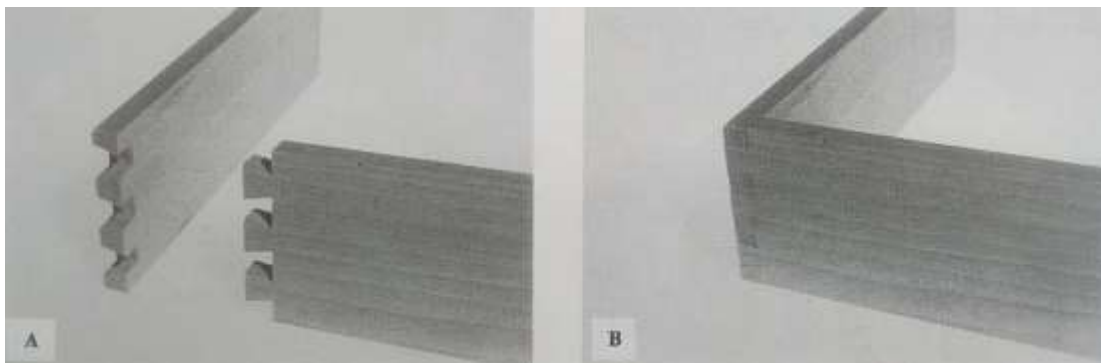


Figura 119: Exemplo do encaixe macho fêmea, de formato de cauda de andorinha. ©Wolfram Graubner.

No interior das gavetas, as travessas horizontais apresentam-se com as extremidades inseridas na parte anterior e posterior da gaveta por ligação furo e respiga, em formato triangular (figura 120), também estas reforçadas por aplicação de cola, já ressequida. Estas travessas, tendo em conta que em algumas partes o papel se encontrava em destacamento, apresentam uma numeração sequencial de construção. A cada uma delas foi atribuído um número que faz correspondência com o número de cada divisória (figuras 121-124), permitindo saber qual a sua localização correta durante a sua construção.



Figura 120: Pormenor do recorte triangular para o encaixe das travessas.

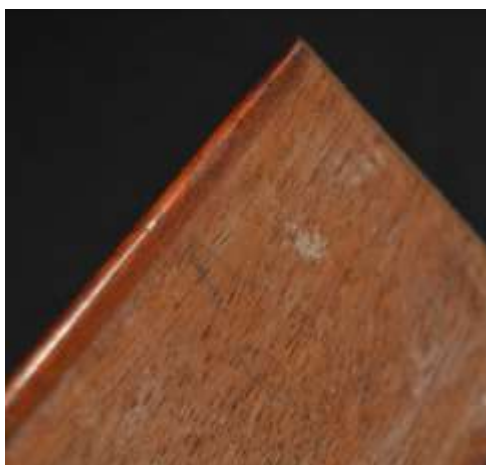


Figura 121: Travessa com o número "20".



Figura 122: Divisória com o número "20".



Figura 123: Travessa com o número "21".



Figura 124: Divisória com o número "21".

Por fim, o fundo das gavetas foi construído em elementos repartidos, apresentando tábuas unidas por aplicação de adesivo, ainda funcionais. Estes pormenores podem ser visíveis na última gaveta, tendo em conta que esta se encontra já em total destacamento da mesma. No entanto, em algumas gavetas, o fundo encontra-se com partes separadas, por quebra da colagem.

Após a remoção das gavetas da caixa, verificou-se a presença de um número sequencial de “6” a “9” (figura 125), começando pela primeira de cima, sendo que a última não tinha qualquer numeração exterior. Esta sequência, juntamente com o cotejo realizado aos dois estojos pertencentes a D. Fernando II, permite que seja colocada a hipótese de que existe, ou já existiu, um outro estojo (de D. Luís I) numerado de “1” a “5”.



Figura 125: Numeração das gavetas.

3.5 Caraterização do estado de conservação

Na ficha de inventário o estojo está caraterizado como tendo um estado de conservação regular, segundo os parâmetros de classificação estabelecidos pelo IPM (PINHO, 2000, p.55). Numa primeira visualização, o objeto assim o faz parecer, no entanto, aquando da abertura do mesmo e da visualização das gavetas, percebeu-se que o estado de conservação estaria num estado considerado mau, não afetando, no entanto, a sua estabilidade estrutural. De modo a compreender melhor o seu estado de conservação e, com auxílio de métodos de exame e análise mais adequados, foram realizados levantamentos de possíveis intervenções anteriores e de danos e patologias (apêndice 14, p. 196).

3.5.1 Intervenções anteriores

Quanto a possíveis restauros anteriormente realizados, e não se sabendo ao certo o seu percurso histórico, antes da transferência de 1956, aparentemente o objeto não terá sofrido grandes intervenções. Visivelmente, encontrou-se apenas um pormenor que aparenta ser de um restauro anterior junto do puxador da porta do estojo (figura 126). Através da fotografia com radiação ultravioleta (anexo 4, p. 246), onde se pretendia perceber se existia algum tipo de patologia não visível macroscopicamente, notou-se vestígios de adesivos na área frontal do lado direito e na área posterior. Estes estão presentes em áreas onde, atualmente, os frisos decorativos estão em falta, muito provavelmente como método para os prender.



Figura 126: Pormenor de um possível restauro antigo, junto ao puxador, frente.

3.5.2 Danos

Observando o objeto do exterior para o seu interior, este aparenta estar estruturalmente estável, apresentando apenas marcas derivadas do desgaste da camada de proteção, assim como sujidade superficial resultante da acumulação de poeiras. No topo do estojo encontramos um resíduo depositado não identificado (figura 127), e, na área inferior, a base que está em contacto constante com superfícies, apresenta marcas e abrasões profundas causadas pelo desgaste (figura 128).



Figura 127: Mancha de resíduo depositado não identificado.



Figura 128: Marcas e desgastes por abrasões.

Na decoração metálica, são visíveis manchas de oxidação e desgaste por abrasão em áreas significativas sabendo que a deterioração de um material metálico pode ocorrer como descrito por Vicente Gentil: “*deterioração de um material, geralmente metálico, por acção química ou eletroquímica do meio ambiente aliada ou não a esforços mecânicos.*” (GENTIL, 1987 p. 1). São visíveis destacamentos dos frisos de menor espessura, tanto na estrutura do estojo como nas gavetas (figuras 129 e 130).



Figura 129: Destacamentos e dobra dos frisos decorativos da porta. Fotografia de luz rasante.
©Rita Stoffel.



Figura 130: Destacamento e fratura de um dos frisos decorativos da última gaveta.

A origem destes destacamentos pode passar pela deterioração, consequência do envelhecimento, que é perceptível em alguns pormenores, da cola animal que, tendo em conta a alta percentagem de HR a que é sujeita, faz perder o ligante desses adesivos. Sendo esta cola de natureza proteica, perdendo as suas propriedades quando reaquecidas várias vezes, a temperatura também será um fator para a sua deterioração.

Este tipo de fenómeno de deterioração é também perceptível na estrutura das gavetas, entre a sua estrutura e o fundo (figura 131), sendo que no fundo existe uma tira na área posterior que também se encontra em destaque (figura 132). Este tipo de dano está presente em todas as gavetas.



Figura 131: Destacamento entre a estrutura da gaveta e o fundo.



Figura 132: Pormenor do destacamento do friso posterior do fundo.

A primeira gaveta apresenta uma lacuna, com fragmento localizado no canto superior direito e uma outra lacuna, sem fragmento, no puxador esquerdo (figuras 133), e a última uma fratura na área frontal (figura 134).



Figura 133: Lacuna e respetivo fragmento, presente na primeira gaveta.



Figura 134: Lacuna do puxador da primeira gaveta.

Para além da cola que foi utilizada para adesão da estrutura das gavetas com o fundo, foram também utilizados pregos. Estes não são visíveis na sua totalidade, no entanto, a presença de manchas causadas pela oxidação na madeira, visto que “*a madeira exposta à solução de ácidos e sais ácidos perde a sua resistência devido à hidrólise da celulose (...)*” (GENTIL, 1987 p. 1), e no papel interior e exterior, sinalizam a sua presença (figuras 135 e 136). Em algumas situações pontuais, os danos causados pela oxidação apresentam-se com a deterioração do papel, criando até algumas lacunas.



Figura 135: Papel com mancha causada pela oxidação do puxador da gaveta.



Figura 136: Lacuna e manchas no revestimento de papel causadas pela oxidação do puxador da gaveta.

Para além das lacunas visíveis desenvolvidas por causa-efeito da oxidação, também são perceptíveis lacunas e rasgões no papel exterior, devido ao desgaste por abrasão do contacto entre a madeira e o papel, por consequência da abertura das gavetas (figuras 137 e 138), inclusive, o papel exterior da primeira gaveta já só apresenta vestígios da sua existência. Também pelo presente contacto entre o papel e a madeira, o primeiro apresenta uma tonalização amarela, possível consequência da transferência de taninos.



Figura 137: Lacuna quase total do papel de revestimento da primeira gaveta.



Figura 138: Destacamento e rasgões do papel de revestimento da quarta gaveta.

Mais se acrescenta que a possível falta de material (em madeira) em algumas das divisórias das gavetas, se deve, primeiro, à existência deste detalhe nas outras divisórias (figura 139), e, segundo, pela forma como o papel que forra essa área se encontra com lacunas e rasgões (figura 140).



Figura 139: Na divisória à esquerda é visível a presença de um elemento revestido a papel que está em falta na divisória da direita.



Figura 140: Pormenor da lacuna e a falta de um elemento em madeira.

3.6 Metodologia de intervenção

3.6.1 Enquadramento e justificação

Após o levantamento do estado de conservação, segue-se o estabelecimento dos critérios de intervenção, sendo que terão um carácter conservativo e de restauro. Estes têm como base a metodologia de tratamento de Salvador Muñoz Viñas (VIÑAS, 2003), assim como os princípios éticos definidos pelo código de ética da E.C.C.O. (EUROPEAN, 2003). Durante todo o processo, estes princípios devem ser respeitados, assegurando os valores culturais do objeto, sendo este original e, provavelmente, único, com uma intervenção controlada de modo a não afetar os sinais da passagem do tempo. Será necessário que haja uma intervenção de carácter estrutural, para que seja devolvida a resistência física, tanto do suporte de madeira como do revestimento em papel.

Destacando o facto de haver algumas intervenções que podem estar suscetíveis a alterações, e outras a serem acrescentadas, caso necessário, respeitando a sua autenticidade e historicidade, e, após levantamento fotográfico e gráfico, considera-se a seguinte metodologia de intervenção:

Separação das partes constituintes do estojo: gavetas-estrutura (inclui a desmontagem da porta batente) – este processo é essencial tendo em conta que é necessário trabalhá-los em separado, permitindo um melhor manuseamento, e retirar o fundo que existe dentro da caixa;

3.6.1.1 Suporte de madeira

Gavetas:

- Remoção do papel de revestimento das gavetas: este processo irá permitir um melhor manuseamento e limpeza da madeira das gavetas, sem colocar em causa o papel de revestimento;

- Desmontagem estrutural das gavetas (salvo laterais que se encontrem com boa adesão): tendo em conta que o adesivo de ligação entre a estrutura da gaveta e o fundo perdeu as suas propriedades, esta desmontagem irá permitir a remoção dos pregos que se encontram em avançado estado de oxidação, causando dano, tanto à madeira, como ao papel de revestimento e, a remoção do adesivo ressequido;

- Preenchimento dos orifícios relativos à remoção dos pregos oxidados: estes orifícios serão preenchidos com uma pasta epóxida, tendo em consideração o tipo de madeira;

- Limpeza geral das sujidades superficiais e dos adesivos: após a remoção do revestimento em papel e da desmontagem, procede-se à remoção do adesivo ressequido, e à limpeza das sujidades superficiais, que inclui as manchas superficiais que ocorreram por transferência da oxidação dos pregos;

- Remoção, limpeza e proteção dos elementos metálicos das gavetas (frisos e puxadores): é visível a perda de adesão entre os frisos e a madeira, sendo por isso necessário retirá-los, removendo o adesivo ressequido, e, tendo em consideração o estado de oxidação, aplicar uma camada de proteção que permita retardar uma futura oxidação;

- Aplicação dos frisos e dos puxadores metálicos: este procedimento será realizado tendo em conta o tipo de adesivo antes utilizado (após retirar uma amostra que permita a identificação do mesmo);

- Montagem das gavetas: neste procedimento, como acontece com a colagem dos frisos decorativos, será aplicado o tipo de adesivo que se encontrava presente e, ainda, a colocação

de cavilhas de madeira (compatível com a já existente), em substituição dos pregos (evitando assim uma futura oxidação), assegurando uma maior resistência;

- Colocação do papel de revestimento: com o papel de revestimento tratado, a sua colocação será, também, de acordo com o adesivo anteriormente presente.

Caixa:

- Desmontagem da porta batente e da fechadura: de modo a poder retirar a tábua que se encontra como base de suporte à última gaveta, assim como para um melhor manuseamento da caixa, a porta batente terá de ser retirada, aproveitando para retirar a fechadura;

- Desmontagem e limpeza da tábua de fundo e do interior: numa análise macroscópica são visíveis sujidades por debaixo da tábua, sendo por isso essencial a sua desmontagem, para uma limpeza, tanto da tábua, como do interior da caixa;

- Remoção, limpeza e proteção dos elementos metálicos do interior: no fundo, são visíveis dois elementos metálicos que funcionam como molas à tábua de fundo e que se encontram bastante oxidados. A sua remoção e limpeza é essencial para devolver a sua estabilidade funcional;

- Remoção, limpeza e proteção dos frisos metálicos: os frisos metálicos encontram-se bastante oxidados, e, visto que o adesivo já perdeu as suas características de adesão, é preciso remover e limpar;

- Reconstituição dos frisos em falta e aplicação;

- Limpeza e proteção dos restantes elementos metálicos: tendo em consideração que os restantes elementos decorativos das arestas, das abas laterais e do monograma, se encontram estabilizados, não serão removidos. Apenas a limpeza das manchas derivadas da oxidação e, posteriormente, a proteção dos mesmos.

- Montagem dos elementos metálicos e da tábua do interior.

- Aplicação de camada de goma-laca como proteção e decorativa e respetivo polimento.

3.6.1.2 Papel decorativo de revestimento

- Limpeza e remoção das sujidades superficiais e manchas derivadas da oxidação: este procedimento passa pela remoção mecânica com borracha em bloco e *smoke sponge*, com bisturi; quanto à remoção das manchas derivadas do contacto com a oxidação dos pregos, estas serão removidas mecanicamente, com bisturi, visto que o estado de deterioração do papel naquelas áreas, física e quimicamente, o torna instável;
- Limpeza aquosa por imersão: nesta fase, o que não é possível ser removido através da limpeza mecânica, será removido, parcialmente, aqui, permitindo, simultaneamente, devolver parte da flexibilidade do suporte;
- Consolidação de rasgões e lacunas: este procedimento tem como objetivo a preservação física através do reforço das áreas fragilizadas; o restauro estético, preservando-o fisicamente através do reforço das zonas fragilizadas;
- Preenchimento de lacunas: apresenta-se com o objetivo de devolver leitura estética ao papel.

3.6.2 Tratamento da estrutura

3.6.2.1 Gavetas

O primeiro procedimento a ser realizado foi a remoção de todos os papéis de revestimento presentes em cada gaveta, permitindo um melhor manuseamento e limpeza das suas partes constituintes, suporte e revestimento. Após registo fotográfico geral de cada gaveta, o papel removido foi colocado, separadamente, identificando a que gaveta pertence, procedimento relativamente simples de efetuar. Tendo em conta que o adesivo perdeu as suas características, e que, cerca de 70% do papel se encontrava em destacamento, bastou a remoção do mesmo com o auxílio de uma espátula plana (figura 141). Relativamente aos restantes 30%, 10% são respeitantes a pequenas áreas que estavam em contacto direto com o adesivo de colagem entre madeiras e os outros 20% são relativos à primeira gaveta. Esta, apresentando um papel de coloração mais amarelada que os restantes, estava com uma adesão de 100% à madeira. Foi então necessário recorrer ao vapor de água (figura 142), com um teste prévio de solubilidade num dos cantos. A consistência deste adesivo, juntamente

com a cor, textura e viscosidade, aparenta ser cola de grude (tendo sido retirada uma amostra do mesmo), que até à data não foi identificada.



Figura 141: Remoção mecânica do papel da terceira gaveta, com auxílio de uma espátula plana.



Figura 142: Remoção do papel da primeira gaveta por via húmida, utilizando o vapor de água.

O processo de desmontagem estrutural das gavetas foi apenas parcial, passando pela separação da estrutura principal e do fundo, após se ter percebido que os pregos se encontravam num avançado estado de oxidação e estando partidos em duas partes, cabeça e corpo. Assim, e tendo em consideração que o adesivo presente se encontrava ressequido (necessitando de ser removido), o processo de desmontagem foi realizado com alguma facilidade. Para a separação da estrutura principal e do fundo foi necessário aplicar água tépida (em pachos e por injeção), para amolecer restos de adesivos que ainda se encontrassem em função, passando com uma espátula plana, e, exercendo alguma força no sentido vertical (figuras 143 e 144).



Figura 143: Aplicação de água tépida por injeção.



Figura 144: Força vertical exercida sobre o fundo da gaveta.

Após a separação, para a remoção da cabeça dos pregos, que se encontravam no fundo, foi utilizada uma pinça. Por outro lado, para retirar o corpo dos mesmos já foi preciso outro método, pois sempre que se tentava retirar com a pinça, estes desfaziam-se. Assim, foi

necessário o auxílio de um berbequim, com uma broca de 1,5 mm, para que fossem desbastados, havendo, no entanto, a desvantagem do desbaste da madeira, criando/provocando orifícios (figura 145). Apesar de não se saber a orientação física do corpo dos pregos, optou-se por dispensar a realização de raios X, pois a sua realização requeria mais do que uma vista. Seriam precisos pelo menos três, vista superior, vista lateral e vista posterior, totalizando 15 fotografias de raio X.

Os orifícios criados pela remoção dos pregos que se encontravam oxidados, foram preenchidos com pasta epóxida, uma mistura de 1 para 1 de Endurecedor HV427 e Araldite SV427 (figura 146).



Figura 145: Remoção dos pregos oxidados no fundo (à esquerda) e na estrutura da gaveta (à direita).



Figura 146: Preenchimentos das lacunas criadas pela remoção dos pregos.

Posteriormente, procedeu-se à limpeza geral das sujidades, que incluiu a limpeza de manchas na madeira provocadas pela oxidação dos pregos metálicos e dos adesivos ressecados. A limpeza das sujidades gerais acumuladas na superfície é um processo necessário à remoção de partículas que, ao longo dos anos, se foram aglomerando. Para além de contribuir para uma melhor leitura do objeto, previne qualquer tipo de deterioração que se possa vir a desenvolver. Foi então utilizado uma solução, previamente feita, de 2L de água destilada, 250mL de etanol, 1,5cl de Teepol® e 3cl de vaselina líquida. A água e o etanol,

por serem solventes polares, capazes de remover as poeiras, sendo que o último permite uma evaporação da solução, evitando que a água interfira o mínimo possível com o material, o Teepol®, por ser um detergente neutro apropriado para a limpeza de madeiras e, a vaselina líquida, por fornecer hidratação à madeira. Para a remoção de manchas foi utilizado um cotonete imbuído em ácido oxálico 50% (figura 147). No entanto, dada as suas características químicas, este produto provocou o clareamento em pequenas áreas da madeira, tendo sido necessário a aplicação de velatura, previamente preparada e utilizável, tendo em conta as características da madeira de mogno. Para a remoção dos adesivos foi apenas utilizada uma solução tépida de água destilada e etanol (50/50). Tendo em consideração a natureza higroscópica da madeira, o etanol irá fornecer uma rápida evaporação, não sendo prejudicial à madeira.



Figura 147: Mancha causada pelo contacto da madeira com o prego oxidado (à esquerda), e, pós remoção com ácido oxálico (à direita).

3.6.2.2 Caixa

Após retirar as gavetas, foi necessário proceder à desmontagem da porta batente, tendo em conta que esta serve, também, de travamento à tábua que serve de base de suporte à última gaveta. Esta desmontagem foi necessária, também, para se proceder à limpeza dos elementos metálicos, tanto os que servem de ligação à caixa, como os da fechadura, assim como para um melhor manuseamento da caixa. Os elementos metálicos que ligam a caixa à porta, mostraram-se mais danificados pela oxidação do que foi visível exteriormente (figura 148), sendo que este conjunto de elementos também terá de ser tratado, juntamente com os restantes. Ao retirar-se a fechadura, o espelho e o puxador, observou-se a presença de fungos na madeira (figura 149), tendo em conta que a madeira, tal como o papel, é um material celulósico, e, também, devido ao ambiente climático envolvente. Este tipo de

microrganismo, provavelmente também presente no revestimento de papel, “*são microrganismos do grupo dos fungos saprófitas, isto é, aclorofilados, necessitando portanto de matérias orgânica para nutrirem-se.*” (GUARNIERI, 1980 p. 11). Posto isto, foi necessário realizar um tratamento de erradicação/imunização utilizando Cuprinol®, que não tinha sido previsto na proposta de tratamento. Foi aplicado a trincha em todos os constituintes de madeira do estojo, selado dentro de um saco, deixando atuar por um período superior a 48 horas (figuras 150).



Figura 148: Elemento metálico oxidado.



Figura 149: Presença de fungos na madeira, por trás do puxador da porta.



Figura 150: tratamento de erradicação/imunização utilizando Cuprinol®, com aplicação a trincha.

Ainda antes deste tratamento, foi retirada a tábua que estava colocada no fundo da caixa, para que fosse possível remover a sujidade acumulada no seu interior e, ainda, para a limpeza da mesma, tendo esta sido tratada com os mesmos solventes que as gavetas. Acrescenta-se aqui o pormenor de que, ao retirar e virar esta tábua, se encontrou uma inscrição (figura 151).

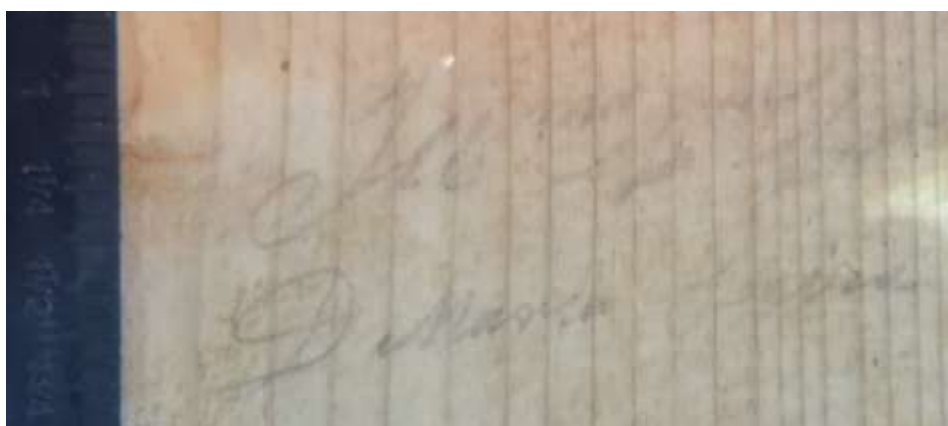


Figura 151: Inscrição na área inferior da tábua do fundo da caixa, onde será possível ler "*Ilma Exma Sra D Maria Luisa*".

3.6.3 Tratamento da superfície

A limpeza e remoção das sujidades superficiais passa pela ação mecânica, simples e rápida, mas sempre com especial cuidado e atenção, tendo em conta a fragilidade do material em questão. Com a trinchinha de cerdas macias (figura 152) removeu-se grande parte do pó e da sujidade superficial presentes, tendo sempre especial cuidado com as áreas mais fragilizadas. De seguida foi utilizada a borracha Staedtler Mars plastic²² em movimentos circulares e a *smoke sponge*²³ (figura 153) em movimento “toca e foge” de modo a não criar abrasões desnecessárias. Este procedimento mostrou-se eficaz na remoção da maioria das sujidades. Por sua vez, as manchas derivadas da oxidação dos pregos, foram removidas mecanicamente, com auxílio de bisturi. Dada a fragilidade física e mecânica do papel, toda a área da mancha foi removida.



Figura 152: Remoção de pó e sujidade superficial com trinchinha de cerdas macias.



Figura 153: Remoção de pó e sujidade acumulada com *smoke sponge*.

Sabendo que as moléculas da água dilatam os constituintes que compõem o papel, a limpeza aquosa por imersão foi um procedimento essencial à remoção de sujidades solúveis e de outras que não foram conseguidas na limpeza mecânica. Assim, após a realização de um teste de solubilidade de uma amostra do papel, procedeu-se à lavagem de um papel de menor dimensão (figura 154), que se encontrava solto, não havendo qualquer tipo de alterações estruturais. Dada a fragilidade deste material, foram realizadas três lavagens, cada uma com duração de 10 minutos, sendo que, na terceira, se verificou que já não havia qualquer tipo de remoção de sujidade. Assim, será apenas necessário realizar a lavagem duas vezes.

²² Borracha branca, de PVC, alcalina, apresentando-se mais estável para a remoção de sujidades.

²³ Borracha feita a partir de borracha natural vulcanizada.

Juntamente com a lavagem, foi apropriado medir o pH (figura 155), primeiro da água limpa e, depois, da água suja, tendo-se comprovado que não houve alterações significativas, tanto no pH da água limpa como da água suja.



Figura 154: Teste de solubilidade de uma amostra de papel do revestimento.

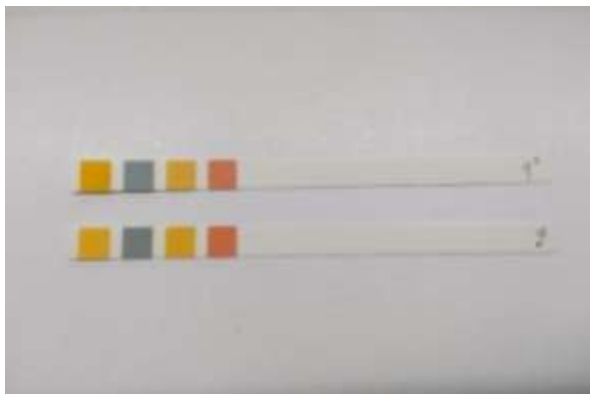


Figura 155: Teste de pH da água, antes (1º) e depois (2º) da lavagem.

A lavagem, sendo um procedimento intrusivo, coloca o papel desprovido de encolagem. Assim, após a lavagem, foi aplicada encolagem mas, apenas no verso do papel, visto que na frente se encontra um tipo de carga, que protege o papel e, também, do futuro contacto com a madeira.

Por fim, a consolidação foi realizada através do reforço das áreas fragilizadas, tais como rasgões e lacunas, sendo sempre aplicada pelo verso (figuras 156 e 157). Tendo em consideração as características do papel de revestimento, como a sua textura, a espessura, a cor e a transparência, foi utilizado o papel *Tengujo Kashemir*, um tipo de papel japonês que é utilizado em várias intervenções de documentos gráficos devido à sua estabilidade, características de fibras e resistência, que permite uma ligação adequada ao suporte. O adesivo utilizado para este procedimento foi a TyloseTM MH²⁴ a 4% de concentração pois tem a vantagem de ser solúvel em água, podendo ser reversível. Este é aplicado com um pincel espatulado no papel de consolidação, apoiado num papel mata-borrão, sendo depois transportado com uma pinça espatulada para o papel de revestimento. Esta aplicação no papel mata-borrão, permite controlar a quantidade que é aplicada, evitando os brilhos provenientes do excesso de adesivo.

²⁴ Éter de celulose (metilcelulose), estável e reversível, com a vantagem de não penetrar tanto no suporte, como por exemplo a cola de amido, e, por isso, com menor interação da humidade. WILT, M – Evaluation of cellulose ethers for conservation.

Para o preenchimento, agora realizado pela frente do papel de revestimento, todo o procedimento é igual à consolidação, à exceção do papel utilizado (figura 158). Tendo em consideração todas as características necessárias, foi utilizado o papel Mulbery (17,5g/m²), que é bastante resistente e tem a vantagem de poder ser tonalizado, neste caso em particular, com tinta acrílica de cor terra siena natural e castanho vandyke.



Figura 156: Consolidação de rasgões. Antes (à esquerda), e depois (à direita).



Figura 157: Consolidação de lacunas, pelo verso, como base estrutural ao preenchimento. Figura 158: Preenchimento de lacunas.

Considerações finais

Como primeira referência, a realização deste estágio curricular em contexto empresarial, trouxe muitos desafios, mas, também, diferentes conhecimentos enriquecedores, quer em contexto pessoal, quer académico e profissional. A localização geográfica do PNP, o grande fluxo turístico, a importância de equilibrar esse fluxo com as tarefas realizadas em percurso expositivo e o conhecimento da designação correta desses espaços, foram os principais desafios/dificuldades encontrados em grande parte desta primeira fase de estágio. No entanto, com o desenvolvimento das aptidões adequadas, com o acompanhamento e conhecimentos prestados pela equipa de profissionais, esses desafios foram ultrapassados e contribuíram para o desenvolvimento da capacidade de tomada de decisões oportunas, fundamentadas em metodologias e conhecimentos teóricos, sempre com a preocupação da aplicação no contexto do palácio, pela preservação e pelo cuidado dum acervo tão rico como o do PNP.

A primeira tarefa a ser realizada foi a marcação dos números de inventário, tanto em espaço expositivo como na reserva de cerâmica e vidro, sendo, em particular, a tarefa que mais desafios colocou durante a primeira fase de estágio. Primeiro, por uma questão de logística, a movimentação das cadeiras em espaço expositivo era realizada pela manhã, evitando o fluxo de visitantes, pois, para além do manuseamento do objeto, este tipo de trabalho *in situ*, requer o transporte dos materiais necessários à marcação dos números. Apesar disso, por questões de agenda, nem sempre foi possível realizar esta tarefa nesse horário, sendo que foi inevitável a passagem pelo fluxo de visitantes, em diferentes horas do dia. Segundo, pelo tempo de secagem que os materiais empregues necessitam, considerando que o clima húmido da Serra de Sintra contribui para um maior tempo de espera. Terceiro, pelo erro de escrita, desvanecimento ou, até mesmo, o arrasto da tinta por causa da segunda camada de proteção, que foi algumas vezes aplicada, tendo como consequência a necessidade de repetir esta intervenção desde o início. No entanto, e apesar destes desafios, esta tarefa foi concluída dentro do período da primeira fase.

Paralelamente a esta tarefa, foram realizadas outras tarefas, uma das quais a monitorização ambiental dos espaços expositivos e de reservas, realizada mensalmente. Existem termohigrógrafos distribuídos por 10 espaços que fazem as leituras da humidade relativa e

da temperatura. Foi providenciado o acesso a todos os registos, com a possibilidade de continuar estes registos individualmente, sempre com o acompanhamento do responsável.

Devido à sua posição geográfica, o microclima que a Serra de Sintra proporciona ao PNP, faz com que este tipo de monitorização seja essencial para tomar nota de oscilações bruscas que possam ser prejudiciais ao acervo. Os registos que existem começaram em abril de 2015 e foram sofrendo alterações nas suas localizações. Considerando todos os espaços, optou-se pela análise comparativa das medições realizadas entre a antiga e a atual localização da reserva documental, comprovando-se e justificando-se que a alteração da localização foi apropriada. Foi também realizada uma segunda análise comparativa, entre dois períodos temporais, antes e depois das intervenções que concluíram o arranjo de janelas e portas nos espaços onde se inclui o Quarto do rei D. Carlos I, não tendo havido, neste caso, alterações consideráveis.

No que diz respeito às melhorias de condições de reservas, apesar da tarefa de organização da reserva do Torreão não ter sido concluída por motivos de incompatibilidade de agenda, foi possível reorganizar os objetos, embalagens e a respetiva limpeza superficial. Ainda assim, neste espaço, procedeu-se à observação dos tabuleiros que contêm fragmentos de vários objetos. Em resultado dessa observação, conjugada com a observação diária do restante acervo, foi possível fazer corresponder esses mesmos fragmentos, resultando numa lista de 234 fragmentos. Esta lista tem como finalidade, não só o conhecimento da existência desses mesmos fragmentos, mas também e, em especial, poder tornar-se numa ferramenta útil de localização direta do fragmento que pertença a um objeto com lacunas que sai para intervenção de conservação e restauro.

Ainda dentro das melhorias de condições de reservas, foi também possível o planeamento e a construção de 10 embalagens para o acondicionamento de diferentes objetos, com o propósito de os colocar na RCV. Esta tarefa teve o apoio da responsável pelas reservas da PSML, Joana Amaral.

Por fim, a higienização dos espaços do acervo e dos objetos revelou-se uma tarefa exaustiva, mas gratificante. Aqui, a limpeza passou essencialmente pelos espaços expositivos e, em conjunto com a equipa de limpeza, foi possível limpar todos os espaços de uma forma mais prática, estando essa equipa dedicada à limpeza das sujidades das janelas, portas e de superfícies de área superior, enquanto fazíamos a limpeza dos restantes objetos, de maior e

menor dimensão, mais ou menos frágeis. A limpeza incluiu, também, a aspiração dos têxteis, nomeadamente cadeirões, decorações das janelas, camas e mesas. Neste ponto, o mais desafiante foi equilibrar esta tarefa com a passagem dos visitantes nos espaços que não eram completamente fechados ao percurso. Na grande maioria dos espaços, as limpezas são feitas entre baias, onde os visitantes fazem o percurso de visita normalmente, sendo necessário pausar o percurso para a movimentação e manuseamento dos objetos por, pelo menos, duas pessoas. Dada a prioridade de outras tarefas, esta iria ser concluída, apenas posteriormente a esta primeira fase de estágio.

Para além destas tarefas, foi ainda dada a possibilidade de desenvolver e assistir a outros trabalhos, tanto no PNP, como no Chalet da Condessa d'Edla e no Palácio de Monserrate. Destes trabalhos destacam-se a intervenção realizada nos assentos em palhinha, o acompanhamento de visitas técnicas por parte de conservadores restauradores externos, assim como a saída e entrada de objetos, tanto por motivos de restauro como de novas aquisições.

Deste modo, a primeira fase do estágio, em contexto empresarial, trouxe novos conhecimentos essenciais à compreensão de uma área menos explorada durante todo o percurso académico. Apresenta-se com um ritmo próprio e exigente, com desafios diários encontrados numa logística e coordenação entre a preservação de todo o acervo e os visitantes, entre priorizar os trabalhos que estão em curso com outros trabalhos que surgem com carácter prioritário.

Na segunda fase do estágio, estive em intervenção o Estojo para as Ordens Honoríficas do rei D. Luís I, incorporado no PNP por transferência em 1956. Esta fase viria a ser mais complexa do que inicialmente esperado, tendo em conta os desafios encontrados, alheios à intervenção de conservação e restauro.

Durante o levantamento do seu estado de conservação foram observados vários pormenores que suscitaram várias questões, que não puderam ser respondidas, como a possibilidade de existir, ou ter existido, um outro estojo, fazendo par com este, o porquê, e quando, da alteração da primeira gaveta de quatro, para três divisórias, e da última, de duas divisórias para a colocação de uma tábua entalhada com o negativo de dois colares honoríficos, e, também, qual o significado concreto das decorações presentes nas abas laterais. Outra das questões que surgiu foi acerca da identificação do segundo colar entalhado na última gaveta,

cujas respostas foram possíveis obter através do contacto com Paulo Jorge Estrela, especialista em falerística, que identificou o colar como pertencente à Ordem da Santíssima Anunciada, recebida pelo rei, ainda infante, em 1855.

Assim, esta intervenção que aparentava ser simples, veio demonstrar a sua complexidade considerando o avançado estado de oxidação e deterioração dos pregos das gavetas, havendo a necessidade de os remover por completo.

Por fim, é importante referir que, apesar de não ter sido possível dar por concluída a intervenção do objeto a tempo da finalização do presente relatório, a mesma será continuada, acompanhada pelo estudo histórico do mesmo, com especial interesse na descoberta da possível existência do par deste estojo.

Referências Bibliográficas

ALARCÃO, Catarina - Prevenir para preservar o património museológico. **MUSEAL - Revista do Museu Municipal de Faro**. ISSN: 1646-4202. n.º 2 (2007), pp. 8-34.

AMBRÓSIO, Luísa - O Património e a massificação do turismo. In **Pedra & Cal, Conservação e Reabilitação**. Lisboa : GECORPA - Grémio do Património, 2016, Vol. 60, pp. 30-31

APPELBAUM, Barbara - **Conservation Treatment Methodology**. Oxford : Butterworth-Heinemann, 2007. ISBN 1453682112.

APPELBAUM, Barbara - Criteria for treatment: reversibility. **Journal of the American Institute for Conservation**. ISBN 01971360. Vol. 26, n.º 2 (1987) 65-73.

APPELBAUM, Barbara - **Guide to Environmental Protection of Collections**. Madison : Sound View Press, 1991. ISBN 0-932087-16-7.

BROKERHOF, Agnes W., KEMP, Janien e BULOW, Anna E. - **Value management scan: Setting priorities in management and care of collections**. 4-8 de Setembro de 2017.

CAETANO, Maria Teresa - Sintra, entre a Serra e a Vila: História, Património e Paisagem. In **Cadernos de Património: Série História & Arte**. Sintra : C.M. Sintra, 2006. Vol. 2. pp. 11-22.

Câmara Municipal de Sintra - **Plano Verde do Concelho de Sintra: 2ª fase**. Sintra : s.n., 2008.

CAPLE, Chris - **Preventive conservation in museums**. Oxford : Routledge, 2012. ISBN 9780415579704.

CUÑARRO, José Manuel Hidalgo - **Actas del Coloquio Internacional sobre conservación preventiva de bienes culturales**. Vigo : Diputación Provincial de Pontevedra, 1997. ISBN 84-89690-14-6.

DOMINGOS, Sónia Isabel Sequeira - **Microclimatologia do Município de Sintra com base em estações meteorológicas**. Lisboa : Faculdade de Ciências, 2008. Tese de Mestrado

European Confederation of Conservator-Restorers'Organisations - **E.C.C.O. Directrizes profissionais (II): Código de Ética**. Bruxelas, 2003

EDSON, Gary - **Museum Ethics**. Nova Iorque : Routledge, 1997. ISBN 0-415-15290-9.

FERREIRA, Cláudia, FREITAS, Vasco Peixoto de e RAMOS, Nuno M. M. - Qualificação da influência de materiais higroscópicos na flutuação da humidade relativa em museus instalados em edifícios antigos. **In Pedra & Cal, Conservação e Reabilitação**. Lisboa : GECORPA - Grémio do Património, 2015, Vol. 58 | 1.º Semestre, pp. 22-25.

GENTIL, Vicente - **Corrosão**. Rio de Janeiro : Guanabara S.A., 1987. ISBN 85-7030-024-7.

GOMES, Maria Fernando, et al. - As Condições das Reservas Museológicas: Estudo Internacional e Nacional. **Estudos de Conservação e Restauro**. Porto : Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes (CITAR) - Universidade Católica Portuguesa - Centro Regional do Porto, 2016,. ISSN 1647-2098. pp. 36-58.

GOMES, Mário de Azevedo. **Monograma do Parque da Pena - Estudo Dendrológico-Florestal (1960)**. Reedição da PSML. Sintra : Parques de Sintra - Monte da Lua S.A., 2011. ISBN: 978-989-95904-8-9.

GONÇALVES, Sara Filipa Ferreira. **Palácio Nacional da Pena: contributos para o estudo dos seus interiores e das alterações do respetivo acervo (1910-1940)**. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas: Departamento de História, 2018. Tese de Mestrado.

GRAUBNER, Wolfram - **Encyclopedia of Wood Joints**. Newtown : The Taunton Press, Inc., 1992.

GUARNIERI, Alice Camargo - **Notas sobre o mofo nos livros e papéis**. 2.ªed. São Paulo : Museu da Indústria, Comércio e Tecnologia de São Paulo, 1980.

HENDERSON, Jane e WALLER, Robert - Effective preservation decision strategies. **Studies in Conservation**. Routledge. ISSN: 0039-3630. Vol. 61, n.º 6 (2016), pp. 308-323.

Instituto dos Museus e da Conservação - **Colecção Temas de Museologia: Plano de Conservação Preventiva. Bases orientadoras, normas e procedimentos**. 1ª. Lisboa : Instituto dos Museus e da Conservação, 2007. ISBN 978-972-776-322-1.

Instituto Português de Museus - **Colecção Temas de Museologia**. 1ª. Lisboa : Instituto Português de Museus, 2004. p. 151. ISBN 972-776-232-8.

JONES, Owen - **Grammar of Ornament**. London : Day and Son, 1855.

JR., José Luiz Pedersoli, ANATOMARCHI, Catherine e MICHALSKI, Stefan - **Guia de Gestão de Riscos para o Património Museológico**. Roma : IBERMUSEUS, ICCROM, 2017. ISBN 978-92-9077-270-5.

LLOYD, Helen e LITHGOW, Katy - Planning and managing housekeeping. **In The National Trust Manual of Housekeeping: Care and Conservation of Collections in historic houses**. Londres : Butterworth-Heinemann, 2011, pp. 114-123.

LOPES, Maria Antónia - A educação dos príncipes nas três últimas gerações da família real portuguesa. **In A educação dos príncipes, nas colecções do Museu-Biblioteca da Casa de Bragança**. Vila Viçosa : Fundação da Casa de Bragança, 2017, pp. 11-21.

LOPES, Maria Antónia - **D. Fernando II - Um rei avesso à política**. Lisboa : Temas&Debates, 2016. ISBN 978-989-644-427-3.

LOPES, Maria Antónia - Maria Pia de Sabóia (1847-1911), Rainha de Portugal: Um pilar da monarquia portuguesa e das relações Portugal- Itália. **In Portugal e o Piemonte: A casa real portuguesa e os Sabóias**. Coimbra : Impresa da Universidade de Coimbra, 2012, pp. 239-299.

LUCIE-SMITH, Edward - **Furniture. A Concise History**. London : Thames and Hudson, Ltd, 1990. ISBN 0-500-20172-2.

LUXFORD, Naomi, STRLIC, Matija e THICKETT, David - Safe display parameters for veneer and marquetry objects: A review of the available information for wooden collections. [ed.] IIC. **Studies in Conservation**. Vol. 58, n.º 1 (2013), pp. 1-11.

MONTEIRO, Sara Costa - **À Mesa Real no Palácio Nacional da Pena e no Chalet da Condessa d'Edla**. Lisboa: Universidade de Letras Faculdade de Lisboa, 2018. Tese de Mestrado.

NETO, Maria João - **Monserate Revisitado - A coleção Cook em Portugal**. Sintra : Caleidoscópio, 2017. ISBN 9789896584818.

NÓBREGA-THERRIEN, Sílvia e THERRIEN, Jacques - **Estudos em Avaliação Educacional. Trabalhos científicos e o Estado da Questão: Reflexões teórico-metodológicas**. s.l. : Fundação Carlos Chagas. Vol. 15, n.º 30 (2004), pp. 5-16.

OATES, Phyllis Bennet - **História do Mobiliário Ocidental**. Londres : The Herbert Press, 1993. ISBN 1-871569-59-1.

Parques de Sintra - Monte da Lua, S.A. - **Pontos de Atração. Restauro do Chalet da Condessa d'Edla**. [Em linha]. Sintra: Parques de Sintra - Monte da Lua, S.A. [Consult. 23 de abril de 2019]. Disponível em WWW:<URL: <https://www.parquesdesintra.pt/pontos-de-atracao/restauro-do-chalet-da-condessa-d-edla/>

Parques de Sintra - Monte da Lua, S.A. - **Reintegração das áreas de pintura decorativa salvaguardada - Chalet da Condessa d'Edla**. [Em linha] [Consult. 23 de abril de 2019]. Disponível em Disponível em WWW:<URL: <https://www.youtube.com/watch?v=ZqbJ-xXjE0w>

Parques de Sintra - Monte da Lua, S.A. - **Sobre nós**. [Em linha]. Sintra: Parques de Sintra - Monte da Lua, S.A [Consult. 20 de abril de 2019]. Disponível em WWW:<URL: <https://www.parquesdesintra.pt/tudo-sobre-nos/sobre-nos/>

Parques de Sintra - Monte da Lua, S.A. - **Proprietários e construtores de Monserrate**. Sintra: Parques de Sintra - Monte da Lua, S.A [Consult. 24 de abril de 2019]. Disponível em WWW:<URL: <https://www.parquesdesintra.pt/pontos-de-atracao/proprietarios-e-construtores-de-monserrate/>

PEREIRA, António Nunes - Traços do Romantismo Inglês na Serra de Sintra: A Quinta de Monserrate. In **Monserrate Revisitado - A coleção Cook em Portugal**. Sintra : Caleidoscópio, 2017. ISBN 9789896584818. pp. 30-41.

PEREIRA, António Nunes, OLIVEIRA, Nuno e MARTINS, Ana Oliveira - **Palácio Nacional da Pena, Guia Oficial**. 1ª.ed. Sintra : Parques de Sintra - Monte de Lua, S.A., 2016. ISBN 978-1-85759-954-1.

PINHO, Elsa Garrett e FREITAS, Inês da Cunha - **Normas de Inventário: Normas Gerais - Artes Plásticas e Artes Decorativas**. 2.ªed. Lisboa : Instituto Português de Museus, 2000. ISBN 972-776-038-4.

Presidência da República Portuguesa - **História da Ordem Militar da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito**. [Em linha]. Lisboa: Presidencia.pt. [Consult. 10 de junho de 2019]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.ordens.presidencia.pt/?idc=117>

ROCHA, Manuela, MARTINS, João Sarrazola e CORTESÃO, Luís - **Palácio de Monserrate, Sintra, Portugal. Conservação e Restauro da Biblioteca**. La Plata, Buenos Aires, Argentina : s.n., 2009. 1er. Congreso Iberoamericano y VIII Jornada "Técnicas de Restauración y Conservation del Património".

R. W. Sydmonds, B. B. Whineray - **Victorian Furniture**. London : Studio Editions, 1987. ISBN 1-85170-144-3.

RIBEIRO, José Cardim - **Sintra - Património da Humanidade**. Sintra : Câmara Municipal de Sintra, 1998. DL: 123691/98.

RIO-CARVALHO, Manuel - **Revivalismos e ecletismos. História da Arte em Portugal: Do romantismo ao fim do século**. Lisboa : Publicações Alfa, 1993, Vol. 11, pp. 11-28.

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz - **Iniciação à Museologia**. Lisboa : Universidade Aberta, 1993. ISBN 972-674-104-1.

SANTOS, Joaquim Rodrigues dos - **O Real Paço Acastelado da Pena em Sintra: Edificação de Castelos Neomedievais Oitocentistas**. Arcos de Valdevez : s.n., 2013, Actas do III Congresso Internacional: Casa Nobre - Um Património para o Futuro, pp. 805-822.

SCHEDDEL, Mariana - **Palácio da Pena 1839-1855 - Casa de D. Fernando de Saxe-Coburgo**. Sintra : Caleidoscópio, 2019. ISBN 978-989-658-570-9.

SILVA, Maria de Fátima Matos da e PEREIRA, António Manuel Borges - Conservação Preventiva em Museus Regionais e Municipais: A importância da formação. **In Anuário do Património - boas práticas de conservação e reabilitação**. Rio de Mouro : Canto Redondo, 2014, 2, pp. 64-71.

SILVA, Raquel Henriques da - Arquitecturas de Veraneio. **In Estudos/Património**. Lisboa : IPPAR, 2004, 7, pp. 4-10.

SIMÕES, Teresa - **O sítio neolítico de são pedro de canaferrim**. 1, Gavà, Bellaterra : Rubricatum, 1995, Vol. 1, pp. 329-336.

SOUSA, Conceição Borges de, et al - **Plano de Conservação Preventiva: Bases orientadoras, normas e procedimentos.** [ed.] Instituto dos Museus e da Conservação. 1.^a. Lisboa : TEXTYPE, 2007. ISBN 978-972-776-322-1.

SOUSA, Maria da Conceição Borges de e BASTOS, Celina - **Normas de Inventário: Mobiliário - Artes Plásticas e Artes Decorativas.** 1.^aed. Lisboa : Instituto Português de Museus, 2004. ISBN 972-776-186-0.

STANIFORTH, Sarah - **Historical Perspectives on Preventive Conservation.** Los Angeles : Getty Conservation Institute, 2013. ISBN 978-1-60606-142-8.

STEFAN Michalski, José Luiz Pedersoli Jr. - **The ABC Method: A risk management approach to the preservation of cultural heritage.** Ontario : CCI; ICCROM, 2016. ISBN 978-0-660-04134-6.

TÉTREAULT, Jean - **Agent of Deterioration: Pollutants.** Canadian Conservation Institute. [Online] 18 de maio de 2018. [Consult. 20 de maio de 2019.] Disponível em WWW:<URL: <https://www.canada.ca/en/conservation-institute/services/agents-deterioration/pollutants.html>.

TÉTREAULT, Jean - **Products Used in Preventive Conservation - Technical Bulletin 32.** Canadian Conservation Institute. [Online] [Citação: 20 de maio de 2019.] Disponível em: WWW:<URL: <https://www.canada.ca/en/conservation-institute/services/conservation-preservation-publications/technical-bulletins/products-used-preventive-conservation.html#a2b>.

THOMSON, Garry - **The Museum Environment.** Oxford: Butterworth-Heinemann, 1986. ISBN 0 7506 2041 28

TORRE, Marta de la - Estrategias de conservación preventiva: el papel del restaurador/conservador. In **Actas del Coloquio Internacional sobre conservación preventiva de bienes culturales.** Vigo : Diputación Provincial de Pontevedra, 1997, pp. 13-18.

UMNEY, Nick e RIVERS, Shayne - **Conservation of Furniture.** 2.^aed. Oxford : Butterworth-Heinemann, 2003. ISBN 0-7506-09583.

VASCONCELOS, Maria Antónia - **A Monarquia Portuguesa. Reis e Rainhas na história de um povo.** 1.^aed. Lisboa : Selecções do Reader's Digest, 1999. ISBN 972-609-261-2.

VIÑAS, Salvador Muñoz - **Teoría contemporánea de la Restauración.** Madrid: Editorial Sínteses, S.A., 2003. ISBN M-37794-2010

WARD, Philip - **The Nature of Conservation - A Race Against Time.** Marina del Rey: Getty Conservation Institute, 1986. ISBN 0-941103-00-5

WILLIAMS, Marc A - **Keeping It All Together. The Preservation and Care of Historic Furniture.** Ohio : Ohia Antique Review, 1990. ISBN 0-9603290-1-3.

Apêndices

Apêndice 1 – Plantas dos pisos com espaços legendados.

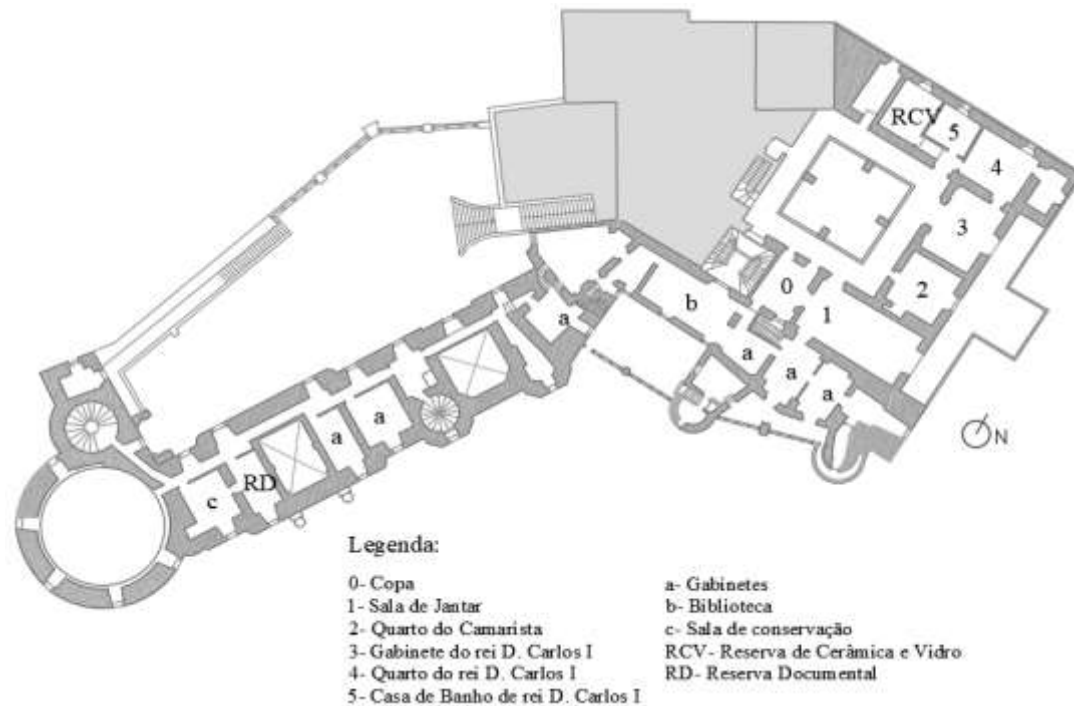


Figura 159: Piso 1 com os espaços legendados. Planta ©PSML, sem escala.



Figura 160: Piso 2 com os espaços legendados. Planta ©PSML, sem escala.

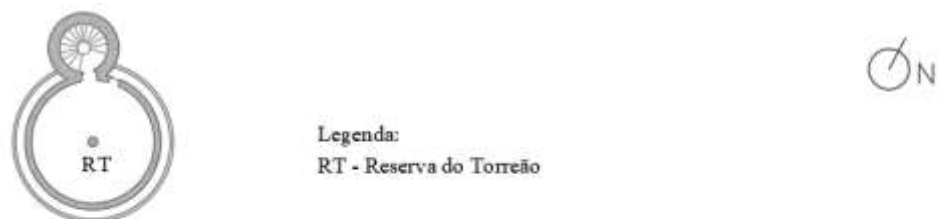


Figura 161: Piso 4 com os espaços legendados. Planta ©PSML, sem escala.



Figura 162: Piso térreo com os espaços legendados. Planta ©PSML, sem escala.

Apêndice 2 – Localização das cadeiras para marcação de número de inventário

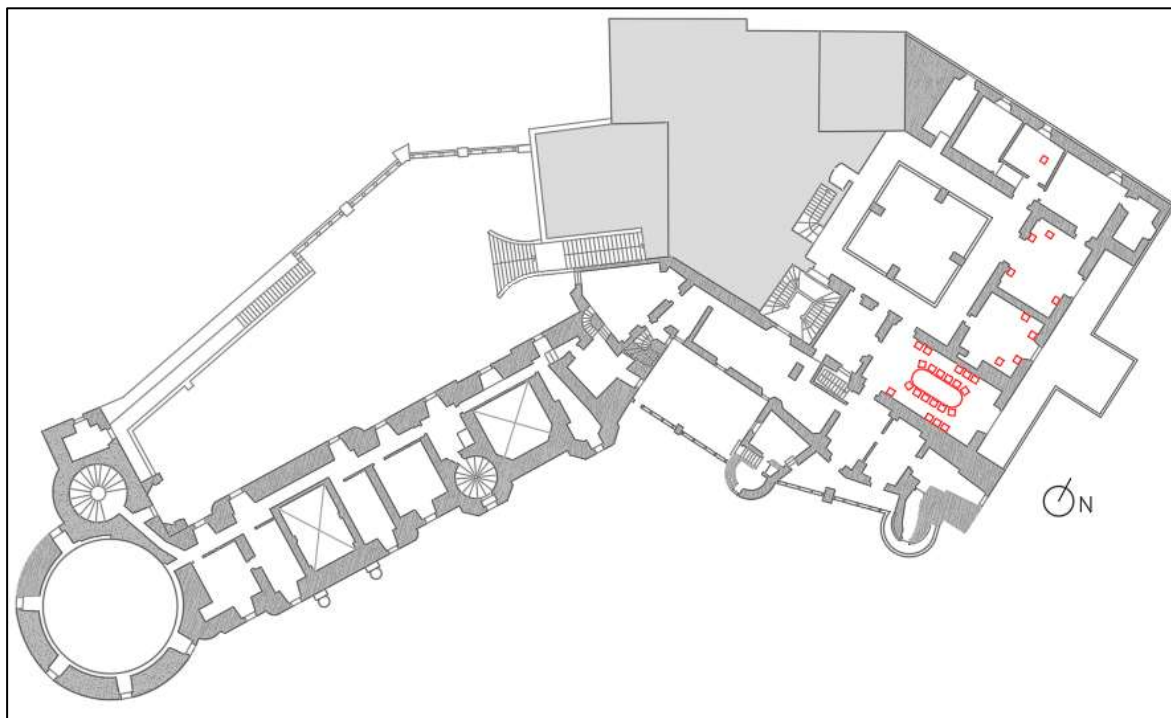


Figura 163: Piso 1 com a localização das cadeiras. Planta ©PSML, sem escala.



Figura 164: Piso 2 com a localização das cadeiras. Planta ©PSML, sem escala.

Apêndice 3 – Caixas com o número de inventário por marcar

Números de inventário (por marcar)										
Prateleiras	1		2				3	4	5	
A	Caixa 045 → PNP 29/3 (ver caixa 045)									
B	Caixa 011 ✓		Caixa 136 ✓	Caixa 137 ✓	Caixa 138 ✓					
	PNP31/14 M.	PNP32/31 M.	PNP23/122 N	PNP23/123 N	PNP23/205					
	PNP31/15 M.	PNP32/32 M.	PNP23/124 N	PNP23/147 N	Caixa 078 ✓					
	PNP31/16 M.	PNP32/33 M.	PNP23/151 N	PNP23/150 N	PNP23/100					
	PNP31/17 M.	PNP32/34 M.	PNP23/152 N	PNP23/155 N						
	PNP31/18 M.	PNP32/35 M.	PNP23/154 N	PNP23/156 N						
	PNP31/20 M.	PNP32/36 M.	PNP23/160 N	PNP23/157 N						
	PNP31/22 M.	PNP32/37 M.	PNP23/252 N	PNP23/159 N						
	PNP31/23 F	PNP32/38 M.								
	PNP32/3 M.	PNP32/39 M.								
	PNP32/4 N	PNP32/40 M.								
	PNP32/29 M.	PNP32/41 M.								
	PNP32/30 M.	PNP32/42 M.								
C			Caixa 094	Caixa 035 ✓					Caixa 308 (ver caixas 307, 309-10)	
			PNP890/11 M.	PNP320					PNP1126 ou	
			PNP890/12 M.	Caixa 019 ✓					PNP2313	
			PNP890/15 M.	PNP231083					Caixa 309 (ver caixas 307-8, 310)	
			PNP890/16 M.						PNP1126 ou	
			PNP890/28 C. 23						PNP2313	
			PNP890/29 C. 23							
D	Caixa 140 ✓		Caixa 038 ✓	Caixa 159 ✓	Caixa 060.2 ✓	Caixa 009 ✓				
	PNP74/1 N	PNP23/005 N	PNP2126/13 M.	PNP23/218 N	PNP2124/1 M.	PNP29/4 M.	PNP2669/3 M.			
	PNP74/2 M.	PNP23/007 N	PNP2126/14 M.	PNP23/220 M.	PNP2124/3 M.	PNP29/5 M.	PNP890/17 M.			
	PNP23/001	PNP23/008 N	PNP2126/15 M.	PNP23/229 N	PNP2124/1a M.	PNP20/1 M.	PNP890/18 M.			
	PNP23/002 N	PNP23/009 M.	PNP2126/16 M.	PNP23/230 M.		PNP20/2 M.	PNP890/19 M.			
	PNP23/003 N	PNP23/010 N	PNP2126/17 M.			PNP20/3 M.	PNP890/20 M.			
	PNP23/004 F	PNP23/011 N	PNP2126/18 M.			PNP2669/1 M.	PNP890/16 M.			
E			Caixa 307 (ver caixas 308-10)						Caixa 291	
			PNP1126 ou						ML1123 ML1190 +19 n	
			PNP2313						ML1154 ML1225 Inv.	
									ML1165 ML2085	
F										

Prateleiras	6	7	8	9	10
A	Caixa 279 PNP421/2; Caixa 278 PNP123111				
B					
C					
D	Caixa 256 <i>Todas 46m m</i> ML288 <input checked="" type="checkbox"/> ML739 <input checked="" type="checkbox"/> ML1808 <input checked="" type="checkbox"/> ML2086 <input checked="" type="checkbox"/> ML3934 <input checked="" type="checkbox"/> ML289 <input checked="" type="checkbox"/> ML1169 <input checked="" type="checkbox"/> ML1809 <input checked="" type="checkbox"/> ML2087 <input checked="" type="checkbox"/> +18 ã inv. ML566 <input checked="" type="checkbox"/> ML1655 <input checked="" type="checkbox"/> ML1858 <input checked="" type="checkbox"/> ML2333 <input checked="" type="checkbox"/>		Caixa 206 <input checked="" type="checkbox"/> PNP1847	Caixa 135 <input checked="" type="checkbox"/> PNP231204 Caixa 160 <input checked="" type="checkbox"/> PNP192811	Caixa 442 <input checked="" type="checkbox"/> PNP2613 2614
E			Caixa 310 (ver caixas 307-9) PNP1126 <input type="checkbox"/> ou PNP2313 <input type="checkbox"/>		
F					

Prateleiras	11	12	13	14	15
A			<div>Caixa 013 + 2 legende</div> <div>PNP3186/1 <input checked="" type="checkbox"/> PNP42/2 <input checked="" type="checkbox"/></div> <div>PNP3186/2 <input checked="" type="checkbox"/> > M (mpe)</div> <div>PNP3186/3 <input checked="" type="checkbox"/> 4 M M.</div> <div>PNP3186/4 <input checked="" type="checkbox"/> 5 M.</div> <div>PNP3186/5 <input checked="" type="checkbox"/> 6 M.</div> <div>PNP42/1 <input checked="" type="checkbox"/></div>	<div>Caixa 157 <input checked="" type="checkbox"/> M(N)</div> <div>PNP23/113 <input checked="" type="checkbox"/> PNP23/214 <input checked="" type="checkbox"/> PNP23/226 <input checked="" type="checkbox"/></div> <div>PNP23/109 <input checked="" type="checkbox"/> PNP23/221 <input checked="" type="checkbox"/> PNP23/230 <input checked="" type="checkbox"/></div> <div>PNP23/210 <input checked="" type="checkbox"/> PNP23/223 <input checked="" type="checkbox"/></div> <div>232</div>	
B	<div>Caixa 233 <input checked="" type="checkbox"/></div> <div>PNP 3304</div>		<div>Caixa 158 <input checked="" type="checkbox"/> 085/1 084/1</div> <div>PNP23/084 <input checked="" type="checkbox"/> PNP23/213 <input checked="" type="checkbox"/></div> <div>PNP23/085 <input checked="" type="checkbox"/> PNP23/214 <input checked="" type="checkbox"/></div> <div>PNP23/086 <input checked="" type="checkbox"/> PNP23/215 <input checked="" type="checkbox"/></div> <div>PNP23/211 <input checked="" type="checkbox"/> PNP23/235 <input checked="" type="checkbox"/></div>	<div>Caixa 156 <input checked="" type="checkbox"/></div> <div>PNP23/103 <input checked="" type="checkbox"/> PNP23/218 <input checked="" type="checkbox"/> PNP23/225 <input checked="" type="checkbox"/></div> <div>PNP23/106 <input checked="" type="checkbox"/> PNP23/220 <input checked="" type="checkbox"/></div> <div>PNP23/112 <input checked="" type="checkbox"/> PNP23/221 <input checked="" type="checkbox"/></div> <div>PNP23/216 <input checked="" type="checkbox"/> PNP23/223 <input checked="" type="checkbox"/></div>	<div>Caixa 064</div> <div>PNP2079 <input checked="" type="checkbox"/></div> <div>PNP2671 <input checked="" type="checkbox"/></div> <div>Obj. ã inv.</div>
C	<div>Caixa 196</div> <div>PNP1923418</div> <div>Caixa 240</div> <div>PNP1923412</div>		<div>Caixa 064 044 <input checked="" type="checkbox"/></div> <div>PNP29/2 <input checked="" type="checkbox"/> Caixa 196</div> <div>PNP29/1 <input checked="" type="checkbox"/></div>		

Moedas como 26/4 (1)

Prateleiras	11	12	13	14								15
D	Caixa 133 ✓ PNP23/170 <input checked="" type="checkbox"/> PNP23/171 <input checked="" type="checkbox"/> PNP23/172 <input checked="" type="checkbox"/> PNP23/175 <input checked="" type="checkbox"/> Caixa 168 PNP23/242	002 PNP 2074		Caixa 443 ✓ PNP26/5 <input checked="" type="checkbox"/> PNP26/6 <input checked="" type="checkbox"/> Caixa 441 ✓ PNP26/1 <input checked="" type="checkbox"/> PNP26/2 <input checked="" type="checkbox"/>	Caixa 440 PNP22/189 <input checked="" type="checkbox"/> PNP22/190 <input checked="" type="checkbox"/> PNP22/191 <input checked="" type="checkbox"/> PNP22/192 <input checked="" type="checkbox"/> PNP22/193 <input checked="" type="checkbox"/> PNP22/196 <input checked="" type="checkbox"/>	PNP22/197 <input checked="" type="checkbox"/> PNP22/198 <input checked="" type="checkbox"/> PNP22/199 <input checked="" type="checkbox"/> PNP22/200 <input checked="" type="checkbox"/> PNP22/201 <input checked="" type="checkbox"/> PNP22/202 <input checked="" type="checkbox"/>	PNP22/203 <input checked="" type="checkbox"/> PNP22/204 <input checked="" type="checkbox"/> PNP22/205 <input checked="" type="checkbox"/> PNP22/206 <input checked="" type="checkbox"/> PNP22/207 <input checked="" type="checkbox"/> PNP22/208 <input checked="" type="checkbox"/>	PNP22/209 <input checked="" type="checkbox"/> PNP22/210 <input checked="" type="checkbox"/> PNP22/211 <input checked="" type="checkbox"/> PNP22/212 <input checked="" type="checkbox"/> PNP22/213 <input checked="" type="checkbox"/> PNP22/498 <input checked="" type="checkbox"/>	PNP22/499 <input checked="" type="checkbox"/> PNP22/505 <input checked="" type="checkbox"/> 291 = 453?			
E	Caixa 069 ✓ PNP47R <input checked="" type="checkbox"/> PNP138 <input checked="" type="checkbox"/> PNP326 <input checked="" type="checkbox"/> PNP331 <input checked="" type="checkbox"/>											
F												

Legenda:

N = Número (sem marcação)

M = Marcado

MM = Mal Marcado (pouco visível/manchado)

M. = Marcado com pontos (P.N.P.)

Mn = Marcado com "np" (Pnp)

F = Falta

~~G = Cozinha~~

S = sem (exposto)

M = marcado (primitivo) (controlado)

S = cozinha

Re = Reban

Apêndice 4 – Levantamento do estado de conservação

4.1 – Quarto do Camarista



FICHA DE ESTADO DE CONSERVAÇÃO



Data/Local: 11 de fevereiro de 2019 / Quarto do Camarista

Executante Joana Carmo

IDENTIFICAÇÃO

Denominação	Armário-lavatório	Número de inventário
		PNP2708
Descrição	Armário-lavatório com tampo e laterais em mármore e uma pia de cerâmica ao centro, embutida. O corpo tem, no módulo superior, três gavetas, sendo a central uma gaveta falsa, e na zona inferior, espaço aberto, com um módulo para pousar. Assente em 4 pernas torneadas.	
Dimensões (cm)	125,8x60x96,5	
Materiais/técnicas	Mármore/Torneado	
Marcas/inscrições	Inscrição das letras “R.P.C” no travejamento do módulo superior. Etiqueta dentro da gaveta direita com o número “813”. Marcação do número de inventário “PNP2708” no lado direito da parte posterior. Duas etiquetas brancas, central e lado direito, na parte interior da tábua posterior.	

ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Muito Bom		Estruturalmente estável.
Bom	X	Fraturas e fissuras no mármore, no tampo e laterais. Manchas e desgastes da camada de proteção, generalizados.
Regular		Braços laterais de apoio ligeiramente frágeis.
Deficiente		Gaveta direita, do lado direito exterior, com papel rasgado.
Mau		Gaveta esquerda com orifícios de insetos xilófagos (inativo).





FICHA DE ESTADO DE CONSERVAÇÃO



Data/Local: 07 de janeiro de 2019 / Quarto do Camarista

Executante Joana Carmo

IDENTIFICAÇÃO

Denominação	Armário-Roupeiro	Número de inventário
		PNP2689
Descrição	Roupeiro com uma porta central, com espelho emoldurado e com um elemento decorativo vegetalista no topo central. Duas gavetas na parte inferior emoldurados com frisos e com almofadas decorativas no centro, recortadas em 3, sendo que a última, designada de sapateira, termina com um recorte de curva/contracurva. Assente em 4 pés. Decoração vegetalista na zona superior, em forma de frontão e, cimalha nas laterais, com elementos decorativos e frisos, nas arestas retas laterais.	
Dimensões (cm)	153x67x270	
Materiais/técnicas	/Folheado. Malhetes em cauda de andorinha (gavetas)	
Marcas/inscrições	Etiqueta numerada, mas impercetível, na zona posterior direita. Marcação do número de inventário “PNP2689” na lateral direita, a branco.	

ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Muito Bom		Estruturalmente estável. Lacunas pontuais da folha de revestimento na frente e laterais, e uma maior área por baixo do espelho, do lado direito.
Bom	X	Sujidades no geral da superfície, com algumas marcas e manchas. 19 frisos e parte de elementos decorativos centrais em falta.
Regular		Desgaste por abrasão no interior das gavetas. Agrafo no pé dianteiro direito. (nota: não foi possível abrir a porta)
Deficiente		
Mau		





FICHA DE ESTADO DE CONSERVAÇÃO



Data/Local: de janeiro de 2019 / Quarto do Camarista

Executante Joana Carmo

IDENTIFICAÇÃO

Denominação	Cadeira	Número de inventário
		PNP721/3
Descrição	Cadeira de costas fixas quadrangulares, com duas colunas laterais torneadas em espiral, com pináculos nos topos, terminado em cachão ornamentado. Assento e costas em couro decorado. Quatro pernas, as traseiras com continuidade das costas, as dianteiras torneadas em espiral. Travejamento em “H”. 64 tachas, sendo 34 de menor dimensão, nas costas e, 30 no assento.	
Dimensões (cm)	45,5x46x107,6	
Materiais/técnicas	Couro, metal / Entalhe, torneado	
Marcas/inscrições	Marcação do número de inventário “PNP721/3” na perna posterior direita. Chapa na área central do travejamento posterior do assento com o número “115”.	

ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Muito Bom		Estruturalmente estável, mas, com empeno do espaldar e travejamento descolado no lado direito. Lacuna no ornamento, da zona direita, do cachão.
Bom	X	Couro com fissuras, desgaste e um rasgão de 4 cm no assento, na zona dianteira direita.
Regular		1 tacha em falta na zona superior central do espaldar. Empolamento do couro, visível na parte de baixo do assento. Tachas do assento amolgadas.
Deficiente		Desgaste da camada de proteção.
Mau		





FICHA DE ESTADO DE CONSERVAÇÃO



Data/Local: 07 de janeiro de 2019 / Quarto do Camarista

Executante Joana Carmo

IDENTIFICAÇÃO

Denominação	Cadeira	Número de inventário
		PNP721/11
Descrição	Cadeira de costas fixas quadrangulares, com duas colunas laterais torneadas em espiral, com pináculos nos topos, terminado em cachão ornamentado. Assento e costas em couro decorado. Quatro pernas, as traseiras com continuidade das costas, as dianteiras torneadas em espiral. Travejamento em “H”. 64 tachas, sendo 34 de menor dimensão, nas costas e, 30 no assento.	
Dimensões (cm)	46x45x106	
Materiais/técnicas	Couro, metal / Entalhe, torneado	
Marcas/inscrições	Marcação do número de inventário “PNP721/11” – perna direita traseira. Chapa na área central do travejamento posterior do assento com o número “118”.	

ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Muito Bom		Estruturalmente estável.
Bom	X	Lacuna/falta de material no ornamento central do cachão e topo do pináculo do espaldar, lado esquerdo.
Regular		Empeno na estrutura do espaldar e descolado da coluna direita.
Deficiente		Lacuna de área reduzida no torneado da perna dianteira direita.
Mau		O couro apresenta algumas fissuras e desgaste.
		Tachas do assento amolgadas.
		Desgaste geral da camada de proteção.



FICHA DE ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Data/Local: 11 de fevereiro de 2019 / Quarto do Camarista

Executante Joana Carmo

IDENTIFICAÇÃO

Denominação	Cadeira	Número de inventário
		PNP721/24
Descrição	Cadeira de costas fixas quadrangulares, com duas colunas laterais torneadas em espiral, com pináculos nos topos, terminado em cachão ornamentado. Assento e costas em couro decorado. Quatro pernas, as traseiras com continuidade das costas, as dianteiras torneadas em espiral. Travejamento em “H”. 64 tachas, sendo 34 de menor dimensão, nas costas e, 30 no assento.	
Dimensões (cm)	45,5x47,5x106	
Materiais/técnicas	Couro, metal / Entalhe, torneado	
Marcas/inscrições	Marcação do número de inventário “PNP721/24” – perna esquerda traseira. Chapa na área central do travejamento posterior do assento com o número “134”.	

ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Muito Bom		Estruturalmente estável.
Bom	X	Lacunas no ornamento central do cachão e base no pináculo direito.
Regular		Couro com fissuras e desgaste, e por baixo são visíveis furos, manchas de tinta (?) na área frontal.
Deficiente		1 tacha em falta, no canto superior direito do espaldar.
Mau		Tachas do assento amolgadas.





FICHA DE ESTADO DE CONSERVAÇÃO



Data/Local: 07 de janeiro de 2019 / Quarto do Camarista

Executante Joana Carmo

IDENTIFICAÇÃO

Denominação	Cadeira	Número de inventário
		PNP753/1
Descrição	Cadeira com costas fixas, abertas com decoração central, apoiada em 4 pernas curvadas. Assento estofado com desenho vegetalista.	
Dimensões (cm)	48x51x96	
Materiais/técnicas	Estofa, entalhe.	
Marcas/inscrições	Marcação do número de inventário “PNP753/1” na perna posterior direita, zona superior.	

ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Muito Bom		<p>Estruturalmente estável.</p> <p>Desgaste da camada de proteção.</p> <p>Bordo do estofa, na zona dianteira, descolado e manchas brancas na área posterior esquerda.</p> <p>Tecido na parte inferior do assento com alguns rasgões.</p> <p>Existem marcas de colagens no recorte do espaldar.</p>
Bom	X	
Regular		
Deficiente		
Mau		





FICHA DE ESTADO DE CONSERVAÇÃO



Data/Local: 11 de fevereiro de 2019 / Quarto do Camarista

Executante Joana Carmo

IDENTIFICAÇÃO

Denominação	Cama/leito	Número de inventário
		PNP810
Descrição	“Cama tipo “D.José” com espaldar recortado em volutas trabalhados com grinaldas e concheados. Duas ‘traves’ trabalhadas aos pés. Aplicações em metal dourado.	
Dimensões (cm)	208x158x?	
Materiais/técnicas	-	
Marcas/inscrições	Etiqueta laranja na parte posterior do espaldar do lado esquerdo com o número “3948”.	

ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Muito Bom		Estrutura pouco estável, empeno do espaldar. Lacunas gerais nos motivos decorativos do espaldar.
Bom		Lacuna no pináculo esquerdo do espaldar. Marcas por abrasões nos metais e, oxidação de um na perna posterior esquerda.
Regular	X	Preenchimentos e reconstituições volumétricas nas pernas dianteiras e traseiras.
Deficiente		
Mau		



FICHA DE ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Data/Local: 12 de fevereiro de 2019 / Quarto do Camarista

Executante Joana Carmo

IDENTIFICAÇÃO

Denominação	Cómoda	Número de inventário
		PNP2690
Descrição	Cómoda de formato retangular, com tampo saliente em mármore branco, 5 gavetas, com dois puxadores e emolduradas com frisos, sendo que a última é simples, designada de sapateira. Contém um friso no entrepano da primeira para a segunda gaveta. A primeira gaveta, quando aberta, serve de mesa apoio e contém 4 gavetas de pequenas dimensões, com um puxador, duas de cada lado. Termina com um saial reto, assente em 4 pés redondos.	
Dimensões (cm)	123,5x60,7x97	
Materiais/técnicas	Folha de raiz?, mármore/folheado	
Marcas/inscrições	Duas etiquetas na lateral direita no canto superior esquerdo “108” e “219”. Número de inventário “PNP2690” no tampo e na cómoda, na lateral esquerda, canto superior esquerdo. Etiqueta dentro da 1ª gaveta com o número “742”.	

ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Muito Bom		Estruturalmente estável.
Bom	X	Lacunas e destacamento de folha de revestimento, na frente das gavetas e nas zonas esquerda e direitas das laterais, e, dentro da 1ª gaveta.
Regular		Friso de aresta, do lado esquerdo, em falta. Lacuna no puxador esquerdo, da primeira gaveta. Fragmento colado no puxador esquerdo da primeira gaveta.
Deficiente		Ligeiro afastamento das tábuas das laterais. Manchas na zona interior central da 4ª gaveta.
Mau		Fechaduras da primeira e segunda torta. 3ª sem fechadura. As 3 gavetas interiores sem puxadores.
		Manchas no tampo de mármore. Desgaste geral da camada de proteção.





Parques de Sintra
Monte da Lua

FICHA DE ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Data/Local: 12 de fevereiro de 2019 / Quarto do Camarista

Executante Joana Carmo

IDENTIFICAÇÃO

Denominação	Espelho	Número de inventário
		PNP660
Descrição	Espelho retangular com moldura com frisos ondulados (em duas diagonais). Preso no eixo central a duas colunas laterais torneadas, assentes em pés transversais em garras de águia com bola. Estes últimos unidos por um travejamento igual às colunas alterais.	
Dimensões (cm)	88,4x40,5x105	
Materiais/técnicas	Pau-santo/Torno	
Marcas/inscrições	Marcação do número de inventário “PNP660”, pouco perceptível. Etiqueta do lado direito.	

ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Muito Bom		<p>Apresenta desgaste natural, na moldura do espelho e nas colunas. Lacunas pontuais no torneado da coluna inferior e na zona posterior da coluna direita.</p> <p>Fissura estrutural da coluna esquerda, sem afetar a estabilidade.</p>
Bom	X	
Regular		
Deficiente		
Mau		



FICHA DE ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Data/Local: 12 de fevereiro de 2019 / Quarto do Camarista

Executante Joana Carmo

IDENTIFICAÇÃO

Denominação	Mesa	Número de inventário
		PNP1445
Descrição	Mesa redonda, com tampo em mármore castanho (?), sob saial circular em entalhamento vazado ??). Assente sob 3 pernas galbadas que terminam com figuras de dragões, feitos com 3 blocos.	
Dimensões (cm)	Ø57x72,7	
Materiais/técnicas	-	
Marcas/inscrições	Marcação de número de inventário “PNP1445” na parte interior de uma das pernas.	

ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Muito Bom		Travejamento central em falta (?) Estruturalmente instável.
Bom		Lacuna de 1/3 de um elemento de uma das pernas. Tampo com lacunas, fraturas e fragilizado.
Regular		Presença de orifícios de insetos xilófagos (não ativo). Colagens anteriores em destacamento.
Deficiente	X	
Mau		



FICHA DE ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Data/Local: 12 de fevereiro de 2019 / Quarto do Camarista

Executante Joana Carmo

IDENTIFICAÇÃO

Denominação	Mesa de cabeceira	Número de inventário
		PNP2707
Descrição	Mesa de cabeceira folheada a mogno, constituída por três estruturas, caixa, coluna côncava e base, ambas de 4 lados. Caixa com uma porta com 1 puxador em madeira. Frisos entre a coluna e a base. Assente em 4 pés redondos.	
Dimensões (cm)	35,8x29,7x92,5	
Materiais/técnicas	Folha de mogno/Folheado	
Marcas/inscrições	Etiqueta numerada “1926” na lateral direita da caixa, outra circular por baixo e ao lado, uma etiqueta rosa e branca rasgada. Marcação do número de inventário “PNP2707” na área posterior no canto superior direito.	

ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Muito Bom		Estruturalmente estável. Fissuras e lacunas pontuais da folha de revestimento da caixa. Possível elemento superior em falta, devido à presença de cola e 4 cavilhas (tampo?).
Bom		Tábua posterior da caixa abaulada.
Regular	X	Folha de revestimento da área interior da porta fissurada, com lacunas e em destacamento. Friso em falta, na lateral esquerda da base.
Deficiente		Preenchimentos de áreas de lacunas no folheado.
Mau		



FICHA DE ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Data/Local: 07 de janeiro de 2019 / Quarto do Camarista

Executante Joana Carmo

IDENTIFICAÇÃO

Denominação	Escritório	Número de inventário
		PNP1476
Descrição	Móvel composto por caixa superior com 3 gavetas exteriores e, 3 interiores escondidas por uma batente articulada na base. Quando aberta, tem uma superfície de apoio à escrita. Assenta sobre trempe de 4 pernas galbadas, com 4 gavetas na zona superior. Friso e elementos decorativos.	
Dimensões (cm)	116x52x126	
Materiais/técnicas	Couro / Folheado	
Marcas/inscrições	Número inscrito a negro, por baixo da última gaveta esquerda “nº1409”. Etiqueta com o número “443” na lateral esquerda. Marcação do número de inventário “PNP1476” na lateral inferior direita.	

ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Muito Bom		Estrutura estabilizada, mas com alguns elementos decorativos e frisos em falta: friso da gaveta central da caixa superior; ambas as laterais; lacuna no puxador da gaveta central interior; lacuna dos elementos decorativos no centro da base; fratura no friso na lateral esquerda. Folha de revestimento em destacamento, na zona superior esquerda. Lacuna na folha da base, na zona lateral esquerda. Manchas de tinta. Marcas generalizadas por desgaste e por abrasões. Couro com lacunas e desgaste. Orifícios de insetos xilófagos (inativo).
Bom	X	
Regular		
Deficiente		
Mau		



4.2 – Casa de Banho do rei D. Carlos I



FICHA DE ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Data/Local: 12 de fevereiro de 2019 / Casa de Banho do rei D. Carlos

Executante Joana Carmo

IDENTIFICAÇÃO

Denominação	Cadeira	Número de inventário
		PNP902/3
Descrição	Cadeira ao estilo “neo-império” com espaldar recortado em forma de urna com asas que imitam cabeças de cisne, a dourado, assente num travejamento horizontal e cachaço em bandaux. Assente em 4 pernas, as traseiras retas e as dianteiras em sabre. Travejamento em “H” e assento em palhinha, dourada (?).	
Dimensões (cm)	45x50x87,2	
Materiais/técnicas	Mogno e palhinha/Dourada; recortada; embutido; empalhada.	
Marcas/inscrições	Marcação do número de inventário “PNP902/3” na perna traseira direita. Etiqueta com o número “1051” na zona inferior do travejamento traseiro do assento. Etiqueta com o número “948” na zona inferior do travejamento dianteiro do assento.	

ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Muito Bom		Ligeiramente empenada, mas estável. Destacamento do dourado do recorte do espaldar. Assento de palhinha fragilizado e partido.
Bom	X	Poeiras no assento entre a palhinha e o travejamento. São visíveis várias colagens (restauro?) entre as pernas traseiras e o espaldar; e, no recorte do espaldar.
Regular		
Deficiente		
Mau		





FICHA DE ESTADO DE CONSERVAÇÃO



Data/Local: 12 de fevereiro de 2019 / Casa de Banho do rei D. Carlos

Executante Joana Carmo

IDENTIFICAÇÃO

Denominação	Cadeirão	Número de inventário
		PNP805
Descrição	Cadeirão estofado e forrado com tecido amarelo “pálido”, com ponto <i>botoné</i> profundo, sendo os botões forrado a tecido vermelho. Rematado com debrum largo, em tons <i>bordeaux</i> , rosa e amarelo. Formato <i>chaise longue</i> , terminado em “S”. Pernas traseiras ligeiramente curvadas e dianteiras torneadas, estas últimas assentes em rodízios.	
Dimensões (cm)	104x58,5x89	
Materiais/técnicas	Tecido/Torneado; estofado; cosido.	
Marcas/inscrições	Número de inventário “PNP805” na perna traseira direita.	

ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Muito Bom		Estruturalmente estável. Falta um botão no assento, zona central direita. Agrafos do tecido das costas, oxidados.
Bom	X	Remate debrum descolado, em algumas zonas. Sujidade impregnada e descoloração do tecido.
Regular		Fratura na lateral esquerda no término do encosto em “S”. Rasgões no tecido na zona dianteira esquerda.
Deficiente		Desgaste por abrasão nas pernas dianteiras, com pequenas colagens.
Mau		



FICHA DE ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Data/Local: 12 de fevereiro de 2019 / Casa de Banho do rei D. Carlos

Executante Joana Carmo

IDENTIFICAÇÃO

Denominação	Cómoda	Número de inventário
		PNP1442
Descrição	1ª gaveta tem três compartimentos.	
Dimensões (cm)	130x58,8x92	
Materiais/técnicas	Folha de raiz de ?; mármore/Folheado	
Marcas/inscrições	Marcação do número de inventário “PNP1442” na lateral esquerda, no canto superior direito.	

ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Muito Bom	X	Estruturalmente estável. Preenchimento de fissuras na lateral direita, bastante visível. Lacuna da folha de revestimento no saial da lateral direita, ao centro.
Bom		Preenchimento com folha de revestimento na parte frontal. Fissura da tábu da última gaveta.
Regular		Manchas de tinta (?) e fechadura ligeiramente solta na 1ª gaveta. Colagem e/ou reconstituição do canto curvado da aresta direita.
Deficiente		
Mau		



FICHA DE ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Data/Local: 12 de fevereiro de 2019 / Casa de Banho do rei D. Carlos

Executante Joana Carmo

IDENTIFICAÇÃO

Denominação	Espelho de barba	Número de inventário
		PNP1444
Descrição	Espelho circular basculante, revestido a folha de mogno, assente com uma base sobre o tampo circular de mármore. Assente sobre coluna circular, com uma prateleira circular a meio, a meio. Assente sobre 3 pés, pé-de-galo, com volutas.	
Dimensões (cm)	47,5x47,5x169	
Materiais/técnicas	Mármore, Folha de Mogno, Mogno / Folheado, Entalhe	
Marcas/inscrições	Número de inventário “PNP1444” na lateral de um dos pés.	

ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Muito Bom	X	Lacuna de área pequena e preenchimento com folha no torneado da base. Reconstituições e colagens na base do espelho. Preenchimento de fissuras na coluna.
Bom		
Regular		
Deficiente		
Mau		



FICHA DE ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Data/Local: 12 de fevereiro de 2019 / Casa de Banho do rei D. Carlos

Executante Joana Carmo

IDENTIFICAÇÃO

Denominação	Toalheiro	Número de inventário
		PNP1446/1
Descrição	Toalheiro com decoração torneada. Composto por 4 varões cilíndricos horizontais, sendo 2 a nível superior, 1 central e outro inferior. Unidos por 2 de pequenas dimensões que estão suportados por 2 montantes, em 4 pés.	
Dimensões (cm)	60x31x78,5	
Materiais/técnicas	Torneado.	
Marcas/inscrições	Marcação de número de inventário “PNP1446/1” e etiqueta com o número “245”, num dos pés.	

ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Muito Bom	X	Pequenas mossas (uso). Reconstituições volumétricas numa das laterais de apoio ao travejamento horizontal superior. (restauro?)
Bom		
Regular		
Deficiente		
Mau		



FICHA DE ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Data/Local: 12 de fevereiro de 2019 / Casa de Banho do rei D. Carlos

Executante Joana Carmo

IDENTIFICAÇÃO

Denominação	Toucador	Número de inventário
		PNP1868
Descrição	Toucador com folha de revestimento, embutidos, com um espelho no módulo superior e tampo em mármore. Espelho emoldurado, assente sobre base de perfil curvo, com duas gavetas com 2 puxadores em metal, cada. De lado, colunas retas em curva/contracurva. Base retangular, com uma gaveta frontal, com fechadura. Pernas volutas, assente numa base recortada com curva/contracurva e um semicírculo central. 4 pés, 2 traseiros quadrangulares e 2 dianteiros redondos.	
Dimensões (cm)	98x46x171	
Materiais/técnicas	Mármore, Metal, Folha de mogno e folha de ? / Folheado, Embutido	
Marcas/inscrições	-	

ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Muito Bom	X	Preenchimento com folha. Orifícios de insetos xilófagos (inativo) nas laterais e frente do módulo inferior. Puxadores e gavetas novos.
Bom		Pequena fissura na área frontal do mármore. Mossas generalizadas de pequenas dimensões.
Regular		Nota: Restaurado recentemente.
Deficiente		
Mau		



Apêndice 5 – Trabalhos extras realizados

Relativamente à realização de trabalhos extras, estes resumem-se da seguinte forma:

no Palácio de Monserrate, o acompanhamento nas alterações realizadas ao espaço expositivo (figura 165) e no acondicionamento de objetos para transporte;



Figura 165: Alteração da disposição do espaço expositivo. Antes (à esquerda) e depois (à direita).

no Chalet da Condessa d’Edla, o acompanhamento na desmontagem e montagem de duas camas (figura 166 e 167);



Figura 166: Cama presente no quarto, para desmontagem e saída para intervenção de conservação e restauro.



Figura 167: Montagem da cama para permanência no Chalet.

no Palácio Nacional da Pena, o acompanhamento de visitas técnicas, as demais intervenções *in situ*, referenciadas em corpo de texto, e, em particular, a intervenção dos

assentos em palhinha de um conjunto de cadeiras, em reserva na RT. Este desafio, ponderado e aceite pela equipa do PNP, foi acompanhado com grande dedicação e conhecimento por parte do Joaquim Diogo, responsável pela manutenção do edifício, que tem um curso de técnico de Museografia e algumas formações em conservação e restauro, a pedido da Conservação Preventiva efetua algumas ações de conservação e restauro, essencialmente em mobiliário, no PNP. Com esta intervenção (figuras 168-171), foi possível conhecer e trabalhar um material, e uma técnica, única, já tão pouco trabalhado.



Figura 168: Colocação do vime verticalmente.



Figura 169: Colocação do vime horizontalmente.

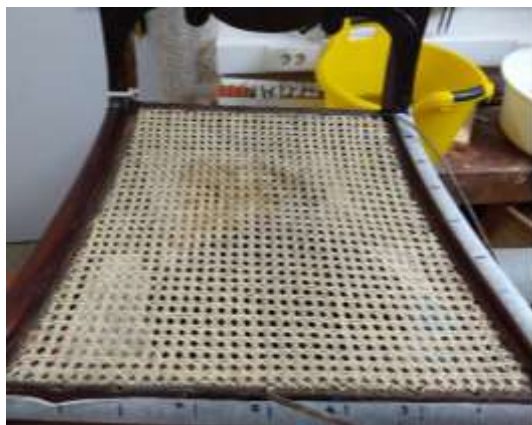


Figura 170: Colocação do vime em ambas as diagonais.



Figura 171: Finalização da intervenção.

Apêndice 6 – Localização dos termohigrógrafos

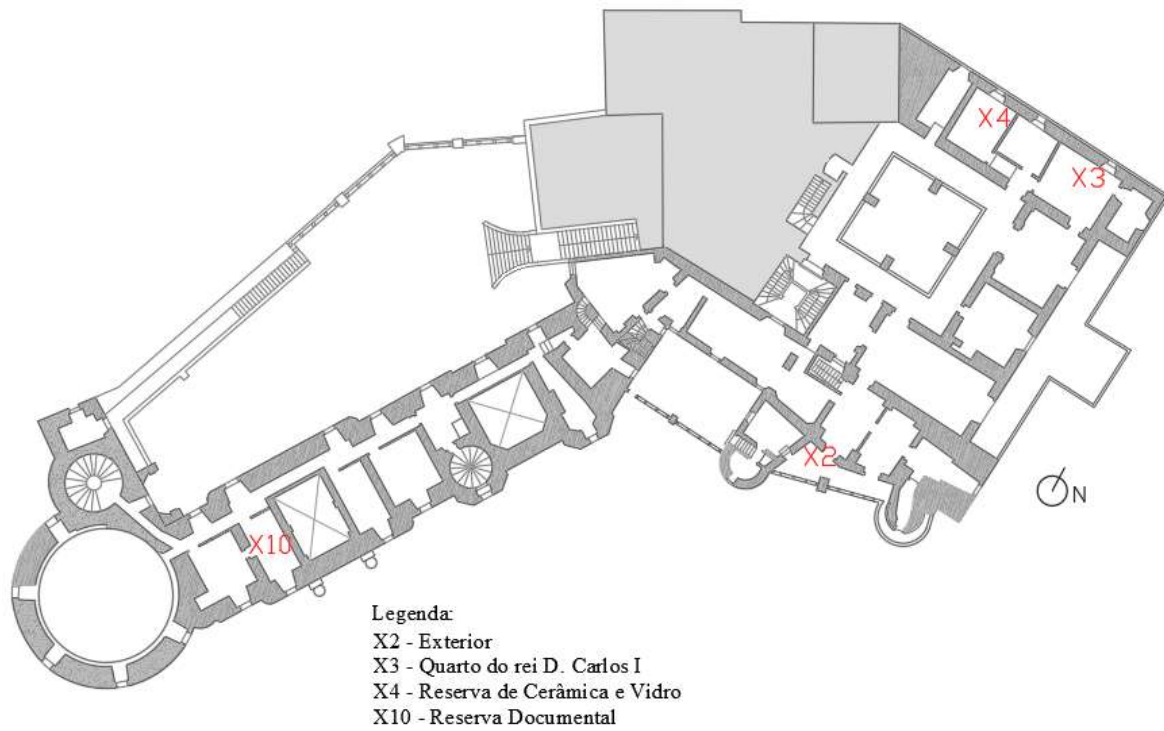


Figura 172: Localização dos termohigrógrafos no piso 1. Planta ©PSML, sem escala.

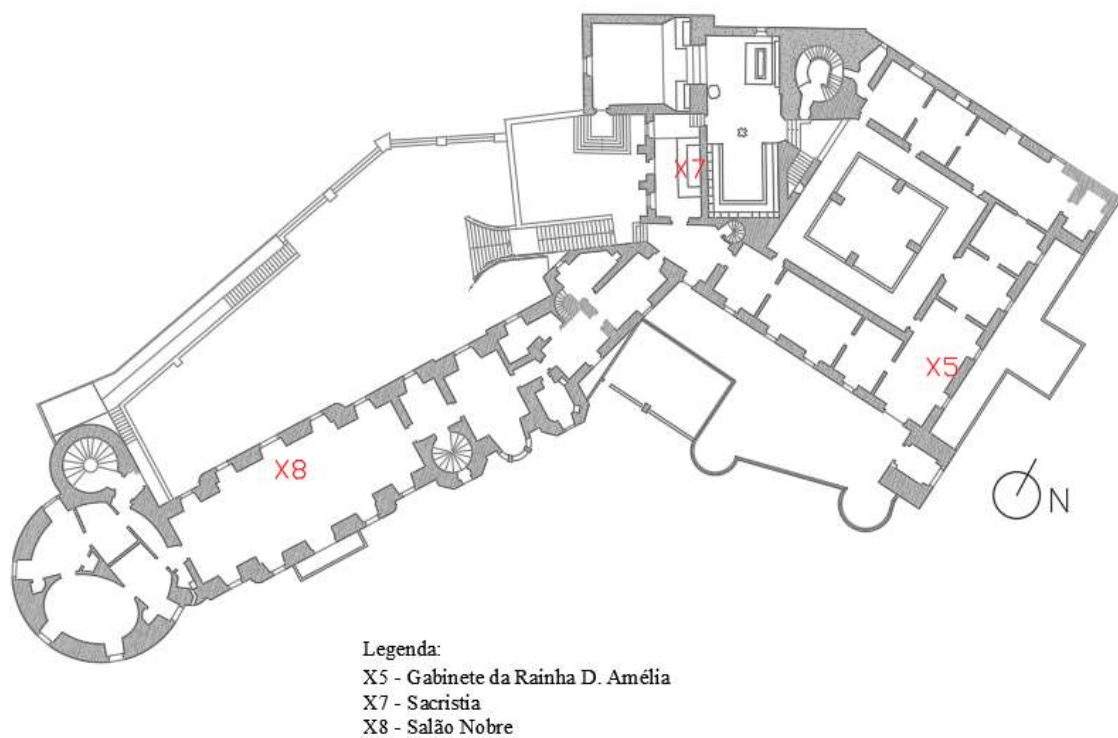


Figura 173: Localização dos termohigrógrafos no piso 2. Planta ©PSML, sem escala.

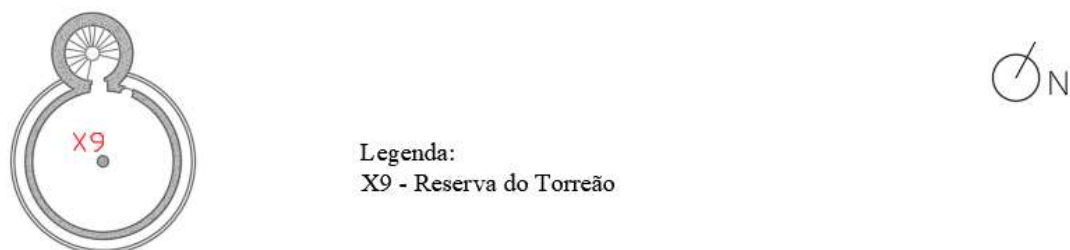


Figura 174: Localização dos termohigrógrafos no piso 4. Planta ©PSML, sem escala.

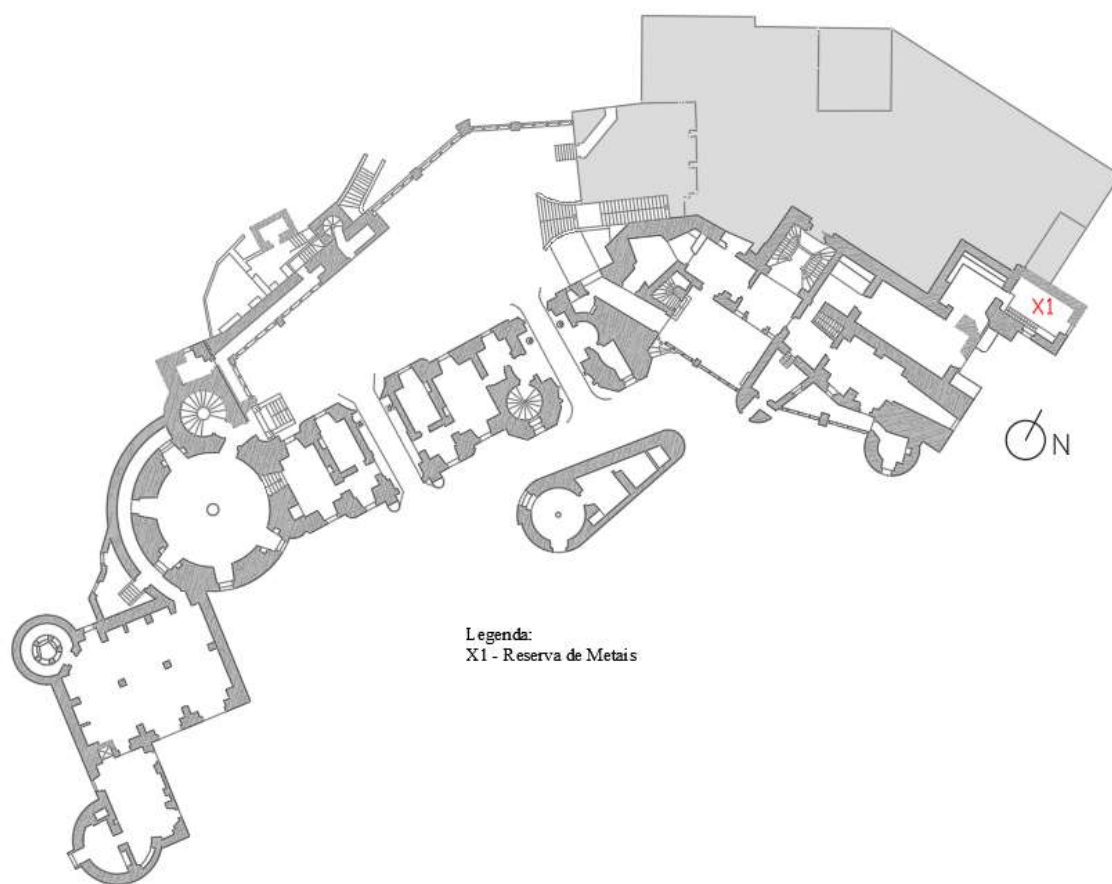


Figura 175: Localização dos termohigrógrafos no piso térreo. Planta ©PSML, sem escala.

Apêndice 7 – Proposta de gráficos por compartimento para as medições anuais de HR e T.

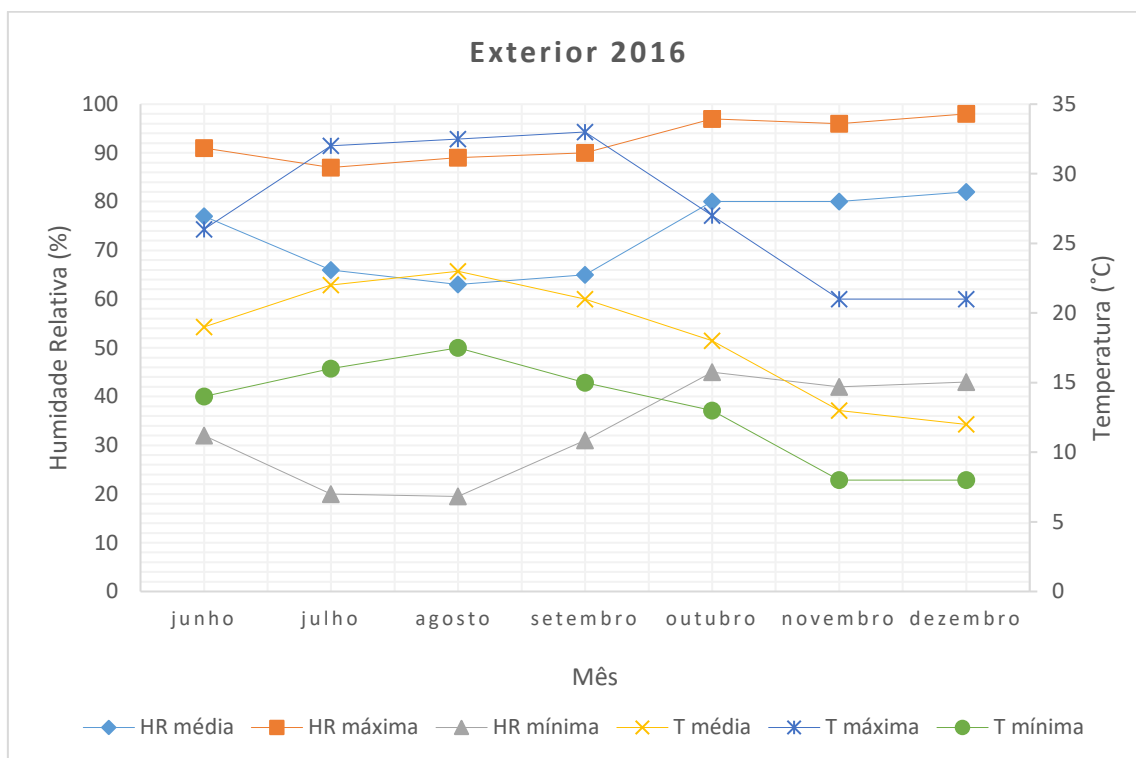


Figura 176: Proposta de gráfico para as medições anuais da HR e T, no Exterior, em 2016.

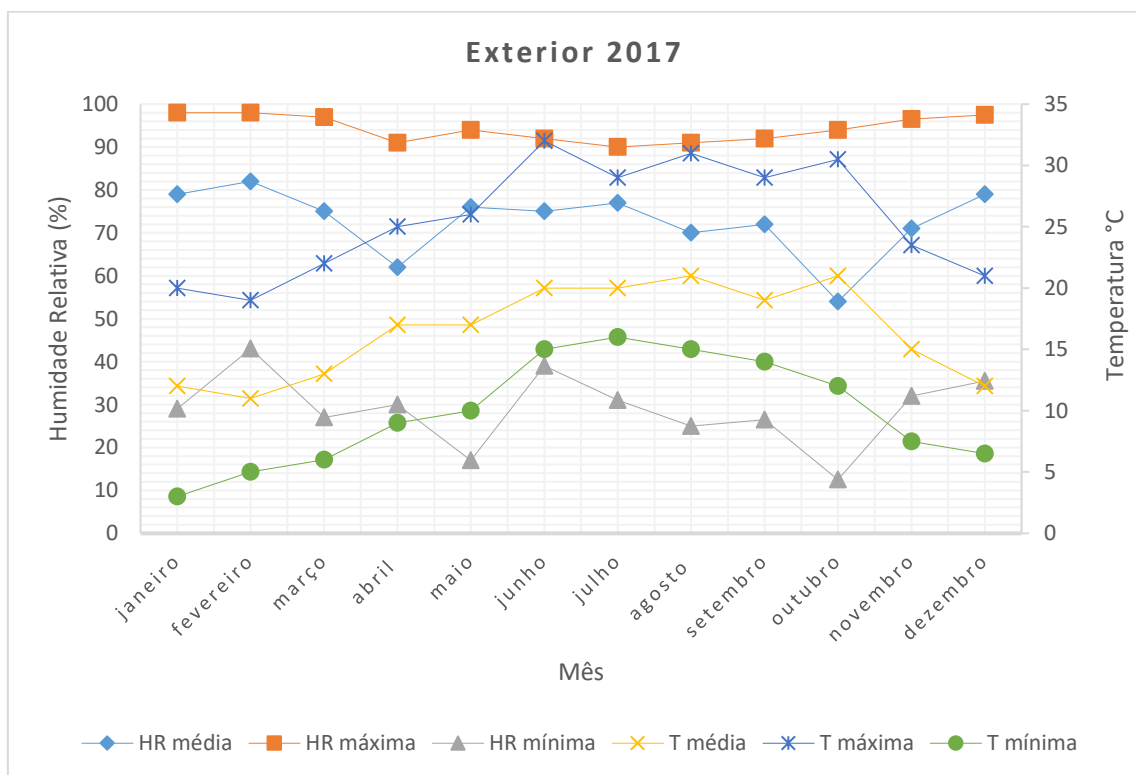


Figura 177: Proposta de gráfico para as medições anuais da HR e T, no Exterior, em 2017.

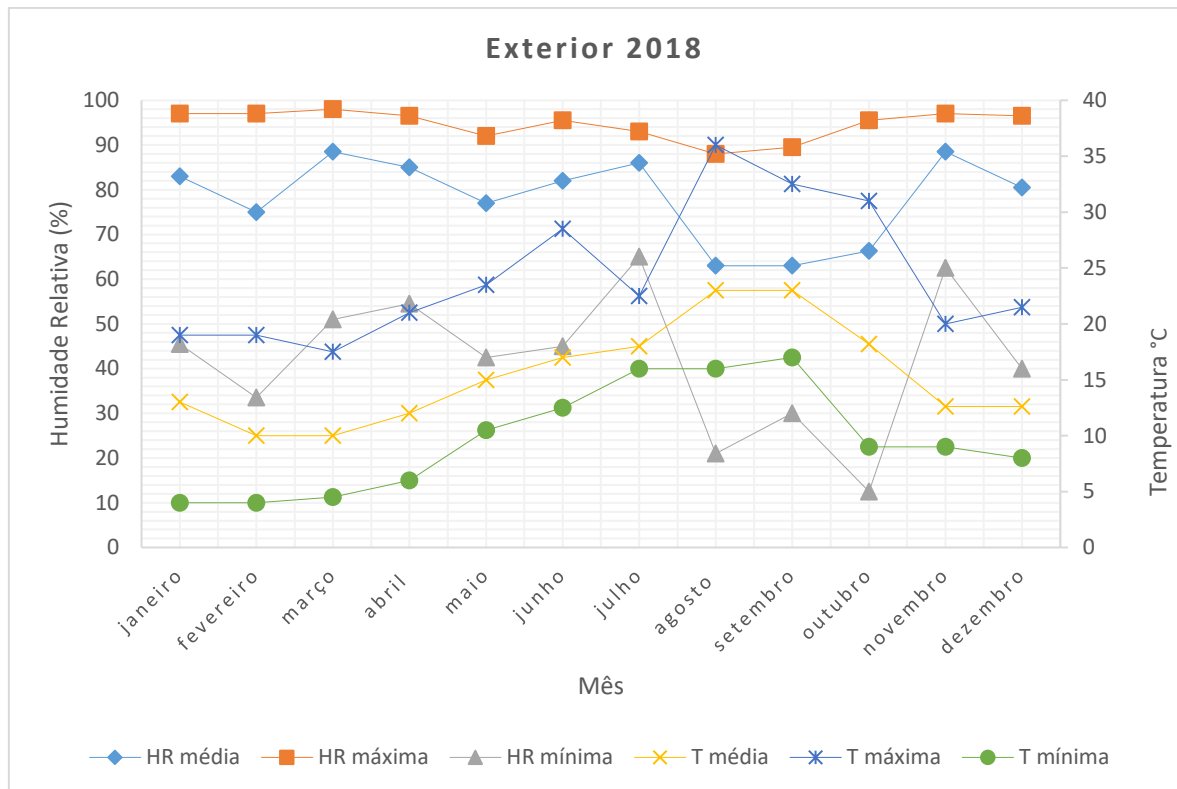


Figura 178: Proposta de gráfico para as medições anuais da HR e T, no Exterior, em 2018.

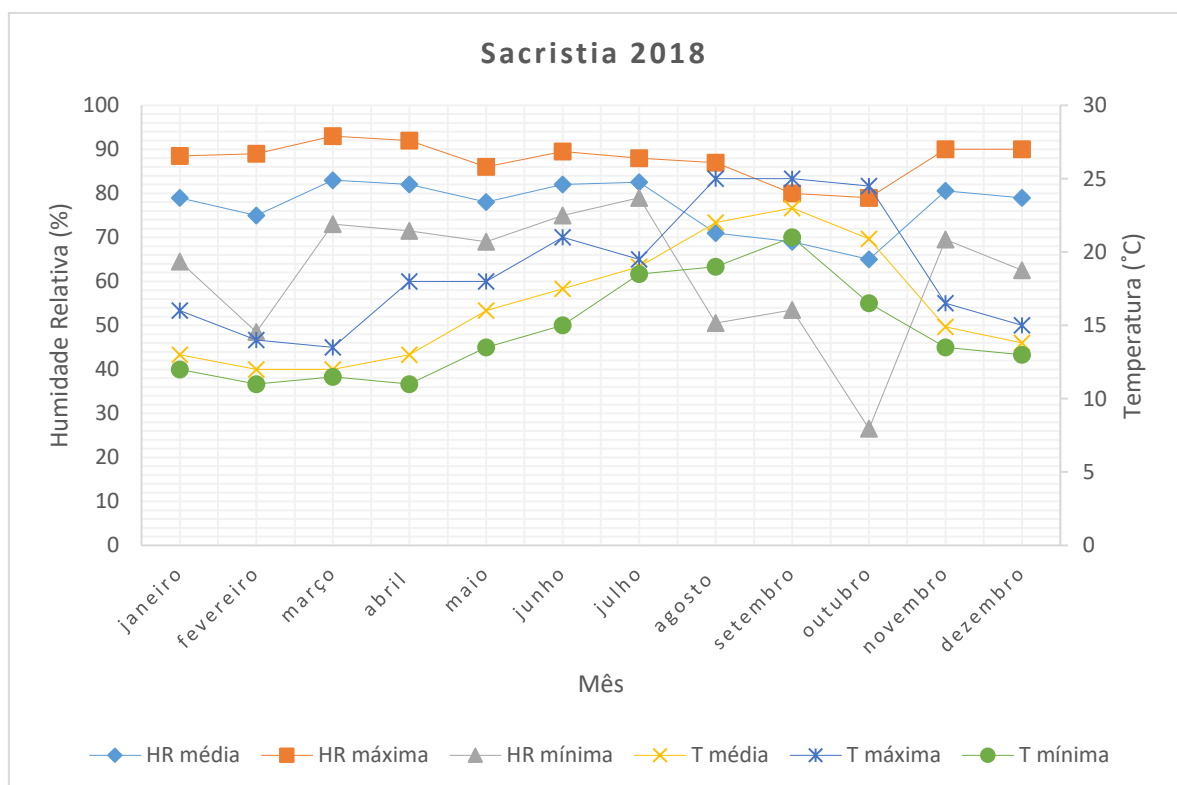


Figura 179: Proposta de gráfico para as medições anuais da HR e T, na Sacristia, em 2018.

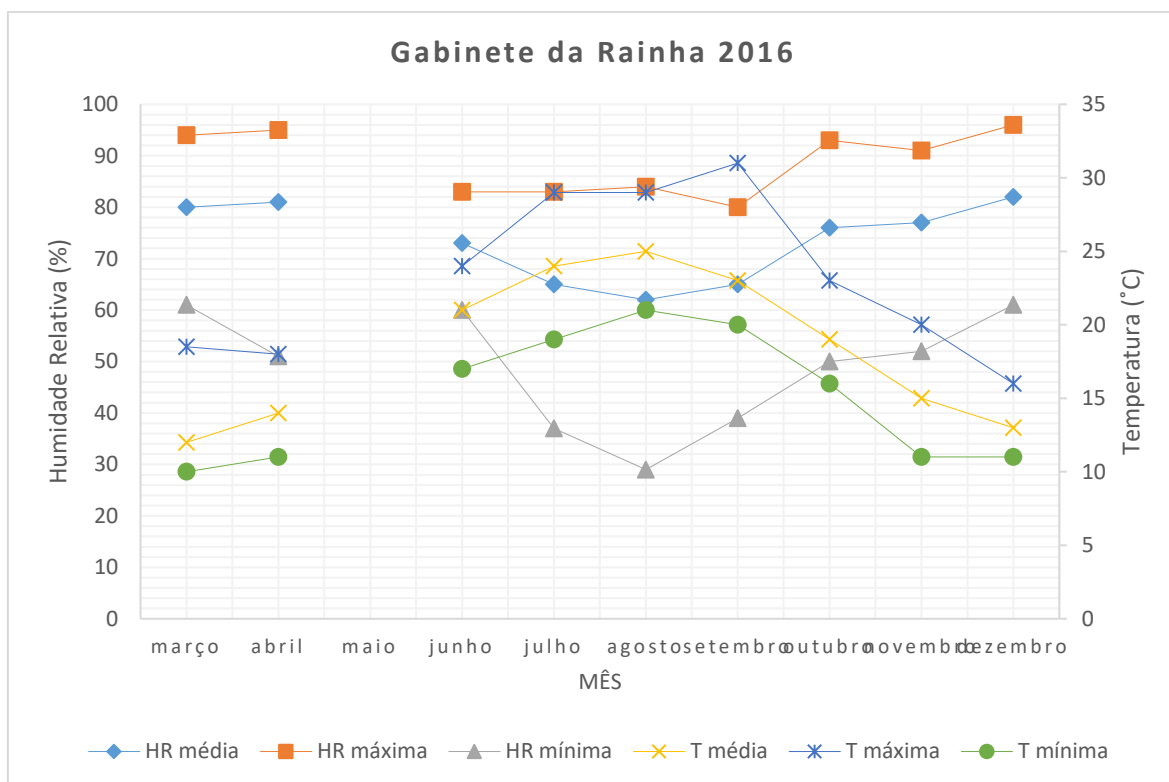


Figura 180: Proposta de gráfico para as medições anuais da HR e T, no Gabinete da Rainha D. Amélia, em 2016.

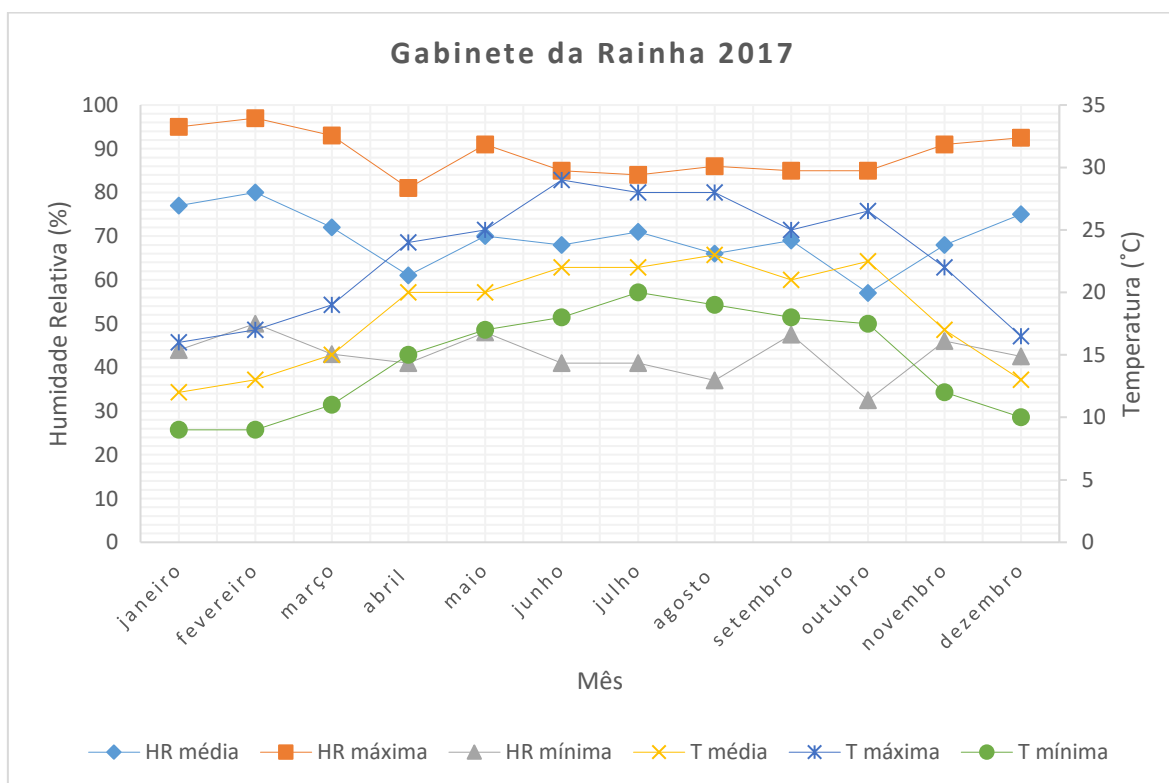


Figura 181: Proposta de gráfico para as medições anuais da HR e T, no Gabinete da Rainha D. Amélia, em 2017.

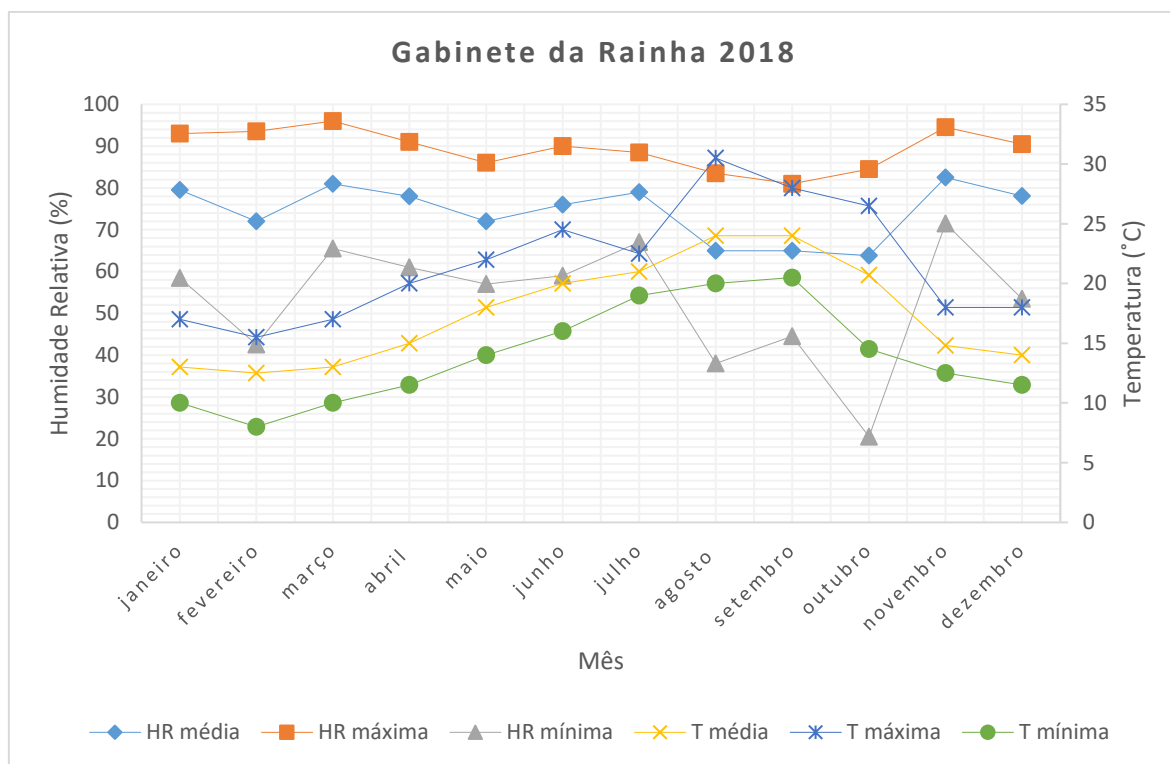


Figura 182: Proposta de gráfico para as medições anuais da HR e T, no Gabinete da Rainha D. Amélia, em 2018.

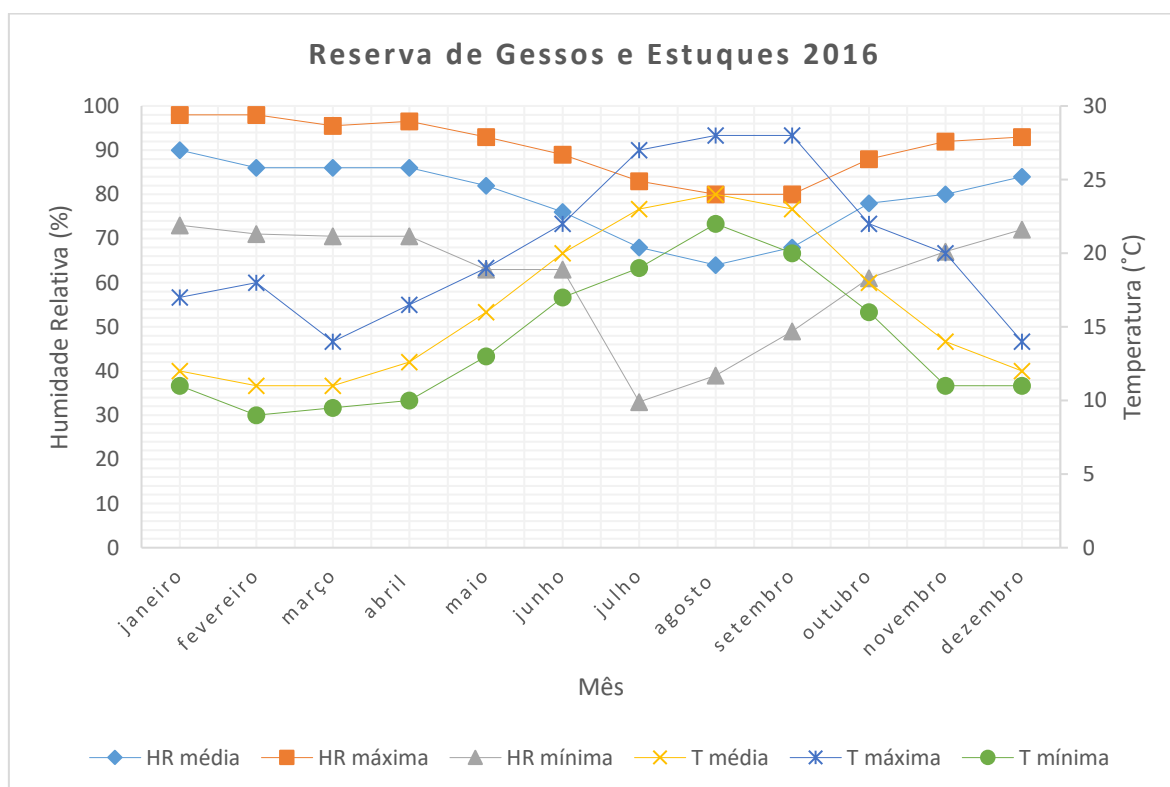


Figura 183: Proposta de gráfico para as medições anuais da HR e T, na Reserva de Gessos e Estuques, em 2016.

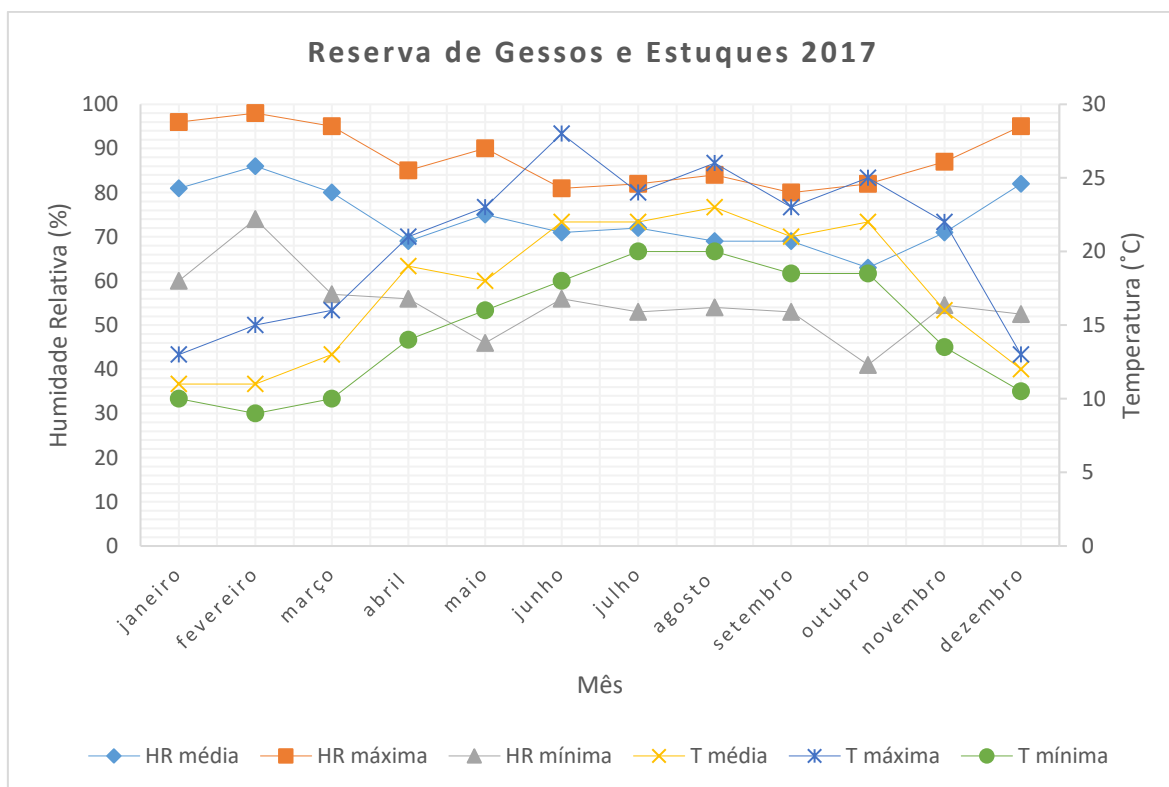


Figura 184: Proposta de gráfico para as medições anuais da HR e T, na Reserva de Gessos e Estuques, em 2017.

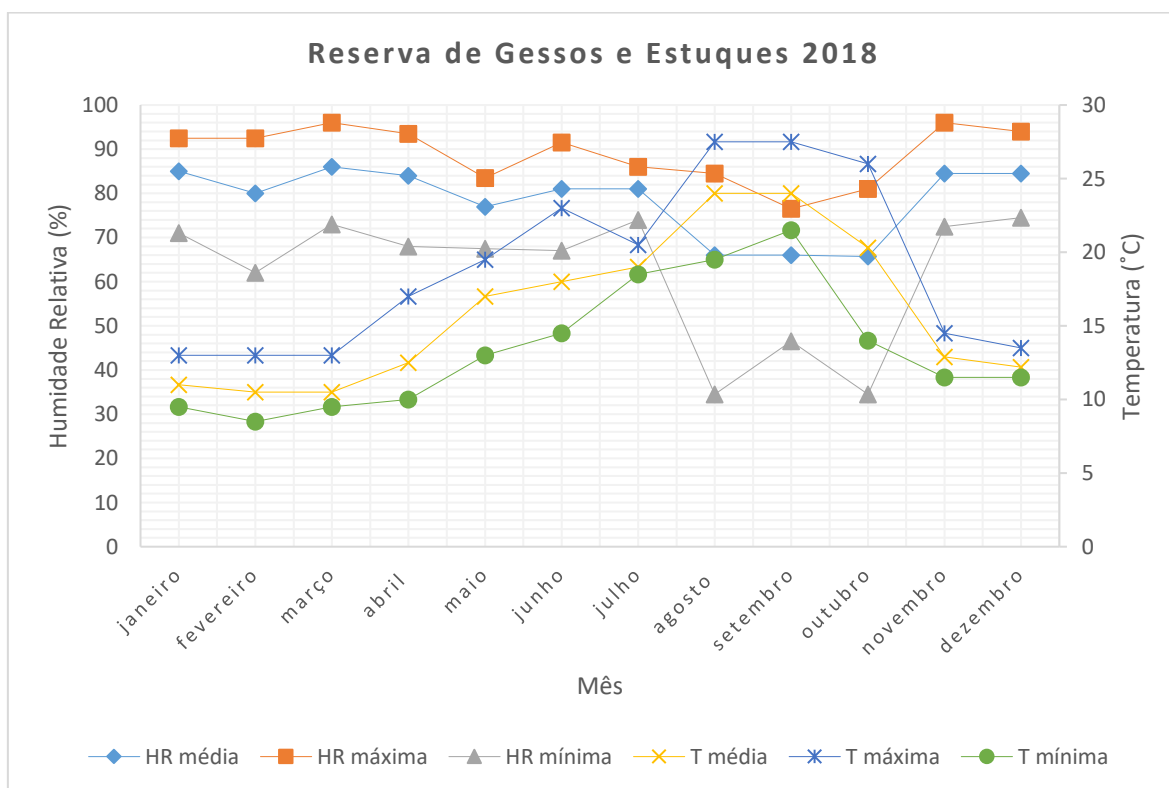


Figura 185: Proposta de gráfico para as medições anuais da HR e T, na Reserva de Gessos e Estuques, em 2018.

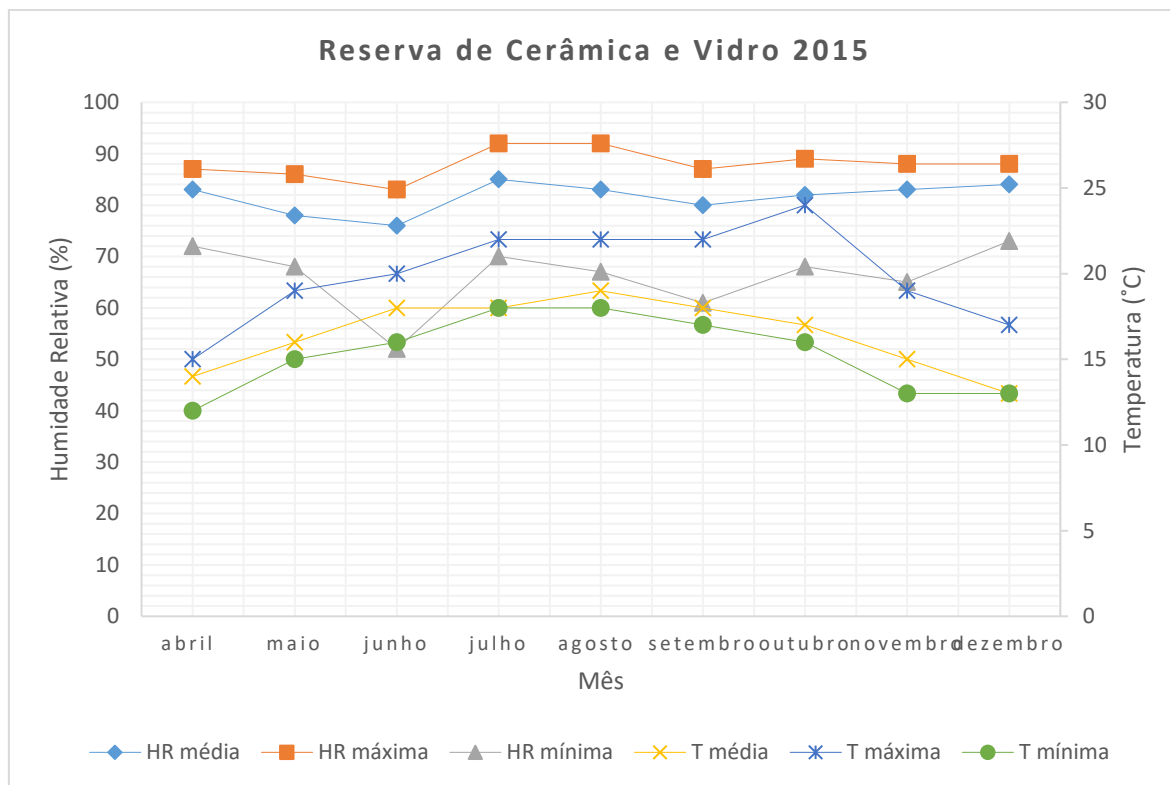


Figura 186: Proposta de gráfico para as medições anuais da HR e T, na Reserva de Cerâmica e Vidro, em 2015.

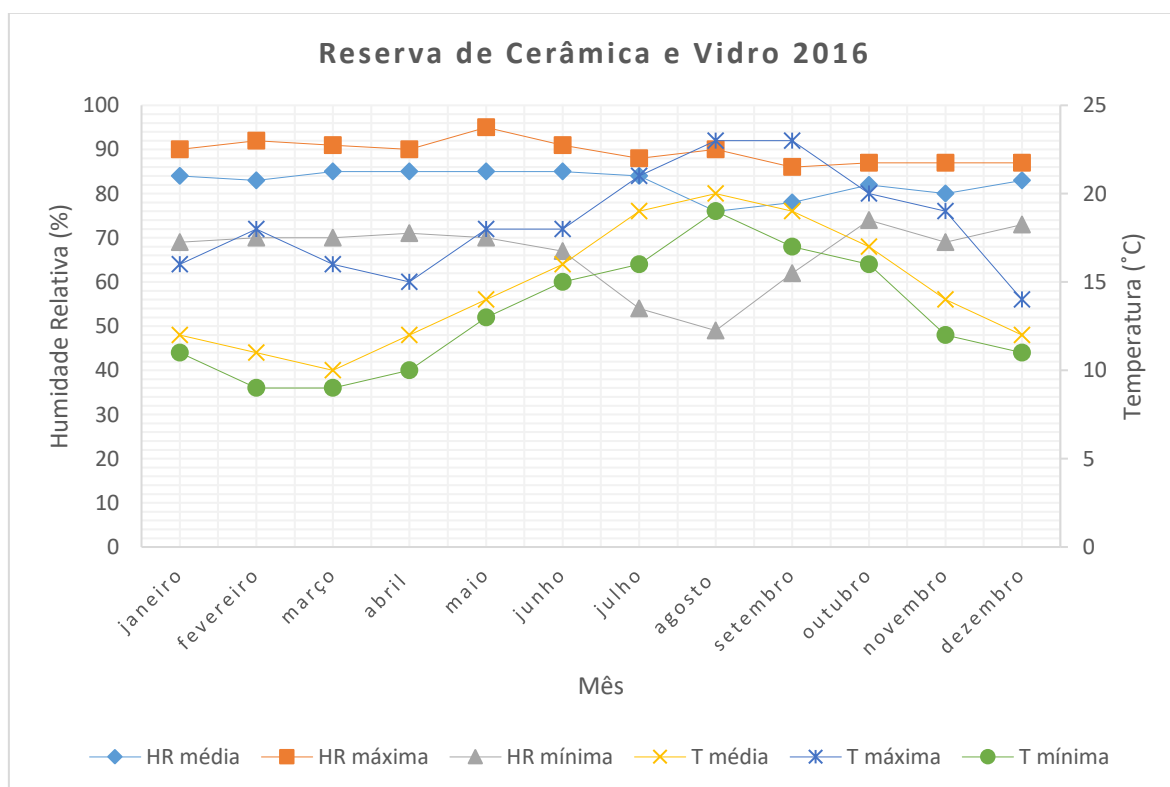


Figura 187: Proposta de gráfico para as medições anuais da HR e T, na Reserva de Cerâmica e Vidro, em 2016.

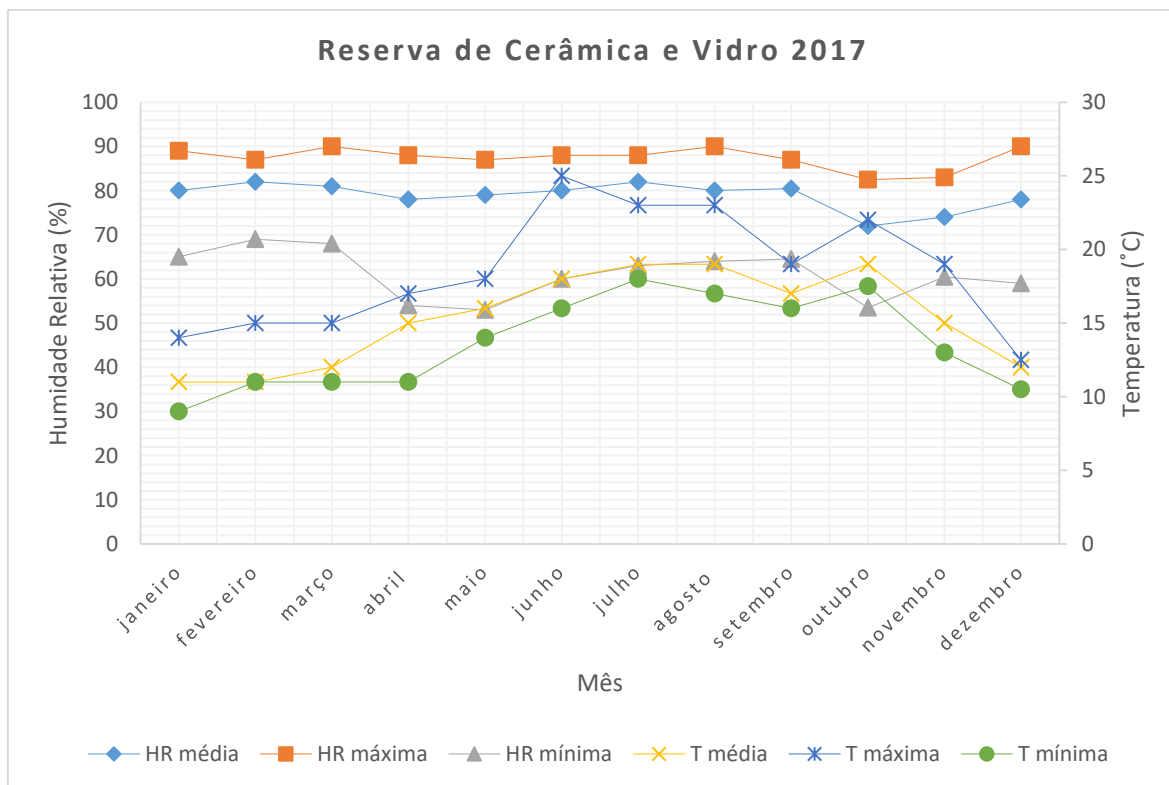


Figura 188: Proposta de gráfico para as medições anuais da HR e T, na Reserva de Cerâmica e Vidro, em 2017.

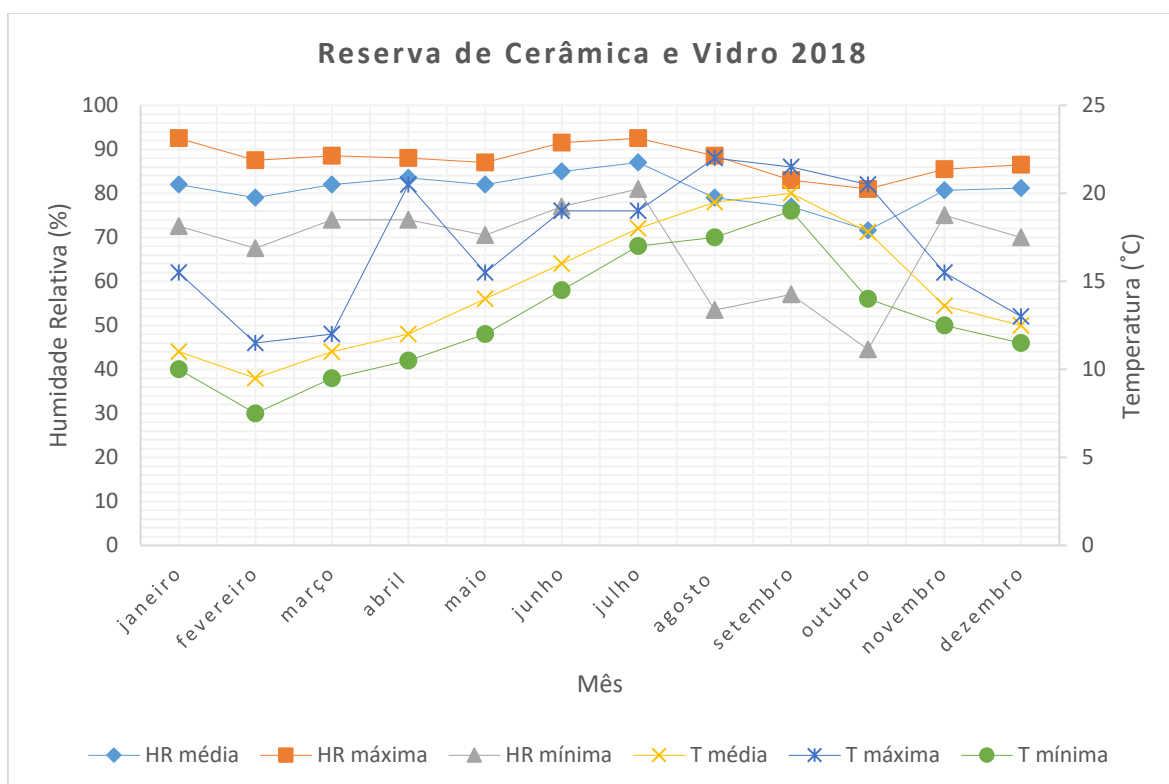


Figura 189: Proposta de gráfico para as medições anuais da HR e T, na Reserva de Cerâmica e Vidro, em 2018.

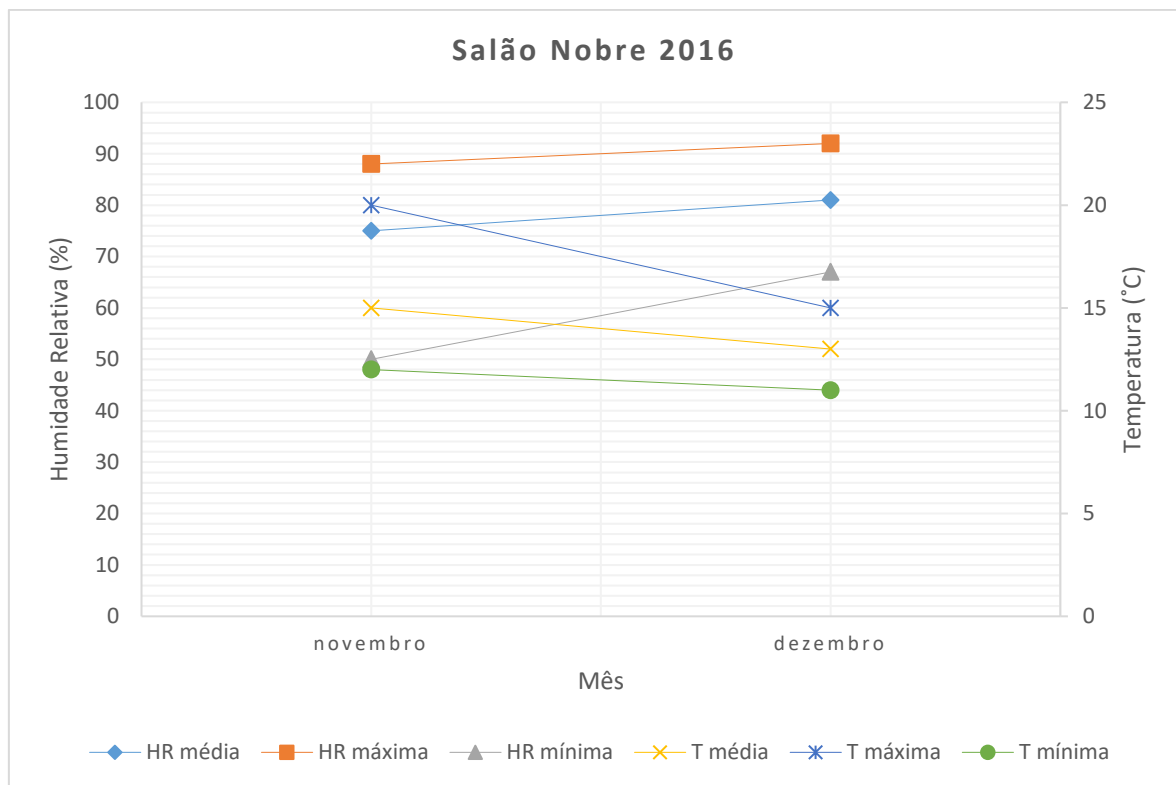


Figura 190: Proposta de gráfico para as medições anuais da HR e T, no Salão Nobre, em 2016.

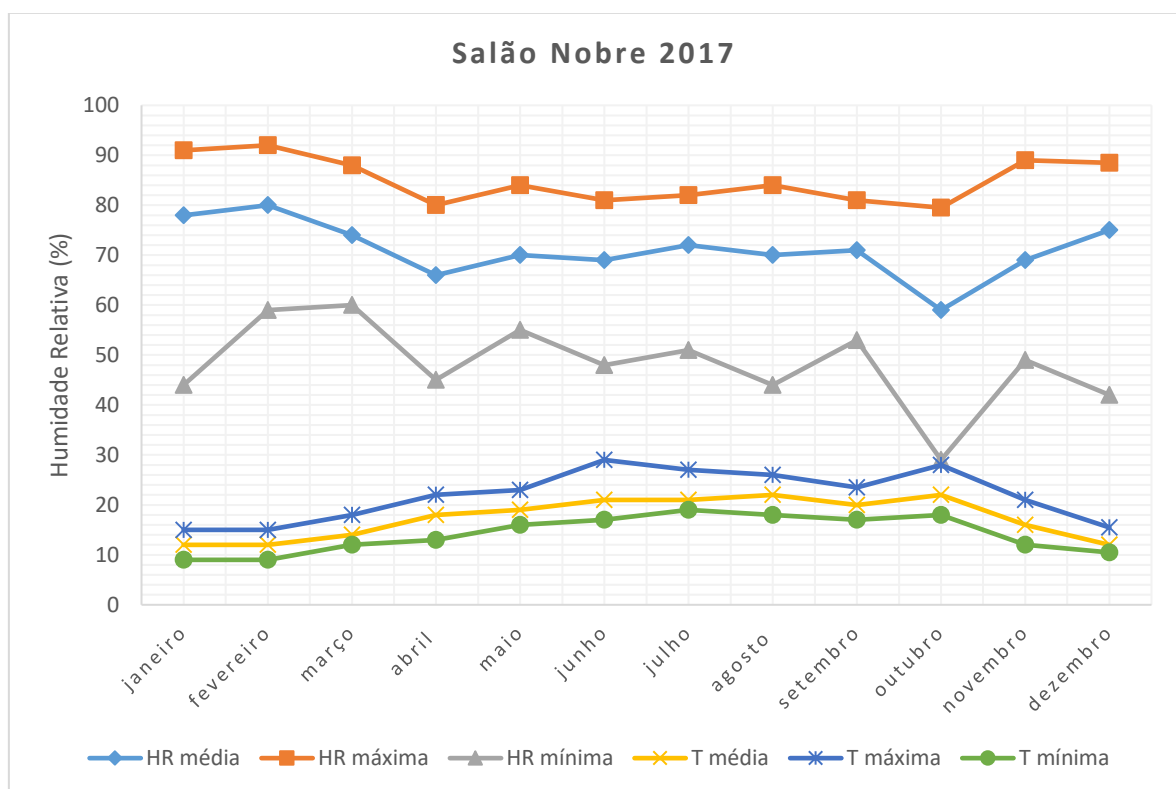


Figura 191: Proposta de gráfico para as medições anuais da HR e T, no Salão Nobre, em 2017.

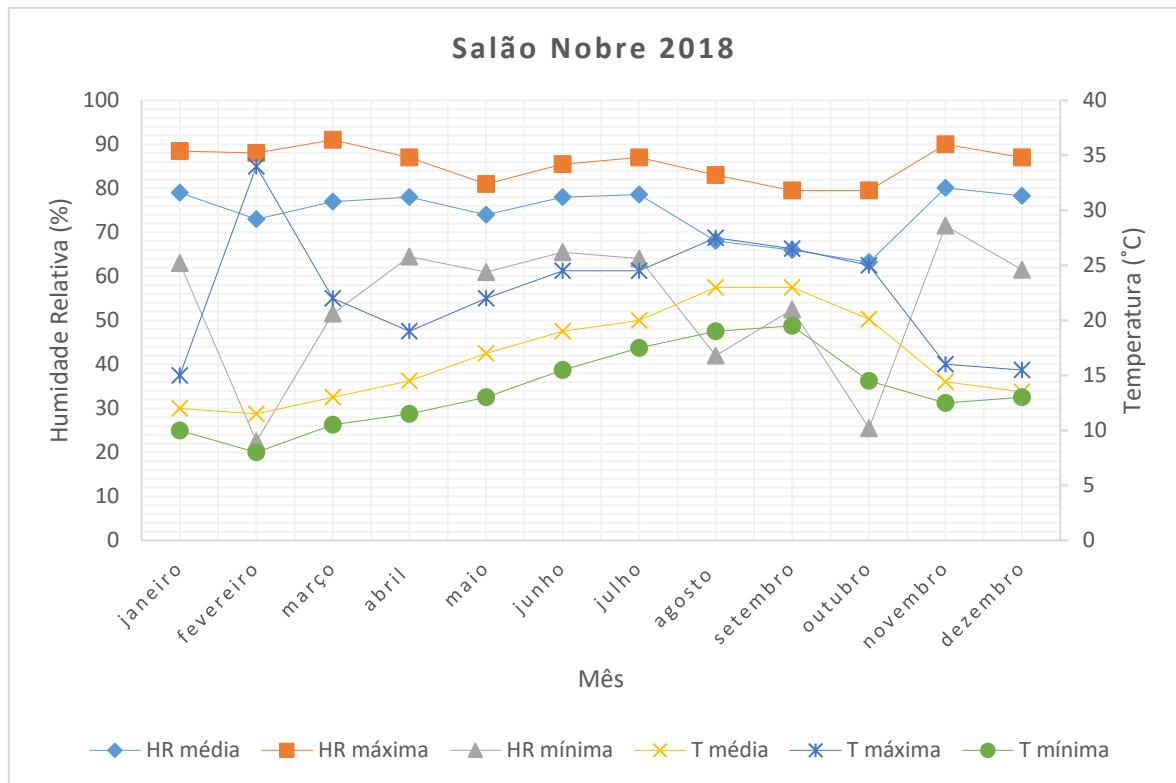


Figura 192: Proposta de gráfico para as medições anuais da HR e T, no Salão Nobre, em 2018.

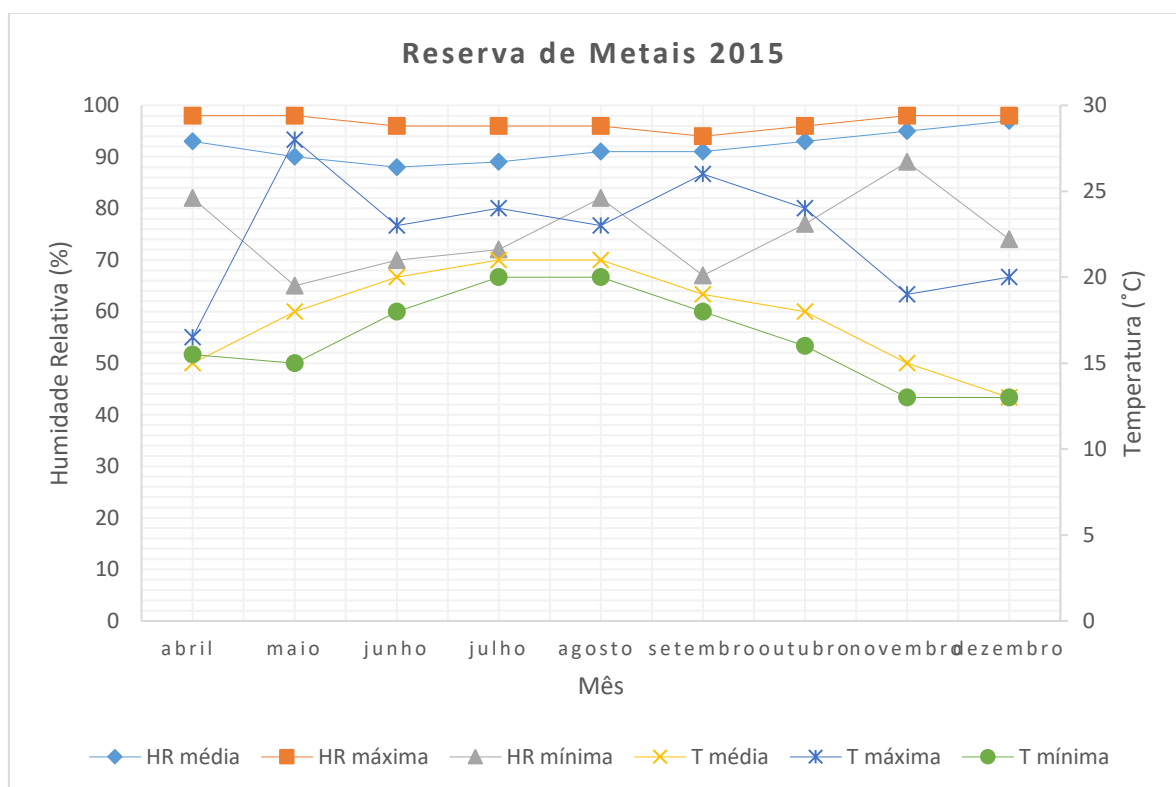


Figura 193: Proposta de gráfico para as medições anuais da HR e T, na Reserva de Metais, em 2015.

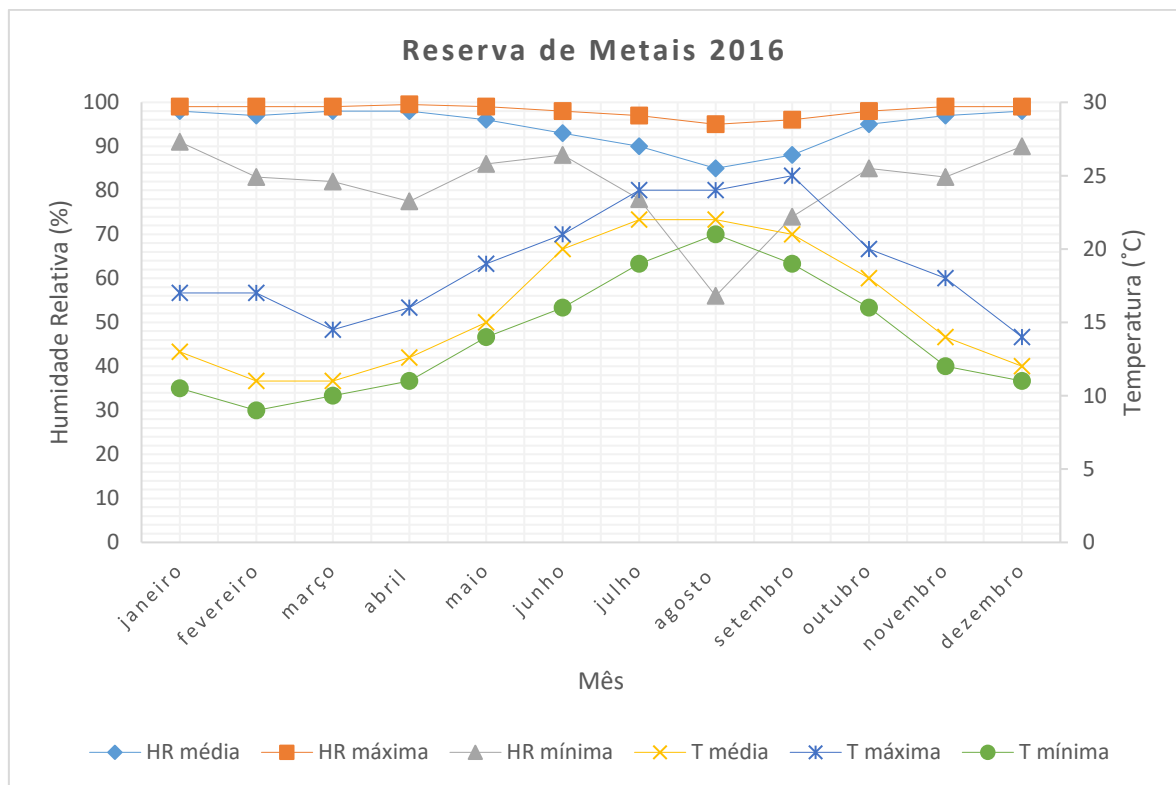


Figura 194: Proposta de gráfico para as medições anuais da HR e T, na Reserva de Metais, em 2016.

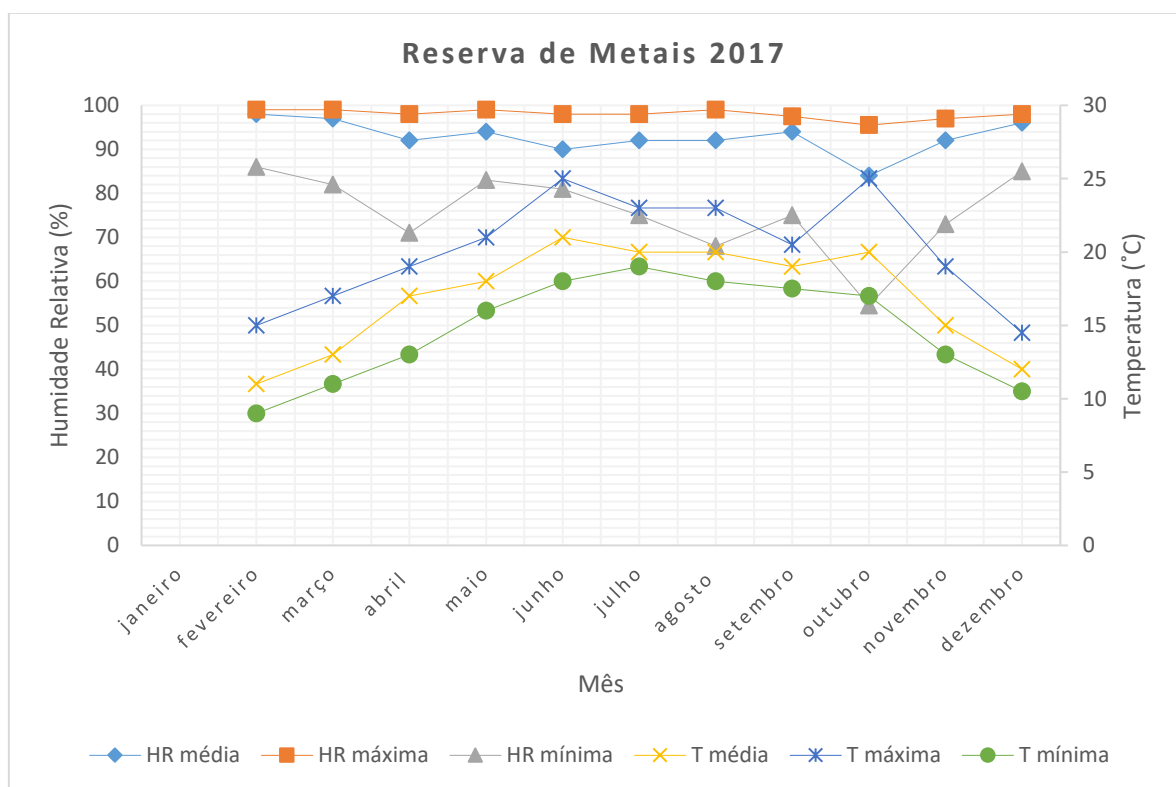


Figura 195: Proposta de gráfico para as medições anuais da HR e T, na Reserva de Metais, em 2017.

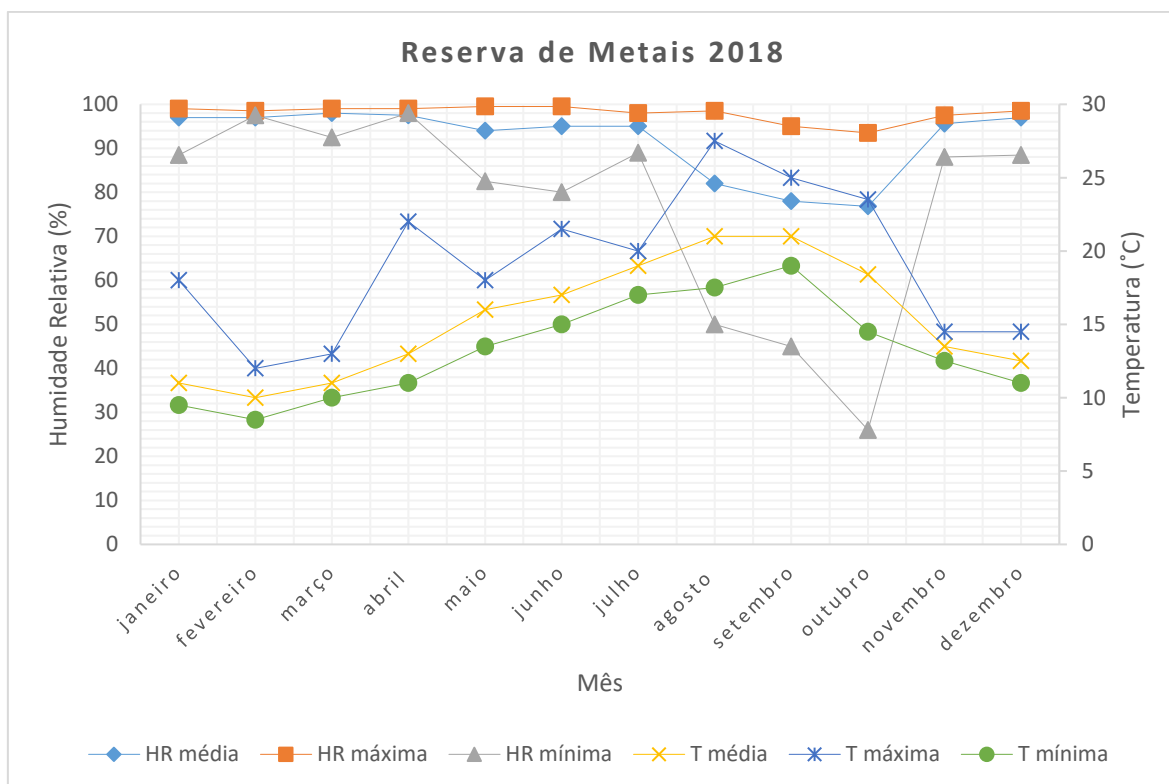


Figura 196: Proposta de gráfico para as medições anuais da HR e T, na Reserva de Metais, em 2018.

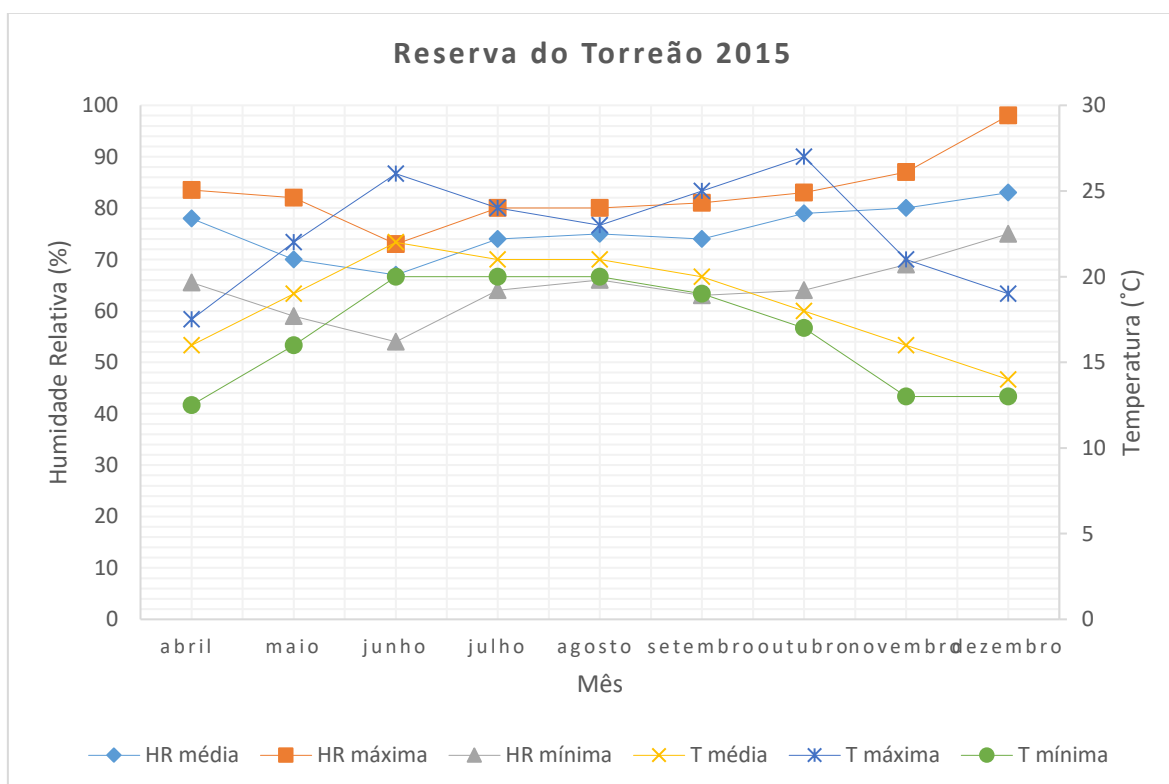


Figura 197: Proposta de gráfico para as medições anuais da HR e T, na Reserva do Torreão, em 2015.

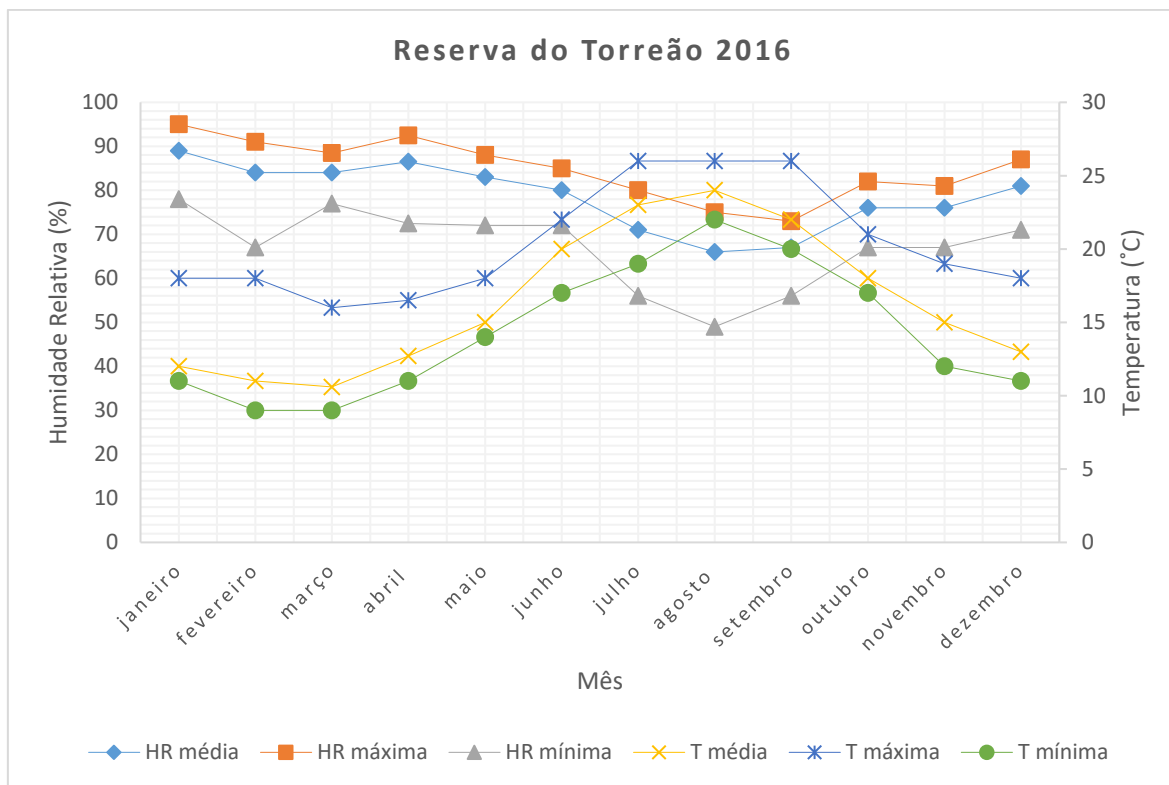


Figura 198: Proposta de gráfico para as medições anuais da HR e T, na Reserva do Torreão, em 2016.

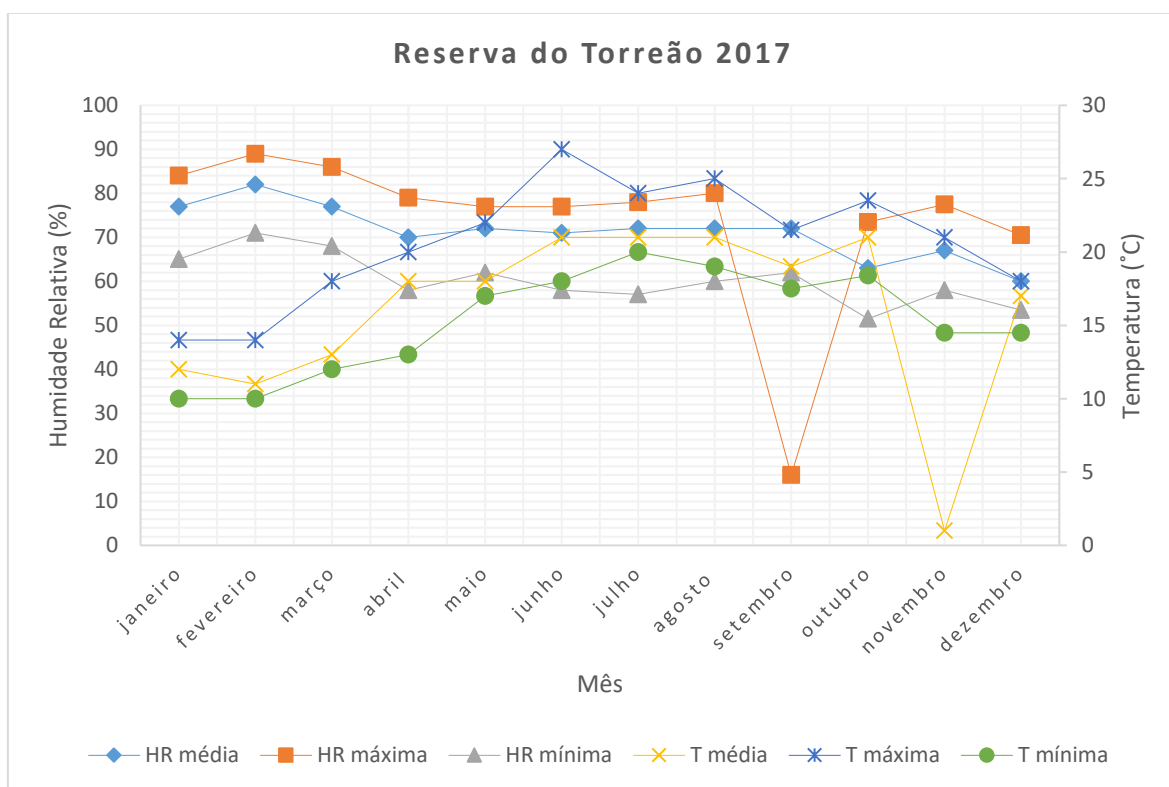


Figura 199: Proposta de gráfico para as medições anuais da HR e T, na Reserva do Torreão, em 2017.

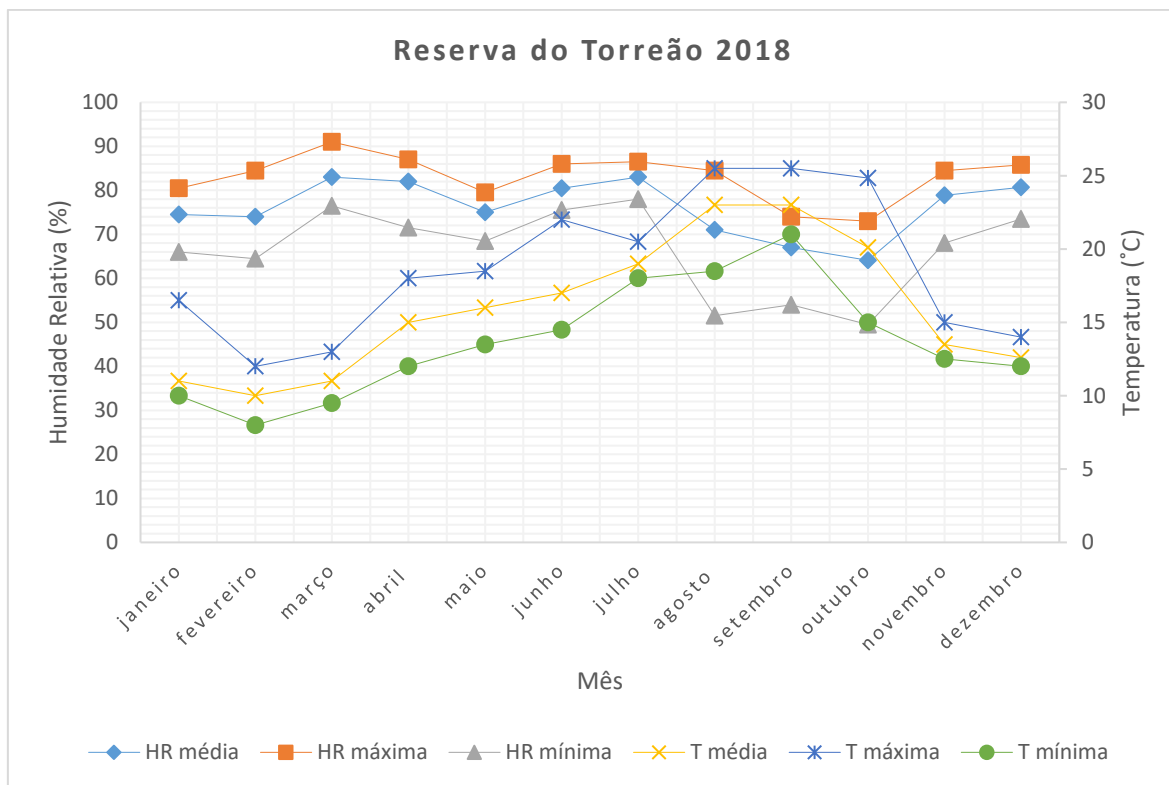


Figura 200: Proposta de gráfico para as medições anuais da HR e T, na Reserva do Torreão, em 2018.

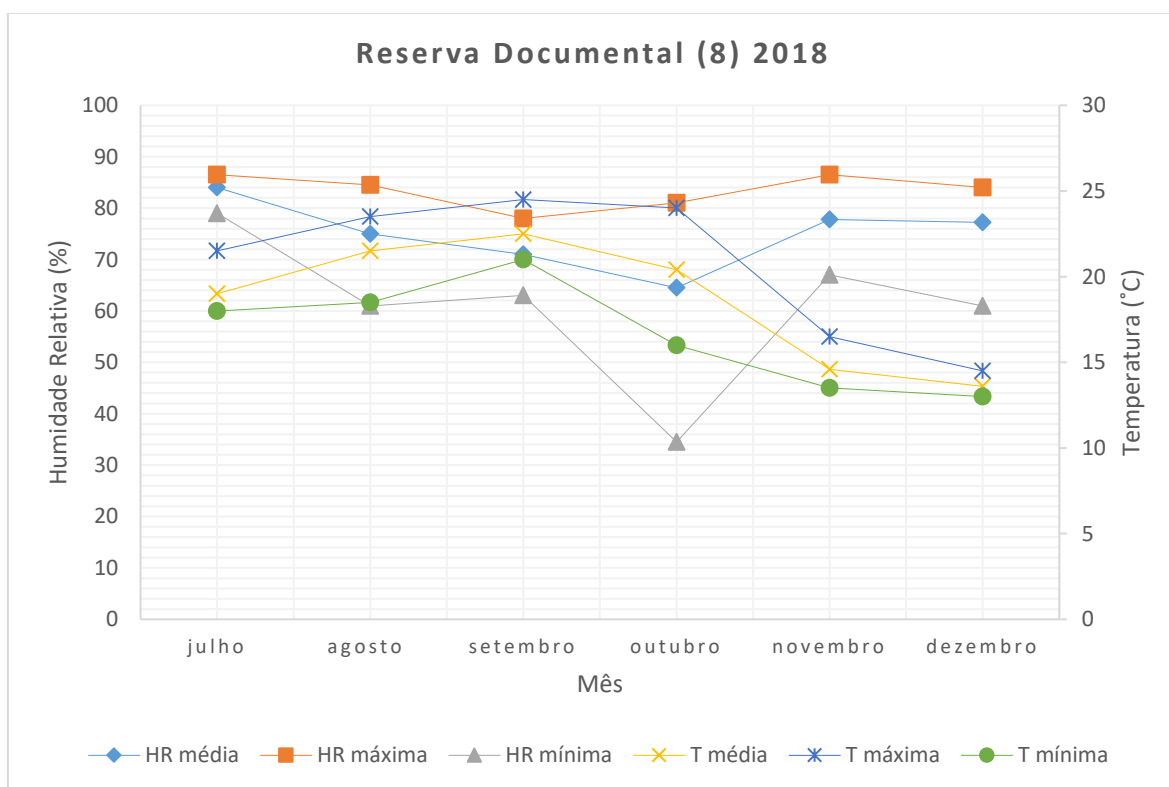


Figura 201: Proposta de gráfico para as medições anuais da HR e T, na Reserva Documental (8), em 2018.

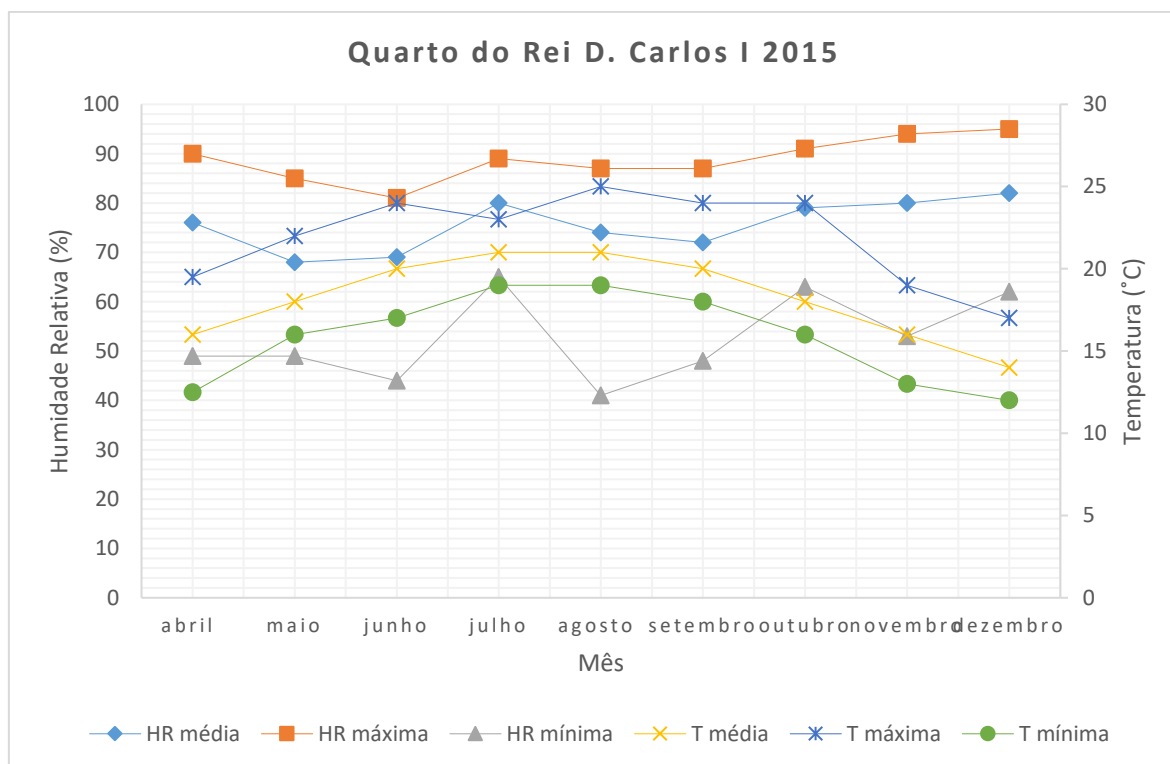


Figura 202: Proposta de gráfico para as medições anuais da HR e T, no Quarto do Rei D. Carlos I, em 2015.

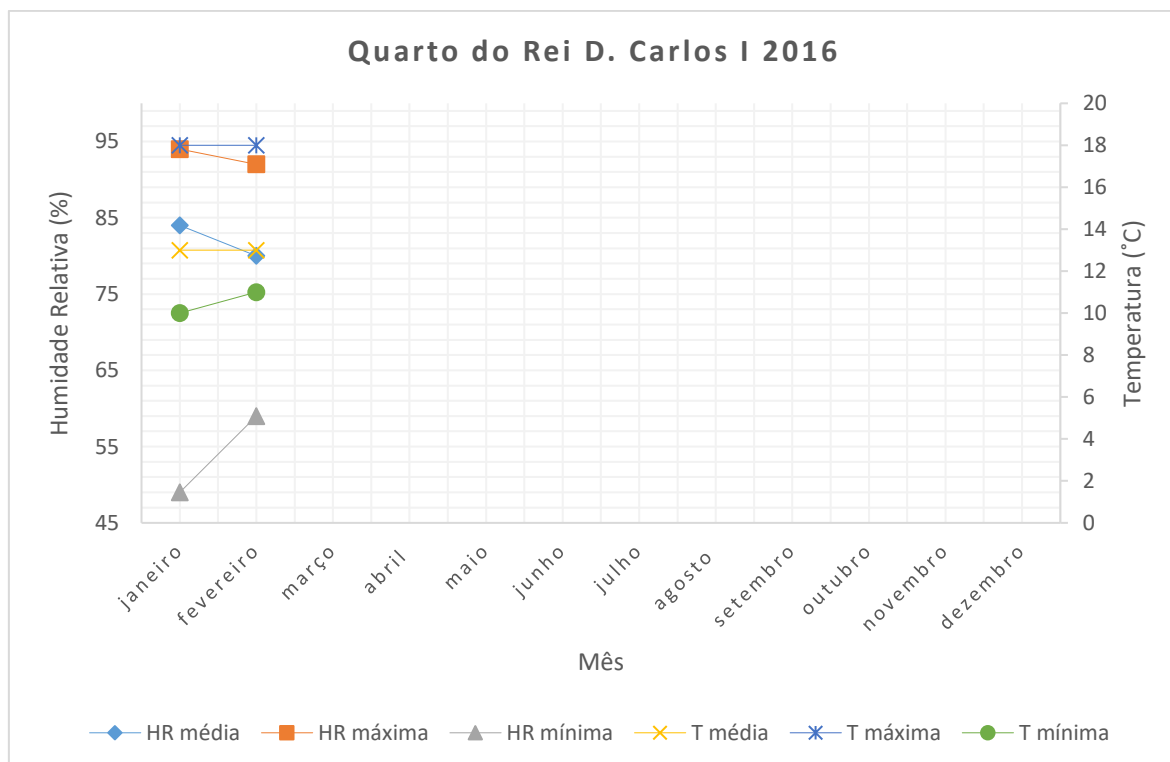


Figura 203: Proposta de gráfico para as medições anuais da HR e T, no Quarto do Rei D. Carlos I, em 2016.

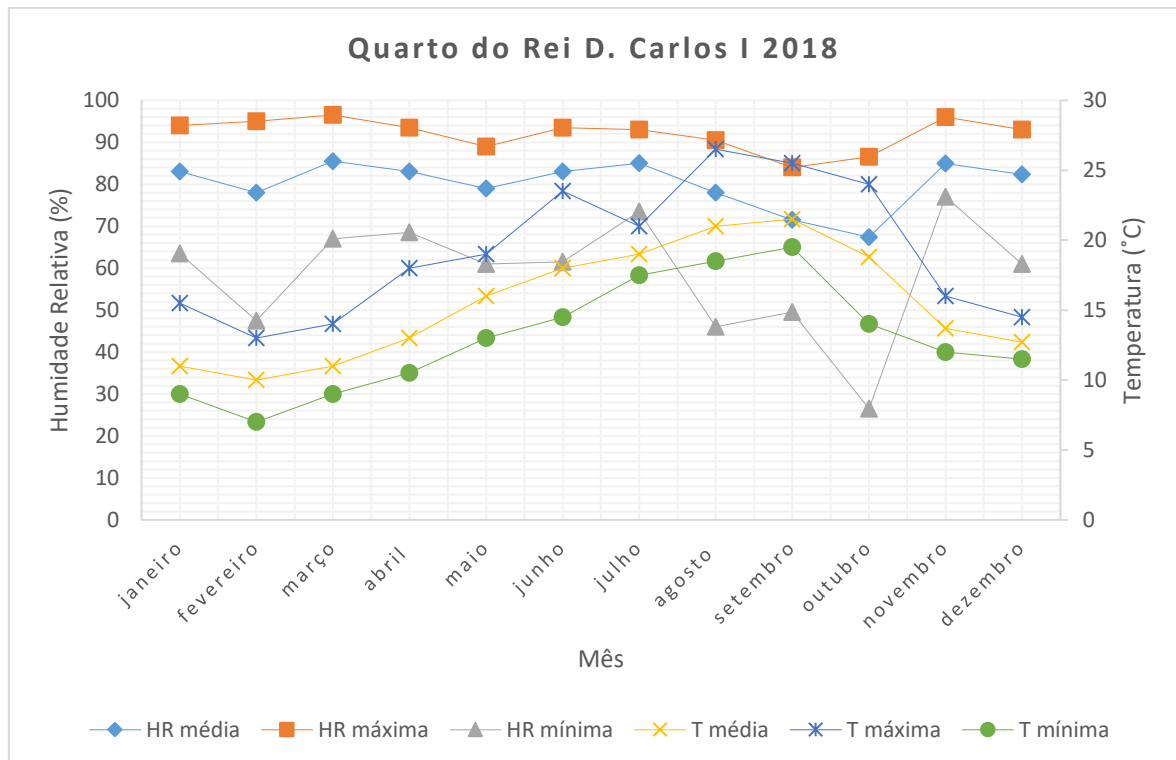
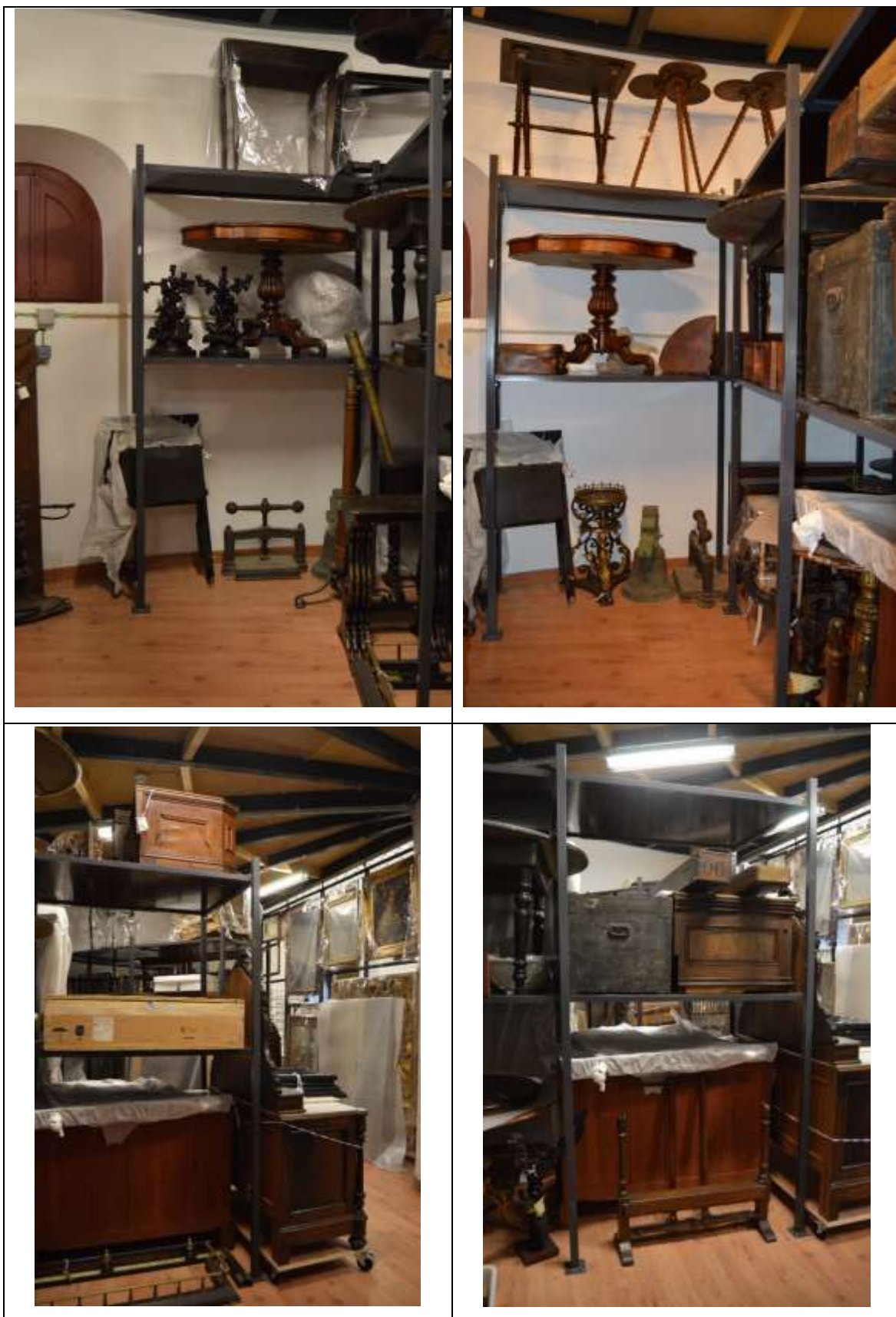


Figura 204: Proposta de gráfico para as medições anuais da HR e T, no Quarto do Rei D. Carlos I, em 2017.

Apêndice 8 – Reorganização da Reserva do Torreão: antes e depois

Tabela 7: Tabela com fotografias da reorganização da reserva do Torreão. Na coluna à esquerda, o antes, e, na coluna à direita, o depois.





































Apêndice 9 – Lista de fragmentos identificados




Tabela 8: Lista de fragmentos identificados.








Data	Nº de inventário	Nº de fragmentos	Tipologia / localização	Registo Fotográfico*	Localização do fragmento
23-06-2008 ****	?	1	Travão de um berço / ?		?
13-12-2018	?	3	?/ Reserva de Santa Eufémia		 
22-03-2019	?	2	Estrutura de cama / RT		








?	?	1	Papeleira / Chalet da Condessa d'Edla		
05-12- 2018	PNA44404a PNA44404b	4	Mesa / RT		 
26-03- 2019	PNP573	2	Moldura / RT		Sem fotografia
17-04- 2019	PNP693/2	1	Cadeira / RSE	Sem fotografia	

22-03-2019	PNP695/3	1	Cadeira / RT		
26-03-2019	PNP703	2	Mesa / RT		
13-12-2018	PNP704	1	Canapé (restaurado) / Gabinete do rei D. Carlos I		
13-12-2018	PNP712	45	Mobiliário (restaurado) / Salão Nobre		Geral
? ****	PNP712/?	1	Tacha de cadeira do Salão Nobre		?
? ****	PNP715/?	2	Consola / RSE		








04-12-2018 / 23-03-2019	PNP721/?	6	Cadeira / ?	 	 
22-03-2019	PNP753/4	1	Cadeira / RT		
22-03-2019	PNP777/?	4	Cadeira / Possivelmente na RSE		 







22-03-2019	PNP804/?	2	Cadeira / ?		 
17-04-2019	PNP804/8	1	Cadeira / Quarto da rainha D. Amélia		
30-01-2019	PNP804/10	2	Cadeira / RT		
22-03-2019	PNP804/12	1	Cadeira / RT		




11-04-2019	PNP866	7	Cadeira / ?		
26-09-2019	PNP887	1	Bengaleiro / Quarto do rei D. Manuel II		
11-04-2019	PNP896/?	6	Cadeira / ?		Sem fotografia
15-04-2019	PNP897/?	4	Cadeira / ?		










15-04-2019	PNP897/3	1	Cadeira / RT		
29-03-2019	PNP902/?	3	Cadeira / ?		Sem fotografia
26-01-2017 ***	PNP902/7	1	Cadeira / RT		
26-01-2017 ***	PNP902/9	1	Cadeira / RT		












26-01-2019 ***	PNP902/10	1	Cadeira / RT		
26-01-2017 ***	PNP902/15	1	Cadeira / RT		Sem fotografia
22-03-2019	PNP903/?	1	Cadeira / ?		
15-04-2019	PNP910/?	1	Cadeira / ?		Sem fotografia

26-01-2015 ***/ 15-04-2019	PNP935/?	20	Cadeira / ?	  	Sem fotografia
13-12-2018	PNP950/?	1	Cadeira / ?	 	
26-03-2019	PNP950/1	1	Trinchante / Sala de Jantar	 	

05-12-2018 e 29-03-2019	PNP950/3	1 + 1 possível	Aparador / Sala de Jantar		
27-03-2019	PNP1423	2	Coluna / RT		
	PNP1424/1	1	Coluna / RT		

	PNP1424/2	6	Coluna / RT		
02-07-2010 ****	PNP1439	1	Mesa-de-cabeceira / ?		?
? ****	PNP1860/5	1	Armário contador / RSE		?

17-04-2019	PNP1898	1	Caixa em lacado / RT		
22-03-2019	PNP2091/3	1	Mesa / RSE		
? ****	PNP2212	12	Armário louceiro / 2.ª Sala de Passagem		
Entre os dias 22 e 29-03-2019	PNP2267	62	Estrutura de cama / RT	 	

05-12-2018	PNP2276	4 (+4 possí veis)	Cómoda / RT	 	   
02-04-2019	PNP2689	2	Roupeiro / Quarto do Camarista		 
29-03-2019	PNP3054/1	2	Cadeira / RT		
Total		234			
*Fotografias por: Bárbara Rodrigues.					
** Identificação por: Andreia Pereira e Beatriz Rodrigues.					
*** Identificação por: Catarina Pires e Joana Pereira.					
**** Identificação por: não menciona.					

Apêndice 10 – Plantas com o percurso do visitante durante as ações de limpeza



Figura 205: Percurso de visita normal no piso 1. Planta ©PSML, sem escala.

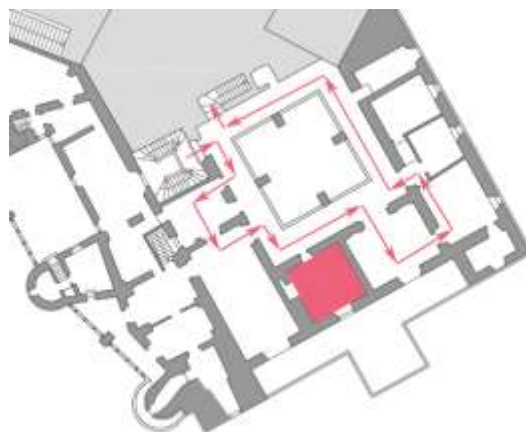


Figura 206: Percurso de visita durante as ações de limpeza do quarto do camarista. Planta ©PSML, sem escala.



Figura 207: Percurso de visita durante as ações de limpeza da Copa. Planta ©PSML, sem escala.

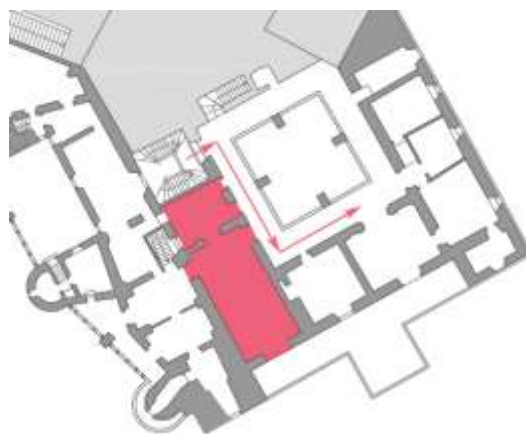


Figura 208: Percurso de visita durante as ações de limpeza da Sala de Jantar. Planta ©PSML, sem escala.



Figura 209: Percurso de visita durante as ações de limpeza do Gabinete do Rei D. Carlos I. Planta ©PSML, sem escala.

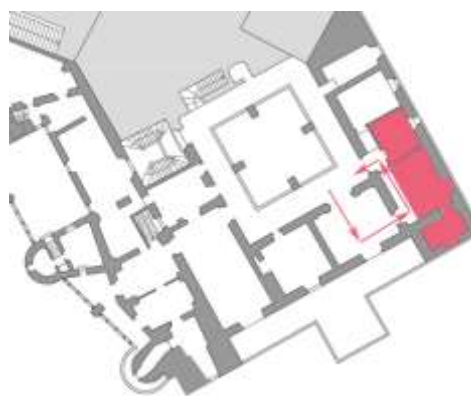


Figura 210: Percurso de visita durante as ações de limpeza do Quarto, WC e Casa de Banho do Rei D. Carlos I. Planta ©PSML, sem escala.



Figura 211: Percurso de visita normal no piso 2. Planta ©PSML, sem escala.



Figura 212: Percurso de visita durante as ações de limpeza Sala do Chá. Planta ©PSML, sem escala.



Figura 213: Percurso de visita durante as ações de limpeza do Gabinete da Rainha D. Amélia. Planta ©PSML, sem escala.



Figura 214: Percurso de visita durante as ações de limpeza do Quarto do Veador e o Quarto da Dama de Companhia. Planta ©PSML, sem escala.

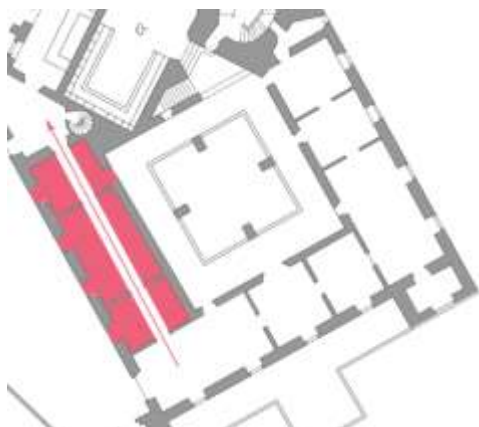


Figura 215: Percurso de visita durante as ações de limpeza da Sala do Telefone, da Sala Árabe e da Sala Verde. Planta ©PSML, sem escala.



Figura 216: Percurso de visita durante as ações de limpeza do Quarto e do Quarto de Vestir da Rainha D. Amélia. Planta ©PSML, sem escala.

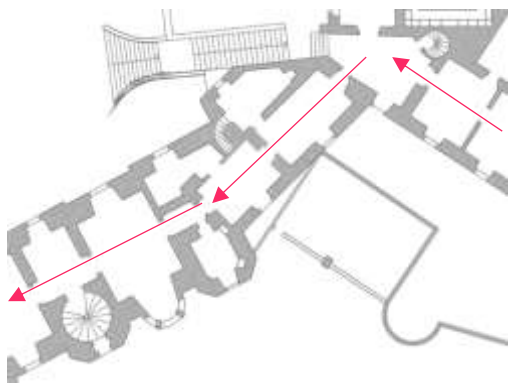


Figura 217: Percurso de visita normal no piso 2, continuação. Planta ©PSML, sem escala.

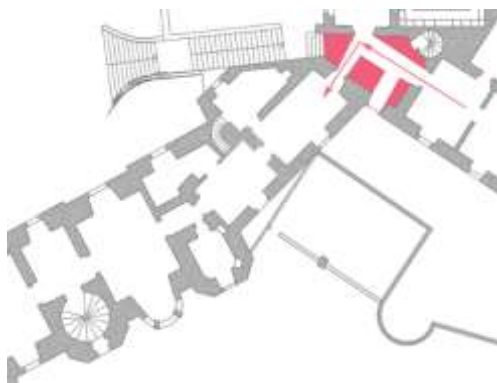


Figura 218: Percurso de visita durante as ações de limpeza do Átrio da Sacristia. Planta ©PSML, sem escala.

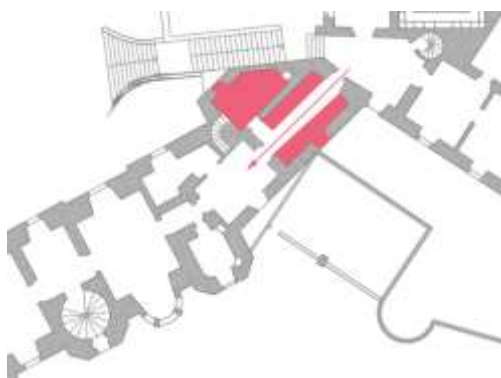


Figura 219: Percurso de visita durante as ações de limpeza da Primeira Sala de Passagem e do Atelier da Condessa d'Edla. Planta ©PSML, sem escala.

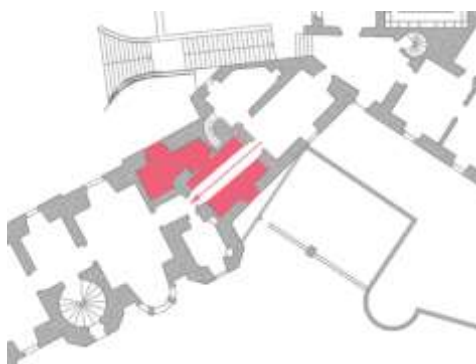


Figura 220: Percurso de visita durante as ações de limpeza da Segunda Sala de Passagem. Planta ©PSML, sem escala.

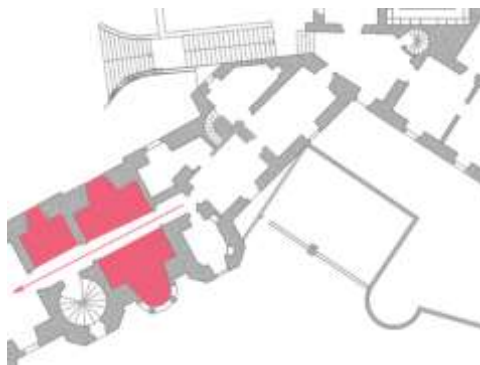


Figura 221: Percurso durante as ações de limpeza da Sala de Fumo e da Sala de Entrada. Planta ©PSML, sem escala.

Apêndice 11 – Dimensões do estojo e gavetas

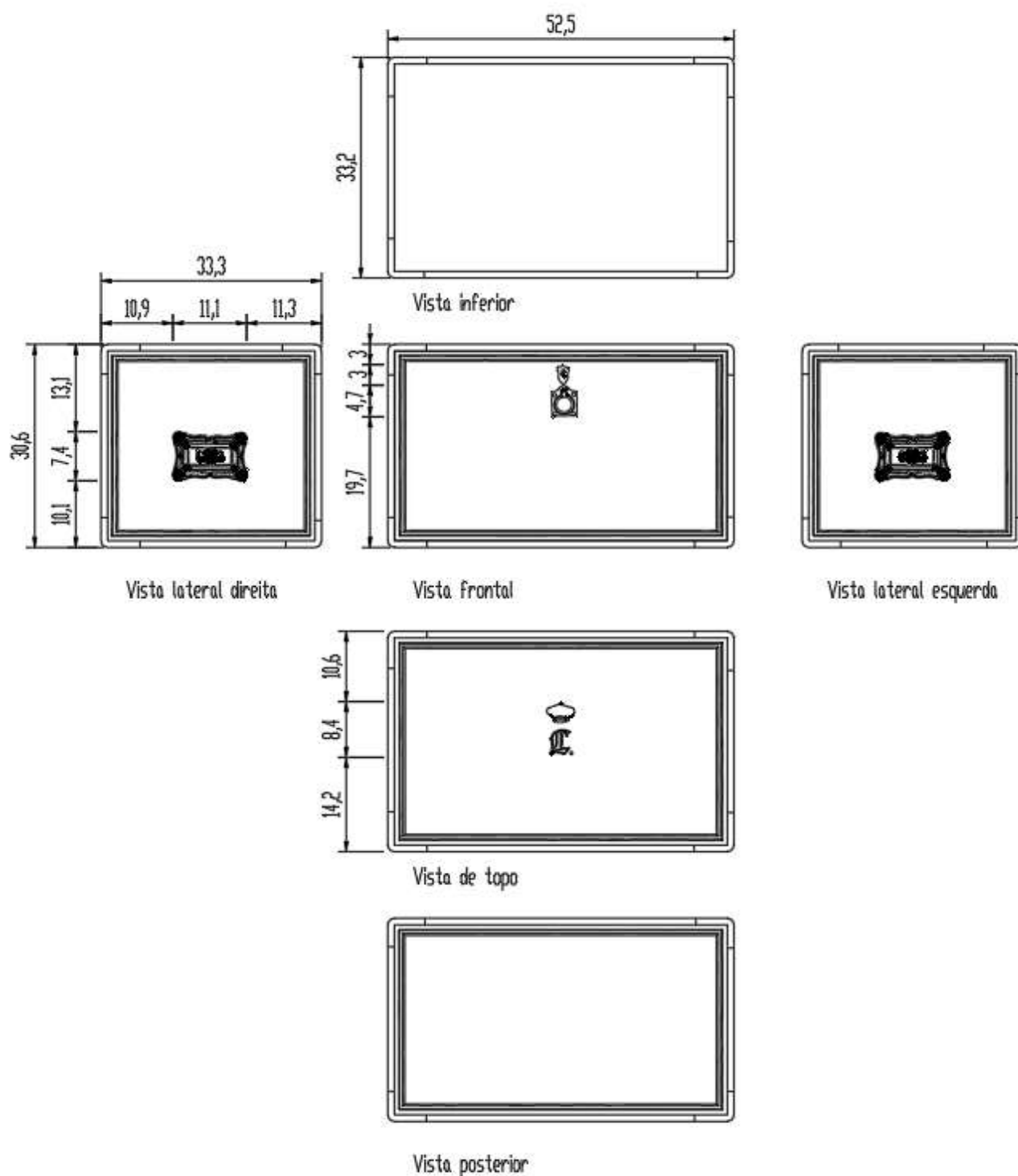


Figura 222: Dimensões gerais do estojo, em centímetros. Desenho técnico sem escala.

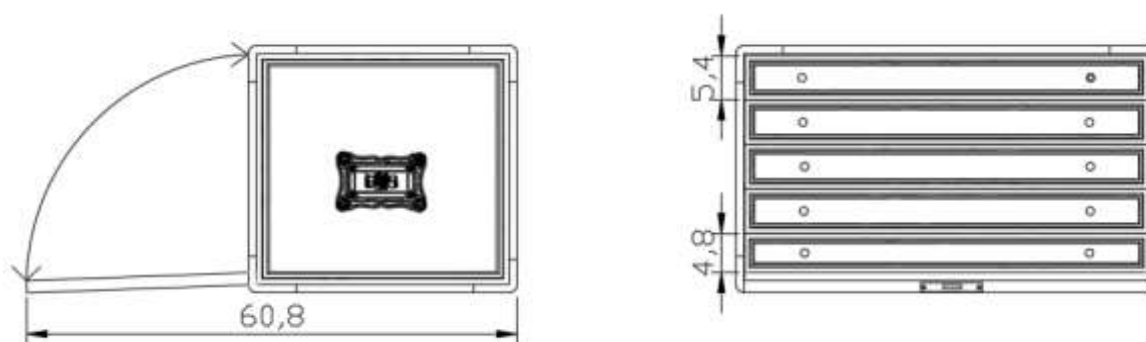


Figura 223: Dimensões gerais do estojo aberto, em centímetros. Desenho técnico sem escala.

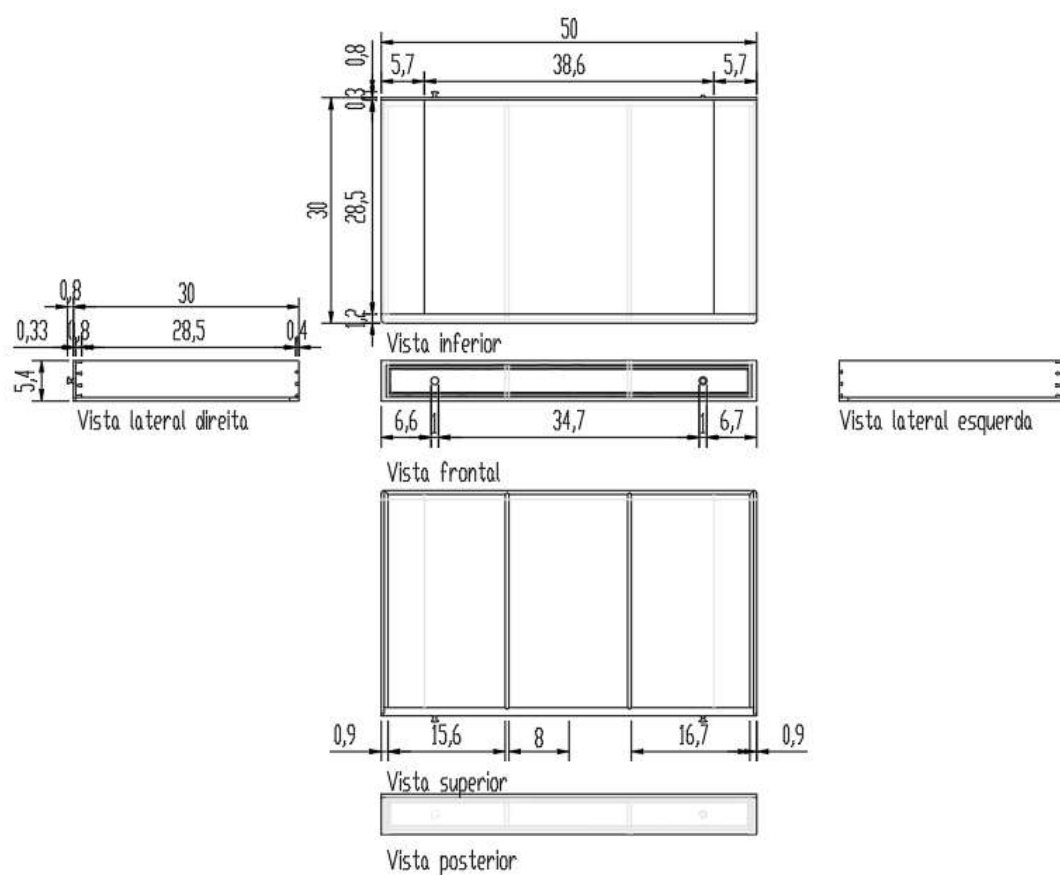


Figura 224: Dimensões gerais da primeira gaveta, em centímetros. Desenho técnico sem escala.

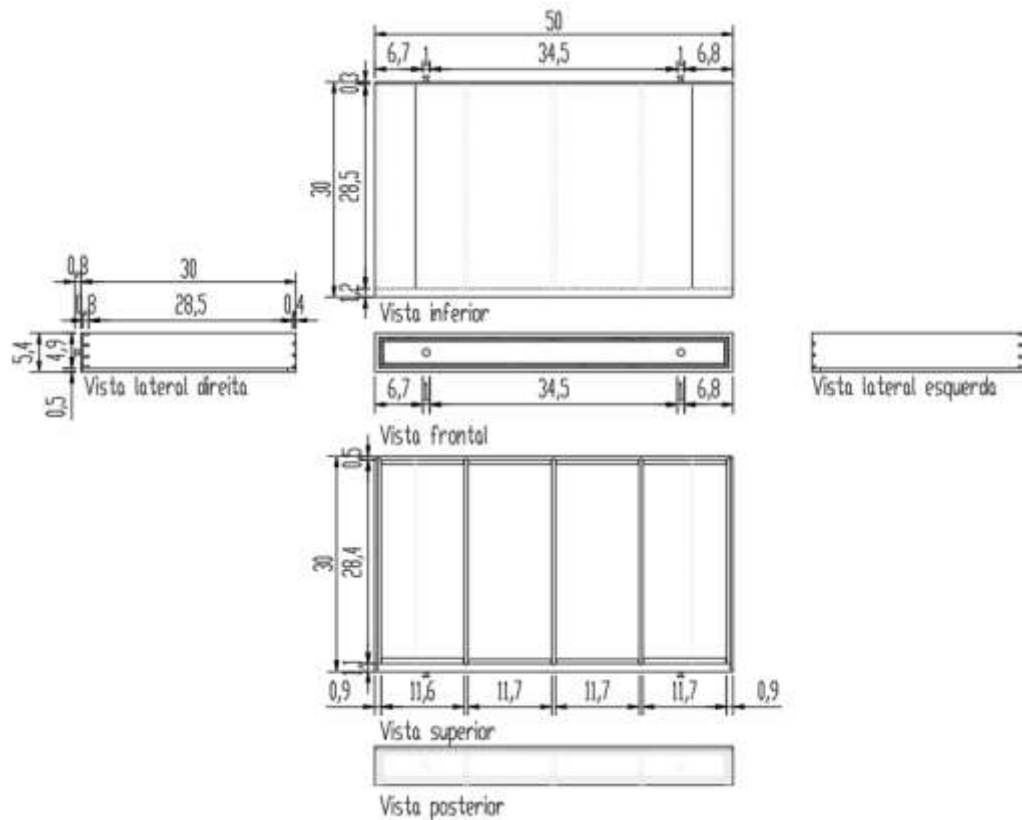


Figura 225: Dimensões gerais das segunda, terceira e quarta gavetas, em centímetros. Desenho técnico sem escala.

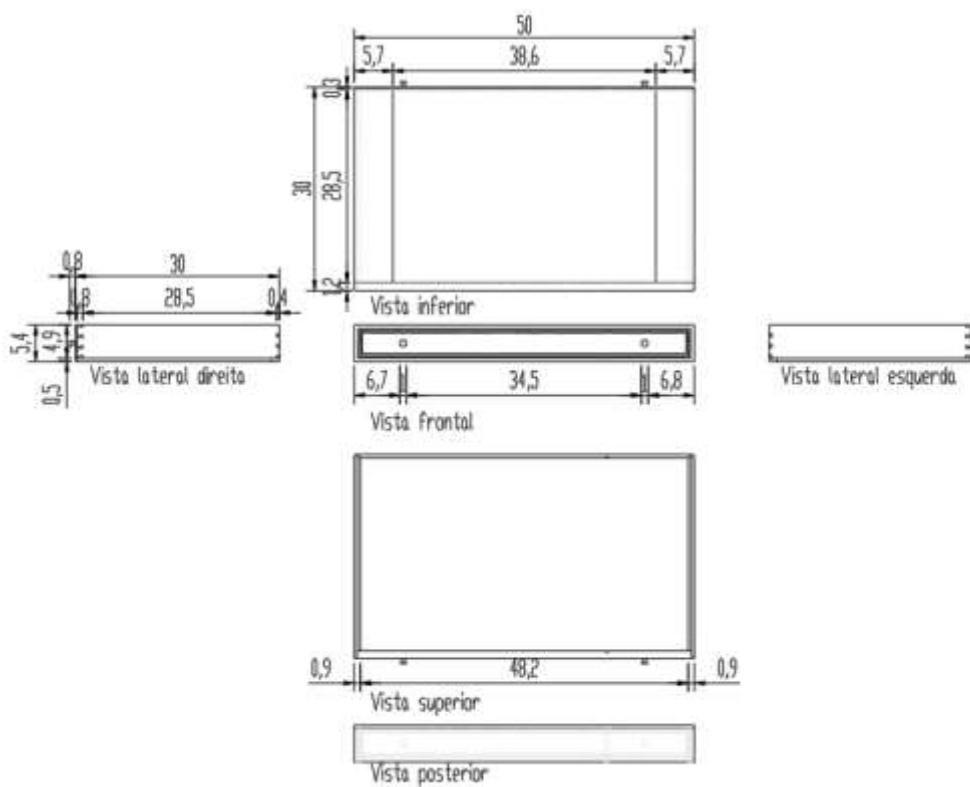


Figura 226: Dimensões gerais da última gaveta, em centímetros. Desenho técnico sem escala.

Apêndice 12 – Entalhe do segundo colar presente no estojo

A identificação do segundo colar, representado no entalhe de menor dimensão da última gaveta, foi possível através do contacto com Paulo Jorge Estrela, especialista em falerística. Após uma adequada troca de informações foi possível identificar a possibilidade deste colar ser relativo à Ordem da Santíssima Anunciada (Reino de Sardenha), que o “*Infante D. Luís Filipe (mais tarde D. Luís I) recebe na sua viagem (decreto de 15.07.1855), a acompanhar o seu irmão, D. Pedro [V], pela Europa Central e do Sul.*” Paulo Jorge Estrela. Nas figuras seguintes, compara-se o entalhe de colar, da área interior, à esquerda, e o colar, à direita, realçando, também, da silhueta da medalha. Tendo consideração que o colar relativo à Ordem Militar da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito, é a ordem honorífica mais elevada em Portugal, questiona-se, assim, a junção destes dois colares. Sabendo que este segundo colar é a mais alta condecoração da Casa de Saboia, a resposta a essa questão pode passar pelo casamento de D. Luís I com D. Maria Pia de Saboia (1847-1911).



Figura 227: Entalhe dos negativos dos colares das ordens honoríficas.



Figura 228: Colar da Ordem da Santíssima Anunciada, no Museu de Tallinn, das ordens da cavalaria, Estónia.



Figura 229: Pormenor do entalhe do negativo da medalha do colar.



Figura 230: Pormenor da medalha do colar.

Apêndice 13 – Cotejo entre os estojos do rei consorte D. Fernando II e do rei D. Luís I

Estojo do rei consorte D. Fernando II



Figura 231: Par de estojos do rei consorte D. Fernando II. Palácio de Vila Viçosa.

Estojo do rei D. Luís I



Figura 232: Estojo do rei D. Luís I. Palácio Nacional da Pena.



Figura 233: Vista lateral direita.



Figura 234: Vista lateral direita.



Figura 235: Pormenor do encaixe de travessa.



Figura 236: Pormenor do encaixe da travessa.



Figura 237: Pormenor do puxador.



Figura 238: Pormenor do puxador.



Figura 239: Vista superior, onde se encontra o monograma de D. Fernando II.



Figura 240: Vista superior, onde se encontra o monograma de D.



Figura 241: Pormenor do preenchimento de um possível encaixe de travessa.



Figura 242: Pormenor do preenchimento de um possível encaixe de travessa.

Apêndice 14 – Mapeamentos de danos e patologias

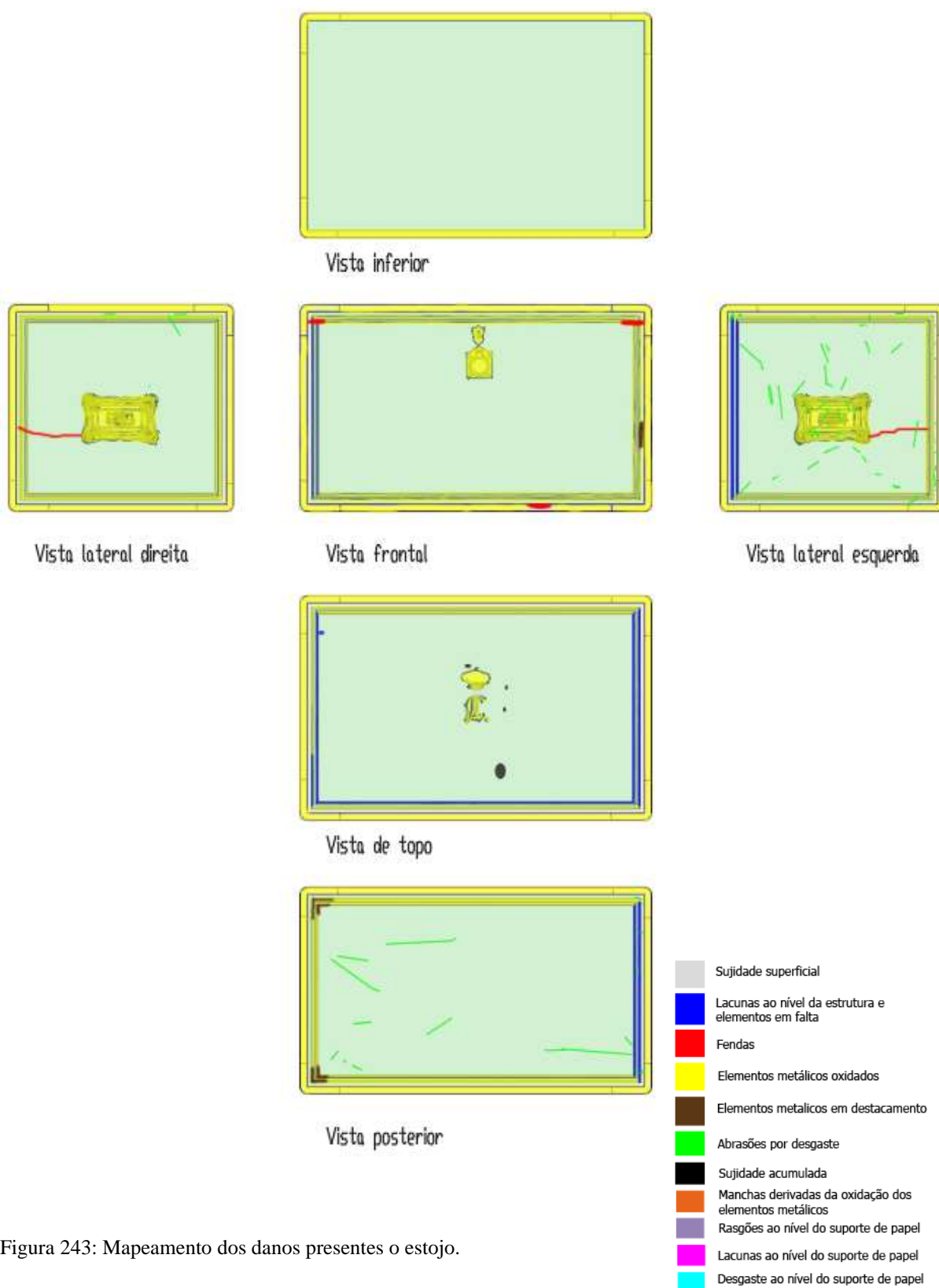


Figura 243: Mapeamento dos danos presentes o estojo.



Figura 244: Mapeamento dos danos presentes na primeira gaveta.

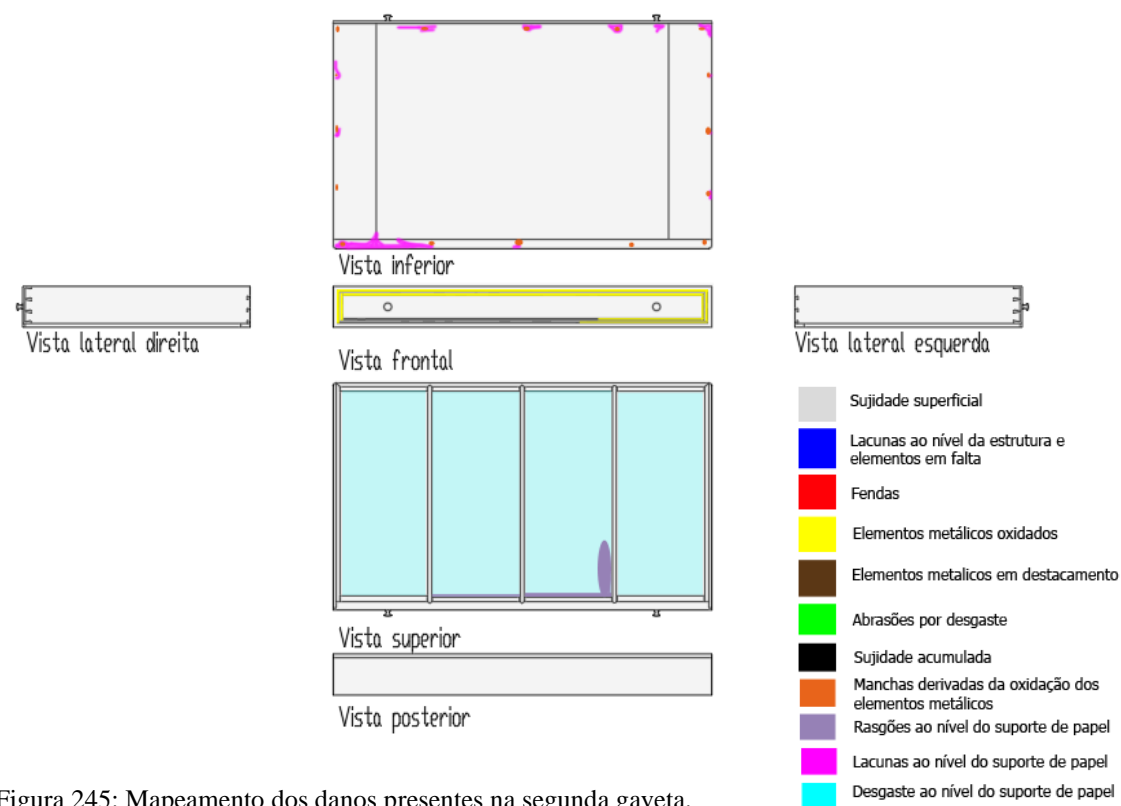


Figura 245: Mapeamento dos danos presentes na segunda gaveta.

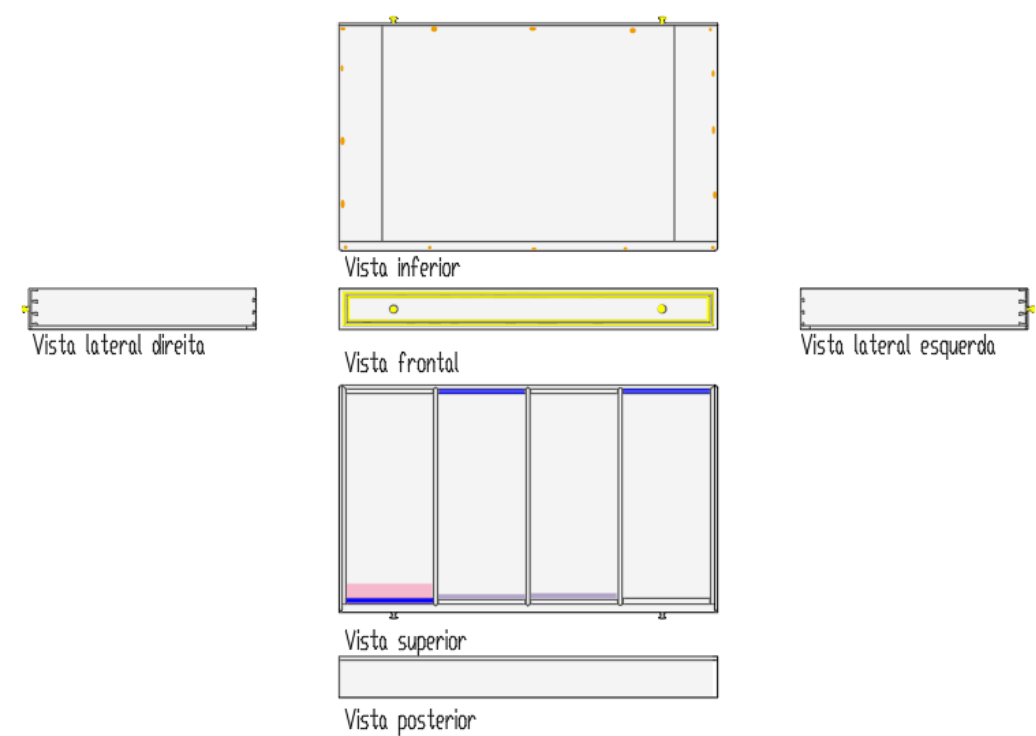


Figura 246: Mapeamento dos danos presentes na terceira gaveta.

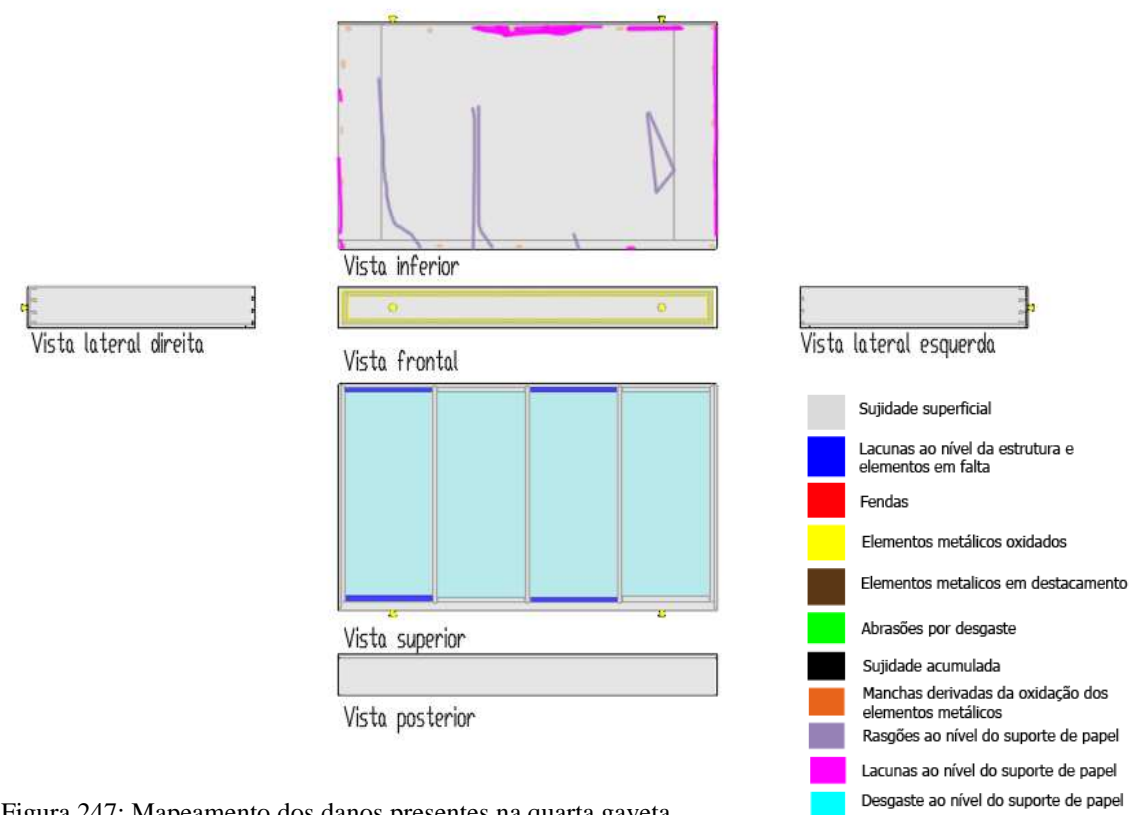


Figura 247: Mapeamento dos danos presentes na quarta gaveta.

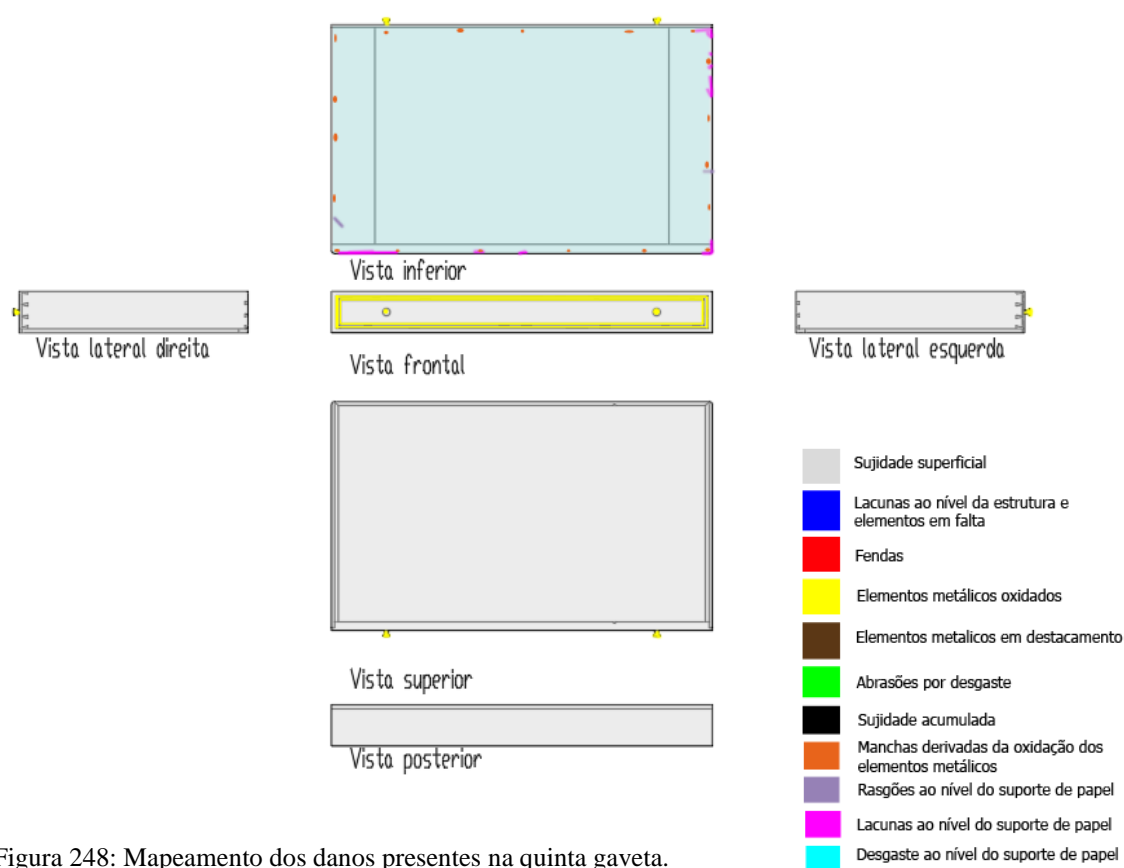


Figura 248: Mapeamento dos danos presentes na quinta gaveta.

Anexos

Anexo 1 – Ficha de estado de conservação (*condition report*)



FICHA DE ESTADO DE CONSERVAÇÃO CONDITION REPORT

Polo	Palácio Nacional da Pena
Protocolo	Empréstimo para exposição temporária <i>A Família Real e a Fábrica de Loiça de Sacavém</i>
Entidade recetora	Fundação D. Luís I
Local	Centro Cultural de Cascais
Período	14 de dezembro de 2018 a 24 de fevereiro de 2019

Identificação

Categoria	Cerâmica	Número de inventário PNP86
Denominação	Prato	
Descrição	Prato de formato circular, sem aba, em faiança branca esmaltada. Apresenta uma representação de dois cães com orelhas e focinhos negros e coleira azul ultramarino com guizo, estando um sentado, olhando para o lado direito, e o outro deitado, envoltos por uma paisagem campestre com vegetação rasteira.	
Dimensões	A: 5,5 cm D: 45,9 cm	
Materiais/técnicas	Cerâmica / Faiança, pintada e vidrada	
Autoria	D. Fernando II	
Datação	1884	
Marcas/inscrições	Marca gravada no verso, das porcelanas de Sacavém. Assinado e datado, com a localização "FC f. 1884 Cintra" no verso.	
Proveniência / Historial	Foi transferido em 1949 do Palácio Nacional da Ajuda para o Palácio Nacional da Pena.	



Estado de conservação

Estado de conservação	Muito bom	X	Bom		Razoável		Deficiente		Mau	
Observações ao estado de conservação	Presença de abrasões/riscos pontuais na frente e no verso do prato. Marcas de material de enforma no verso. Desgaste/abrasão da base, fissura e presença de vestígios de adesivos no verso. Presença de esbeicha delas (6).									

Verificação

Responsáveis	Joana Inês Pereira Lourenço Piedade Carmo Luís Filipe da Silva Soares	Sintra, 14 de dezembro de 2018
--------------	--	--------------------------------

Imagens









FICHA DE ESTADO DE CONSERVAÇÃO
CONDITION REPORT

Polo	Palácio Nacional da Pena
Protocolo	Empréstimo para exposição temporária <i>A Família Real e a Fábrica de Loíça de Sacavém</i>
Entidade recetora	Fundação D. Luís I
Local	Centro Cultural de Cascais
Período	14 de dezembro de 2018 a 24 de fevereiro de 2019

Identificação

Categoria	Cerâmica	Número de inventário PNP228
Denominação	Prato	
Descrição	Prato circular de fundo branco com densa vegetação pintada a negro e verde escuro. Ao centro, um encontro entre uma figura masculina e outra feminina enquanto uma carruagem se afasta. Na parte inferior, e parcialmente cortadas pelo limite do prato, algumas cabeças com chapéus. No verso, várias cabeças esboçadas, um homem de costas e dois animais.	
Dimensões	A: 1,9 cm D: 22,1 cm	
Materiais/técnicas	Cerâmica / Faiança, pintada e vidrada	
Autoria	D. Carlos de Bragança	
Datação	1885	
Marcas/inscrições	C [Carlos] / 1885	
Proveniência / Historial	Coleções reais - Palácio da Pena, 1910.	



Estado de conservação

Estado de conservação	Muito bom	Bom	X	Razoável	Deficiente	Mau
Observações ao estado de conservação	<p>Presença de craquelê.</p> <p>Restauro recente, colagens, repintes e, desgastes pontuais, visíveis na frente e no verso.</p> <p>No verso, presença de 5 gatos, de um restauro antigo, manchas várias e desgaste pontual.</p>					

Verificação

Responsáveis	Joana Inês Pereira Lourenço Piedade Carmo Luís Filipe da Silva Soares	Sintra, 14 de dezembro de 2018
--------------	--	--------------------------------

Imagens









FICHA DE ESTADO DE CONSERVAÇÃO
CONDITION REPORT

Polo	Palácio Nacional da Pena
Protocolo	Empréstimo para exposição temporária <i>A Família Real e a Fábrica de Loça de Sacavém</i>
Entidade recetora	Fundação D. Luís I
Local	Centro Cultural de Cascais
Período	14 de dezembro de 2018 a 24 de fevereiro de 2019

Identificação

Categoria	Cerâmica	Número de inventário PNP231
Denominação	Prato	
Descrição	Prato de faiança pó de pedra, rodada, de fundo branco, com representação de um cavalo numa paisagem campestre em tons de castanho e bege envolvendo o animal, e na aba. O cavalo é representado de perfil, com a cabeça virada para o lado esquerdo, e apresenta uma mancha grande perto da coxa que está visível. Está assinado e datado: FC f. 1877/Caxias/Nº13 (verso). Marca incisa da Fábrica de Sacavém (verso).	
Dimensões	A: 2,8 cm D: 22,7 cm	
Materiais/técnicas	Cerâmica / Faiança, pintada e vidrada	
Autoria	D. Fernando II	
Datação	1877	
Marcas/inscrições	Assinado e datado "FC" sobrepostos, "f.1877". Inscrição: "Caxias, nº13". Marca de manufatura incisa, no verso.	
Proveniência / Historial	Foi transferido em 1949 do Palácio Nacional da Ajuda para o Palácio Nacional da Pena.	

Estado de conservação	Muito bom	X	Bom	Razoável	Deficiente	Mau
Observações ao estado de conservação	<p>Presença de craquelê. Marcas de material de enforma e, desgaste pontual, na frente e no verso. Na frente, alterações da cor na zona central do prato, presença de alguns repintes e desgaste pontual. No verso, manchas de sujidade e, macha amarelada e outra acastanhada.</p>					

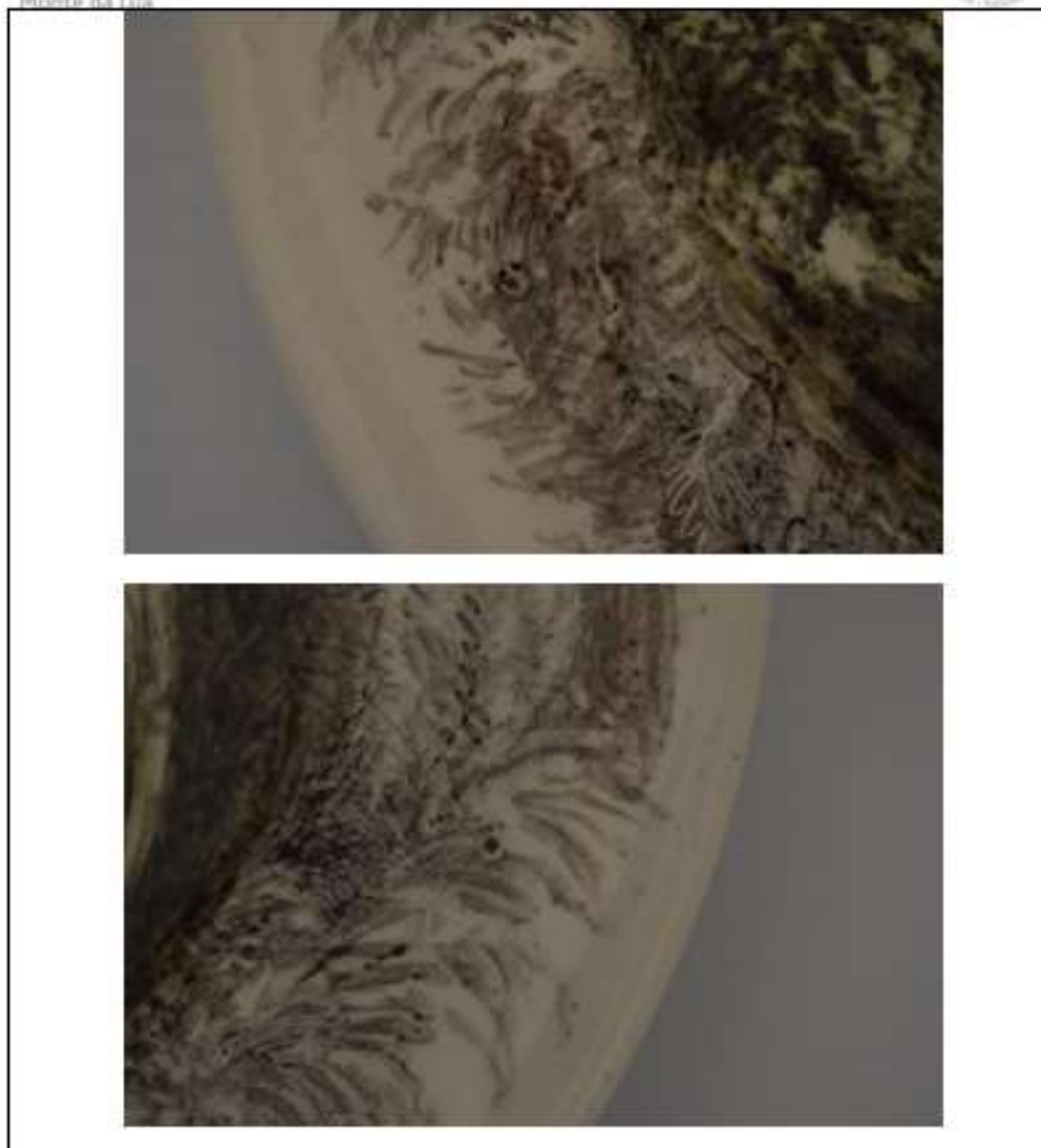
Verificação

Responsáveis	Joana Inês Pereira Lourenço Piedade Carmo Luís Filipe da Silva Soares	Sintra, 14 de dezembro de 2018
--------------	--	--------------------------------

Imagens









FICHA DE ESTADO DE CONSERVAÇÃO
CONDITION REPORT

Polo	Palácio Nacional da Pena
Protocolo	Empréstimo para exposição temporária <i>A Família Real e a Fábrica de Loíça de Sacavém</i>
Entidade recetora	Fundação D. Luís I
Local	Centro Cultural de Cascais
Período	14 de dezembro de 2018 a 24 de fevereiro de 2019

Identificação

Categoria	Cerâmica	Número de inventário PNP233
Denominação	Prato	
Descrição	Prato de faiança, pintado a azul sobre fundo branco. A decoração centra-se no fundo do prato, deixando a aba a branco. Está assim decorado com a representação de um galo ao centro, sobre uma abóbora, um gato à direita e mais dois pequenos gatos à esquerda.	
Dimensões	A: 2,9 cm D: 22,7 cm	
Materiais/técnicas	Cerâmica / Faiança, pintada e vidrada	
Autoria	D. Fernando II	
Datação	1884	
Marcas/inscrições	Assinado e datado no verso: F e C sobrepostos [Fernando Coburgo] f. [fez] 1877. Lisbonne Necessidades. N.º 7. Marca incisa da Manufatura de Sacavém. Etiqueta autocolante com o número de inventário "PNP233".	
Proveniência / Historial	Foi transferido em 1949 do Palácio Nacional da Ajuda para o Palácio Nacional da Pena.	



Estado de conservação

Estado de conservação	Muito bom	X	Bom		Razoável		Deficiente		Mau	
Observações ao estado de conservação	<p>Presença de craquelê.</p> <p>Marcas de material de enfora, na frente e no verso.</p> <p>Na frente, desgaste pontual, mancha de cor amarelada e outras pontuais e, esbeaçadela visível na zona superior esquerda.</p> <p>No verso, manchas pontuais.</p>									

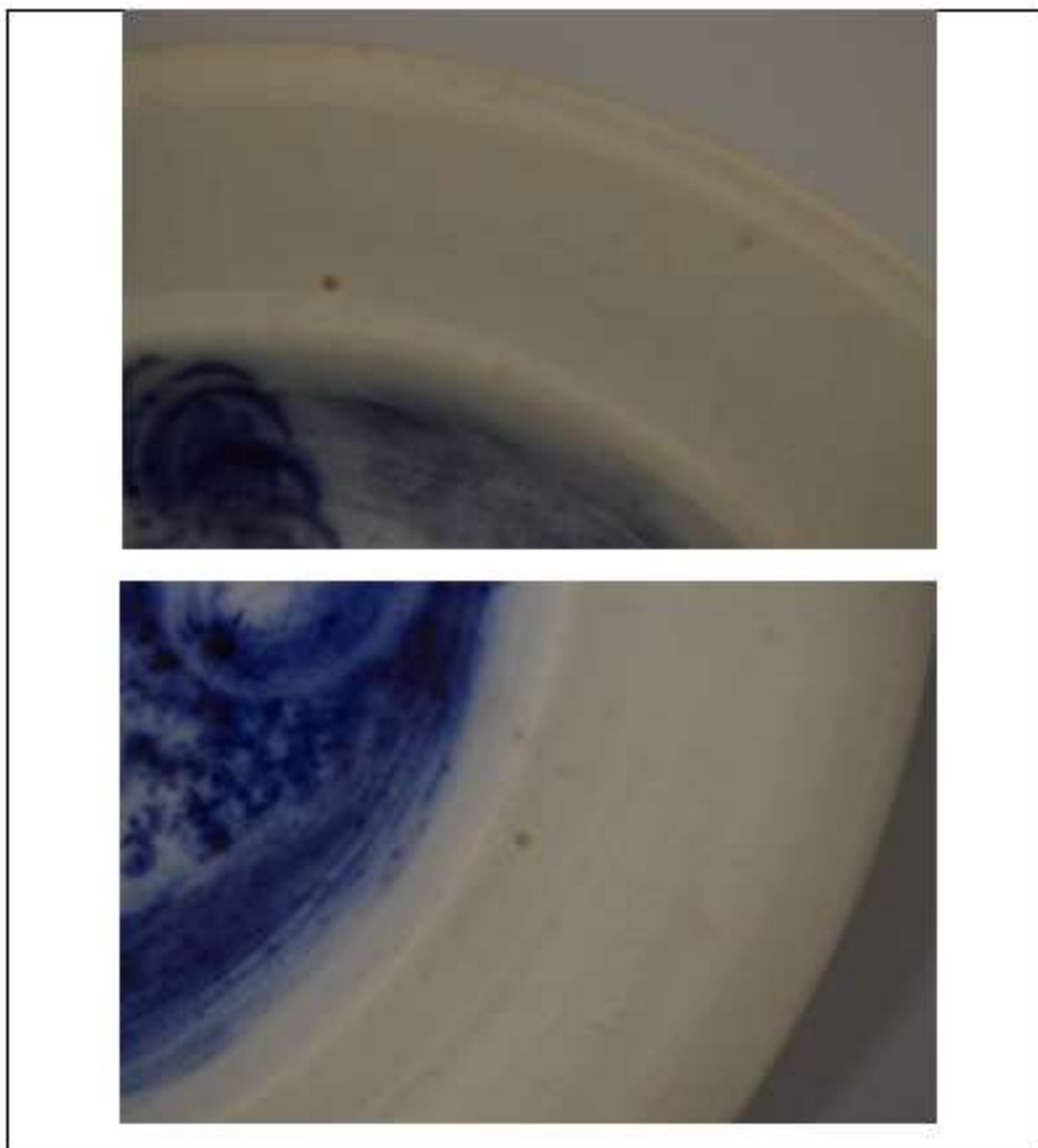
Verificação

Responsáveis	Joana Inês Pereira Lourenço Piedade Carmo Luís Filipe da Silva Soares	Sintra, 14 de dezembro de 2018
--------------	--	--------------------------------

Imagens









FICHA DE ESTADO DE CONSERVAÇÃO CONDITION REPORT

Polo	Palácio Nacional da Pena
Protocolo	Empréstimo para exposição temporária <i>A Família Real e a Fábrica de Loiça de Sacavém</i>
Entidade recetora	Fundação D. Luís I
Local	Centro Cultural de Cascais
Período	14 de dezembro de 2018 a 24 de fevereiro de 2019

Identificação

Categoria	Cerâmica	Número de inventário PNP236
Denominação	Prato	
Descrição	Prato de faiança pintada sobre fundo branco, a negro e ocre. Representa um bode no centro de uma paisagem campestre. Este é representado de perfil empoleirado sobre uma pedra, e os motivos vegetalistas estendem-se à aba do prato.	
Dimensões	A: 3 cm D: 22,7 cm	
Materiais/técnicas	Cerâmica / Faiança, pintada e vidrada	
Autoria	D. Fernando II	
Datação	1884	
Marcas/inscrições	Assinado e datado no verso: F e C sobrepostos [Fernando Coburgo] f. [fez] 1877. Representação de uma pena, provável alusão ao local de execução do prato (Palácio da Pena). Marca de manufatura incisa no verso do prato.	
Proveniência / Historial	Foi transferido em 1949 do Palácio Nacional da Ajuda para o Palácio Nacional da Pena.	



Estado de conservação

Estado de conservação	Muito bom	X	Bom		Razoável		Deficiente		Mau	
Observações ao estado de conservação	<p>Presença de craquelê. Marcas de material de enforma, na frente e no verso. Na frente, alterações da cor na zona central do prato e repintes pontuais. No verso, presença de manchas e, vestígios de adesivos.</p>									

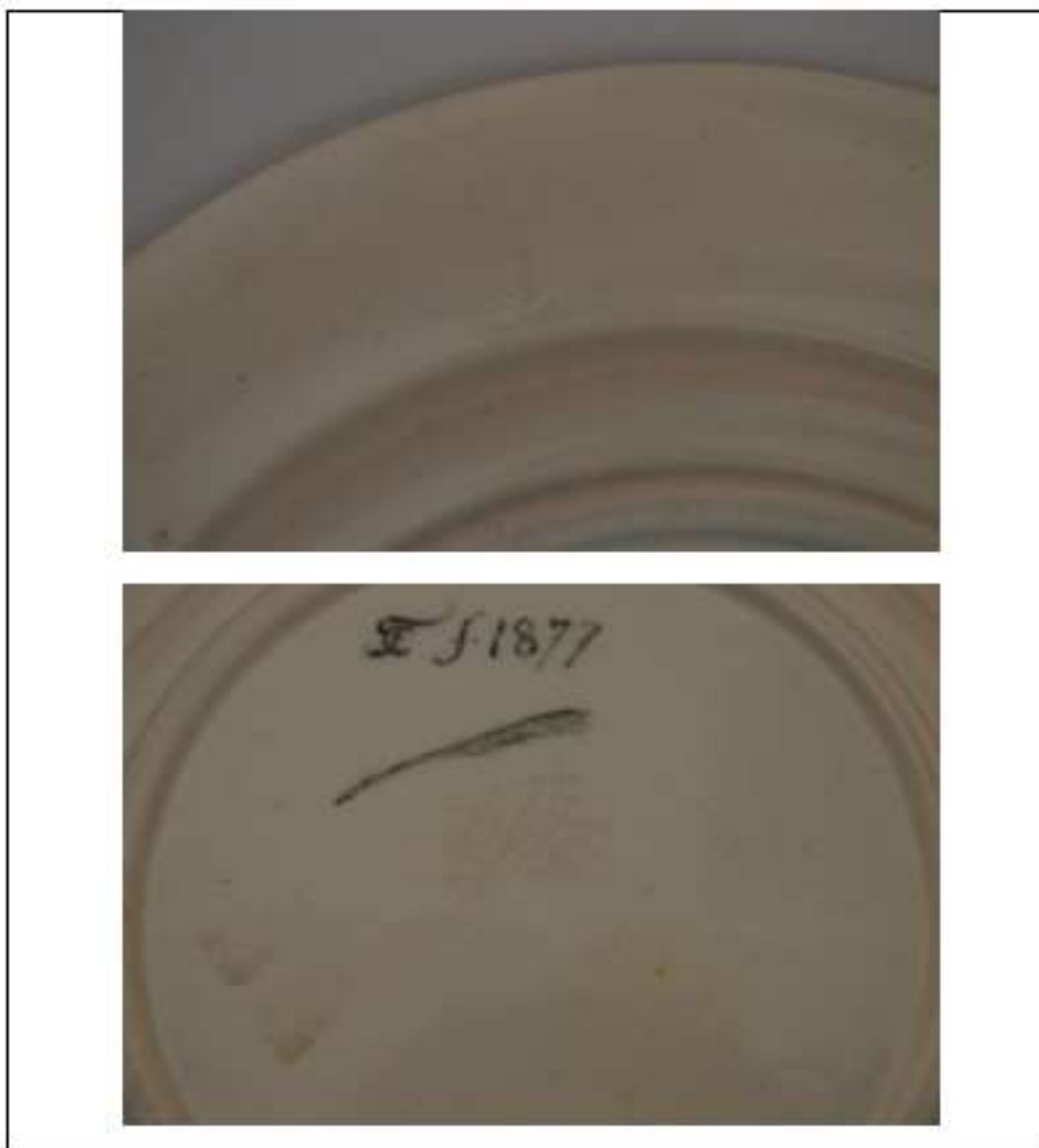
Verificação

Responsáveis	Joana Inês Pereira Lourenço Piedade Carmo Luís Filipe da Silva Soares	Sintra, 14 de dezembro de 2018
--------------	--	--------------------------------

Imagens









FICHA DE ESTADO DE CONSERVAÇÃO CONDITION REPORT

Polo	Palácio Nacional da Pena
Protocolo	Empréstimo para exposição temporária <i>A Família Real e a Fábrica de Loíça de Sacavém</i>
Entidade recetora	Fundação D. Luís I
Local	Centro Cultural de Cascais
Período	14 de dezembro de 2018 a 24 de fevereiro de 2019

Identificação

Categoria	Cerâmica	Número de inventário PNP237
Denominação	Prato	
Descrição	Prato de faiança pintado sobre fundo branco representando uma paisagem campestre a tons de negro e ocre. Em primeiro plano apresenta um burro com albarda e, em segundo plano, uma cruz sobre um monte. Ao fundo vislumbra-se um aglomerado de casas. Os motivos estão envoltos em vegetação e árvores, que se estendem à aba do prato. A peça está assinada com as iniciais de D. Fernando II e datada de 1887.	
Dimensões	A: 2,9 cm D: 22,8 cm	
Materiais/técnicas	Cerâmica / Faiança, pintada e vidrada	
Autoria	D. Fernando II	
Datação	1887	
Marcas/inscrições	Assinado e datado no verso no verso: F e C sobrepostos [Fernando Coburgo] f [fez] 1877. Representação de uma pena, provável alusão ao local de execução do prato [Palácio da Pena]. Marca de manufatura incisa no verso. Desenho de uma galinha a vermelho no verso. Inscrição manuscrita "Nº4".	
Proveniência / Historial	Foi transferido em 1949 do Palácio Nacional da Ajuda para o Palácio Nacional da Pena.	



Estado de conservação

Estado de conservação	Muito bom	X	Bom		Razoável		Deficiente		Mau	
Observações ao estado de conservação	Presença de craquelê. Marcas de material de enforma, na frente e no verso. Na frente, alterações da cor na zona central do prato. No verso, presença de picado.									

Verificação

Responsáveis	Joana Inês Pereira Lourenço Piedade Carmo Luís Filipe da Silva Soares	Sintra, 14 de dezembro de 2018
--------------	--	--------------------------------

Imagens









FICHA DE ESTADO DE CONSERVAÇÃO CONDITION REPORT

Polo	Palácio Nacional da Pena
Protocolo	Empréstimo para exposição temporária <i>A Família Real e a Fábrica de Loíça de Sacavém</i>
Entidade recetora	Fundação D. Luís I
Local	Centro Cultural de Cascais
Período	14 de dezembro de 2018 a 24 de fevereiro de 2019

Identificação

Categoria	Cerâmica	Número de inventário PNP240
Denominação	Prato	
Descrição	Prato raso de faiança branca. Está decorado com a representação de três camélias (uma branca e duas cor-de-rosa). Na aba estão desenhados uma coroa real e o monograma de D. Fernando II. Policromia: rosa, amarelo, verde e preto. No tardo identifica-se a rubrica "MP" da rainha D. Maria Pia e a data "Dez. 1874".	
Dimensões	A: 3 cm D: 22,8 cm	
Materiais/técnicas	Cerâmica / Faiança, pintada e vidrada	
Autoria	D. Maria Pia	
Datação	1874	
Marcas/inscrições	Rubrica de D. Maria Pia "MP" e data "Dez 1874". Marca de manufatura incisa no verso.	
Proveniência / Historial	Foi transferido em 1949 do Palácio Nacional da Ajuda para o Palácio Nacional da Pena.	

Estado de conservação

Estado de conservação	Muito bom	X	Bom		Razoável		Deficiente		Mau	
Observações ao estado de conservação	Presença de craquelê. Na frente, marcas pontuais por desgaste e manchas. No verso, marcas de material de enforma, desgaste pontual, sujidades e manchas.									

Verificação

Responsáveis	Joana Inês Pereira Lourenço Piedade Carmo Luís Filipe da Silva Soares	Sintra, 14 de dezembro de 2018
---------------------	--	---------------------------------------



Parques de Sintra
Monte da Lua

Imagens









FICHA DE ESTADO DE CONSERVAÇÃO CONDITION REPORT

Polo	Palácio Nacional da Pena
Protocolo	Empréstimo para exposição temporária <i>A Família Real e a Fábrica de Loíça de Sacavém</i>
Entidade recetora	Fundação D. Luís I
Local	Centro Cultural de Cascais
Período	14 de dezembro de 2018 a 24 de fevereiro de 2019

Identificação

Categoria	Cerâmica	Número de inventário PNP242
Denominação	Prato	
Descrição	Prato de faiança, pintado sobre fundo branco. Representa uma paisagem campestre, em tons de azul e verde, com uma grande árvore ao centro e um cão sentado observando um gato que se empoleira nos ramos daquela. Os motivos estendem-se à aba do prato.	
Dimensões	A: 2,9 cm D: 22,7 cm	
Materiais/técnicas	Cerâmica / Faiança, pintada e vidrada	
Autoria	D. Fernando II	
Datação	1877	
Marcas/inscrições	Assinado e datado no verso: F e C sobrepostos [Fernando Coburgo] f. [fez] 1877. Representação de uma pena e "Chateau de Pena". Inscrição manuscrita a negro no verso, "Nº 9". Marca de manufatura incisa no verso	
Proveniência / Historial	Foi transferido em 1949 do Palácio Nacional da Ajuda para o Palácio Nacional da Pena.	



Estado de conservação

Estado de conservação	Muito bom	X	Bom		Razoável		Deficiente		Mau	
Observações ao estado de conservação	Presença de craquelê. Marcas de material de enforma na frente e no verso. Na frente, alterações da cor na zona central do prato e fissuras pontuais do vidrado. No verso, presença de manchas amarelada e de sujidade.									

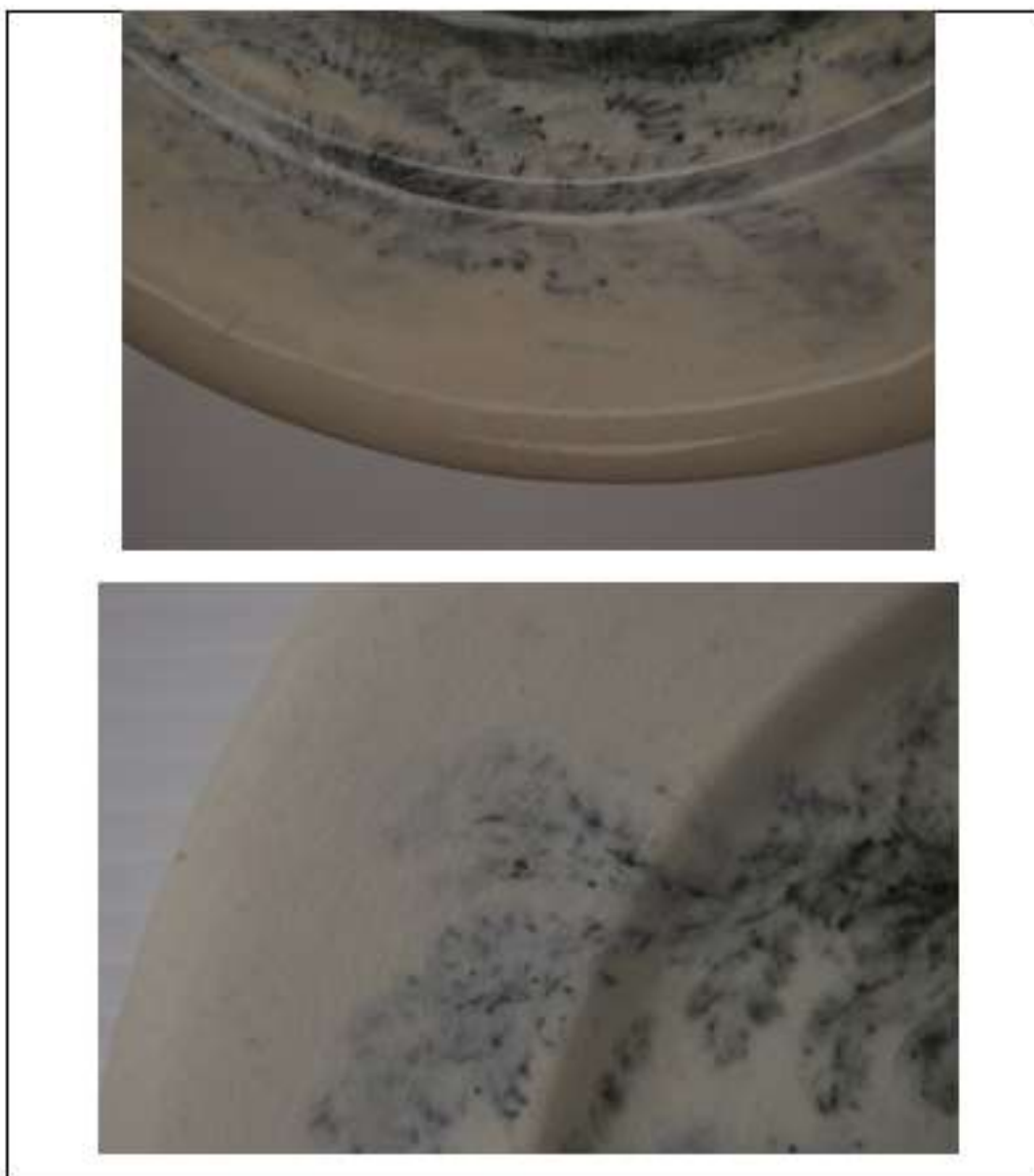
Verificação

Responsáveis	Joana Inês Pereira Lourenço Piedade Carmo Luís Filipe da Silva Soares	Sintra, 14 de dezembro de 2018
--------------	--	--------------------------------

Imagens









FICHA DE ESTADO DE CONSERVAÇÃO
CONDITION REPORT

Polo	Palácio Nacional da Pena
Protocolo	Empréstimo para exposição temporária <i>A Família Real e a Fábrica de Loíça de Sacavém</i>
Entidade recetora	Fundação D. Luís I
Local	Centro Cultural de Cascais
Período	14 de dezembro de 2018 a 24 de fevereiro de 2019

Identificação

Categoria	Cerâmica	Número de inventário PNP 244
Denominação	Prato	
Descrição	Prato fundo de faiança pó de pedra, rodada, branca com uma paleta de 17 cores.	
Dimensões	A: 2,8 cm D: 22,3 cm	
Materiais/técnicas	Cerâmica / Faiança, pintada e vidrada	
Autoria	D. Maria Pia	
Datação	2ª metade do séc. XIX	
Marcas/inscrições	Etiqueta autocolante no verso com o número de inventário. Marca de manufatura incisa no verso. Etiqueta autocolante no verso, com o número "1475". Etiqueta autocolante no verso com o número "3905" a vermelho.	
Proveniência / Historial	Foi transferido em 1949 do Palácio Nacional da Ajuda para o Palácio Nacional da Pena.	



Estado de conservação

Estado de conservação	Muito bom	Bom	X	Razoável	Deficiente	Mau
Observações ao estado de conservação	Presença de craquelê. Marcas de material de enforma, desgastes pontuais e fratura, na frente no verso. Desgaste dos bordos.					

Verificação

Responsáveis	Joana Inês Pereira Lourenço Piedade Carmo Luís Filipe da Silva Soares	Sintra, 14 de dezembro de 2018
--------------	--	--------------------------------

Imagens







Anexo 2 – Gráficos mensais das medições de HR e T da reserva documental na zona 14 e na zona 8

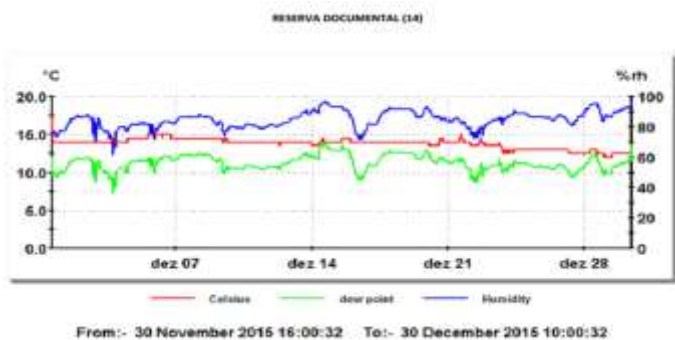


Figura 249: Gráfico com as medições referentes à reserva documental, no mês de dezembro de 2015.



Figura 250: Gráfico com as medições referentes à reserva documental, no mês de dezembro de 2016.

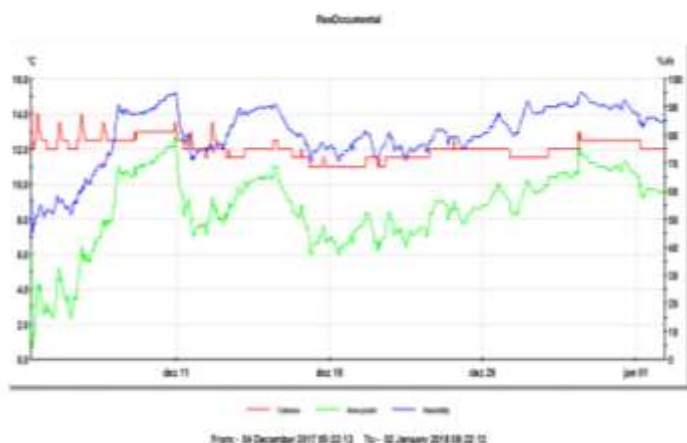


Figura 251: Gráfico com as medições referentes à reserva documental, no mês de dezembro de 2017.



Figura 252: Gráfico com as medições referentes à reserva documental, no mês de dezembro de 2018.

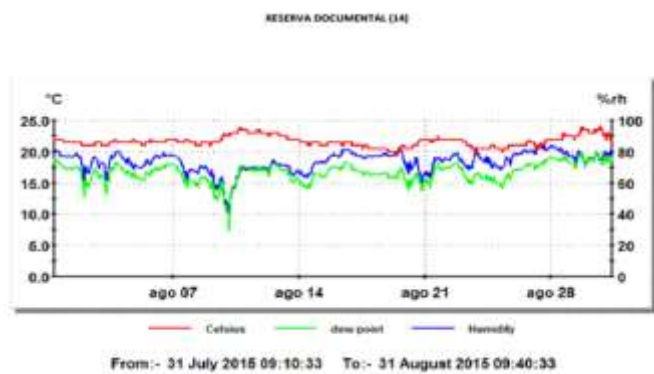


Figura 253: Gráfico com as medições referentes à reserva documental, no mês de agosto de 2015.

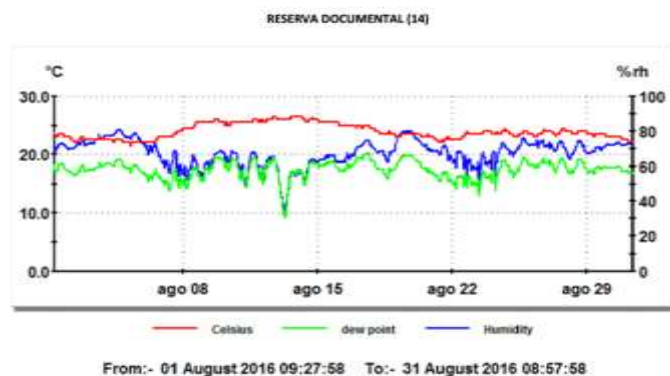


Figura 254: Gráfico com as medições referentes à reserva documental, no mês de agosto de 2016.

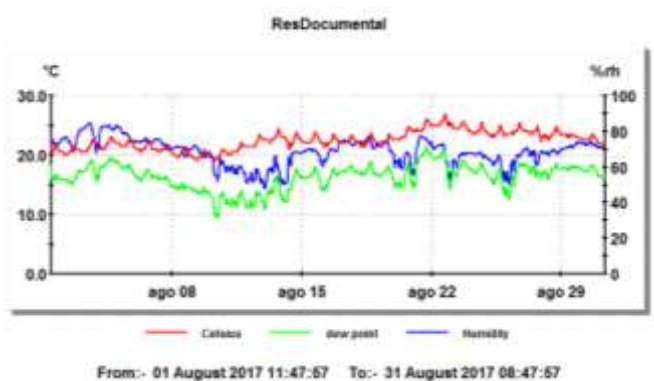


Figura 255: Gráfico com as medições referentes à reserva documental, no mês de agosto de 2017.



Figura 256: Gráfico com as medições referentes à reserva documental, no mês de agosto de 2018.


Anexo 3 – Ficha de inventário



Património Móvel

	Inv. : PNP2136
	Denominação: Estojo para ordens honoríficas
	Instituição / Proprietário: Palácio Nacional da Pena
	Super-Categoria: Arte
	Categoria: Equipamento e utensílios
N.º(s) Inventário anteriores: 17260; 1432	
Não publicado na internet	

Descrição
Estojo em madeira decorado com frisos, pegas e monograma (L I coroado de Luís I) embutidos em metal dourado. Tampo de abater contendo no interior três gavetas. As duas primeiras estão divididas em quatro compartimentos retangulares. A última conserva o revestimento em veludo azul modelado com dois colares, o maior dos quais correspondente à Ordem da Torre e Espada.

Marcas e Inscrições	
	Marca Monograma de D. Luís I, "L", coroado na tampa

► Património Móvel

Autoria

Nome

Autor não identificado

Ofício

Tipo

Autor

Produção

Oficina/Fabricante Oficina/Fabricante não identificado

Centro de fabrico Portugal

Contexto territorial

Local Desconhecido

Datação

Século(s) 19 dC

Outras datações

c. 1860-1880

Informação técnica

Matéria Madeira; têxtil

Dimensões

Altura 31 cm

Largura 52,4 cm

Profundidade 34 cm

Conservação

Estado de Conservação

Estado	Especificações	Data
Regular		2010-8-11

Origem/Historial

Historial

Terá pertencido ao rei D. Luís, como releva o monograma em metal embutido na parte superior do estojo (L I).

Incorporação

Data de incorporação 1956

Modo de incorporação Transferência

Especificações Proveniente da Casa-Forte do Palácio das Necessidades, 1956. Consta na "Relação de peças existentes na Casa-Forte do Palácio das Necessidades, destinadas ao Palácio Nacional da Pena:" datada de Novembro de 1956: "Estojo de madeira polida, guarnições, argolas, corôa e inicial L. de Metal e 5 gavetas" com o nº 17260 [Arquivo do PNP, Movimentação de Objectos].

Localização

Tipo	Localização	Data
Outro	Desconhecido	2010-8-11
Reserva	Torreão - piso 0	2014-9

Anexo 4 – Exames e análises

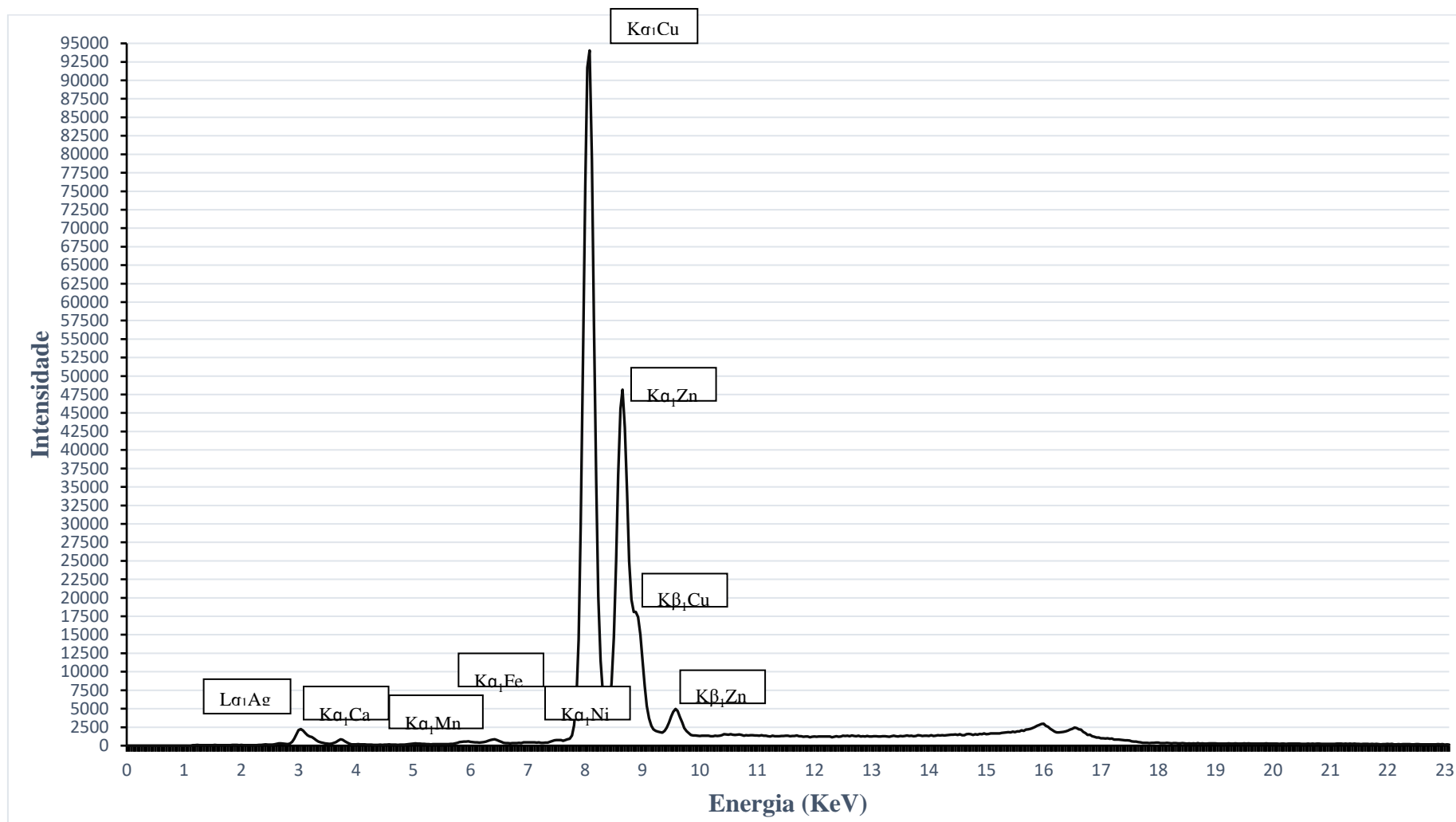


Figura 257: Espectro de EDXRF relativo ao elemento metálico decorativo frontal.

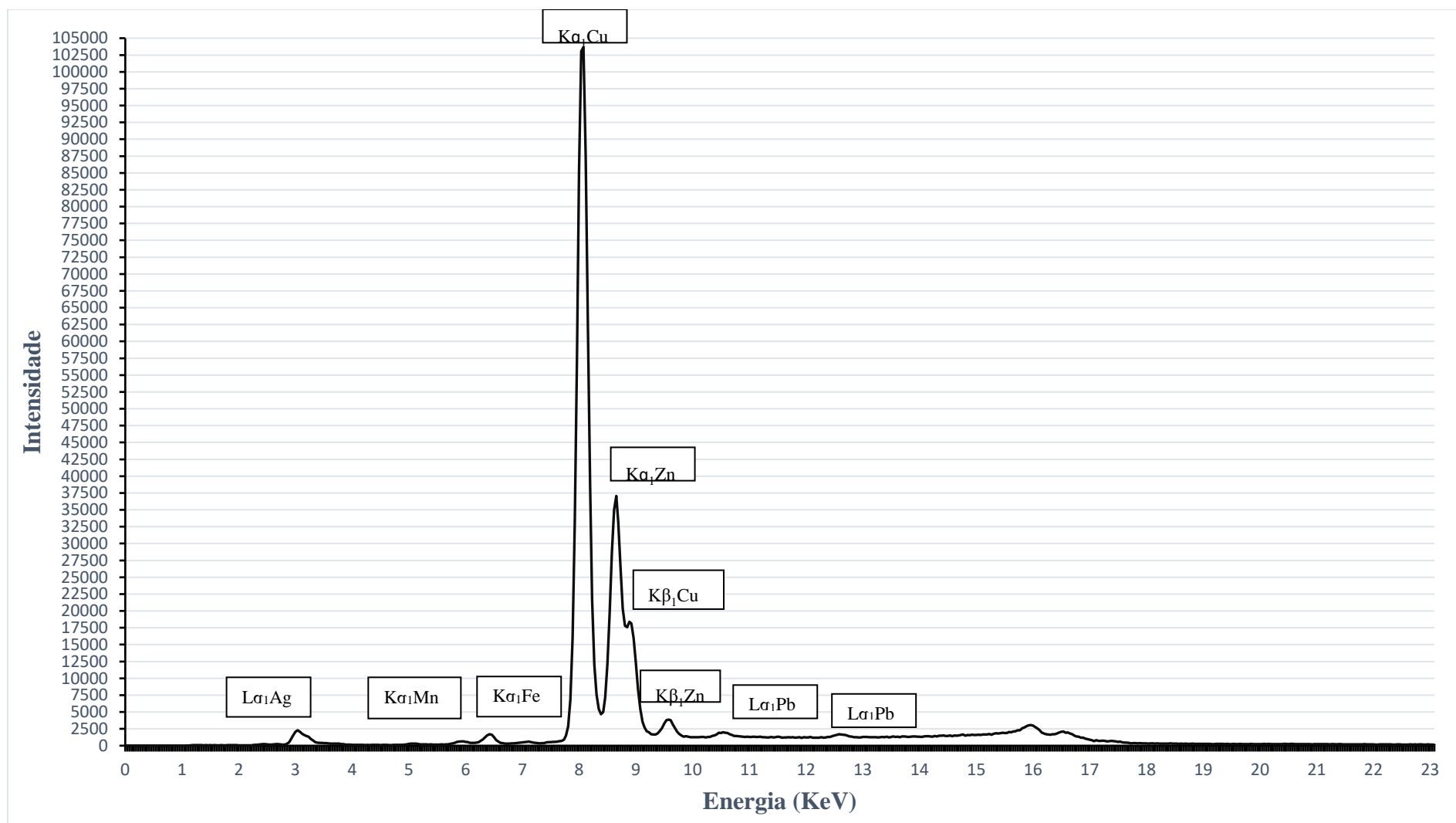
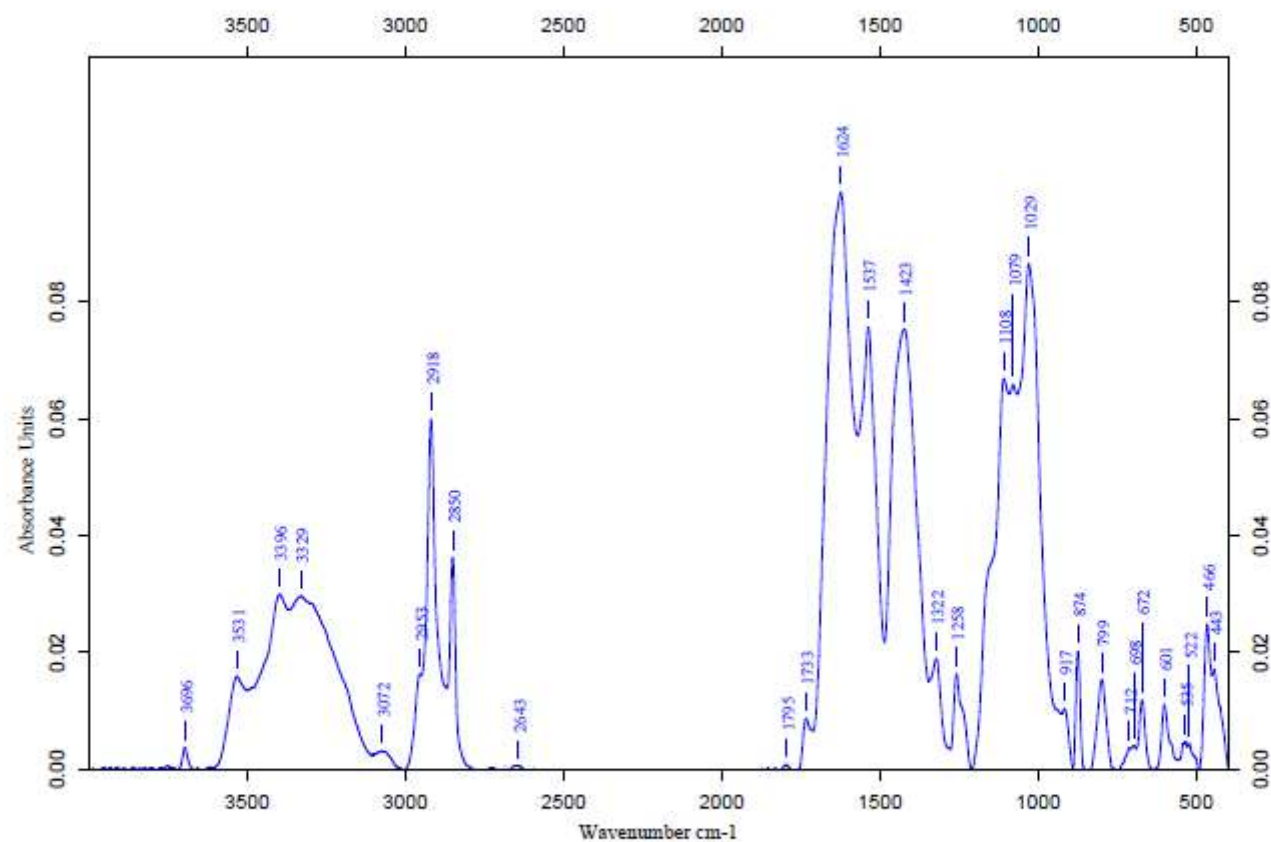


Figura 258: Espectro de EDXRF relativo ao elemento metálico decorativo lateral.

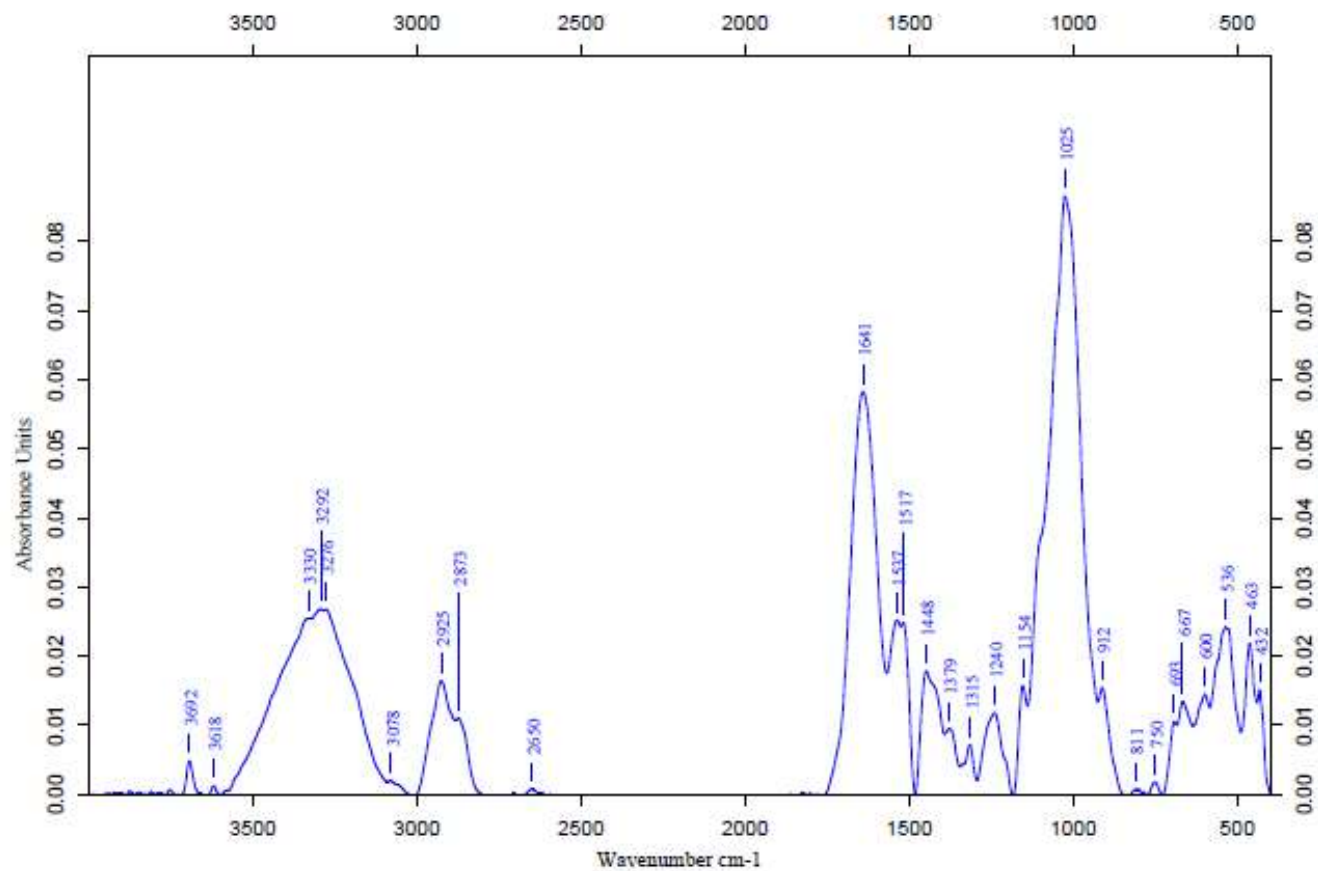


Equipamento: Alpha - Bruker / ATR / Cristal de Diamante
Número de Aquisições: 24
Resolução: 4 cm⁻¹

Amostra/Referência: Joana_A_escuro
Instituto Politécnico de Tomar: Lab. ipt / LFQRx
Operador: Vítor Gaspar, Técnico Superior



Figura 259: Resultados da análise da amostra A (adesivo dos frisos) - predominância de cola animal - adesivo de natureza proteica.

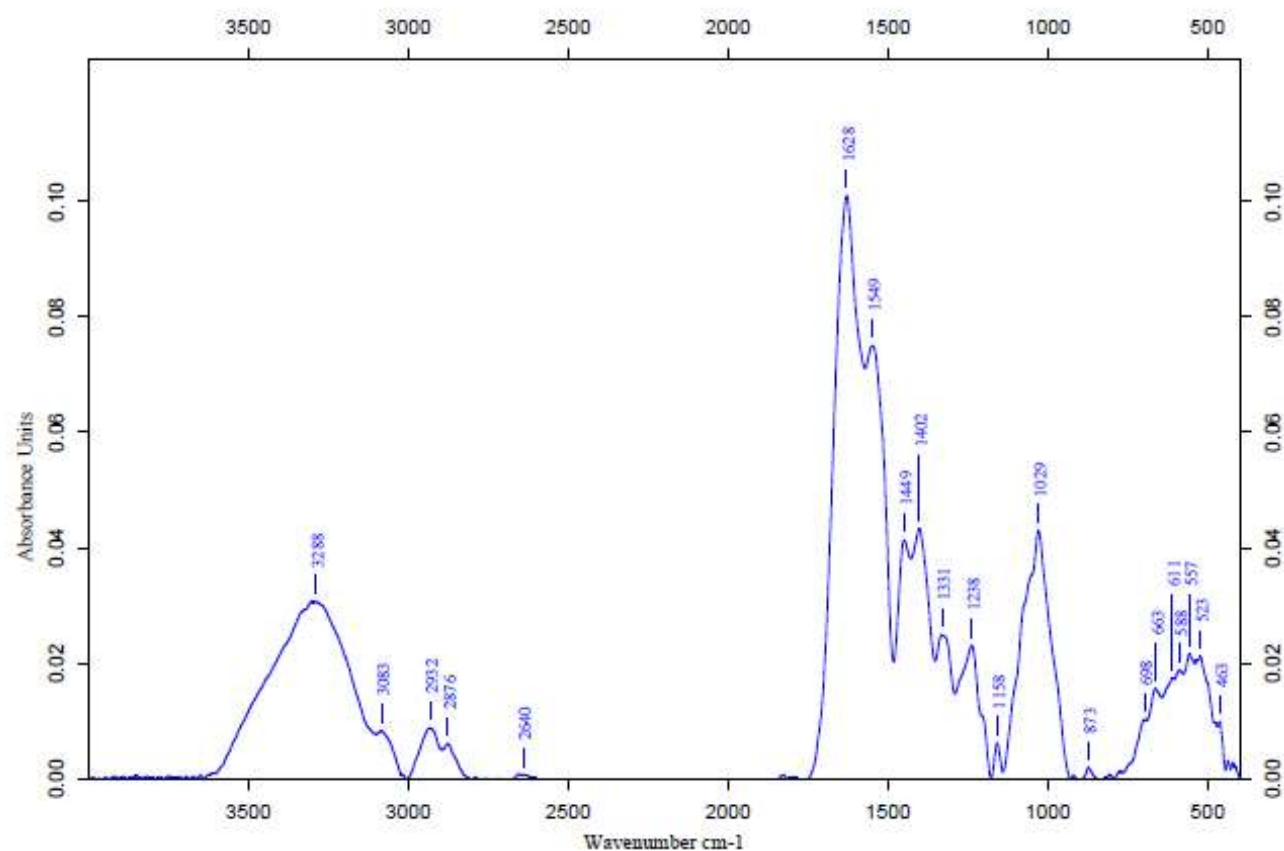


Equipamento: Alpha - Bruker / ATR / Cristal de Diamante
Número de Aquisições: 24
Resolução: 4 cm-1

Amostra/Referência: Joana_C
Instituto Politécnico de Tomar: Lab. ipt / LFQRx
Operador: Vítor Gaspar, Técnico Superior



Figura 260: Resultados da análise da amostra C (adesivo do papel de revestimento) - predominância de cola animal - adesivo de natureza proteica.



Equipamento: Alpha - Bruker / ATR / Cristal de Diamante
Número de Aquisições: 24
Resolução: 4 cm⁻¹

Amostra/Referência: Joana_B
Instituto Politécnico de Tomar: Lab.ipt / LFQRx
Operador: Vítor Gaspar, Técnico Superior



Figura 261: Resultados da análise da amostra B (adesivo dos encaixes de madeira) - predominância de cola animal - adesivo de natureza proteica.

Fotografia com radiação ultravioleta.

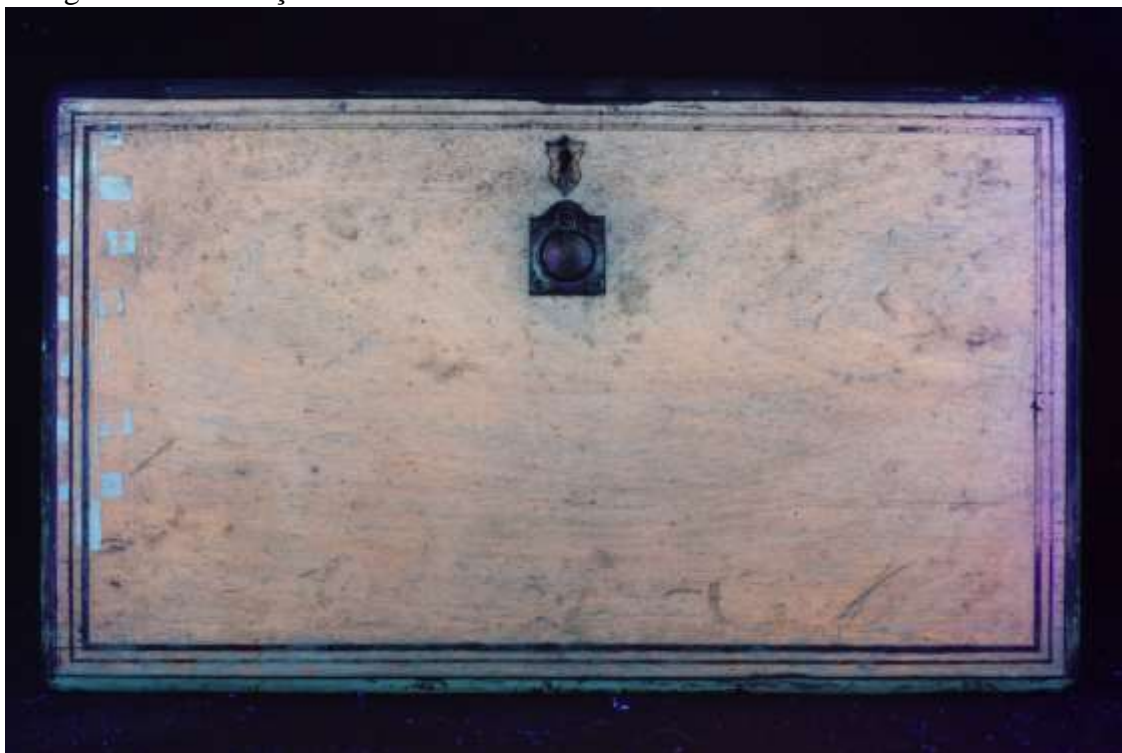


Figura 262: Fotografia com luz ultravioleta da frente do estojo.



Figura 263: Fotografia com luz ultravioleta das costas do estojo.